



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

GERALDO DE OLIVEIRA ALLÓ NETTO

VIAGEM DE UM ITALIANO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA:
TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA PARA O PORTUGUÊS DE *ESPLORAZIONE*
DELLE REGIONI EQUATORIALI LUNGO IL NAPO ED IL FIUME DELLE AMAZZONI —
CAPÍTULOS XXII AO XXVII — 1854,
DE GAETANO OSCULATI

Florianópolis
2026

GERALDO DE OLIVEIRA ALLÓ NETTO

VIAGEM DE UM ITALIANO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA:
TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA PARA O PORTUGUÊS DE *ESPLORAZIONE*
DELLE REGIONI EQUATORIALI LUNGO IL NAPO ED IL FIUME DELLE AMAZZONI —
CAPÍTULOS XXII AO XXVII — 1854,
DE GAETANO OSCULATI

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação
em Estudos da Tradução da Universidade Federal de
Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Karine Simoni

Florianópolis
2026

Alló Netto, Geraldo de Oliveira

Viagem de um italiano na Amazônia brasileira: Tradução comentada e anotada para o português de Esplorazione delle Regioni Equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni – Capítulos XXII ao XXVIII – 1854, de Gaetano Osculati. / Geraldo de Oliveira Alló Netto ; orientadora, Karine Simoni, 2026.

202 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Comentada. 3. Amazônia. 4. Século XIX. 5. Gaetano Osculati. I. Simoni, Karine. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. III. Título.

GERALDO DE OLIVEIRA ALLÓ NETTO

VIAGEM DE UM ITALIANO NA AMAZÔNIA BRASILEIRA:
TRADUÇÃO COMENTADA E ANOTADA PARA O PORTUGUÊS DE *ESPLORAZIONE*
DELLE REGIONI EQUATORIALI LUNGO IL NAPO ED IL FIUME DELLE AMAZZONI —
CAPÍTULOS XXII AO XXVII — 1854,
DE GAETANO OSCULATI

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado, em 25 de março de 2026,
pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^ª. Amanda Bruno de Mello, Dra.
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Marie-Hélène Catherine Torres, Dra.
Instituição: Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento, Dra.
Instituição: Universidade Federal do Pará

Prof. Rafael Ferreira da Silva, Dr.
Instituição: Universidade Federal do Ceará

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi
julgado adequado para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof^ª. Karine Simoni, Dra.
Orientadora

Florianópolis, 2026

RESUMO

Esta dissertação consiste na tradução comentada e anotada dos capítulos XXII ao XXVII da obra *Esplorazione delle Regioni Equatoriali - Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni* (1854), de Gaetano Osculati (1808 - 1894), do italiano ao português. A obra situa-se no âmbito da literatura de viagem do século XIX, gênero que, além de seu valor narrativo, desempenha importante papel na circulação do conhecimento geográfico, científico e etnográfico no contexto das explorações feitas por europeus no continente americano. Fundamentada em referenciais teóricos sobre a ética da tradução, presentes em Antoine Berman (2013), além de considerações propostas em Eco (2007) e Venuti (2019), a pesquisa de tradução abordou o texto de Osculati, prioritariamente, a partir de seu caráter histórico-documental, na perspectiva de preservação e disseminação de aspectos peculiares da Amazônia brasileira, bem como da cosmovisão que o viajante expressa ou deixa transparecer em seu relato de viagem. O fato de ainda não haver tradução publicada em português abre espaço para a introdução e recepção do autor ao público brasileiro, facilitando pontes entre diferentes áreas de estudo, entre as quais, literatura, biologia, história, geografia e antropologia, contribuindo, ainda, para o enriquecimento do debate sobre estudos coloniais, preservação e identidade na região amazônica. A pesquisa se articula em três capítulos centrais, iniciando com uma reflexão sobre viagem e seu caráter multifacetado e relacional (Castro, 2019), onde o encontro com o outro é inevitável. Segue-se um breve histórico de viajantes no Brasil do século XIX, incluindo o próprio Osculati e aspectos gerais sobre a obra pesquisada e a literatura de viagem como um gênero literário híbrido (Rossato, 2007; Cunha 2012 e Schemes, 2015). Após a tradução, do italiano ao português, dos capítulos que constituem o objeto da pesquisa, esta é discutida como um processo ético de diálogo e negociação, cujas escolhas tradutórias fundamentam-se na preservação do conteúdo descritivo, do olhar do autor e do caráter histórico-documental e didático da obra. Em relação às escolhas tradutórias, foram enfatizadas questões culturais e o processo de pesquisa sobre topônimos, flora, fauna, nomes de etnias e adaptações fonológicas. A pesquisa permitiu não apenas revisitar um fragmento da história amazônica sob o olhar singular de um viajante europeu, mas também refletir sobre os próprios limites e potencialidades do exercício tradutório, incluindo o aprofundamento das pesquisas históricas e lexicais, o aprendizado para desenvolver uma postura crítica diante dos textos de partida e chegada e a construção de estratégias de não apagamento do autor. Por outro lado, incertezas terminológicas e algumas escolhas tradutórias, que são inevitavelmente provisórias, evidenciam as limitações deste trabalho como primeira tradução para o português, mas também apontam para a oportunidade de retraduições e estudos mais amplos que explorem outras partes da obra de Osculati.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução Comentada; relato de viagem; Amazônia; século XIX; Gaetano Osculati.

ABSTRACT

This dissertation consists of a commented and annotated translation of Chapters XXII to XXVII of the work *Esplorazione delle Regioni Equatoriali - Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni* (1854), by Gaetano Osculati (1808–1894), from Italian into Portuguese. The work belongs to the realm of nineteenth-century travel literature, a genre that, in addition to its narrative value, plays an important role in the circulation of geographical, scientific, and ethnographic knowledge in the context of explorations carried out by Europeans in the American continent. Grounded in theoretical frameworks on translation ethics, particularly those of Antoine Berman (2013), as well as considerations proposed by Eco (2007) and Venuti (2019), the translation research approached Osculati's text primarily from its historical-documentary character, with a view to preserving and disseminating distinctive aspects of the Brazilian Amazon, as well as the worldview that the traveler expresses or implicitly conveys in his travel account. The fact that there is still no published Portuguese translation creates an opportunity to introduce and bring the author to a Brazilian audience, facilitating connections between different fields of study, including literature, biology, history, geography, and anthropology. It also contributes to enriching the debate on colonial studies, preservation, and identity in the Amazon region. The research is structured into three central chapters, beginning with a reflection on travel and its multifaceted and relational character (Castro, 2019), in which encountering the other is inevitable. This is followed by a brief history of travelers in nineteenth-century Brazil, including Osculati himself, as well as general aspects of the work studied and of travel literature as a hybrid literary genre (Rossato, 2007; Cunha, 2012; Schemes, 2015). After the translation from Italian into Portuguese of the chapters that constitute the object of the research, the process is discussed as an ethical practice of dialogue and negotiation, in which translational choices are grounded in the preservation of descriptive content, the author's perspective, and the historical-documentary and didactic character of the work. With regard to these choices, emphasis was placed on cultural issues and on the research process involving toponyms, flora, fauna, names of ethnic groups, and phonological adaptations. The research made it possible not only to revisit a fragment of Amazonian history through the singular perspective of a European traveler, but also to reflect on the limits and potential of the translation exercise itself, including the deepening of historical and lexical research, the development of a critical stance toward source and target texts, and the construction of strategies aimed at avoiding the erasure of the author. On the other hand, terminological uncertainties and some translational choices, inevitably provisional, highlight the limitations of this work as a first translation into Portuguese, while also pointing to opportunities for future retranslations and broader studies that may explore other parts of Osculati's work.

Keywords: Translation Studies; Commented Translation; travel narrative; Amazon; 19th Century; Gaetano Osculati.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	VIAGEM, VIAJANTES E LITERATURA.....	15
2.1	VIAGEM – O MUNDO EM MOVIMENTO.....	15
2.2	VIAJANTES – O EU E O OUTRO.....	22
2.2.1	Viagens pelo Brasil e Gaetano Osculati – Século XIX.....	40
2.3	LITERATURA DE VIAGEM.....	57
3	TRADUÇÃO DO ITALIANO PARA O PORTUGUÊS DA OBRA <i>ESPLORAZIONE DELLE REGIONI EQUATORIALI LUNGO IL NAPO ED IL</i> <i>FIUME DELLE AMAZZONI</i>.....	63
3.1	CAPÍTULOS XXII AO XXVII	64
4	REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO.....	130
4.1	A TRADUÇÃO COMENTADA COMO GÊNERO TEXTUAL.....	130
4.2	COMENTÁRIOS À TRADUÇÃO DOS CAPÍTULOS XXII AO XXVII	134
4.2.1	Fundamentação teórica da prática tradutória.....	134
4.2.2	Traduzindo o eurocentrismo de Osculati.....	142
4.2.3	O anacronismo e as escolhas linguísticas.....	144
4.2.4	Adaptações fonológicas, etnias, topônimos, fauna e flora.....	151
4.2.5	Elementos culturais.....	160
5	CONCLUSÃO	182
	REFERÊNCIAS.....	186

1 INTRODUÇÃO

As viagens sempre fizeram parte da história da humanidade. Ao longo do tempo, a maneira como elas ocorrem vão sofrendo mudanças que encurtam o tempo e ampliam o espaço, contudo dentre os motivos mais variados, sempre estão interesses por conhecimento, riqueza e territórios.

A partir do século XVII começa a despontar a figura de um tipo específico de viajante, o naturalista, cujo auge se consolida no século XIX, quando expedições de caráter científico se multiplicam e se espalham por todos os continentes do planeta, muitas vezes organizadas por instituições acadêmicas, governamentais ou sociedades científicas, com a participação ou liderança de naturalistas que se tornavam figuras-chave no avanço da biologia, geografia, antropologia e outras ciências naturais. Seu papel ia além do simples viajantes: eram exploradores-científicos que coletavam espécimes, documentavam características e por vezes elaboravam teorias sobre a vida e os ecossistemas.

O verbete sobre história natural, presente na *Encyclopédie*, ou *dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* de Diderot e D'Alembert (1778) atribuía ao historiador natural ou, simplesmente, naturalista, a função de compreender os astros, o ar, os animais, os vegetais e mineiras do globo terrestre em sua superfície e profundidade. Entre estes animais estavam incluídos os seres humanos, cujo comportamento e idioma eram características a serem classificadas, comparadas e analisadas (Souza, 2019). Esta definição, um tanto generalista, tornava praticamente impossível que o naturalista dominasse todas as áreas do conhecimento de maneira aprofundada, fazendo com que nas viagens exploratórias de cunho naturalista houvesse especialistas em botânica, zoologia, geologia, etc.

Essas viagens, entre outras coisas em comum, tinham como resultado a produção de um relato escrito, contendo a narração dos acontecimentos, a classificação de elementos estudados e/ou coletados, a descrição de tipos humanos e considerações sobre a diversidade linguística local, quase sempre alinhados ao pensamento científico e epistemológico de sua época. Esses relatos não se limitavam à dimensão descritiva, mas participavam ativamente da construção de saberes sobre os territórios e povos observados, frequentemente, como será mostrado nessa dissertação, atravessados por olhares etnocêntricos ou classificatórios, que evidenciavam tentativas de sistematização e hierarquização das formas de expressão das culturas encontradas.

Em geral, esses relatos eram publicados no país de origem do viajante, geralmente um país europeu, sendo mais tarde traduzidos para outros idiomas com a finalidade de informar à restrita comunidade científica europeia sobre as “novidades” da história natural e etnográfica. Dessa forma, muitos textos deixaram de ser traduzidos para os idiomas das regiões de destino desses viajantes, situação que, em muitos casos, ainda permanece.

No cenário acadêmico dos Estudos da Tradução alguns desses textos têm sido resgatados e traduzidos, contribuindo para sua sobrevivência, atualização e circulação, ou seja, a tradução vem cooperando para trazer à luz textos há muito esquecidos, recontextualizá-los na contemporaneidade e disseminá-los por meio de periódicos, livros e trabalhos acadêmicos. É o caso da coleção *Traduzindo a Amazônia*¹, nascida no âmbito do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD) Amazônia da PGET/UFSC com a Universidade Estadual Amazonas/Manaus e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos do Amazonas, da Universidade Federal do Pará, campus Castanhal /Pará (2019-2022). A coleção, coordenada pelos professores José Guilherme dos Santos Fernandes, Marie-Hélène Catherine Torres e Andréia Guerini, tem a seguinte finalidade, apresentada, de forma sintetizada, no sítio eletrônico do programa de pós-graduação em estudos da tradução (PGET) da UFSC:

A proposta central da Coleção é revisitar, por meio da tradução e da análise crítica, as narrativas eurocêntricas que historicamente construíram a imagem da Amazônia — ora como território de exploração possessória, ora como espaço de exuberância natural e utopia poética —, oferecendo ao leitor lusófono uma perspectiva plural, problematizadora e intercultural. Com isso, a coleção não apenas traduz documentos históricos, mas também reflete sobre os efeitos dessas traduções na forma como compreendemos a Amazônia, suas gentes e seus discursos.

Nesse contexto e inserida nesse campo de conhecimento, esta dissertação tem o propósito de apresentar uma tradução comentada e anotada ao português dos capítulos XXII ao XXVII do livro *Esplorazione delle Regioni Equatoriali – Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni* (1854), de Gaetano Osculati (1808 – 1894). A obra situa-se no âmbito da literatura de viagem do século XIX, gênero que, além de seu valor narrativo, desempenha importante papel na circulação do conhecimento geográfico, científico e etnográfico no contexto das explorações feitas por europeus no continente americano. Nesta pesquisa, o texto de Osculati é abordado, prioritariamente, a partir de seu caráter histórico-documental, na perspectiva de

¹ Os volumes de *Traduzindo a Amazônia* até o momento são 4 (respectivamente, publicados em 2021, 2022, 2023 e 2024) e podem ser consultados no endereço <https://ppget.posgrad.ufsc.br/colecao-traduzindo-a-amazonia/>. Como se pode ver, além de Osculati, foram estudados e traduzidos, por diferentes tradutores e tradutoras, trechos de relatos de outros viajantes italianos na Amazônia brasileira, como Gemma Ferruggia, Giuseppe Coppi, Gregorio Ronca, Vincenzo Grossi e Luigi Buscalioni. Acesso em 22 abr. 2026.

preservação e disseminação de aspectos peculiares de uma região específica, a Amazônia brasileira, bem como da cosmovisão que o autor expressa ou deixa transparecer em seu relato de viagem.

Ressalto a Tradução Comentada como gênero textual, através da qual o tradutor apresenta, junto à tradução, comentários sobre aspectos e desafios envolvidos, assim como explicações sobre sua metodologia, sua interpretação do texto e suas escolhas tradutórias. Esse gênero, por se desenvolver, essencialmente, em ambiente acadêmico, permite ao tradutor engajar-se em projetos e reflexões sobre o ato tradutório que, em geral, não encontram espaço quando de uma tradução voltada para o mercado editorial. Para fins de delimitação, em relação aos comentários à tradução foram priorizadas questões culturais e o processo de pesquisa sobre topônimos, flora, fauna e nomes de etnias e adaptações fonológicas, as quais representaram um desafio considerável durante a pesquisa.

Gaetano Osculati foi explorador, viajante e naturalista. Empreendeu viagens pela Ásia, África e América do Sul, onde esteve por duas vezes. Entre os anos de 1846 e 1848, após uma frustrada tentativa de fazer uma circum-navegação, na qual enfrentou um naufrágio e perdeu praticamente todos os recursos, resolveu seguir as pegadas do conquistador espanhol Francisco de Orellana (1541-42), subindo o Rio Napo até a confluência com o Rio Amazonas, continuando até sua foz, no Oceano Atlântico. Esta viagem terá como um dos resultados a obra *Esplorazione delle Regioni Equatoriali – Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni – Frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846, 47, 48*, [Exploração das Regiões Equatoriais – ao longo do Napo e do Rio Amazonas. Fragmento de uma viagem realizada nas duas Américas nos anos 1846, 47, 48] (doravante *Esplorazione delle Regioni Equatoriali*), que teve sua primeira edição publicada em 1850.

A obra se divide em vinte e oito capítulos, cuja narrativa termina no capítulo vinte e sete. Nos primeiros dezenove e parte do capítulo vinte, o autor narra a viagem no Equador e Peru até a fronteira com o Brasil. Nos capítulos vinte e um até o vinte e sete temos a travessia pelo território brasileiro, sendo que o último (XXVIII) contém uma série de documentos complementares. Neste, estão mapas e ilustrações das regiões percorridas, notas e pequenos dicionários das línguas Quechua e Záparo, com termos e expressões visando auxiliar viajantes e também ajudar na navegação fluvial. O autor reunirá, também, um importante acervo físico com animais, peças, ornamentos e artefatos originários dos lugares por onde passou, além de compor gravuras retratando povos e paisagens. No decorrer da obra, relatará a pesca do pirarucu, a presença do macaco de cara vermelha (uacari), de numerosos insetos e serpentes; o

guaraná, o uso da piaçava, a fabricação da farinha de mandioca, do óleo de andiroba e da manteiga dos ovos de tartaruga. Descreverá o conhecido fenômeno da pororoca, as cidades e lugares pelos quais passou, incluindo Manaus, Belém e a Ilha de Marajó.

Portanto, *Esplorazione delle Regioni Equatoriali*, apresenta um interesse científico, histórico, linguístico e etnográfico, considerando que contém, ainda, breves dicionários de línguas indígenas, catalogação de plantas e animais, ilustrações da gente e da paisagem com os quais Osculati teve contato. Também, pode ser considerado um material literário dentro da perspectiva da literatura de viagem, pois descreve os acontecimentos ocorridos durante a viagem a partir da visão do autor e de sua construção narrativa.

Em 1850, o lançamento da primeira edição pela Tipografia Bernardoni, foi anunciado no fascículo n.71 dos *Annali Universali di Statistica Economia Pubblica, Geografia, Storia, Viaggi e Commercio* [Anais Universais de Estatística Economia Pública, Geografia, História, Viagens e Comércio], de Milão:

Nós havíamos anunciado no volume XXIII, série 2.^a destes Anais, a próxima publicação da viagem na América, do Sr. Osculati. O autor manteve a sua palavra. A viagem agora veio à luz em uma esplêndida edição que mostra no autor a mesma coragem que teve ao enfrentar mil perigos em suas andanças. A obra é escrita com toda a ciência e consciência que podemos dizer característicos dos viajantes italianos² (1850, p. 113 e 114).

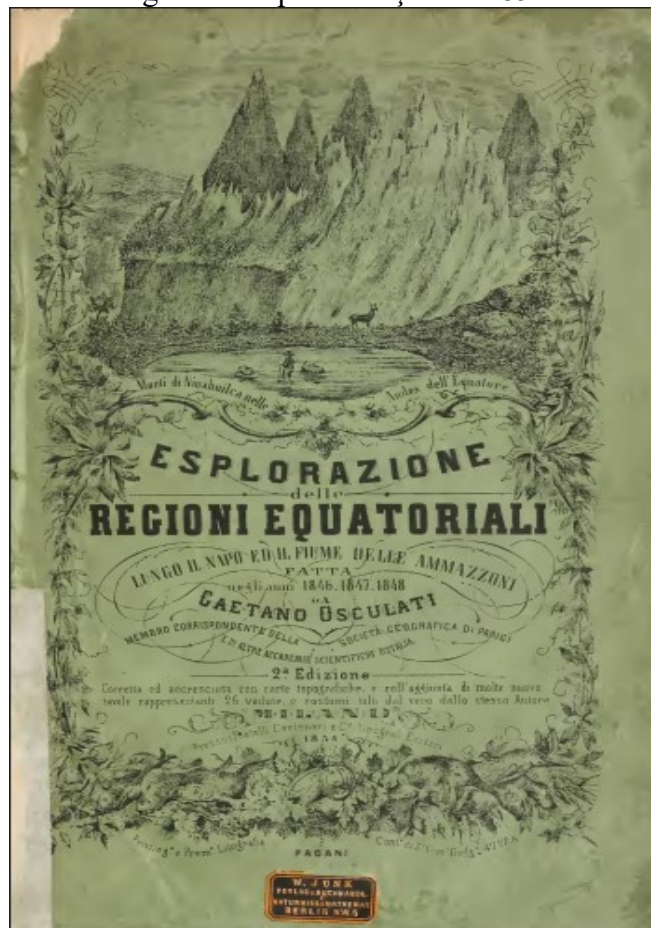
Em 1854 saiu a segunda edição, corrigida e aumentada, cuja cópia digital, que compõe o acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM)³, foi utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. Esta edição foi publicada em Milão por Fratelli Centenari e Comp. O texto, em italiano, segue a narrativa de viagem em forma de diário, ora apresentando os itinerários percorridos, os desafios enfrentados e reflexões sobre costumes, ora descrevendo plantas, animais, grupos de pessoas, povoados e cidades. A Figura 1 apresenta a capa da edição de 1854, caracterizada pela presença de muitos elementos visuais. A imagem retrata uma paisagem elaborada e rica em detalhes, composta por elementos que representam montanhas, vegetação, hidrografia, figura humana e animal. Também são evidentes as características gráficas típicas do período, como o estilo da tipografia, a quantidade de informações e a colocação dos elementos na página, unidos por uma moldura com motivos botânicos, o que

² Noi abbiamo annunziato nel volume XXIII, serie 2.^a, di questi Annali la prossima pubblicazione del viaggio in America del sig. Osculati. L'A. ha mantenuta la sua parola. Il suo viaggio è ora uscito alla luce in una splendida edizione che mostra nell'autore in coraggio pari a quello che ebbe nell'affrontare nelle sue peregrinazioni mille pericoli. L'opera è scritta con tutta quella scienza e coscienza che può dirsi caratteristica nei viaggiatori italiani. Todas as traduções, quando não indicado o contrário, são de minha autoria.

³ Repositório digital público mantido pela Universidade de São Paulo – USP: [G Osculati - Esplorazione - 1854](#).

reforça o conteúdo do texto e os valores estéticos e culturais apreciados nas edições da época da publicação.

Figura 1- Capa da edição de 1854.



Fonte: [Archive.org](https://archive.org) - Osculati.

Em 1929, com o nome *Viaggio Nell'America Equatoriale* [Viagem na América Equatorial], a editora milanese Alpes reproduziu o livro em dois volumes, organizados pelo historiador e crítico literário Gerolamo Bottoni, como parte da coleção *Viaggi e Scoperte di Navigatori ed Esploratori Italiani* [Viagens e descobertas de navegadores e exploradores italianos]. Em 1990 foi a vez da editora Il Segnalibro publicar a obra em sua coletânea *Popoli e Culture Delle Americhe* [Povos e culturas das Américas], mantendo o nome original. Do que foi possível identificar nesta pesquisa, a última publicação foi em 2018, pela Luni Editrice, com o nome *Viaggio in Amazzonia* [Viagem na Amazônia], contando com a curadoria do jornalista e viajante Alberto Caspani, responsável pela Missione Osculati – 2018 [Missão Osculati – 2018], que percorreu os lugares pelos quais Osculati passou ao longo do Rio Napo. Três traduções, duas para o espanhol e uma para o inglês foram publicadas a partir do ano 2000: a

editora equatoriana Abya-Yala publicou, na coleção *Tierra incógnita*, sua primeira edição em 2000 e a segunda em 2014; em 2003, uma tradução feita por Alberto Guaraldo foi apresentada pela editora peruana CETA, compondo a série *Monumenta amazónica: Científicos y viajeros*. Em 2011, uma versão bilingue (inglês/italiano) foi publicada pela British Library⁴.

Figura 2
Capas das traduções publicadas pela Abya-Yala, CETA e British Library.



Fonte: Compilação própria⁵.

Como se percebe, as capas das traduções encontradas apresentam diferentes abordagens visuais. Enquanto a primeira divide o espaço entre as informações sobre autor e título e uma ilustração que representa três diferentes grupos indígenas, chamando a atenção para esse aspecto específico da obra, as outras duas capas apresentam um visual mais neutro, dando destaque apenas ao autor e ao título da coleção e da obra, com menos elementos visuais e uma composição mais simples. Nenhuma das capas traz o nome do tradutor.

Meu primeiro contato com a obra e o autor aconteceu durante o Trabalho de Conclusão do Curso de Letras – Italiano, da UFSC, por sugestão e orientação da Prof.^a Dra. Karine Simoni. Naquela ocasião foram traduzidos os capítulos XX e XXI do livro em questão, os quais marcam a entrada de Osculati em território brasileiro (Alló Netto, 2023). Posteriormente, em 2024, a referida tradução e o seu respectivo estudo e comentários foram publicados em conjunto com a já citada professora no quarto volume da também já referenciada coleção *Traduzindo a Amazônia* (Alló Netto; Simoni, 2024).

⁴ Nas fontes consultadas não foi possível identificar os responsáveis pelas traduções publicadas pela Abya Yala e British Library.

⁵ Elaborado a partir de imagens disponíveis no sítio eletrônico da Amazon.com.

Agora, no mestrado (PGET – UFSC), dou continuidade ao estudo realizado na graduação, traduzindo os capítulos XXII ao XXVII. Dessa forma os dois trabalhos acabam por compor uma unidade⁶ textual na medida em que oferecerá ao leitor uma narrativa completa, em português, de todo o percurso empreendido por Osculati em território brasileiro, além de contribuir para o conhecimento dos processos críticos relacionados aos Estudos da Tradução. Igualmente, esta tradução procura abrir espaço para a apresentação e recepção deste autor italiano ao público brasileiro, não só para leitores que apreciam memórias de aventuras e viagens, mas também aos leitores especialistas interessados em conhecer a história da região, possibilitando a ampliação da circulação de um texto que discorre sobre uma das regiões mais importantes do planeta, a floresta tropical amazônica. Soma-se a isso o fato de tratar-se de um relato de viagem escrito em italiano e que ainda não conta com uma tradução publicada para o português.

A estrutura proposta para a dissertação é composta por mais três capítulos. O primeiro deles (Viagens, Viajantes e Literatura) se propõe a refletir sobre a viagem, seus conceitos e implicações, especialmente sobre o inevitável encontro com o “outro”. Viajar, como uma condição humana, pode ser visto como lançar-se em direção ao estranho e consequentemente colocar-se numa posição de diálogo e negociação para que a própria experiência da viagem possa acontecer.

Não há viagem sem viajante, todos os viajantes e seus destinos são diferentes. Assim, o capítulo também apresenta exemplo de viajantes e como foram seus encontros com o “outro”. Esta reflexão sobre *viagem* procura fornecer elementos comuns com os quais Osculati também se deparou na sua condição de viajante e que, certamente, influenciaram na maneira como entendeu e se relacionou com as pessoas e os ambientes por onde passou. Osculati como viajante vai narrar, em forma de diário, o seu encontro com o outro, informar sobre a viagem, mas também, a partir de sua visada singular, traduzir para os italianos a Amazônia, seus lugares, povos e costumes. Também, procurando contextualizar as condições e circunstâncias envolvendo o autor e a obra, é apresentado um breve histórico de viajantes no Brasil do século XIX, incluindo o próprio Osculati e aspectos gerais sobre a obra a ser traduzida e a literatura de viagem. Dentre as referências crítico-teóricas utilizadas para compor esse capítulo estão as discussões sobre o conceito de viagem, notadamente, a partir de seu caráter multifacetado e relacional, como o apresentado por Julia Fonseca de Castro (2019). Soma-se a isso, as reflexões

⁶ Os capítulos traduzidos no TCC podem ser consultados no repositório de teses e dissertações da UFSC, em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/248903>.

sobre a literatura de viagem como um gênero híbrido, no qual ficção e realidade se interrelacionam, caracterizando-se em um texto didático, na medida em que informa e ensina sobre aspectos culturais e histórico-geográficos e, em certo grau, subjetivo, já que, em última instância, é o autor quem escolhe o que vai relatar e o que deixará de fora. Neste sentido as contribuições teóricas dos trabalhos de Elisa Schemes (2015), Moraes Cunha (2012) e Luciana Rossato (2007), ofereceram subsídios importantes para essa compreensão.

O próximo capítulo apresenta a tradução do italiano ao português, dos capítulos XXII ao XXVII. Para iniciar o processo de tradução foram copiados, individualmente, cada capítulo e criados arquivos no formato PDF. Posteriormente, com ajuda de ferramentas disponíveis na Internet, cada arquivo foi convertido em arquivo editável do tipo texto. Foi necessário fazer uma revisão em cada um dos textos resultantes, pois a conversão de formato gerou uma série de caracteres “inválidos” (não existentes nos “originais”), assim como substituição de um caractere por outro, como por exemplo, a substituição do *l* por *t*, *e* por *c* ou caracteres especiais no lugar de vírgulas, ponto, ponto e vírgula, dois pontos e apóstrofes.

Cabe destacar, desde já, que o projeto de tradução não se propõe a retificar ou transpor para palavras dicionarizadas os termos usados pelo autor que não correspondem, exatamente, ao português atual, seja em razão da distância temporal entre a escrita e a tradução, das atualizações ortográficas ou das adaptações que ele tenha feito para dar conta de, em italiano, transmitir ao seu leitor primário, aquilo que via e vivia nas terras amazônicas; pelo contrário, a fim de evitar o apagamento do autor, em geral, esses termos foram mantidos como marca, como testemunho de uma escrita singular e adaptada ao contexto e às limitações que ele teve diante de paisagens, culturas e idiomas diversos.

Por último, no capítulo final proponho uma discussão sobre a tradução como um processo ético de diálogo e negociação no qual procurei basear minhas escolhas tradutórias, atentando para o conteúdo descritivo da obra, respeitando o olhar do autor sobre o outro e conservando a função histórico-documental e didática do texto. Comentários sobre questões culturais e o processo de pesquisa sobre topônimos, flora, fauna e nomes de etnias também constam deste último capítulo, que tem como base teórica principal as reflexões sobre ética da tradução de Antoine Berman (2013) e aspectos relacionados à tradução comentada conforme apresentados por Marie-Hélène Catherine Torres (2017).

2 VIAGEM, VIAJANTES E LITERATURA

2.1 VIAGEM – O MUNDO EM MOVIMENTO

A humanidade está sempre em movimento. Desde o início dos registros históricos pictográficos ou escritos, tomamos conhecimento de uma série de deslocamentos humanos que ocorreram de forma organizada ou não, individual ou em grupo, voluntária ou involuntária. Os motivos têm sido cada vez mais variados e, ao longo do tempo, se modificam ou apresentam predominância de um (motivo) sobre outro. Fome, fuga, religião, comércio, saúde, curiosidade, aventura, descanso, catástrofe, lazer, pesquisa, guerra, moradia, trabalho, pilhagem, política, genocídio, nascimento e funeral são exemplos que, combinados ou não, têm levado pessoas, grupos e povos a viajarem e, conseqüentemente, mudarem de lugar⁷, temporária ou permanentemente, o que traz consigo uma dose de insegurança, sensação de não pertencimento e necessidade de adaptação, ainda que a mudança tenha sido voluntária e planejada meticulosamente.

Paul Fussell *apud* Bou (2016, p. 338), ao considerar três momentos históricos e três classes sociais que se dedicaram à viagem, fez distinção entre exploração, viagem e turismo:

No Renascimento, a nobreza explorava; no século XIX e princípios do XX, a burguesia viajava; e no período posterior à Segunda Guerra Mundial, dominado pelas classes média e trabalhadora e pela popularização da experiência da viagem, praticava-se o turismo.

Considerando que houve motivações distintas e modos diferentes de se deslocar de acordo com o tempo e a classe social, Fussell parece admitir um conceito mais restrito ou fragmentado do termo “viagem”, o qual estaria ligado à burguesia do século XIX e início do

⁷ Conforme Helena Copetti Callai (2004, p. 2): “lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento”.

XX, o que, inevitavelmente, nos leva a questionar se as viagens deixaram de existir e deram lugar somente ao turismo⁸.

Alguns autores, talvez procurando fugir desta dificuldade, têm usado termos compostos para definir uma tipologia de viagem, como por exemplo, viagem de lazer, viagem de negócios, viagem exploratória, etc., mas que, apesar das diferenças, não deixam de ser viagem. Da mesma forma, os próprios viajantes também aparecem, muitas vezes, classificados por tipo (peregrino, explorador, imigrante, turista, mercador, *vlogueiro*, nômade digital, etc.).

Apesar destas classificações terem certa utilidade em determinados contextos e ajudarem, por exemplo, a classificar viajantes, especialmente no que se refere ao contexto econômico voltado para a viagem como um bem de consumo, minha ideia aqui não é tratar delas, mas apresentar uma breve reflexão sobre viagem a partir de uma perspectiva múltipla, mas que não deixa ter características comuns.

A palavra viagem tem origem no latim *viaticum* e deriva de *via*, caminho. Conforme Enric Bou (2016, p. 336), as viagens ajudam a criar pontes e facilitam a influência mútua entre culturas distantes, embora essa influência raramente tenha sido de igual para igual. Implicam no afastamento de um lugar familiar e a exploração de um lugar novo e desconhecido, diferente do lugar de residência habitual, podendo trazer enriquecimento e conhecimento do Outro e de si mesmo e, também, podem representar ameaças.

Para Julia Fonseca de Castro (2019, p.14), a viagem é um termo polissêmico e dinâmico, havendo uma persistente e inegável dificuldade em tratá-la a partir de uma definição única e, apesar das tentativas de qualificar ou tipificar a viagem por meio de esforços de eliminação de sentidos, a ambiguidade do termo continuará existindo. Esta palavra possui uma dinâmica que não está presa às definições normativas. Ela circula na linguagem popular e abarca processos de criação e recriação de sentido e de deslocamentos de usos.

⁸ O termo é bastante discutido, tendo várias abordagens quanto ao conceito e também em relação às origens. Há quem diga que os gregos, quando viajavam para assistir aos jogos olímpicos, estavam fazendo turismo. Outros assinalam que o turismo se inicia com as viagens organizadas por Thomas Cook, no século XIX. Aqui, mesmo não concordando totalmente, creio suficiente a definição apresentada por De la Torre (1982): “El turismo es un fenómeno social que consiste en el desplazamiento voluntario y temporal de individuos o grupos de personas que, fundamentalmente por motivos de recreación, descanso, cultura o salud, se trasladan de su lugar de residencia habitual a otro, en el que no ejercen ninguna actividad lucrativa ni remunerada, generando múltiples interrelaciones de importancia social, económica y cultural” [O turismo é um fenómeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultural ou saúde, se trasladam de seu lugar de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural].

A mesma autora responde à questão (o que é viagem?) expondo o significado multifacetado do termo e as dificuldades de se estabelecer um conceito uniforme:

As respostas para essa pergunta são múltiplas e não excludentes. Por exemplo, a viagem é considerada um tipo de mobilidade espacial, mas não outros tipos, muito semelhantes, de movimentações pelo espaço. Viagem é entendida como o movimento de atravessamento de limites de todo tipo, até mesmo de limites psicológicos. Viagem seria a passagem por limites, que, muitas vezes, são móveis, embora sejam, também, limites imaginados como permanentes, tais como os que separam os países. Viagem seria, então, a ultrapassagem de alguns limites e o respeito a outros. Viagem consistiria em desfazer e recriar fronteiras.

Viagem apresenta significados conectados à ideia de movimento, e, portanto, contrapostos à noção de fixação. Contudo, em enunciados que desenvolvem a ideia viagem, a noção de estaticidade é admitida sem restrições. Toda viagem inclui também momentos estáticos.

Viagem seria um movimento composto por momentos estáticos, que depende da contraposição a outros tipos de movimento para existir, como aos movimentos do cotidiano. Viagem seria então mais um movimento pelo espaço que o sujeito faz e que ele — ou outros — concebe como um movimento especial, diferente dos outros movimentos realizados no tempo do cotidiano. Viagem é um tempo diferente.

Viagem é compreendida como um movimento fora do cotidiano. Viagem é também considerada um deslocamento espacial simples, rotineiro. Viagem seria entendida, portanto, como parte de outros movimentos espaciais, como daqueles relacionados ao trabalho. Viagem seria, também, um deslocamento que compõe outros deslocamentos que o sujeito faz ao longo da vida, sendo o mais amplo deles o movimento de nascer e de morrer.

Viagem refere-se aos homens, aos animais e, também, aos objetos. Viagem é associada à ideia de humanidade, à origem, transformação e desenvolvimento das comunidades de homens e, até, de homens pré-históricos. Viagem é uma ideia associada a algo natural do ser humano, de alguns animais, e de todos os seres vivos, tudo depende da amplitude de tempo e da dimensão espacial a ser considerada.

Viagem é ligada à noção de deslocamento, mas não somente de deslocamento espacial. Viagem é uma figura de linguagem que designa amplitude de interpretação e grande deslocamento de sentido. Viagem é metáfora, mas também é relacionada a um sentido pragmático. Viagem é movimento, mas é, principalmente, a compreensão que se produz do movimento ou o que se compreende com o movimento. Viagem é uma imaginação de percursos de vários tipos, alguns puramente subjetivos que são chamados de viagem por produzirem sensação específica. Viagem é uma sensação especial.

Viagem é uma mobilidade de corpos, mas também é uma mobilidade mental. Viagem é uma atividade sensorial de estar nos lugares, mas é também a imaginação desse contato sensorial. Viagem pode ser um percurso por lugares ou mundos imaginários. Viagem é mais do que a movimentação de um corpo, é a movimentação de um corpo que sente, percebe, imagina, deseja, tem medo, dor, que esquece e recorda (Castro, 2019, p. 12-14).

A opção pela citação longa justifica-se por se tratar de um trecho central para a reflexão sobre viagem, pois apesar de determinadas características serem comuns às experiências de deslocamento, o seu conceito é plural, multifacetado e dinâmico. Seu significado e suas formas de manifestação dependem de uma série de circunstâncias e fatores que envolvem o viajante em um dado momento, sejam elas históricas, geográficas, econômicas, culturais ou subjetivas.

No caso da viagem de Osculati, como analiso mais detidamente adiante, é possível identificar uma experiência de atravessamento de limites geográficos, culturais e pessoais.

Osculati atravessa as fronteiras entre Equador, Peru e Brasil; vivencia o contato com outros povos e línguas distintas da sua e enfrenta privações que não faziam parte do cotidiano em seu país de origem. A forma como ele vai descrevendo os acontecimentos, evidenciam que a sua percepção do tempo também se altera ao ter que suportar longos deslocamentos ou as incessantes moléstias causadas por insetos ou quando se deleita na companhia de outros europeus ou desfruta de paragens onde a natureza se apresenta com toda a sua beleza e exuberância.

A partir dessas considerações a respeito das várias expressões que envolvem a ideia de viagem, e para fazer um contraponto à viagem e ao relato de Osculati, apresento um exemplo que considero bastante pertinente quanto à materialização do conceito multifacetado e dinâmico de viagem.

Em 1794, Xavier de Maistre, um escritor francês, publicou o livro *Viagem à roda do meu quarto*, onde relata uma inusitada viagem de quarenta e dois dias pelo seu quarto. O livro, apesar de conter, também, uma sátira aos relatos de viagem, apresenta uma nova forma de olhar para o “comum”, revelando que a maneira como olhamos e nos relacionamos com o que está ao nosso redor é um aspecto importante que atua sobre os efeitos transformadores da viagem e que, de certa forma, o que sentimos ao viajar, aquilo que experimentamos e “descobrimos” depende mais da disposição do espírito do que do destino para o qual vamos.

Osculati e Maistre estão imersos em um universo de viagens completamente diferentes. Enquanto Maistre se movimenta em poucos metros quadrados em um ambiente totalmente controlado e intimista, Osculati se desloca por milhares de quilômetros de distância de sua casa para iniciar um outro longo percurso no qual passará por lugares desconhecidos, em meio a um ambiente dinâmico, onde pouco se pode fazer para controlar ou amenizar os efeitos de eventos naturais. Contudo, ambos, ainda que de maneiras distintas, empreenderam uma viagem e construíram narrativas sobre as experiências vividas, inevitavelmente mediadas por seus próprios pontos de vista.

Maistre descreve minuciosamente a geografia de seu cômodo; posição, dimensões e limites. Relata as formas e funções das coisas que encontra pelo caminho e se põe a filosofar sobre o espelho, quadros, estampas, livros, etc., tecendo comentários acerca dos resultados que outras coisas, além dos trinta e seis passos que demarcam o quarto retangular, exercem sobre seu ambiente:

Depois da minha poltrona, caminhando para o norte, descobre-se o meu leito, que está colocado ao fundo do meu quarto, e que estabelece a mais agradável perspectiva. Ele está disposto da maneira mais feliz: os primeiros raios do sol vêm se divertir em

minhas cortinas. — Eu os vejo, nos belos dias de verão, avançarem ao longo da parede branca à medida que o sol vai subindo: os olmos que ficam diante da minha janela dividem-nos de mil maneiras e os fazem balançar sobre o meu leito, cor-de-rosa e branco, que espalha para todos os lados uma luz encantadora pela sua reflexão. — Ouço o gorjear confuso das andorinhas que se apoderaram do telhado da casa, e o dos outros pássaros que habitam os olmos: então, mil idéias risonhas ocupam-me o espírito; e, no universo inteiro, ninguém tem um despertar tão agradável, tão tranquilo como o meu. Confesso que amo gozar esses doces instantes, e que prolongo sempre, tanto quanto possível, o prazer que encontro em meditar no doce calor do meu leito. — Haverá um teatro que empreste mais à imaginação, que desperte idéias mais ternas do que o móvel em que por vezes me ausento? — Leitor modesto, não vos assusteis; mas então eu não poderia falar da felicidade de um amante que aperta pela primeira vez em seus braços uma esposa virtuosa? Prazer inefável, que o meu mau destino me condena a não gozar jamais! Não é num leito que uma mãe, embriagada de alegria com o nascimento de um filho, esquece as suas dores? É ali que os prazeres fantásticos, frutos da imaginação e da esperança, vêm nos agitar. — Enfim, é nesse móvel delicioso que esquecemos, durante uma metade da vida, os dissabores da outra metade. Mas que multidão de pensamentos agradáveis e tristes se agitam ao mesmo tempo no meu cérebro! Mistura espantosa de situações terríveis e deliciosas! Um leito nos vê nascer e nos vê morrer; é o teatro variável onde o gênero humano representa alternadamente dramas interessantes, farsas risíveis e tragédias apavorantes. — É um berço guarnecido de flores — é o trono do amor — é um sepulcro (Maistre, 2008, p. 16 a 18).

Viagem é mutação em dois sentidos: o viajante transforma a sua própria existência quando em contato com outros povos e culturas e, povos e culturas se transformam no contato com o viajante. Além disso, viajar é lançar um olhar diferente sobre as coisas e o lugar; um olhar que procura significados e sentidos que, muitas vezes, não são percebidos no cotidiano, o que Alain de Botton (2006, p. 246) chama de “privilegiado ponto de vista do viajante”. Em entrevista à Revista Floema (2010, p. 20), o escritor Milton Hatoum afirmou que “viajar é traduzir, interpretar, e isso vale para as duas culturas: a do viajante e a do país estrangeiro”.

Apesar dos múltiplos sentidos que acompanham o termo viagem, seja ela real ou fictícia, há, além do tempo e espaço, ao menos outros três elementos fundamentais que a caracterizam: a partida, o percurso ou itinerário e a chegada.

A partida pode ser impulsionada pela ideia de heroísmo e fama, mas também, pelo medo e a fuga, descartando a crença de que viajar sempre foi um instrumento de liberdade individual e/ou de autoafirmação de identidade. Pode ser bem planejada ou acontecer às pressas, mas é sempre um momento de ruptura, um fim e um começo, quando olhamos para o passado e projetamos um futuro. O elemento marcante da partida é a separação de um indivíduo da matriz social na qual foi formado e que constitui, de certa forma, o seu patrimônio. Ela pode variar de intensidade, ou seja, ser mais fácil ou mais difícil de acordo com o grau de inserção na estrutura social e dos laços afetivos e relações que o sujeito tem com e no lugar de onde parte.

No relato de viagem que interessa para este trabalho, Osculati deixa transparecer que a ideia da partida está associada a um ato heroico. Apesar das ameaças, ele rompe com a estabilidade, convive com o medo e constrói uma autoimagem de alguém destemido que se lança em uma grande aventura:

Nem a perspectiva de tantos perigos, nem os conselhos amorosos de meus conhecidos em Quito conseguiram me afastar de minhas intenções; quase com os olhos fechados, me lancei no caminho que queria seguir, confiando apenas em mim mesmo e no vigor de minha alma; vi a morte pairando sobre minha cabeça repetidas vezes⁹ (Osculati, 1854, XI e XII).

O percurso é a fase na qual os fatos se desenrolam. Embora durante o trajeto existam momentos estáticos, é o movimento que vai caracterizar esta parte da viagem, tornando-se um elemento de percepção. Ele impõe uma estrutura e a própria experiência da viagem. As formas pelas quais as impressões da viagem se fixam na percepção do viajante tem a ver com a duração e o tipo de mobilidade imposto pelo meio no qual se viaja, pois cada meio de transporte estabelece sua própria territorialidade e, portanto, uma percepção espaço-temporal distinta (Gasquet, 2006).

O avanço da cartografia e dos meios de transporte mudaram sobremaneira o percurso ou a forma como ele é trilhado. Das viagens a pé ou com o uso de tração animal, passando pelas viagens marítimas e de trem, chegando aos voos intercontinentais, podemos notar como o movimento e, especialmente, sua velocidade altera a percepção do espaço que nos circunda e estabelece o tipo de relação que com ele teremos. O espaço diminui na medida em que o tempo acelera, assim, quanto mais rápido nos movemos, menos percebemos, menos conhecemos, menos interagimos. No percurso, se observa as mudanças no ambiente, no clima, nos animais e nas pessoas. Ele abre a possibilidade de reflexão sobre estar entre lugares, línguas e culturas, funcionando como uma preparação para a chegada.

A chegada, por sua vez, é marcada pelo encontro com uma outra estrutura de símbolos culturais e não restabelece o equilíbrio anterior à partida; ela requer adaptação e persistência. Há uma propensão a um contraditório sentimento de atração e repulsa, tanto do viajante que chega como da sociedade que o recebe. Quando um sujeito chega a um lugar desconhecido deve passar por um processo de incorporação/aceitação de uma nova estrutura social da qual nunca participou.

⁹ Né la prospettiva di tanti pericoli, né gli amorevoli consigli de'miei conoscenti di Quito valsero a smuovermi da'miei proponimenti; quasi ad occhi chiusi mi lanciai nella via che volea percorrere, fidando in me solo e nella vigoria del mio animo; vidi più e più volte pendere sul mio capo la morte.

Às vezes, a chegada é o mesmo lugar de partida. Neste caso há o reencontro com a estrutura social que foi temporariamente abandonada, mas que não é a mesma do momento da partida. As dificuldades vão variar de acordo com o tempo em que o viajante permaneceu fora. Quanto mais o tempo passa, mais as pessoas, as relações e o espaço se modificam, e suas referências que antes eram familiares são agora, ao menos em parte, estranhas. Não importando o lugar em que chega, o indivíduo também não será mais o mesmo, passou por uma mudança qualitativa; experiências e novos conhecimentos foram agregados no processo de partida e durante todo o percurso.

Na viagem, não é possível deixar “em casa” tudo o que foi apreendido e tomado como prática habitual no lugar de origem e que, predominantemente, forma a cosmovisão do indivíduo. Nossas línguas e culturas viajam junto e na chegada são, em geral, estranhas ao outro. Chegar em uma estrutura de interação humana, a qual gera o critério de identificação cultural, faz com que haja uma tendência não de unificação ou uniformidade, mas, ao contrário, de reforço das distinções, criando uma diferenciação entre interno e externo, dentro e fora. No processo de chegada, que implica em adaptação, é comum que haja o estabelecimento de uma hierarquia de domínio e subordinação que pode resultar em um vínculo de hospitalidade ou rechaço e violência.

Como veremos no relato de Osculati, os aspectos primordiais da viagem – a partida, o percurso, a chegada – e, especialmente, os elementos culturais que o viajante carrega e àqueles aos quais é exposto, com seus estranhamentos e desdobramentos, como distinções e conflitos, hospitalidade e rechaço irão se manifestar, em boa parte, como resultado ou consequência do objetivo que ele estabeleceu. Como naturalista, Osculati se lançou em uma viagem com característica de uma incursão, um evento exploratório. Ele pretendia coletar e registrar plantas, animais e objetos, descrever paisagens e costumes das populações locais, mas tudo isso para alcançar, como dirá em seu relato, o avanço da ciência e o benefício da sociedade (1854, p. 2). Como será visto mais adiante, tanto o avanço científico quanto os benefícios esperados estavam restritos ao âmbito europeu.

Nessa seção, a viagem foi compreendida enquanto experiência de deslocamento, movimento no mundo e transformação. A seguir, é necessário deslocar o olhar para aqueles que a realizam, a saber, os viajantes, sujeitos que, ao percorrerem novos espaços, constroem representações de si e do outro, estabelecendo relações marcadas pela alteridade.

2.2 VIAJANTES – O EU E O OUTRO

Na história ou na ficção não há viagem sem viajante. É ele quem parte de um lugar, percorre o trajeto e chega a outro lugar. Nesta jornada, o viajante estabelece um contato, incerto, com outra língua, com o estrangeiro, vivenciando um encontro ou confronto entre identidade e alteridade. Para isso deve ter a capacidade de observar, traduzir e interpretar a atmosfera, os objetos, o clima, os cheiros e sabores, as armadilhas, a arquitetura, os comportamentos, os assédios, hábitos e humores de um povo e de um espaço diferentes.

A quantidade de viajantes históricos ou ficcionais é enorme e permeia todos os séculos da existência humana. A bíblia hebraica conta que Abraão viajou da Mesopotâmia em direção ao oeste, onde estaria a terra prometida. Os gregos dão conta das viagens de Heródoto pelo Egito, Oriente Médio e Mediterrâneo e também daquelas descritas por Homero na *Ilíada* e na *Odisseia*. Na tradição da *Torá* e do *Alcorão*, a Rainha de Sabá viaja para conhecer o reino de Salomão. No início da era cristã, Paulo de Tarso empreende uma série de viagens evangelísticas, narradas em *Atos dos Apóstolos*. Em período próximo, o filósofo grego e viajante Estrabão publica sua monumental obra *Geografia*, em XVII volumes, incluindo relatos sobre a Europa, Ibéria, Ásia e África. No século VII, Maomé e seus seguidores viajam 500 quilômetros da cidade de Meca para Medina (Yatrib), episódio que ficou conhecido como Hégira e, posteriormente, marcaria o início do calendário islâmico. Marco Polo, na Idade Média, viajou pela Ásia e deixou seu relato na obra *Il Milione*. O marroquino Ibn Battuta viajou por quase três décadas, percorrendo 120 mil quilômetros e quase 50 países, sobrevivendo a naufrágios, ataques de piratas e ao jugo de tiranos, tornando-se um dos viajantes mais famosos daquele período. Dante Alighieri em a *Divina Comédia* descreve sua viagem pelo inferno, purgatório e céu. Cervantes narra as viagens e aventuras de seu intrépido cavaleiro andante, Dom Quixote de la Mancha; na epopeia *Os Lusíadas*, Luís de Camões conta a viagem de Vasco da Gama no caminho para as Índias e John Bunyan conta a jornada de Cristão à Cidade Celestial em *O Peregrino*. Embora o rol seja interminável, o objetivo aqui não é apresentar um inventário de viajantes, mas trazer exemplos de como se dá o encontro com o Outro, ou seja, assim como não há viagem sem viajante, não há viajante sem o contato com o que ou quem está do outro lado, o estranho, o diferente, com o qual o viajante terá que, mesmo minimamente, estabelecer uma relação.

Nos exemplos que seguem, procuro mostrar brevemente como identidade e alteridade são elementos indissociáveis das viagens, ao mesmo tempo em que início uma aproximação com o contexto que envolveu a viagem de Osculati, ou seja, sua obra, o século XIX, o território

brasileiro. Espero, com auxílio desses exemplos, mostrar que o texto de Osculati no século XIX se insere em uma longa tradição de relatos de viagem, e que, como veremos, ele atualiza esse modelo narrativo em um contexto marcado pela ciência, pelo expansionismo europeu e pela observação sistemática da natureza e dos povos locais.

Início com a exposição da história da Epopeia de Gilgamesh. No século XIX, arqueólogos escavaram, na região da antiga cidade de Nínive¹⁰, uma biblioteca, que pertenceu ao rei Assurbanipal¹¹ e na qual foram encontradas tábuas de argila contendo uma forma de escrita. A figura 3 mostra um fragmento da Tábua V da Epopeia de Gilgamesh, atualmente sob a guarda do Museu de Sulaymaniyah, no Iraque.

Figura 3 - Parte da Tábua V - A Epopeia de Gilgamesh



Fonte: Osama Shukir Muhammed Amin
<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-781/gilgamesh/>

¹⁰Cidade que ocupava uma região no qual hoje está a cidade de Mossul, no Iraque. Os primeiros assentamentos datam aproximadamente de 6.000 a.C. Foi destruída em 612 a.C. por uma coalizão entre Persas, Medos e Babilônios, pondo fim ao império Assírio ([Nínive 01 - Worldhistory](#)).

¹¹Assurbanipal (668-627 a.C.) – Rei da Assíria – Construiu um novo palácio e começou um processo de recompilar e catalogar todas as obras escritas na Mesopotâmia. O resultado deste esforço foi a famosa biblioteca que continha mais de 30.000 tabuinhas de argila ([Nínive 02 - worldhistory](#)).

De acordo com a arqueóloga Nancy Katharine Sandars (1972), Assurbanipal deixou registrado que:

Enviou seus servos aos antigos centros de saber de Babilônia, Uruk e Nippur para que pesquisassem seus arquivos e copiassem e traduzissem para o semítico acadiano da época os textos escritos na antiga língua suméria da Mesopotâmia. Entre esses textos, “Copiados segundo o original e cotejados no palácio de Assurbanipal, Rei do Mundo, Rei da Assíria”, estava o poema que chamamos a Epopéia de Gilgamesh.

Os estudos sobre a autoria e a datação da epopeia não são precisos. Embora a autoria¹² seja desconhecida, admite-se que a maior parte dos poemas de Gilgamesh já havia sido escrita nos primeiros séculos do segundo milênio a.C., fazendo com que este personagem, provavelmente inspirado no Gilgamesh histórico¹³, seja o primeiro viajante a ter suas viagens registradas:

Ele que o abismo viu, o fundamento da terra,
Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo,
Gilgámesh que o abismo viu, o fundamento da terra,
Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo,
Explorou de todo os tronos,
De todo o saber, tudo aprendeu,
O que é secreto ele viu, e o coberto descobriu,
Trouxe isto e ensinou, o que antes do dilúvio era.
De distante rota voltou, cansado e apaziguado,
Numa estela se pôs então o seu labor por inteiro.
(Brandão, 2017, Tabuinha 1:1-10).

Gilgamesh empreende uma jornada heroica na qual enfrenta o medo e luta contra inimigos, se envolve em problemas e muda como pessoa enquanto busca o sentido da vida e a imortalidade. Após a morte de seu amigo, Enkidu, sai de sua cidade, viajando para longe a fim de encontrar a figura mística Utnapishtim que sobrevivera ao grande dilúvio e poderia lhe dar o caminho da imortalidade:

Abriu passagens nas montanhas,
Cavou cisternas nas encostas do monte,
Atravessou o mar, o vasto oceano, até onde nasce Shámash,
Palmilhou os quatro cantos, em busca da vida,
Chegou, por sua força, ao remoto Uta-napishti,

¹²Acredita-se que as histórias de Gilgamesh foram transmitidas oralmente para depois serem reunidas em uma forma escrita. Há várias versões e em línguas diferentes. A versão babilônica mais recente é atribuída a Sin-léqi-unninni (c. século XIII-XII a.C.) e foi traduzida do acádio para o português por Jacyntho Lins Brandão (*Ele que o abismo Viu – A Epopeia de Gilgamesh* - Autêntica Editora, 2017). Já o livro organizado pela arqueóloga Nancy Katharine Sandars e traduzido por Carlos Daudt de Oliveira não atribui autoria, mas cita as fontes de versões ou fragmentos hurritas, semitas e acadianos (*A Epopéia de Gilgamesh*, Ed. Martins Fontes, 1972).

¹³Sandars (1972, p. 18) afirma: “As dúvidas quanto à existência de um Gilgamesh histórico não afetam seriamente a nossa fruição da epopéia; mas recentemente os estudiosos conseguiram comprovar, sem sombra de dúvida, que um homem, um rei, chamado Gilgamesh, viveu e reinou em Uruk em alguma época da primeira metade do terceiro milênio. A questão se limita agora a determinar se ele viveu por volta do ano 2700 a.C. ou uns cem anos mais tarde. Ele teria sido o responsável pela construção das muralhas da cidade de Uruk”.

Repôs os templos arrasados pelo dilúvio,
Instituiu ritos para toda a humanidade
(Brandão, 2017, Tabuinha 1:38-44).

Gilgamesh não encontrou o que procurava e teve que se sujeitar à morte, mas a história de sua jornada é o próprio meio pelo qual ele alcança a imortalidade, pois o registro de seus feitos, apesar de ocultos por séculos, foram encontrados e agora são lidos em todos os lugares.

Este seria o primeiro relato de viagem que temos notícia e nele já está presente o entranhamento consequente ao encontro com o Outro e, a partir daí, a criação de uma escala de classificação entre iguais e diferentes, inferiores e superiores, nós e eles e a necessidade de domesticar ou civilizar o diferente. Interessante notar o exemplo de Enkidu, aquele que se tornaria o amigo de aventuras de Gilgamesh.

Gilgamesh é apresentado como um rei cruel e violento contra qual ninguém conseguia se opor. Ouvindo o clamor do povo, Aruru, a deusa da criação, cria Enkidu, para se opor ao rei e deixar a cidade de Uruk em paz:

Ela mergulhou as mãos na água e tomou um pedaço de barro; ela o deixou cair na selva, e assim foi criado o nobre Enkidu. Havia nele virtudes do deus da guerra, do próprio Ninurta. Seu corpo era rústico, seus cabelos como os de uma mulher; eles ondulavam como o cabelo de Nisaba, a deusa dos grãos. Ele tinha o corpo coberto por pêlos emaranhados, como os de Samuqan, o deus do gado. Ele era inocente a respeito do homem e nada conhecia do cultivo da terra (Sandars, 1972, p.62).

Ao tomar conhecimento da existência de Enkidu, Gilgamesh ordenou que uma prostituta viajasse três dias para chegar ao poço onde Enkidu se reunia para tomar água com outros animais, para que ele fosse seduzido, iniciando sua transformação/domesticação: “Quando ele chegar perto, tira tua roupa e deita-te com ele; ensina ao selvagem tuas artes de mulher, para que, quando venha murmurar-te palavras de amor, os animais da selva, que compartilharam sua vida nas colinas, passem a repudiá-lo” (Sandars, 1972, p. 63 e 64). Depois de sete dias de prazeres, ele retorna ao seu mundo, mas é repudiado pelos animais com os quais convivia. De volta à prostituta, mais uma etapa se desenrola. Enkidu, agora come pão e bebe vinho, está “civilizado”:

E ela disse então a Enkidu: “Olho para ti e vejo que agora és como um deus. Por que anseias por voltar a correr pelos campos com as feras do mato? Ergue-te do chão, a cama do pastor.” Ele escutou com atenção suas palavras. Era um bom conselho que lhe dava. A rameira dividiu sua roupa em duas partes; com uma metade o vestiu, usando a outra para si. Tomando Enkidu pela mão, como a uma criança, ela o conduziu ao aprisco, para as tendas dos pastores, que se amontoaram ao seu redor para vê-lo. Eles depositaram pão à sua frente, mas Enkidu só estava habituado ao leite que sugava dos animais selvagens. Ele se atrapalhou com as mãos e pasmou, sem saber o que fazer com o pão e o vinho forte. A mulher então disse: “Enkidu, come o pão, é o suporte da vida; bebe o vinho, é o costume da terra”. Enkidu então comeu até ficar satisfeito e bebeu do vinho forte, sete cálices. Ele ficou alegre, seu coração exultou e

seu rosto se cobriu de brilho. Enkidu escovou os pêlos emaranhados de seu corpo e untou-se com óleo. Ele se transformara num homem (Sandars, 1972, p.66).

Aproximadamente 1500 anos depois, outro viajante ficará famoso na *Odisseia*, um poema atribuído a Homero que narra a fantástica viagem de retorno a Ítaca que Odisseu (Ulisses) faz após a guerra de Tróia. Sem a intenção de ocultar as passagens sobre hospitalidade que se encontram no poema, mas aproveitando o paralelo com Gilgamesh, gostaria de destacar o episódio na Ilha dos Ciclopes e o encontro com Polifemo:

A terra dos ciclopes, povo rude, sem lei, foi nosso porto imediato. Por depositarem a sorte em mãos celestes, não mexem um só dedo para plantar ou lavar. O solo produz sem cultivo nem semente trigo, cevada, videiras. Cachos carnudos vertem vinho. Zeus avança cheio de chuva. Eles não sabem de assembléias deliberativas nem leis. No cimo de altas montanhas, vivem em grandes grutas. Cada qual legisla sobre mulheres e filhos. Solidariedade de uns com outros não há (Homero, *Odisseia*, IX, vv. 106 a 115)¹⁴.

Quando a Aurora nos despertou com seus dedos rosados, convoquei o conselho dos meus para deliberar: ‘Caros companheiros, esperem por mim. Embarcado no meu navio e acompanhado de alguns, procurarei informar-me sobre este lugar. Quem é essa gente? São violentos, selvagens, sem lei, ou acolhem os hóspedes com a mente voltada aos deuses?’ Com essas instruções, embarquei (Homero, *Odisseia*, IX, vv.170 a 177).

Esse era o albergue de um sujeito gigantesco. Vivía isolado. Cuidava dos rebanhos. Sozinho. Afastado de todos, não respeitava lei. O monstro espalhava medo. Não lembrava em nada comedores de pão (Homero, *Odisseia*, IX, vv. 170 a 177).

Os ciclopes são vistos em oposição aos helênicos. São aqueles que não conhecem lei, e não se reúnem em assembleias como nas cidades gregas. Constituem uma ameaça, inicialmente baseada no desconhecimento e, assim como em Gilgamesh, os comedores de pão são os “civilizados”, aqueles que vivem em cidades, lavram a terra, colhem do seu fruto e o transformam.

Devemos lembrar que ambos os poemas tratam de viagens de guerreiros heróis. Sem confronto, sem diferenças não há herói e este é sempre o “civilizado”, em oposição ao estranho ou, conforme Fábio de Souza Lessa (2019, p.166), não lembrar em nada comedores de pão significa ser um bárbaro. Dessa forma estaremos contrapondo a construção pelos gregos antigos das noções de civilidade versus barbárie.

¹⁴Todas as citações desta obra conforme a tradução da *Odisseia* por Donaldo Schüller (2007).

Odisseu, em sua viagem pelo mar, espaço desconhecido e ameaçador, luta constantemente para não ceder às diferenças e seduições do outro, do bárbaro, o selvagem¹⁵, aquele que representa a ameaça a sua condição humana, a sua identidade, que é, indispensavelmente, ser grego:

Esse mundo humano, que é essencialmente grego, é confrontado por Homero com os Ciclopes, dentre outros personagens não humanos. O poeta constrói pela oposição a própria identidade helênica, e neste sentido, as questões mais atuais acerca do conceito de etnicidade ganham destaque na Odisseia. Mais do que uma antropologia grega ou um mapa de colonização arcaica, a Odisseia é um discurso sobre identidades e alteridades, que pode ser evidenciado na luta travada por Odisseu para manter sempre a distância entre o humano e o animal. O mundo de Polifemo se confronta com o de Odisseu; certamente o novo mundo das pólis (Lessa, 2019, p. 176).

Em meados do sec. IV, Egéria, uma mulher, provavelmente, da península Ibérica, empreendeu uma jornada aos “lugares santos”¹⁶, deixando um relato das práticas e lugares por onde passou. O texto escrito por ela foi endereçado às “irmãs na fé”. Inicialmente sem nome, seu relato passou a ser conhecido como *Peregrinação de Egéria*. Sua viagem, provavelmente, ocorreu nos anos 381 a 384, quando visitou Antioquia, Nazaré, Cafarnaum, Jerusalém, Jericó, o Monte Sinai, Tebas e Alexandria. Seu relato possui duas partes: a primeira descreve os lugares por onde passou e a segunda os ritos litúrgicos das igrejas e monastérios que conheceu. A escrita é caracterizada pela gratidão e privilégio de poder aprofundar o conhecimento acerca daquilo que a definia como pessoa, a fé e a prática de uma vida religiosa:

¹⁵O termo selvagem, por si só, já seria um tema que merece ser tratado em um estudo separado. É importante lembrar que seu significado muda ao longo do tempo e segundo cada cultura. Para uma discussão mais aprofundada, vale o artigo *O selvagem na “gesta Dei”: história e alteridade no pensamento medieval*, do Prof. Klaas Woortmann (UNB), que afirma: “Para entender a atribuição de selvageria a diferentes povos, inclusive europeus, é preciso recorrer ainda à mitologia européia relativa ao homem selvagem, o *homo sylvaticus*. O *homo sylvaticus* medieval, habitante da Europa, era muitas vezes imaginado como vivendo próximo ao mundo civilizado, desde um ponto de vista espacial, mas longe, desde um ponto de vista simbólico. Não se afastava muito do selvagem do imaginário grego antigo, habitante do *agrios*, espaço simbólico que se opunha à *polis*. O *agrios* grego era o espaço silvestre/selvagem com a mesma conotação dada pelo imaginário medieval de limite do mundo cultivado. O homem selvagem medieval podia ser imaginado com um tipo físico muito próximo daquele do europeu, com uma exceção: seu corpo era coberto de pêlos. Mas era também representado como gigante ou como anão, e nisso, como em outras características, partilhava do bestiário da ‘etnografia pliniana’. Mesmo já avançado o século XV o *Liber chronicarum ad inicia mundi* de Schedel, referido por Bartra, apresenta ilustrações de raças monstruosas do Oriente com características semelhantes às do homem selvagem mítico europeu. É importante observar que esse homem selvagem não é uma transposição de características atribuídas a africanos ou asiáticos. Ele preexistiu ao contato com povos da África ou da Ásia; tanto quanto o ‘selvagem’ grego, ele foi inventado antes para ser depois, eventualmente e de formas diferenciadas, aplicado a africanos e asiáticos, tanto quanto a europeus e, mais tarde, aos ameríndios. Contudo, ele podia por vezes ser descrito com as características dos mouros”.

¹⁶Conforme Martins (2017, p.18), a expressão “Lugares Santos” foi usada pela primeira vez por Eusébio, bispo de Cesareia da Palestina, no início do séc. IV, e aparece correntemente desde o fim desse mesmo século, sendo empregada inclusive por São Jerônimo, para designar os lugares em que se relatam os acontecimentos do Novo e do Antigo Testamento, e ainda os lugares nos quais se conservam os restos mortais de mártires cristãos.

E ainda que eu sempre deva dar graças a Deus em tudo, não direi sobre as tão grandes e importantes <graças> que se dignou a me destinar, indigna e não merecedora, que percorresse todos os lugares que não eram do meu merecimento, e também a todos aqueles santos nem posso agradecer, que se dignaram a receber minha insignificância, com prazer, em seus mosteiros, ou me levar incontestavelmente por todos os lugares que eu sempre, conforme as Santas Escrituras, requeria (Egéria, 2017, 5.12).

Contudo, ainda que Egéria demonstre continuamente a satisfação de pisar os lugares que para ela eram sagrados, sua viagem não deixava de implicar perigos e fadigas. Em boa parte do trajeto contou com a proteção de soldados. Em Edessa foi elogiada pelo bispo como exemplo de fé em razão de ter enfrentado todo o cansaço que uma viagem como aquela imporia:

Mas, a partir dali nós já dispensamos os soldados que nos ofereceram auxílio por conta da disciplina romana durante todo o tempo em que andamos por lugares perigosos; porque agora já havia uma estrada pública através do Egito que passava pela cidade de Arábia, isto é, que conduz de Tebaida a Pelúsio, e por isso já não foi necessário incomodar os soldados (Egéria, 2017, 9.3).

E porque o santo bispo dessa cidade, homem verdadeiramente religioso, monge e confessor, acolhendo-me com agrado, me disse: “Pois que vejo, filha, que, por causa da religião, tu te impuseste tão grande fadiga, que mais ao longe dos confins da terra chegaste a este lugar, portanto, [lacuna] se o fazes com prazer, mostramos a ti todos aqueles lugares que aqui são agradáveis de ver para os cristãos”, então, pois, dando graças a Deus em primeiro lugar, e também a ele, pedi muitíssimo para que se dignasse a fazer o que dizia (2017, 19.5).

Pode-se dizer que, em sua viagem, Egéria teve como objetivo a conexão com um Outro místico. Estar onde seus “heróis da fé” estiveram, subir os mesmos montes e dedicar-se às orações naqueles lugares foi um modo de aprofundar a relação com seu Deus. É nele, outro, em quem ela se identifica e a quem atribuiu a possibilidade da viagem e todos os acontecimentos que se sucederam:

E assim, pois, no outro dia, atravessando o mar, cheguei a Constantinopla, dando graças a Cristo nosso Deus, que a mim, indigna e não merecedora, dignou-se a conceder tão grande graça, isto é, que se dignou a dar não só vontade de ir, mas também a possibilidade de visitar sucessivamente o que desejava e de voltar novamente a Constantinopla.

E quando aí cheguei, por cada uma das igrejas e <santuários de> apóstolos e por cada um dos martyria, que aí são vários, não cessava de dar graças a Jesus nosso Deus, que assim sobre mim dignara-se a mostrar sua misericórdia.

E desse lugar, senhoras, minha luz, quando entregasse esta narrativa à Vossa Afeição, já era propósito, em nome de Cristo nosso Deus, dirigir-me à Ásia, isto é, a Éfeso, para orar no martyrium do santo e bem-aventurado apóstolo João. Se, contudo, após isto ainda estiver neste corpo e ainda puder conhecer outros lugares, se Deus se dignar a me oferecer, relatarei certamente à Vossa Afeição de viva voz ou, se me decidir noutro pensamento, anunciarei por escrito. Vós, senhoras, minha luz, dignai-vos tão somente lembrar-vos de mim, quer eu esteja neste corpo, quer já fora do corpo (Egéria, 2017, 23.8-10).

Agora, fazemos um salto para o final do sec. XV e início do sec. XVI, quando começa a expansão dos impérios português e espanhol, desencadeando as invasões ao continente americano e o declínio de sua população¹⁷. Em 1492, o italiano Cristóvão Colombo, a serviço da coroa espanhola, faz uma viagem que ficou conhecida, posteriormente, como o “descobrimento da América”. Após avistarem a terra e seus moradores, como primeira providência, indicando a intenção da viagem e a posterior relação que seria estabelecida com o Outro, fez-se, por assim dizer, a declaração de posse da terra, como registrado no *Diários da Descoberta da América*:

O Almirante chamou os dois comandantes e demais acompanhantes, e Rodrigo de Escovedo, escrivão de toda a armada, e Rodrigo Sánchez de Segovia, e pediu que lhe dessem por fé e testemunho como ele, diante de todos, tomava, como de fato tomou, posse da dita ilha em nome de El-Rei e da Rainha, seus soberanos, fazendo os protestos que se requeriam, como mais extensamente se descreve nos testemunhos que ali se procederam por escrito (Colombo, 2010, p. 44).

As primeiras impressões sobre os estranhos moradores daquelas terras foram registradas por Colombo de forma muito positiva, mas, também, demonstravam a oportunidade e facilidade que os espanhóis teriam para subjugar aquele povo que haviam acabado de conhecer:

Porque nos demonstraram grande amizade, pois percebi que eram pessoas que melhor se entregariam e converteriam à nossa fé pelo amor e não pela força, dei a algumas delas uns gorros coloridos e umas miçangas que puseram no pescoço, além de outras coisas de pouco valor, o que lhes causou grande prazer e ficaram tão nossos amigos que era uma maravilha. Depois vieram nadando até os barcos dos navios onde estávamos, trazendo papagaios e fio de algodão em novelos e lanças e muitas outras coisas, que trocamos por coisas que tínhamos conosco, como miçangas e guizos. Enfim, tudo aceitavam e davam do que tinham com a maior boa vontade. Mas me pareceu que era gente que não possuía praticamente nada. Andavam nus como a mãe lhes deu à luz; inclusive as mulheres, embora só tenha visto uma robusta rapariga. E todos os que vi eram jovens, nenhum com mais de trinta anos de idade: muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pêlo do rabo de cavalos, e curtos, caem por cima das sobrancelhas, menos uns fios na nuca que mantêm longos, sem nunca cortar. Eles se pintam de preto, e são da cor dos canários, nem negros nem brancos, e se pintam de branco, e de encarnado, e do que bem entendem, e pintam a cara, o corpo todo, e alguns somente os olhos ou o nariz. Não andam com armas, que nem conhecem, pois lhes mostrei espadas, que pegaram pelo fio e se cortaram por ignorância. Não têm nenhum ferro: as suas lanças são varas sem ferro, sendo que algumas têm no cabo um dente de peixe e outras uma variedade

¹⁷Conforme Stannard (*Olocausto Americano*, 1992 (Tradução para o italiano de Carla Malerba. v. digital, 2021. p. 6 e 7), em poucas gerações, após o encontro com os europeus, a maioria dos nativos do hemisfério ocidental havia sido exterminada. O ritmo e a extensão de sua aniquilação variaram no espaço e no tempo, mas durante anos, até recentemente, os historiadores revelaram, região após região, um declínio populacional entre 90 e 98%, com tanta regularidade que uma média de 95% é considerada um critério de aproximação válido. Isso significa que, aproximadamente, de cada vinte nativos que viviam nos territórios americanos na época do encontro com os europeus - quando essas terras abrigavam dezenas de milhões de pessoas - ao final do massacre, apenas um havia sobrevivido. Esta estatística abrange tanto a violência e suas consequências como as doenças trazidas para o continente.

de coisas. Todos, sem exceção, são de boa estatura, e fazem gesto bonito, elegantes (Colombo, 2010, p. 43 e 44).

Colombo entendeu que não seria necessário o uso de força para que fossem convertidos à religião imperial já que além de tratar-se de um povo amistoso, não aparentava ter religião e não representava nenhuma ameaça bélica, podendo ser dominado por um pequeno exército de 50 homens. Ao mesmo tempo em que registra ser dispensável o uso da força, manda capturar alguns “exemplares” para serem levados aos olhos da realeza e aprenderem a falar. Outro é visto como matéria prima a ser dominada, explorada e transformada segundo a vontade dos viajantes invasores:

Devem ser bons serviçais e habilidosos, pois noto que repetem logo o que a gente diz e creio que depressa se fariam cristãos; me pareceu que não tinham nenhuma religião. Eu, comprazendo a Nosso Senhor, levarei daqui, por ocasião de minha partida, seis deles para Vossas Majestades, para que aprendam a falar (Colombo, 2010, p. 45).

E para ver tudo isso me abalei esta manhã, para que pudesse fazer relação de tudo a Vossas Majestades, e também onde pudesse construir uma fortificação e vi um pedaço de terra que se assemelha a uma ilha, embora não seja, em que havia seis casas, que se poderia explorar em dois dias; embora não veja necessidade, porque essa gente é muito simples em matéria de armas, como verão Vossas Majestades pelos sete que mandei capturar para levar à vossa presença, aprender a nossa língua e trazê-los de volta, a menos que Vossas Majestades prefiram mantê-los em Castela ou conservá-los cativos na própria ilha, porque bastam cinquenta homens para subjugar todos e manda-los fazer o que quiser (Colombo, 2010, p. 48).

O relato de viagem de Colombo inicia não só uma relação textual entre a Europa e a América como também uma tradição de que a América é mais um objeto a ser observado, interpretado e dominado do que um “sujeito outro” capaz de elaborar um conhecimento e discurso de si mesmo e do resto do mundo.

Pouco tempo depois de Colombo, os portugueses chegam à terra que mais tarde seria chamada de Brasil. Um dos primeiros relatos sobre o lugar coube à Pero Vaz de Caminha que, logo ao início de sua carta ao rei D. Manoel I, conforme o costume e mentalidade da época, registra que a terra “achada” era propriedade do rei de Portugal:

SENHOR, posto que o capitão-mor desta vossa frota e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora nesta navegação achou, não deixarei também de dar disso minha conta a Vossa Alteza¹⁸ (Caminha, 1500, Gav. 15, mç. 8, n.º 2, f. 01).

¹⁸Transcrição paleográfica: Snõr posto queo capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães screpuam avossa alteza anoua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta nauegaçam achou. nom leixarey tambem de dar disso minha conta avossa alteza.

Caminha também acena com a ideia de transformar o Outro em “igual”, prenunciando o apagamento das culturas e línguas que estava por vir:

Parece-me gente de tal inocência que, se os homens entendesse e eles a nós, que seriam logo cristãos, porque eles não têm nem entendem em nenhuma crença, segundo parece. E, portanto, se os degradados que aqui hão-de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fê, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque, certo, esta gente é boa e de boa simplicidade e imprimir-se-á ligeiramente neles qualquer cunho que lhes quiserem dar. E logo Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a bons homens e ele, que nos por aqui trouxe, creio que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fê católica, deve entender em sua salvação; e prazera a Deus que, com pouco trabalho, será assim. Eles não lavram, nem criam, nem há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimária, que costumada seja ao viver dos homens¹⁹ (Caminha, 1500, Gav. 15, mç. 8, n.º 2, f. 11 e 11v).

Desde cedo se estabelece uma relação desequilibrada de poder, não só baseada na superior capacidade de infligir os mais variados tipos de violência física, mas também àquela provocada pelo monopólio da narrativa, por meio da escrita²⁰. Ambos (Colombo e Caminha), partilham a ideia comum de que o Outro precisa ser “civilizado”, transformado à medida da mentalidade, da cultura e da língua de quem escreve. A reciprocidade é só um meio para apaziguar o estranho, o qual precisa ser domesticado, ou seja, trazido para o convívio social deles para que possam ser úteis à consecução de seus propósitos de donos das terras recém “achadas”.

Ao final da carta, obviamente baseado em suas convicções pessoais, Caminha expressa a sua preocupação com o bem-estar espiritual daquele povo desconhecido. Embora seja objeto de discussão em que medida esta preocupação seria real ou faria, apenas, parte de um protocolo

¹⁹Transcrição paleográfica: Pareçeme jemte de tal jnoçencia que se os home[m] emtendese e eles anos. Que seriam logo xpaãos por que eles nō teem nem emtendem em nhuu[m]a creemça seg^o parece. Epor tamto se os degradados que aqui am de ficar aprenderem bem asua fala eos em tenderem. / nom doujdo seg^o asanta tençam de vosa alteza fazeremse xpaãos e creerem na nossa samta fê. aaqual praza anosso Snör que os traga. / por q[ue] çerto esta jente he boa e de boa sijnprezidade e enpremarsea ligeirame[n]te neeles qualq[ue]r crunho que lhes quiserem dar e logo lhes nosso Sor deu boos corpos e boos rrostros comaaboos homee[n]s. e ele que nos per aquy trouue creio que nom foy sem causa e por tanto Vosa alteza pois tamto deseja acreçentar na santa fe catolica. deue emtender em sua salua çam e prazera ads que com pouco trabalho sera asy / eles nō lauram nem criam nem ha aquy boy nem vaca nem cabra nem ovelha nem g^a nem out^a nhu[m]a alimarea que custumada seja ao viuer dos homee[n]s.

²⁰Este não foi um fenômeno tipicamente americano, subsistindo, também, durante séculos na Europa, quando a maioria da população possuía tradições prevalentemente orais. Segundo o historiador Carlo Ginzburg (2006, p. 16 e 17), “[...] os historiadores não podem se pôr a conversar com os camponeses do século XVI (além disso não sabem se os compreenderiam). Precisam então servir-se sobretudo de fontes escritas (e eventualmente arqueológicas) que são duplamente indiretas: por serem escritas e, em geral, de autoria de indivíduos, uns mais outros menos, abertamente ligados à cultura dominante. Isso significa que os pensamentos, crenças, esperanças dos camponeses e artesãos do passado chegam até nós através de filtros e intermediários que os deformam”.

para agradar a estrutura de poder da corte, o fato é que ele coloca esta inquietação como uma prioridade a ser atendida:

Mas o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que aí não houvesse mais que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria, quanto mais disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento de nossa santa fé. E neste maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta vossa terra vi²¹ (Caminha, 1500, Gav. 15, mç. 8, n.º 2, f. 13v e 14).

Outro viajante do Século XVI, o francês, Jean de Léry²², que esteve no Brasil, fez algo pouco comum para a sua época. Na relação que estabeleceu com os povos nativos, ele foi além da descrição de impressões e estranhamentos a partir de seu ponto de vista. Primeiro, foi capaz de lançar um olhar crítico sobre si mesmo (o europeu) ao observar o modo de vida dos tupinambás, com os quais morou por quase um ano:

E de fato nem bebem eles nessas fontes lodosas e pestilenciais que nos corroem os ossos, dessoram a medula, debilitam o corpo e consomem o espírito, essas fontes em suma que, nas cidades, nos envenenam e matam e que são a desconfiança e a avareza, os processos e intrigas, a inveja e a ambição. Nada disso tudo os inquieta e menos ainda os apaixona e domina, como adiante mostrarei (Léry, 1961, p. 91).

A segunda coisa é que Léry, de certa forma, dá voz ao “selvagem americano” quando narra uma parte do diálogo que teria tido com um velho tupinambá, possibilitando uma inversão de papéis, onde o europeu deixa de analisar as estranhezas do “selvagem” e passa a ser o objeto de análise deste, tornando-se o Outro incompreensível, cujas atitudes parecem sem sentido:

Os nossos tupinambás muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar o seu arbutan. Uma vez um velho perguntou-me: Por que vindes vós outros, maírs e pêros (franceses e portugueses) buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraíamos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas (1961, p. XX).

Retrucou o velho imediatamente: e porventura precisais de muito? — Sim, respondi-lhe, pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados. — Ah! retrucou o selvagem, tu me contas maravilhas, acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: Mas esse homem tão rico de que me falas não morre? — Sim, disse eu, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo: e quando morrem para quem fica o que deixam?

²¹Transcrição paleográfica: pero omjlhor fruto que neela se pode fazer me parece que sera saluar esta jemte e esta deue seer aprincipal semente que vosa alteza em ela deue lamçar. Eque hy ãõ ouuese ma is ca teer aquy esta pousada pera esta naue gaçom de calecut. / abastaria / quanto majs desposiçã perase neela conprir e fazer oq[ue] vossa alteza tamto deseja .s. acrecentam^{to} danosa santa fe /. E neesta maneira S^{or} dou aquy avosa alteza doque neesta vosa trra vy.

²²Jean de Léry publicou, em 1578, *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* (*História de uma viagem feita na terra do Brasil*).

— Para seus filhos se os têm, respondi; na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos. — Na verdade, continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo, “agora vejo que vós outros mairs sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados” (Léry, 1961, p. 134 e 135).

Ainda que na ausência de relatos diretos dos moradores da América daqueles tempos, o diálogo apresentado por Léry, mesmo que filtrado por suas idiossincrasias mostra que no encontro entre sujeitos, resultante das viagens, ambos são afetados e passam por transformações, seja na maneira como veem um ao outro ou a si mesmos.

Durante os séculos seguintes muitos encontros se repetiram por conta das viagens empreendidas pelos europeus ao continente americano. Também, muito americanos foram levados para a Europa por vários motivos, seja como escravos, intérpretes, através de acordos com chefes tribais ou para serem exibidos como figuras exóticas do Novo Mundo.

Na maioria dessas viagens, promovidas por inúmeros interesses, sequer a identidade dos viajantes americanos era nomeada, sendo mais comum serem apenas quantificados, como no exemplo de Colombo ao escrever ao rei que mandara capturar sete “deles” para levar consigo e aprender a língua. Contudo, dos poucos que foram nomeados cabe registrar o caso do carijó Esseméricq. Após um acordo, partiu no navio do capitão Gonneville – que aportara em águas que, hoje, correspondem ao norte do litoral catarinense –, para uma viagem da qual deveria ter retornado, Essoméricq permaneceu na França até sua morte, tendo sido transformado à semelhança do Outro Europeu. Aprendeu a língua, foi batizado segundo a tradição católica romana, casou-se e teve filhos.

Em algumas situações, os efeitos e as mudanças advindas do encontro com o Outro só aparecem muito tempo depois, como no caso que envolveu o naturalista Carl Friedrich Philipp von Martius e o zoólogo Johann Baptist von Spix que viajaram pelo Brasil entre os anos de 1817 e 1820, retornando para a Europa a partir de Belém do Pará.

Nesta viagem foi recolhido e enviado para Munique, reino da Baviera, um imenso “acervo”, incluindo diamantes das Minas Gerais, animais, plantas e um vasto material colhido na região amazônica. Composto as coleções de *peças vivas* estavam quatro americanos, três do povo Miranha e um Juri, adquiridos durante a viagem pelo Brasil. Dois conseguiram chegar vivos ao continente europeu. Uma menina, que foi chamada Isabela Miranha, e o menino, nomeado Johannes Juri.

O fato tomou proporções espetaculares na Baviera, Martius e Spix foram recebidos pelo rei Maximiliano José I e os dois jovens viajantes americanos apresentados à corte a fim de satisfazer a curiosidade geral. Os periódicos descreviam as características daquelas estranhas “peças”, conforme descrito por Maria de Fátima Costa:

Esses fatos logo chegaram a toda a sociedade muniquense pelas páginas dos periódicos *Flora – Ein unterhaltungs Blatt* [Uma revista para o entretenimento] e *Müncher Politische Zeitung* [Jornal Político de Munique], que circularam no dia 12 de dezembro de 1820, nas quais também informavam sobre os dois índios: O *Flora* noticiava que *são um rapaz e uma menina de uns 12-14 anos. O rapaz tem boa estatura e a fisionomia do rosto é do tipo que também poderíamos encontrar entre nós, nos estratos mais baixos da sociedade. Em torno da boca tem um quadrado tatuado, mas que não apresenta incisões, como às vezes se vê entre os mouros [...]. O seu cabelo é preto, duro e liso, como também o da menina. A sua cor é amarelo-marrom. A menina é baixinha, de figura larga e sem qualquer expressão no rosto. Dizem que provém de uma horda de antropófagos. O rapaz, porém, vem das proximidades dos assentamentos portugueses no Brasil, por isto quiçá a sua fisionomia [seja] mais nobre* (Flora, 12.12. 1820) (Costa, 2019, p. 14). [...] se diz que o menino sente a maior rejeição contra a menina, porque ela pertence a uma tribo de selvagens que matou e comeu seu pai (Münchner Politische Zeitung, 22.12. 1820, p. 70 apud Costa, 2019, p. 14).

Os jovens não resistiram muito tempo na Europa. Juri morreu em 1821 e Isabela no ano seguinte. A rainha Karoline da Baviera mandou construir uma tumba para abrigar os restos mortais daqueles viajantes forçados, e ali foi colocada uma placa de bronze representando fisicamente os dois americanos de forma que em nada se assemelha às pinturas e desenhos feitos deles em vida (Figura 4). Posteriormente a placa, representando os dois em corpos belos e saudáveis sob o sopro criador, foi retirada e atualmente encontra-se no Museu da cidade de Munique.

Figura 4 - Estela Mortuária da tumba Juri e Isabela, 1822.
Autor: Johann Baptiste Stiglmaier.



Fonte: [Jornal artelegie - Imagem](#).

Nas notas autobiográficas que escreveu ao final da vida, ainda ecoava na memória de Martius o encontro e o arrependimento por ter, na época, considerado o Outro americano como somente uma peça viva para compor suas coleções:

Quando retornei do Japurá para Maracuru, à propriedade do capitão Zany – ele tinha ficado para trás, doente, em Ega –, seu capataz, por ordem do seu senhor, me apresentou aos índios, dentre os quais eu poderia escolher um para levar e mostrar na Europa, com a presunção de que eu poderia educá-lo para a humanidade europeia, conforme eu pretendia. Na manhã seguinte – antes da partida –, um grupo de índios homens se apresentou no pátio diante da casa, e eu fiz a escolha. Assinalei o belo rapaz Juri, que o capataz retirou do grupo, e o olhar do pai desse rapaz não o seguiu, porém seguiu a mim. Era uma pergunta? Era raiva? Nunca esqueci esse olhar. Um ano depois, quando o rapaz morreu em Munique, do mal dos pulmões, isso voltou a mim como uma carga muito pesada. Eu paguei o perigo de ter o endurecimento da alma e com isso aprendi amor e admiração pela natureza humana. Através de uma má ação, me transformei num amigo da humanidade (Martius, 1862, Ms. BSB Martiusiana, cod. III.A.3.4, apud Costa, 2019, p.1).

Os breves relatos de viajantes aqui expostos exemplificam aquilo que foi dito anteriormente, ou seja, a chegada em uma estrutura de interação humana, critério para as bases de uma identificação cultural, faz com que haja uma tendência não de uniformidade, ao contrário, de reforço das diferenças e, frequentemente, do estabelecimento de uma hierarquia de domínio e subordinação que pode resultar em um vínculo de hospitalidade ou rechaço e violência.

Tal percurso pela história de viajantes de vários tempos e lugares apresentado nesta subseção, desde a Antiguidade clássica até o período moderno, que culminou com algumas considerações sobre o (des)encontro entre europeus e ameríndios iniciado no século XVI, nos permite compreender algumas questões importantes para o objetivo desta pesquisa. A primeira observação a se fazer é a de que o relato de viagem não surge como uma forma isolada, mas como um gênero construído ao longo de séculos. Assim, o texto de Gaetano Osculati sobre a Amazônia do século XIX é entendido aqui como parte dessa tradição discursiva, na qual o viajante se coloca como mediador entre o eu que narra e o outro observado. Trata-se de uma posição que, neste caso, coloca o sujeito europeu em um lugar de centralidade que lhe permite a construção do outro. Estas estratégias narrativas como evidenciadas nos exemplos anteriores, presentes já na Antiguidade, têm sido constantemente reiteradas e reelaboradas no decorrer dos séculos.

Sem desconsiderar que os contextos históricos e as motivações do deslocamento se transformam ao longo do tempo, pode-se afirmar que a dinâmica do olhar colonial permanece em Osculati, pois, no seu retrato da Amazônia, interpreta e representa o espaço, a natureza e as populações locais a partir de suas aspirações, imaginários e referenciais próprios. Como

européu, ele trazia consigo as narrativas de séculos de história da “descoberta das américas e sua conquista” e do processo de exploração e confronto ao longo destes. Essa influência pode ser vista em algumas das impressões da viagem presentes em *Esplorazione delle Regioni Equatoriali* no qual o viajante deixa transparecer um sentimento utópico de poder recuperar algo que foi perdido em um passado distante. A América desde o início foi vista pelos exploradores como uma espécie de paraíso, local de beleza e fartura (Franco Jr., 2021). A beleza das pessoas, matas, rios e animais, e a fartura de água, alimentos, terras, metais e pedras preciosas são assim narradas por Osculati:

A vegetação não pode ser mais exuberante, e o viajante a cada trecho pode admirar a mais estranha variedade de flores e de frutos, e aqui e acolá grupos de antigas árvores em cujas copas pairam miríades de multicoloridos passarinhos, que com seus cantos alegam o severo silêncio daquelas solitudes²³ (1854, p. 223).

Tornava-se ainda mais agradável a perspectiva dessas colinas adentrando-se na floresta próxima; lá descendo desfrutei de toda a delícia de ver-me em meio a uma verdejante pradaria recortada em todos os lados por límpidos riachos, com belas plantações de bananeiras, e ouvia-se por todos os lados o alvoroço e os gritos dos macacos e dos papagaios, e a gritaria das meninas que estavam lavando e banhando-se²⁴ (1854, p. 224).

Se por um lado a exuberância da natureza, as florestas densas, os rios caudalosos, os animais exóticos e as terras férteis pareciam confirmar antigas lendas sobre terras abençoadas além-mar – como se Deus tivesse reservado à Europa um presente inédito, um campo aberto para a riqueza e a salvação – a América era também o desconhecido ameaçador, pois a vastidão das terras, os animais exóticos, as doenças tropicais e, sobretudo, o encontro com povos nativos de culturas tão diferentes gerava desconfiança e alimentava a ideia do “bárbaro”, do “pagão” inimigo do cristianismo. Desde os primeiros contatos com a América, portanto, o europeu teve dela uma visão ambígua, entre o desejo e o medo, entre o céu e o abismo, como um espelho de suas próprias contradições, entre o sonho da abundância e a experiência do caos que culminaram por fazer dessas terras também um lugar infernal, perigoso e sem regras, que precisava ser conquistado e civilizado, como se nota igualmente nas palavras de Osculati:

Todos indistintamente, homens e mulheres, inclinados à patuscada e a bebidas alcoólicas; todos imersos na mais abjeta depravação, fomentada tanto pelo mal exemplo das autoridades, que se permitem ao mais escandaloso concubinato, quanto

²³La vegetazione non può essere più rigogliosa, e il viaggiatore ad ogni tratto può ammirare la più strana varietà di fiori e di frutti, e qua e colà gruppi di annosi alberi fra le cui frondi si librano miriadi di variopinti uccelletti, che coi loro canti allegrano il severo silenzio di quelle solitudini.

²⁴Ridente diveniva più ancora la prospettiva di questi colli inoltrandosi nella vicina foresta; quivi scendendo godei tutta la delizia di vedermi in mezzo ad una verdeggiante prateria frastagliata per ogni dove da limpidi ruscelli, con belle piantagioni di bananieri, ed udivasi per ogni dove il frastuono e le grida delle scimmie e dei pappagalli, e lo schiamazzo delle fanciulle che stavano lavando e bagnandosi.

por não se achar entre eles, faz anos, algum pároco ou missionário, que coloque o mínimo de impedimento a tanta torpeza²⁵ (1854, p. 224).

Aquela desolada solitude estava tão infestada de jacarês, que por toda a margem via-se fervilhar estes répteis horrorosos intencionados a devorar as carcaças e os couros dos peixes-boi, as escamas e crânios de *pirarucù* [pirarucu] abandonados às margens pelos pescadores, lutando pelas presas imundas com os cães, sem se preocupar em fugir à aproximação do homem. Atirei em um desses répteis com a minha carabina, mas ele logo mergulhou na lama e desapareceu²⁶ (1854, p. 226).

Décadas depois de sua viagem, essas ideias que hoje são vistas como preconceituosas e predatórias continuaram a ecoar na mentalidade europeia como se pode observar no periódico *L'esplorazione Commerciale*, edição de setembro de 1889, que exalta o heroísmo e a importância da empreitada de Osculati:

Todos o dissuadiam da empreitada, apontando-lhe os perigos. Tratava-se de viajar por milhares e milhares de quilômetros através de florestas virgens onde a face do homem branco era desconhecida, onde perambulavam tribos cruéis, sempre em guerra entre si e avessas a qualquer forma de civilização; famosas apenas na ciência de preparar venenos. Era necessário transpor rios e córregos sem pontes, lutar com as feras, suportar corajosamente o jejum, dormir entre pântanos e, às vezes, desafiar o mais terrível de todos os inimigos: o sentimento da mais completa solidão. Mas nada disso desviou o intrépido Osculati de seu projeto. Sofreu doenças, foi várias vezes traído, abandonado, roubado pelos índios, passou inúmeras noites sob a abóbada estrelada do céu, alimentou-se de frutas e de carne de macacos, mas conseguiu realizar a empreitada e levou consigo para a pátria, como já mencionamos, abundantes coleções de armas, utensílios, tecidos e produtos, que atualmente adornam, ao menos em grande parte, o Museu Cívico de Milão²⁷ (Corio, 1889, p. 300).

Como já mencionado e demonstrado pelos exemplos de viajantes apresentados, identidade e alteridade são elementos indissociáveis das viagens, independentemente se a relação com o outro se dá em termos equitativos ou desiguais, seja por hierarquização, subordinação, dependência ou dominação.

²⁵Tutti indistintamente, uomini e donne, inclinati alla crapula ed alle bevande alcooliche; tutti immersi nella più abietta depravazione fomentata tanto dal mal esempio delle autorità, che si permettono ogni più scandaloso concubinato, quanto dal non trovarsi fra loro da anni alcun parroco o missionario, che metta il minimo argine a tanta turpitudine.

²⁶Quella desolata solitudine era talmente infestata da alligatori, che tutta la sponda si vedeva brulicare di questi orridi rettili intenti a divorare i carcami e le cuoia de'lamantini, le squamme ed i teschi dei *pirarucù* abbandonati alla sponda dai pescatori, contendendo la sozza preda agli stessi cani, senza curarsi di fuggire all'avvicinarsi dell'uomo. Colpii uno di questi rettili colla mia carabina, ma tosto s'immerse nel fango e scomparve.

²⁷Tutti lo dissuadevano dall'impresa additandogliene i pericoli. Trattavasi di viaggiare per migliaia e migliaia di chilometri attraverso vergini foreste ove era ignota la faccia del bianco, ove scorazzavano tribù crudeli sempre in guerra fra loro ed aborrenti da ogni arte di civiltà; famose soltanto nella scienza di filtrare veleni, ove bisognava varcare fiumi e torrenti, senza ponti, lottare colle fiere, durare animoso il digiuno, dormire fra le paludi e sfidare alle volte il più terribile d'ogni nemico, il sentimento della più completa solitudine. Ma tutto questo non distolse l'intrepido Osculati dal suo progetto. Soffrì malattie, fu più volte tradito, abbandonato, derubato dagli Indiani, passò moltissime notti sotto la stellata volta del cielo, nutrissi di frutta e di carni di scimmie, ma riuscì nell'impresa e portò seco in patria, come già abbiamo accennato, copiose collezioni d'armi, d'arnesi di tessuti, di prodotti, che adornano attualmente, almeno in gran parte, il civico Museo milanese.

Quando olhamos para o passado, geralmente, temos a tendência a sermos rápidos em julgar, aplicando valores e conceitos contemporâneos, ou seja, de fazer crítica histórica com o olhar do presente. Osculati, como todos nós, estava preso ao seu próprio tempo e cultura, com seus conceitos e preconceitos, portanto muito mais identificado com a mentalidade europeia de superioridade e detentora da “responsabilidade” por civilizar outros povos e classificar tudo que seus olhos pudessem ver, seja pela ciência ou para usufruto de seus pares. Também, como qualquer outra pessoa, carregava consigo a complexidade da natureza humana, que se revelava continuamente nos seus relatos de contato com o outro. Como todos os exemplos de viajantes apresentados, Osculati não esteve imune ao mesmo duplo sentimento de repúdio e aproximação, rechaço e violência, que se experimenta num encontro com o outro, em uma viagem. Ao mesmo tempo em que repudia veementemente as bebedeiras e aquilo que chamou de abjeta depravação de homens e mulheres, também foi capaz de demonstrar compaixão pelas crianças que encontrou nos arredores da ilha de Marajó:

Na manhã do dia 25, chegamos a uma pequena cabana, onde lançamos ancora; pulei em terra e, ao chegar ao casebre, deparei-me com uma visão desoladora. Três jovens moças e um menino, órfãos de pai e mãe, mortos em um intervalo de três meses, ambos de febre tifoide, estavam ali abandonados por todos, sem nada para comer além de um pouco de arroz, que eles cultivavam não muito longe da cabana em ruínas, e algumas frutas silvestres.

As doces e pálidas feições daqueles infelizes e a atitude tocante das meninas sepultadas vivas naquelas matas, me comoveram tanto que eu quis compartilhar com eles parte de minhas provisões de peixe seco, carne salgada e farinha de mandioca, podendo este socorro servir para sustentá-los por algum tempo e restaurá-los dos longos jejuns que haviam suportado.

Eu me ofereci para levá-los para o Pará em meu barco, mas eles se recusaram a retornar para sua terra natal em tamanha miséria²⁸ (Osculati, 1854, p. 266 e 267).

Ainda, em outras partes do relato, é possível perceber a complexidade das relações que Osculati estabeleceu, ora evidenciando superioridade, fazendo parecer natural a relação de subordinação da população local aos objetivos de sua viagem, ora inconformado pela forma como esta era tratada. Os excertos que seguem demonstram claramente a relação multifacetada

²⁸Il giorno 25 s'arrivò sul mattino ad una piccola capanna, dove si gettò l'ancora; saltai a terra, e giunto al tugurio, mi si offerse il più desolante spettacolo. Tre giovani ragazze ed un fanciullo, orfani di padre e madre morti nell'intervallo di tre mesi, ambidue per febbre tifoidea, si trovavano là abbandonati da tutti, non avendo per nutrirsi che un po' di riso, che coltivavano poco discosto dalla capanna in ruina, e alcuni frutti silvestri. I dolci e pallidi lineamenti di quegli infelici ed i modi interessanti delle fanciulle sepolte vive in quei boschi, tanto mi commossero, che volli dividere con loro parte delle mie provviste di pesce secco, carne salata e farina di mandioca, potendo questo soccorso servire a sostentarle per qualche tempo ancora, e ristorarle dei lunghi digiuni sopportati. Mi era offerto di condurti tutti al Pará nella mia barca, ma esse ricusarono di far ritorno in sì abietta miseria alla lor patria.

que Osculati estabeleceu durante a viagem ou, ao menos, o contraste entre a ação e o pensamento do viajante:

No mesmo dia do santo Natal, zarpei de *S. Pablo d'Oliveinça* com oito índios Ticunas, que me foram destinados pelo comandante; foi um grande cansaço reuni-los naquele dia solene, achando-se a maior parte dispersa nas casas, onde alegremente dançavam. Não encontrando modo de persuadi-los, foi preciso passar a meios violentos, não poupando os soldados golpes de bastão, a fim de coagi-los a embarcar. A dúvida de que nos dias sucessivos me teria sido ainda mais difícil conseguir embarcá-los, escondendo-se estes nas florestas, induziu-me a não adiar mais ainda a minha partida²⁹ (Osculati, 1854, p. 225).

Aqueles pobres *tapuyos*, ameaçados diariamente na sua liberdade, seja, como já disse, para embarcarem à força como marinheiros, recrutados para a tropa ou incorporados às companhias de trabalhadores, quase todos se isolaram após terem sofrido todo tipo de privação, vexames de toda espécie e maus-tratos; e seria fácil segurá-los se fossem tratados com gentileza. As autoridades, em vez de fazer prosperar o comércio e a indústria daquela vasta comarca com leis benéficas e adequadas à capacidade daquelas populações, parecem que adotam todos os meios para piorar a condição delas, atormentando-as sem parar, oprimindo-as com tirania e extorsão³⁰ (Osculati, 1854, p. 244 e 245).

Confrontado com as narrativas de outros viajantes de diferentes tempos e lugares, o relato de Osculati reforça a complexidade do olhar do viajante e, no caso dele, do viajante europeu sobre a América e seus povos. Seu testemunho, carregado de contradições que expressam exotismo, repulsa, compaixão, hierarquização e dominação, traduz o modo como a experiência do encontro com o outro serviu tanto para reafirmar a superioridade europeia quanto para expor seus limites, fraquezas e ignorância quanto à cultura estrangeira. A partir dessa ambiguidade, Osculati evidencia que em toda viagem identidade e alteridade se entrelaçam, revelando um novo mundo recém descoberto e o próprio viajante em sua humanidade contraditória.

²⁹Il giorno stesso del santo Natale salpai da *S. Pablo d'Oliveinça* con otto indiani Ticuñas che mi erano stati destinati dal comandante; si durò gran fatica a radunarli in quel giorno solenne, trovandosi la più parte sparsi nelle case, dove allegramente si danzava. Non trovando modo a persuaderli, si dovette passare a mezzi violenti, non risparmiando i soldati i colpi di bastone, onde costringerli ad imbarcarsi. Il dubbio che nei giorni successivi mi sarebbe stato ancor più difficile ottenerne l'imbarco, rintanandosi essi nelle foreste, m'indusse a non differire più oltre la mia partenza.

³⁰Que'poveri *tapuyos*, minacciati ogni giorno nella loro libertà sia, come già dissi, per imbarcarsi a forza in qualità di marinaj, o per arruotarli nella truppa, o incorporarli nella compagnia de' lavoratori, quasi tutti si sono internati dopo aver sofferto tutte le privazioni e vessazioni d' ogni genere e maltrattamenti; e sarebbe pure facile ritenerli quando venissero trattati con dolcezza. Le autorità, in luogo di far prosperare il commercio e l'industria di quella vasta comarca con leggi provvide e adatte alla capacità di quelle popolazioni, pare che adoperino ogni mezzo per peggiorarne la condizione, tormentandole senza posa e opprimendole con angherie ed estorsioni.

2.2.1 Viagens pelo Brasil e Gaetano Osculati - Século XIX

O início do século XIX marca importantes mudanças no cenário brasileiro. Em 1808, ano em que Gaetano Osculati nasce, Goethe publica a primeira parte de *Fausto*, Beethoven apresenta, em Viena, a *Quinta Sinfonia* e as tropas francesas ocupam Roma; aporta no Rio de Janeiro, fugindo do cerco napoleônico, a família real portuguesa, acompanhada por mais de dez mil nobres exilados. A viagem durou cerca de cem dias, com uma escala de cinco semanas em Salvador. Seis dias após desembarcar na Bahia, D. João VI promulgou um decreto abrindo os portos do Brasil para todas as nações amigas, aumentando, consideravelmente, o fluxo de viajantes para as terras brasileiras:

Que sejam admissíveis nas Alfandegas do Brazil todos e quaesquer generos, fazendas e mercadorias transportados, ou em navios estrangeiros das Potencias, que se conservam em paz e harmonia com a minha Real côroa ou em navios dos meus vassallos [...] ficando entretanto como em suspenso e sem vigor, todas as leis, cartas regias, ou outras ordens que até aqui prohibiam neste Estado do Brazil o reciproco commercio e navegação entre os meus vassallos e estrangeiros. (Coleção de Leis do Brasil - 1808, Página 1, Vol. 1).

Antes deste edito real, Portugal mantinha o Brasil praticamente fechado para os estrangeiros. O explorador e cartógrafo britânico James Cook aportou no Rio de Janeiro em 1768, por conta de sua viagem de circum-navegação, mas os botânicos e biólogos que o acompanhavam não puderam deixar a embarcação. O influente naturalista alemão, Alexander von Humboldt, quando estava na Venezuela, foi impedido de entrar no Brasil, em 1800.

Em contrapartida à proteção que ofereciam para Portugal, os ingleses conseguiram alguns privilégios, mesmo antes da abertura oficial dos portos. Em 1807, o mineralista John Mawe foi autorizado a viajar para as Minas Gerais. Percorreu o Brasil até 1811, publicando no ano seguinte *Travels in the Interior of Brazil*³¹, no qual reuniu relatos sobre a terra, sua gente e costumes.

A abertura dos portos fez com que o Brasil se tornasse uma nova atração para exploradores, naturalistas, botânicos, aventureiros e outros tipos de viajantes:

Este ato possibilitou o afluxo de vários viajantes europeus, que buscavam explorar as potencialidades desta parte da América, movidos por objetivos de natureza científica e econômica.

Foi grande o número de viajantes europeus que se dirigiram ao Brasil, nas primeiras décadas do século XIX, para esquadriñar a imensidão de seu território, conhecer cada particularidade da fauna, flora, recursos hídricos e minerais, bem como os costumes de seus habitantes. Dentro desse espírito, dirigiram-se para o Brasil o príncipe Maximilian Alexander Philip de Wied-Neuwied (1815-1817), Carl Friedrich Phillip von Martius (1817-1820) e Johann Moritz Rugendas (1822-1825), todos envolvidos

³¹Disponível publicamente no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: [Viagem ao interior do Brasil](#).

em empreendimentos de natureza científica e movidos pelo mesmo propósito de descobrir as riquezas e belezas desta parte do mundo. (Sallas, 2013, p. 12 e 13).

Em 1816, o Brasil recebe a Missão Francesa. Aproveitando a derrota de Napoleão, D. João VI arregimentou um grupo de artistas ex-apoiadores do então imperador, para, inicialmente, instalar a Escola de Ciências, Artes e Ofícios. Entre eles, Jean-Baptiste Debret. Nomeado pintor da Casa Imperial, deixou um dos mais importantes acervos da iconografia brasileira. Debret não se limitou a retratar a família real e viajou para o Rio Grande do Sul. Voltando ao Rio de Janeiro passou por Desterro, Curitiba, Sorocaba e São Paulo. Em 1831, retornou à França e, a partir de 1834, começou a publicar sua obra em três volumes, *Voyage pittoresque et historique au Brésil*³².

No ano seguinte, 1817, dada a união dos Bragança e Habsburgo, chega ao Brasil D^a. Leopoldina e a chamada Missão Austríaca³³, composta por quinze cientistas, entre eles o zoólogo Johann Baptist von Spix e o botânico Carl Friederich Phillip von Martius. Ambos empreenderam grandes viagens pelo interior do Brasil, passando por Minas Gerais, Goiás, Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão. Também passaram por Belém, navegaram pelo Rio Amazonas até Manaus, seguindo separadamente; Spix pelo Rio Solimões até o Peru e Martius pelo Rio Japurá até os Andes. Foi nesta ocasião que levaram consigo os quatro americanos já referidos. De volta ao velho continente iniciaram, em 1823, a publicação de *Reise in Brasilien*³⁴, uma das mais importantes obras sobre o Brasil, sua natureza e sua gente.

Entre os anos de 1843 e 1847, Francis de Castelnau foi incumbido pelo governo francês de uma viagem para a América do Sul, indo do Rio de Janeiro a Lima e de Lima ao Pará. A viagem liderada por ele tinha o objetivo de recolher e catalogar amostras da flora e fauna buscando a compreensão daquela parte do mundo. No início de 1847 chega em Tabatinga e inicia a descida do Rio Amazonas. Após o retorno à França, publica sua obra, em seis volumes, *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para – exécutée par ordre du gouvernement français, pendant les années 1843 a 1847*³⁵.

³²Disponível publicamente no acervo digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: [Debret - Viagem ao Brasil](#).

³³Nessa missão também esteve presente o botânico florentino Giuseppe Raddi, “Chegou no Rio de Janeiro em 5 de novembro de 1817, se dedicou a recolher plantas e animais, primeiramente nas proximidades do Rio e posteriormente nas montanhas circundantes, como o Corcovado e os Montes de Estrela. Quando retornou para a Itália, no dia 19 de agosto de 1818, levou consigo cerca de 4000 amostras de plantas, além de 300 sementes, 3300 insetos e muitos preparados químicos de pássaros, répteis e peixes” (Kall Alves, 2017, p. 47).

³⁴Disponível publicamente no acervo digital do Senado Federal – Brasil: [Spix e Marthius - Viagem ao Brasil](#).

³⁵Disponível publicamente no acervo digital da Biblioteca Nacional – Brasil: [Castelnau - Viagem ao Brasil](#).

Importante lembrar que quase cem anos antes da viagem de Castelnau, o também francês Charles Marie de La Condamine, um dos poucos estrangeiros a viajar desta forma pelo Brasil antes da abertura dos portos, partiu de Quito, no Equador, pela nascente do Rio Amazonas, descendo em direção ao oceano atlântico. Posteriormente, em 1745, publicou *Relation abrégée d'un voyage dans l'intérieur de l'Amerique méridionale, depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux côtes du Brésil e de la Guiane, em descendant la rivière des Amazone*, um relato minucioso de sua viagem, incluindo as medições geográficas feitas no território e um mapa do curso do Rio Amazonas, traduzido para o português como *Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas*³⁶.

Alguns meses depois de Castelnau, o italiano Gaetano Osculati, continuando uma viagem que o levou à América do Sul, entrou no Brasil pelo mesmo caminho chegando em Tabatinga. De lá, continuou navegando até a cidade de Belém do Pará. Retornando à Itália, publicou, em 1850, a obra que constitui o corpus desta pesquisa – *Esplorazione delle Regioni Equatoriali – lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni. Frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846, 47, 48* [Exploração das Regiões Equatoriais – ao longo do Napo e do Rio Amazonas. Fragmento de uma viagem realizada nas duas Américas nos anos 1846, 47, 48].

Osculati nasceu em 1808, em San Giorgio al Lambro (Paróquia de Vedano al Lambro), uma pequena localidade de Biassono, próximo ao famoso Parque de Monza que atualmente abriga, entre outras coisas, o Autódromo Nacional de Monza, cerca de trinta quilômetros de Milão, na Lombardia. Àquele tempo a região era palco de instabilidade e conflitos. Sob o domínio austríaco, foi invadida, em 1797, pela França de Napoleão, permanecendo assim por um curto período. Entre 1797 e 1802, os austríacos retomam o poder, mas no mesmo ano, Napoleão retorna e, em 1805, proclama-se rei da Itália. Com o fim das guerras napoleônicas, o Congresso de Viena, realizado em 1815, restaurou de novo os austríacos no poder e Milão se tornou a capital do Reino Lombardo-Vêneto.

Filho de uma família burguesa de boas condições econômicas, Osculati iniciou os estudos em medicina na Università degli Studi di Milano, mas após dois anos, deixou o curso. Aplicou-se, então, à navegação. Fez o curso de náutica, em Livorno, e obteve o diploma de Capitão de Longo Curso. Embarcado como cadete para cumprir o estágio obrigatório, fez viagens ao Levante e às Ilhas Jônicas. Porém, as navegações mercantes sob as ordens de outros

³⁶Disponível publicamente no acervo digital do Senado Federal – Brasil: [La Condamine - Viagem ao Brasil](#). Em consulta à referida edição, não foi possível identificar o nome do responsável pela tradução.

não eram o que ele buscava, de modo que decidiu dedicar-se, por conta própria, às viagens e as ciências naturais.

Figura 5 - Gaetano Osculati (1808 – 1894)



Fonte: Esplorazione delle Regioni Equatoriali – 1854.

Considerando seus relatos e a descrição de seus biógrafos, é possível perceber que Gaetano Osculati foi um homem que manteve vivo o desejo de aventura, de estar em terras distantes e desconhecidas, mas também de contribuir com a ciência e a sociedade. A edição de setembro de 1889 do periódico *L'Esplorazione Commerciale* resume, nos seguintes termos, sua intenção de deixar as atividades de marinha:

Dotado desde a juventude de uma constituição física de ferro e de uma grande firmeza de propósito, livre de qualquer preconceito, as dificuldades e os perigos das longas viagens eram considerados por ele como nada comparados ao desejo de conhecer novas terras e novos costumes³⁷ (Corio, 1889, p. 297).

³⁷Dotato fin dalla giovinezza di una ferrea costituzione fisica e di una tenace fermezza di propositi scevro d'ogni pregiudizio le fatiche ed i pericoli di lunghe navigazioni venivano da lui considerati un nulla in confronto del desiderio di veder nuove terre nuovi usi e costumi.

Osculati, ao escrever o prefácio de *Exploração das Regiões Equatoriais*, registra que seu amadurecimento fez com que procurasse, em suas viagens, não só satisfazer seu espírito inquieto e curioso, mas também trazer proveito para a ciência e a sociedade:

Se, nos primeiros anos da minha juventude, um irresistível desejo de aventura, a ânsia de enfrentar os perigos, de contemplar aqueles lugares e monumentos que a minha imaginação infantil tantas vezes fantasiou em sonhos, me levou sozinho e ainda inexperiente, ora a atravessar as areias áridas do Egito e da Arábia, ora a atravessar as imensas planícies dos Pampas e a vencer os picos nevados dos Andes, não trazendo senão vagas impressões dos homens e das coisas; Quando cresci, e a minha mente se fortaleceu com a experiência e estudos engenhosos, apliquei-me para que as minhas viagens deixassem de ser apenas para satisfazer a minha curiosidade e inquietação inatas e fossem dirigidas a outro objetivo, conseguir avançar a ciência e beneficiar a sociedade³⁸ (Osculati, 1854, p.2).

Sua primeira grande viagem foi feita entre 1831 e 1832, quando visitou o Egito, a Palestina, Síria e Ásia Menor, sem, contudo, registrar por escrito essa experiência. Em 1834, percorreu a América Latina a partir do Uruguai e da Argentina, sempre recolhendo amostras de pássaros, insetos, ossos fossilizados e outros materiais nas suas incursões. Permaneceu alguns meses em Buenos Aires, que naquela época tinha 85.000 habitantes, incluindo italianos. Depois partiu com um pequeno grupo para Mendoza e Santiago, tendo passado algumas dificuldades pelo caminho, como o desentendimento com um grupo indígena. Estabeleceu-se por cinco meses em Santiago, no mesmo período em que ocorreu o violento terremoto que destruiu Concepción e Talcahuano (1835).

De acordo com Lodovico Corio, havia também uma motivação adicional para que Osculati fizesse esta viagem, pois queria se afastar da desconfortável possibilidade de submeter-se ao serviço militar sob o domínio austríaco:

Retornando à sua terra natal e não querendo servir a Áustria como soldado, quis ser substituído no exército a todo custo e depois partiu para as Américas. Embarcado em Havre de Grace, em 1834, partiu para Montevideu e Buenos Aires. Tendo percorrido parte da região oriental do Uruguai e da República Argentina, atravessando os Pampas, por 300 léguas, passou ao Chile, cruzando as Cordilheiras e fazendo coletas etnográficas e naturais³⁹ (Corio, 1889, p. 298).

³⁸Se negli anni primi di mia giovinezza un irresistibile desio d'avventure, l'ansia di affrontare pericoli, di contemplare que'luoghi e que'monumenti, che la mia infantile immaginazione aveva tante volte ne' suoi sogni vagheggiato, mi spinse tutto solo e ancora inesperto ora a percorrere le aride sabbie dell'Egitto e dell'Arabia, ora a traversare gli immensi piani delle Pampas e a superare i nevosi gioghi delle Andes, altro non riportandone che vaghe impressioni di uomini e di cose; fatto adulto, avvalorata la mente dall'esperienza e da geniali studii, mi applicai a ciò, che i miei viaggi più non fossero soltanto un vano pascolo alla innata mia curiosità e irrequietudine, ma diretti a un altro scopo, riuscissero di avanzamento alla scienza e di vantaggio alla società.

³⁹Ritornato in patria e non volendo servire l'Austria come soldato volle ad ogni costo farsi supplire nell'esercito e di poi parti per le Americhe. Imbarcatosi all'Havre de Grace, nel 1834 parti per Montevideo e Buenos Ayres. Percorsa in parte la regione orientale dell'Uruguay e la Repubblica Argentina, attraversando le Pampas, per ben 300 leghe passò al Chili, valicando le Cordigliere, facendo collezioni etnografiche e naturali.

Essa experiência na América do Sul dá origem à sua primeira obra, intitulada *Note di un viaggio di Gaetano Osculati nell'America Meridionale, negli anni 1834-35-36* [Notas de uma viagem de Gaetano Osculati pela América do Sul nos anos de 1834, 35, 36], publicada inicialmente no periódico *Il politecnico*⁴⁰, de Milão.

A terceira viagem foi realizada em conjunto com Felice De Vecchi, um amigo de longa data. Em maio de 1841, partiram de Milão em direção a Viena, de lá seguiram o Danúbio até Constantinopla; em seguida, dirigiram-se ao Eufrates oriental e, seguindo por terra, chegaram às encostas do monte Ararate; passaram por várias cidades do Irã, como Khoy, Isfahan, Qom, Tabriz, Teerã, Kashan, Yazd. Estiveram também na cidade arqueológica de Persépolis e no vale de Kazerum e, ao final do ano, após quatro meses de viagem por terra, desfrutaram de alguns dias de descanso em Bushir, no Golfo Pérsico, onde também foram recebidos pelo xeique local antes de embarcarem em um navio militar francês. Em fevereiro de 1842, chegaram em Mascate, a capital de Omã, e de lá, atravessando o Mar Árábico, chegaram a Bombaim, a cidade mais importante da costa da Índia na época. Hospedados na casa de um capitão inglês, aproveitaram um período de repouso e tiveram contato direto com algumas tradições religiosas na área hindu da cidade.

Após um ano da partida de Milão, os dois iniciaram a viagem de retorno, embarcando em um navio britânico, navegando pelo Mar Vermelho até Suez, prosseguindo pelo Nilo e chegando ao Cairo e Alexandria. Por conta de uma peste foram obrigados a permanecer em quarentena em um leprosário por 14 dias, e de lá um navio austríaco os levou a Trieste, onde desembarcaram em 20 de julho de 1842.

O resultado científico mais imediato dessa viagem foi uma grande quantidade de artefatos e uma coleção de besouros, que foram estudados e classificados pelos entomologistas Massimiliano Spinola e Félix Edouard Guérin-Meneville. Essa viagem de pouco mais de um ano deu origem ao livro *Note di un viaggio nella Persia ed Indie Orientali negli anni 1841-42*

⁴⁰Il Politecnico - Repertorio mensile di studj applicati alla prosperità e coltura sociale – Revista dirigida por Carlo Cattaneo (1801-1869), foi publicada sem interrupção entre 1839 e 1844, retornando em 1860. Apesar de uma tiragem média de 500 exemplares, com a maior parte sendo vendida aos associados, tornou-se célebre em toda a Itália - Associazione librai antiquari d'Italia: [ALAI - Il Politecnico](#).

[Notas de uma viagem pela Pérsia e índias Orientais nos anos 1841-42] (Figura 6), publicado em 1844, o que lhe rendeu fama e reconhecimento do público⁴¹.

Figura 6 – Primeira folha de *Viaggio nella Persia e Indie Orientali*.



Fonte: [Google livros - Osculati - Viagem Pérsia.](#)

Ao regressar desta empreitada, Gaetano Osculati começou a planejar uma viagem ao redor do mundo que lhe possibilitaria conhecer lugares não alcançados na viagem anterior:

Logo após chegar dessas remotas regiões do Oriente, fugindo à ociosidade que me era letal, resolvi empreender a viagem de circum-navegação, com a intenção de percorrer as províncias do Hindustão, que na anterior não tinha podido visitar, e assim poder explorar os arquipélagos da Polinésia, que tanto deixam a desejar ao geógrafo e

⁴¹Não foi possível conhecer a tiragem desta obra, mas é importante lembrar que naquela época, em razão das condições econômicas e de acesso à ciência e a cultura, o público leitor não pode ser entendido da mesma forma que hoje e o reconhecimento que Osculati teria recebido poderia estar restrito a um grupo de pessoas ligadas à ciência e cultura. Para se ter uma ideia, mais de 15 anos após a publicação da obra, no primeiro censo realizado em 1861, após a unificação da Itália, a cidade de Milão apresentava índices de analfabetismo de 54% para os homens e 59% para as mulheres, enquanto o país apresentava um índice de 78%, sendo 72% para os homens e 84% para as mulheres. Também, para o mesmo ano foi estimado que 44% da população do Reino da Itália vivia em pobreza absoluta, ou seja, não dispunha de um salário suficiente para suprir as necessidades básicas diárias.

naturalista, e onde ainda estão quentes as cinzas do nosso audacioso compatriota, o Conde Vidua⁴² (1854, p. X).

A viagem foi acompanhada pelo periódico *Annali Universali di Statistica Economia Pubblica, Geografia, Storia, Viaggi e Commercio* [Anais Universais de Estatística Economia Pública, Geografia, História, Viagens e Comércio] (Figura 7). O fascículo de agosto de 1846 anunciou a partida do viajante lombardo:

PARTIDA DO VIAJANTE LOMBARDO GAETANO OSCULATI PARA UMA VOLTA AO REDOR DO GLOBO.

O Sr. Gaetano Osculati, já conhecido por suas excursões aos antigo e novo continentes, impulsionado por um amor cada vez maior pelas ciências naturais, partiu em uma nova viagem. Uma carta escrita por ele a bordo do navio marselhês Auguste-Etienne, nos conta que, como não havia encontrado um embarque pronto para Nova Orleans, decidiu zarpar para o Cabo da Boa Esperança e Ilhas Reunião, empreendendo sua volta ao redor do mundo passando pelo leste da Ásia. Nas Ilhas Reunião e Maurício começará suas coletas naturais para fazer uma primeira remessa ao Museu pátrio em Milão. De Manilha, onde espera estar em seis meses, durante a propícia estação das monções, enviará a segunda, e em dois anos e meio ele se diz honrado em retornar à pátria, cruzando o grande Oceano e o continente americano. A novidade dessa imensa peregrinação e o ganho que ela trará para as ciências naturais acrescentarão para a Itália uma nova coroa às antigas, e teremos o prazer de compartilhar com nossos leitores as preciosas notícias assim que as recebermos⁴³ (1846, p. 181).

⁴²Appena reduce da quelle remote regioni dell'Oriente, schivo di poltrire in un ozio per me letale, mi decisi ad intraprendere il viaggio di circumnavigazione, nell'intenzione di percorrere le provincie dell'Indostan che dell'antecedente escursione non aveva potuto visitare, per quindi perlustrare quegli arcipelaghi della Polinesia, che ancor lasciano tanto a desiderare al geografo e al naturalista, ed ove tuttavia sono calde le ceneri dell'ardito nostro compatriota, il conte Vidua.

⁴³PARTENZA DEL VIAGGIATORE LOMBARDO GAETANO OSCULATI PER UN GIRO ATTORNO AL GLOBO. Il signor Gaetano Osculati già noto per le sue lontane escursioni nell' antico e nel nuovo continente, spinto da sempre crescente amore delle scienze naturali, è ripartito per un novello viaggio. Una sua lettera scritta a bordo della nave marsigliese Auguste-Etienne ci fa noto che non avendo trovato pronto imbarco per la Nouvelle-Orleans, si decise spiegar le vele pel Capo di Buona-Speranza e le isole Borboni, ed intraprendere il suo giro attorno alla terra passando all'est dell'Asia. All'isole Borboni e Maurice comincerà le sue raccolte naturali onde fare un primo invio al Museo patrio di Milano. Da Manilla, ove conta trovarsi in sei mesi mediante la stagione de' propizj monsoni, spedirà il secondo, ed in due anni e mezzo si lusinga tornare in patria attraversando il grande Oceano ed il continente d'America. La novità di questo immenso peregrinaggio, ed il profitto che ne ridonderà alle scienze naturali, aggiungeranno all'Italia novella corona alle antiche, e noi saremo lieti di mano in mano che ci capiteranno le sue preziose notizie di farne parte ai nostri lettori.

Figura 7 - Annali Universali di Statistica – 1846.

ANNALI UNIVERSALI DI STATISTICA, ECC. ECC.
 BOLLETTINO DI NOTIZIE ITALIANE E STRANIERE E
 DELLE PIU' IMPORTANTI INVENZIONI E SCOPERTE,
 O PROGRESSO DELL'INDUSTRIA E DELLE UTILI
 COGNIZIONI.

FASCICOLO DI AGOSTO 1846.

Notizie Italiane.

PARTENZA DEL VIAGGIATORE LOMBARDO GAETANO OSCULATI
 PER UN GIRO ATTORNO AL GLOBO.

Il signor Gaetano Osculati già noto per le sue lontane escursioni nell'antico e nel nuovo continente, spinto da sempre crescente amore delle scienze naturali, è ripartito per un novello viaggio. Una sua lettera scritta a bordo della nave marsegliense Auguste-Etienne ci fa noto che non avendo trovato pronto imbarco per la Nouvelle-Orleans, si decise spiegar le vele pel Capo di Buona-Speranza e le isole Borboni, ed intraprendere il suo giro attorno alla terra passando all'est dell'Asia. All'isole Borboni e Maurice comincerà le sue raccolte naturali onde fare un primo invio al Museo patrio di Milano. Da Manilla, ove conta trovarsi in sei mesi mediante la stagione de' prophyj monsoni, spedirà il secondo, ed in due anni e mezzo si lusinga tornare in patria attraversando il grande Oceano ed il continente d'America. La novità di questo immenso peregrinaggio, ed il profitto che ne ridonderà alle scienze naturali, aggiugneranno all'Italia novella corona alle antiche, e noi saremo lieti di mano in mano che ci capiteranno le sue preziose notizie di farne parte ai nostri lettori.

T. Omboni.

ANNALI. Statistica, vol. IX, Serie 2.^a

13

Fonte: Emeroteca braidense - Agosto 1846.

A Figura 7, apresenta a página do fascículo que retrata Gaetano Osculati sob uma perspectiva que exalta a figura do viajante naturalista como agente do progresso científico, e não apenas como um explorador experiente; como alguém já familiarizado com o “antigo e o novo continente”, mas sobretudo movido por um “amor cada vez maior pelas ciências naturais”, o que lhe confere legitimidade intelectual e moral. Além disso, ao destacar que a viagem foi meticulosamente planejada, e que seriam enviadas remessas de “coletas naturais” ao Museu de Milão, a narrativa reforça a ideia de que a exploração do mundo natural servia diretamente à construção e ao enriquecimento do conhecimento científico europeu, ligado, por sua vez, às instituições nacionais de saber. Por fim, o resultado da viagem que conectaria Europa, África, Ásia e América seria positivo porque não se limitaria à esfera individual, mas estaria ligado ao engrandecimento da Itália, que teria acrescida “uma nova coroa às antigas”. Essa metáfora

traduz o valor político e cultural atribuído à ciência como fonte de prestígio e, conseqüentemente, aos viajantes que se dispunham a cumprir o papel de servir à pátria nessa função.

Retornando à biografia de Osculati, vê-se que aquilo que foi noticiado sobre sua “volta ao redor do globo” não chegou a se concretizar. Logo no início de sua circum-navegação, um incêndio atingiu o navio ainda no Mar Mediterrâneo, o que fez com que ele, aproveitando outra embarcação que estava de partida, rumasse para a América do Norte, ainda com o objetivo de cumprir o planejado, conforme informado no fascículo seguinte do mesmo periódico:

No fascículo de agosto próximo passado anunciamos a partida para uma volta ao redor do globo, do lombardo Gaetano Osculati. Agora, com imenso pesar anunciamos como o navio, sobre o qual ele embarcou para Marselha, foi sujeito a um desastre que o fez ir a pique por causa de um incêndio. Não podemos melhor narrar o desastre que aconteceu ao nosso concidadão do que publicando a carta que ele escreveu ao seu dileto amigo, dr. Tito Omboni, o qual gentilmente nos comunicou do fato. Caríssimo amigo.

Gibraltar, 19 de agosto de 1846.

[...] Depois de muito navegar à bolina, com o vento oeste continuando a soprar forte e sempre levados pelas correntes, impedindo-nos de desembocar no Oceano Atlântico, decidimos ancorar na enseada de Algeciras, mas no mesmo momento percebemos que o fogo havia se manifestado a bordo. Uma fumaça muito densa que subia de vários lados, principalmente do alojamento dos marinheiros, nos fez perceber a terrível situação, sabendo que estávamos carregados de objetos que poderiam facilmente pegar fogo, como carvão, do qual tínhamos 80 toneladas, além de barris de bebidas alcóolicas, óleos, alcatrão etc. Nos obrigamos a descer para apagar o fogo, mas ninguém pode resistir, correndo o risco de ser asfixiado.

[...] e, a essa altura, o navio e a carga estão quase totalmente perdidos, e mal conseguimos salvar nossos pertences. Agora estou a bordo do brigue Il Fortunato, capitão Artigue, onde também nosso capitão e os passageiros se refugiaram e logo partirão para Marselha às custas do governo francês, mas seu amigo não pensa assim, pois recusou a oferta, desejando, ainda meio ansioso, prosseguir viagem. Não sei, ainda, a direção que poderei tomar⁴⁴ (1846, p. 302 a 305).

⁴⁴Nel fascicolo di agosto p.p abbiamo annunciato la partenza per un giro attorno al globo del lombardo Gaetano Osculati. Ora con sommo dispiacere dobbiamo annunciare come la nave sulla quale egli prese il suo imbarco a Marsiglia andò soggetta d un disastro che la fece andare per incendio a picco. Non possiamo meglio narrare il disastro accaduto al nostro concittadino che stampando la lettera ch'ei scrisse al suo diletto amico dott. Tito Omboni, il quale per favore ce ne diede comunicazione.

Amico Carissimo.

Gibilterra, il 19 agosto 1846.

[...] Dopo lunghi bordeggi, e continuando il vento d'ovest con forza, e sempre trasportati dalle correnti, impedendoci sì sboccare nell'Oceano Atlantico, se decise d'ancorare nella rada d' Alghesiras, ma nel momento stesso accorsimo che il fuoco erasi manifestato a bordo. Un densissimo fumo che sortiva da più lati e principalmente dalla camera de' marinaj, ci fè conoscere la nostra terribile situazione, sapendo trovarci di carica oggetti facili a prendere fuoco, come carbone del quale ne avevamo 80 tonnellate, più barili di spiriti di liquori, olii, catrame, ecc. Ci forzammo di discendere per estinguerlo, ma nessuno poté resistere, correndo il pericolo d' essere asfissati.

[...] ed a quest' ora la nave ed il carico é quasi intieramente perduto, ed a stento noi potemmo salvare in parte i nostri effetti. Ora io mi trovo a bordo del brik il Fortunato capitano Artigue dove pure si è refugiato il nostro capitano ed i passeggeri, i quali presto partiranno a spese del governo francese per Marsiglia, ma non così la pensa il tuo amico perchè ha rifiutata l'offerta, desiderando comunque mezzo avaligiato di proseguire il suo viaggio. Non sò tuttora la direzione que potrò prendere.

Ainda, o mesmo fascículo noticia que, em outra carta, Osculati informa que conseguiu negociar para embarcar para um novo destino, Nova Iorque. Ao mesmo tempo nos dá a conhecer que a Sociedade Geográfica de Paris, uma das instituições mais afamadas da época, fundada em 1821, contando com pessoas influentes como Alexander von Humboldt e Júlio Verne, também estava acompanhando sua viagem, uma vez que ele era um de seus filiados.

Tendo chegado, ontem, a este porto o navio Zoe, sob o comando do capitão Tarabochia, de Trieste, com destino a New-York, sendo obrigado a ancorar devido aos ventos contrários de oeste, fiz um acordo com ele e agora tudo está pronto para nossa partida. Hoje à noite, talvez, poderemos levantar velas, pois o vento começa a ser favorável. Peço-lhe que me escreva para New-York, caixa postal, onde ficarei por alguns meses. De lá, com barcos a vapor que navegam no Mississippi, passarei para Nova Orleans, depois para o Texas e até mesmo ao México, antes de passar para o mar do Sul. Espero ser mais afortunado nesta travessia. Hoje mesmo escrevi ao secretário da Sociedade Geográfica de Paris anunciando minha viagem e o motivo de minha nova direção⁴⁵ (1846, p. 305).

Osculati viajou pelos Estados Unidos e Canadá, cujas informações foram publicadas por meio de carta enviada ao amigo Omboni⁴⁶. Depois, dirigiu-se para a Jamaica quando a embarcação na qual viajava foi atingida por um furacão. Diante das enormes adversidades encontradas e a perda de boa parte dos seus pertences, Osculati abandona a ideia inicial e cruza para o Hemisfério Sul, dispondo-se a uma nova aventura, registrada nos *Annali Universali di Statistica Economia Pubblica, Geografia, Storia, Viaggi e Commercio*:

Pelo que escreve, parece que pretende abandonar a planejada volta de circum-navegação para cruzar a América seguindo o curso do Rio Napo e do Amazonas até a sua foz no Pará. Deste novo projeto promete mais informações que comunicaremos com prazer assim que as recebermos⁴⁷ (1847, p. 226).

Este novo projeto, impulsionado pelos vários infortúnios pelos quais passou, deu origem à já citada obra *Esplorazione delle Regioni Equatoriali*, tema deste estudo.

Em seu prefácio, os inesperados acontecimentos da viagem foram assim descritos por Osculati:

Mas o homem propõe e Deus dispõe; em frente a Algeciras, à beira do Atlântico, um incêndio devorou o navio mercante em que eu estava embarcado, deixando-me

⁴⁵Giunto jeri in codesto porto la nave Zoe comandata del capitano triestino Tarabochia con direzione a New-York, ed obligato ad ancorare pei venti contrari d'ovest; m'accordai collo estesso, e diggià tutto è pronto per la nostra partenza. Stanotte forse ci porremo alla vela incominciando il vento ad esserci favorevole. Ti prego a scrivermi a New-York, posta restante, dove mi tratterò por qualche mese, di là con battelli a vapore, che navigano sul Missisipi, passerò a Nouvelle-Orleans, indi al Texas, e perfino al Messico, prima di passare nel mare del Sud. Voglio sperare che sarò più fortunato in questa traversata. Oggi stesso ho scritto al segretario della Società geografica di Parigi annunciandone il mio viaggio, ed il motivo della mia nuova direzione.

⁴⁶Publicada em *Annali Universali di Statistica Economia Pubblica, Geografia, Storia, Viaggi e Commercio*, fascículo 31, de janeiro de 1847.

⁴⁷Da quanto scrive pare voglia abbandonare il progettato giro di circumnavigazione, per attraversare l'America segnando il corso del Rio Napo e quello delle Amazzoni sino al suo sbocco al Pará. Di questo nuovo progetto promette ulteriori ragguagli che comunicheremo con piacere appena ricevuti.

naquela costa sozinho e quase despojado dos meus principais recursos. Fui obrigado a mudar de ideia e aproveitar-me do navio dalmata, Zoe, que de Gibraltar zarpava para New-York, não desanimado pela minha má sorte, sempre firme no propósito de realizar a viagem planejada, empreendendo-a a partir da costa ocidental.

Depois de tocar o solo americano, percorrer a maior parte dos Estados Unidos e visitar o Canadá, retornei a New-York, de onde embarquei no navio De Zaldo que levantava velas em direção à Jamaica. Um terrível furacão, que nos atingiu perto das Ilhas Bermudas e assolou toda a costa do Mar das Antilhas, obrigou a tripulação a jogar fora toda a carga e tive o restante dos meus pertences avariados, de tal forma que fui obrigado a desistir da ideia de fazer a peregrinação que havia planejado. Voltei então meus passos para outro lugar e, sabendo que abaixo do Equador existiam regiões onde nenhum europeu jamais havia pisado, ou que só haviam sido exploradas na primeira metade do século passado por algum missionário, sobre as quais havia poucos e incertos relatos, decidi cruzar o istmo do Panamá, de onde fui para Guayaquil, o porto da República do Equador no Oceano Pacífico, e para Quito, sua capital no altiplano de Pichincha e Chimborazo. De lá, cruzando os Andes mais uma vez, seguindo o curso do Napo desde sua nascente até sua foz no Rio Amazonas, eu pretendia chegar ao centro do continente americano, cruzá-lo em seu ponto mais largo e, finalmente, chegar em algum porto no Atlântico, do Grão-Pará, uma província do império brasileiro⁴⁸ (Osculati, 1854, p. X e XI).

A viagem de Osculati não significou apenas uma aventura exploratória, mas também uma experiência de navegação que contribuiu de modo bastante significativo para o conhecimento científico da região e de suas culturas locais, bem como contribuiu para a construção de um discurso de celebração da ciência, do viajante-naturalista e da “nação” italiana, características centrais do imaginário científico do século XIX, o qual a Itália, mesmo que ainda não unificada e não formada enquanto país, buscava alcançar. Como foi dito, nas suas incursões, a exemplo das outras viagens que realizou, Osculati coletou plantas, minerais, insetos, pássaros e artefatos produzidos por diversos povos que foram doados ao *Museo Civico di Storia Naturale di Milano*, onde permaneceram até agosto de 1943, quando bombardeios aéreos destruíram quase completamente o museu e suas coleções.

⁴⁸Ma l'uomo propone e Dio dispone; in faccia ad Algesiras, proprio al limitare dell'Atlantico, un incendio divorò la nave mercantile sulla quale mi trovava imbarcato, lasciandomi su quel lido solo e quasi spoglio delle principali mie risorse. Mi fu forza mutar consiglio, ed approfittare della nave dalmata la Zoe che da Gibilterra salpava per New-York, non scoraggiato della mia mala ventura, fermo sempre nell'idea di effettuare il progettato viaggio, intraprendendolo dai lidi occidentali. Toccato il suolo americano, percorsa buona parte degli Stati Uniti, e visitato il Canada, ritornava a New-York, donde sul brick De Zaldo faceva vela per la Giamaica. Un terribile uragano, che ci sorprese all' altezza delle isole Bermude e che desolò tutto il litorale del mar delle Antille, costrinse l'equipaggio a far getto di tutto il carico, e a me avariò il rimanente degli effetti in modo, da obbligarli a deporre affatto il pensiero di compiere la peregrinazione che aveva divisata. Volsi quindi altrove i miei passi, e conoscendo come sotto l'Equatore esistessero regioni dove non per anco aveva posto il piede alcun Europeo, o che solo erano state esplorate nella prima metà dello scorso secolo da qualche missionario, intorno alle quali scarse ed incertissime erano le relazioni, mi decisi di traversare l'istmo di Panama, donde mi recai al Guayaquil, porto della repubblica dell'Equatore nell'Oceano Pacifico, e a Quito sua capitale sull'altipiano del Pichincha e del Chimborazo. Di là, superando di bel nuovo le Andes, seguendo il corso del Napo dalle sorgenti alla sua foce nel rio delle Amazzoni, io intendeva riuscire proprio nel centro del continente americano, attraversarlo nella sua maggior larghezza, e toccare infine a qualche porto dell'Atlantico del gran Parà, provincia dell'impero brasiliano.

De acordo com Corio (1889, p. 297) a parte mais importante e valiosa da coleção de Osculati havia sido doada ao conde Ernesto Turati, estando exposta em seu acervo privado. Outra parte, incluindo exemplares do pirarucu e peixe-boi, venenos usados pelo Ticunas, ouro e outros objetos naturais foi para o Museu Cívico de Milão. Por último, seu precioso herbário foi entregue, como presente, à Sociedade Geográfica Italiana.

Em relação ao patrocínio para a realização da viagem, é válido ressaltar que, ao contrário de outros viajantes estrangeiros que ficaram conhecidos no Brasil, como Martius, Spix, Langsdorff e Castelnau, Gaetano Osculati não obteve um financiamento governamental, mas contou com a ajuda de pessoas ligadas ao *Museo Civico di Storia Naturale di Milano* para que pudesse reunir uma preciosa amostra naturalista que foi importante para o desenvolvimento de estudos de renomados cientistas italianos (Visconti, 2001).

Sua viagem teve características diversas das grandes expedições feitas ao Brasil, no séc. XIX. Não contava com uma equipe para executar tarefas diárias de subsistência, nem de especialistas responsáveis por coletar amostras da flora e fauna, retratar paisagens, reunir artefatos e documentos e preparar anotações para compor uma narrativa da viagem. No prefácio da obra, ele mesmo informa que contava com seus próprios meios financeiros para fazer o que seria a sua viagem de circum-navegação:

Em agosto de 1846, zarpei de Marselha no navio francês Auguste Etienne que estava navegando para a Ilha Bourbon, a fim de, depois de superar o Cabo da Boa Esperança, completar a viagem de circum-navegação. Não subsidiado pela liberalidade de nenhum governo, não apoiado pelo entusiasmo e pelos conselhos de sociedades científicas, lancei-me em uma peregrinação aventureira com os meios limitados que a fortuna de um indivíduo proporciona, confortado apenas pela esperança de que meus trabalhos e sacrifícios trariam algum brilho de volta à minha terra natal e alguma vantagem para os ramos da história natural aos quais me dediquei inteiramente⁴⁹ (1854, p.2).

Ele não entrou no Brasil pelo Rio de Janeiro como a maioria dos viajantes faziam e, inclusive, conforme indica seu relato, não possuía, previamente, um visto de entrada para o País quando chegou ao Forte de Tabatinga, na fronteira com o Peru:

O comandante daquela guarnição havia partido para Loreto naquele mesmo dia, nem pudemos nos encontrar no caminho, tendo ele que se manter perto da margem ao subir o rio, quando eu, ao contrário, fui remando no fluxo da corrente. A viagem, que eu fiz na descida em 6 horas, ao subir dura um dia inteiro. Por tal imprevisto, vi-me obrigado a ficar por lá mais tempo do que havia proposto, a fim de esperar o seu retorno, já que

⁴⁹Nell'Agosto 1846 io salpava da Marsiglia sulla nave francese Auguste Etienne che faceva vela per l'isola Borbone, onde, superato il Capo di Buona Speranza, compiere il viaggio di circumnavigazione. Non sussidiato dalla liberalità di alcun governo, non sorretto dagli eccitamenti e dai consigli di Società scientifiche, io mi lanciai in sì avventurosa peregrinazione fornito di quei limitati mezzi che porge la fortuna di un privato, confortato soltanto dalla speranza che dalle mie fatiche e dai miei sacrificj ridonar ne potesse qualche lustro alla mia terra natale, e alcun vantaggio a quei rami della storia naturale cui ho consacrato tutto me stesso.

havia dado ordem ao filho para não endossar passaportes para qualquer um que chegasse, fosse proveniente do Peru ou do Brasil⁵⁰ (Osculati, 1854, p. 216).

Durante a viagem, como foi dito, Osculati irá relatar o encontro com vários povos como os Ticuna, Munduruku, Miranha, Kokamas, Múra e outros. Anotará situações em que esteve sujeito a perigos e furtos, além de descrever incursões feitas em matas vizinhas a cidades e aldeias, o *modus vivendi* das populações locais, aspectos dos animais e plantas que conheceu, tendo coletado não só estes como também artefatos artesanais, armas e venenos usados nas várias regiões por onde passou.

Em 1848, praticamente coincidindo com o final de sua viagem, os motins revolucionários que eclodiram na Europa e, especialmente, em Milão, o levaram a retornar à sua cidade. A edição de setembro de 1889 do periódico *L'Esplorazione Commerciale* explicará o fim de sua viagem: “Mas está viagem ele não pode completar como desejava, porque, próximo à costa do Brasil, no Grão-Pará, tendo sabido, por meio de jornais europeus, sobre a expulsão dos austríacos de Milão, nos cinco gloriosos dias de 1848, quis retornar para a pátria⁵¹” (Corio, 1889, p. 298).

Dois anos depois, em 1850, publica, também conforme já referenciado, o relato da viagem, sob o título *Esplorazione delle regioni equatoriali – lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni. Frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846, 47, 48* [Exploração das regiões equatoriais – ao longo do Napo e do Rio Amazonas. Fragmento de uma viagem realizada nas duas Américas nos anos 1846, 47, 48], objeto desta dissertação.

Em 1857, decidiu concluir suas atividades como viajante e colecionador científico com uma viagem ao Egito, Índia e China, onde, a pedido de alguns proprietários de terras milaneses, tentou em vão estabelecer criatórios de bicho-da-seda. Da viagem, realizada principalmente pelos itinerários já percorridos em 1831 e 1841, elaborou um relato manuscrito que acabou sendo perdido pela editora.

⁵⁰Il comandante di quel presidio era partito per Loreto quello stesso giorno, né ci eravamo potuti incontrare in cammino, avendo egli dovuto tenersi vicino alla costa nel rimontare il fiume, quando io al contrario era andato vogando nel filone della corrente. Il viaggio, che compiesi nella discesa in 6 ore, nel rimontare dura un'intera giornata. Per tale accidente mi trovai costretto di dimorarvi più a lungo di quello avessi divisato, onde attendere il di lui ritorno, giacché avea dato ordine al figlio di non vidimare passaporti a chiunque fosse arrivato, proveniente sia dal Perù che dal Brasile.

⁵¹Ma questo viaggio non poté egli compire come era suo desiderio perchè giunto alla costa del Brasile al Gran Pará saputa per mezzo dei giornali europei la cacciata degli Austriaci da Milano nelle cinque gloriose giornate del 1848, volle ripatriare.

Quando da reedição, em 1929, em dois volumes, da narrativa sobre a passagem de Osculati na América Equatorial, a perda do manuscrito relacionado à viagem de 1857 foi confirmada por sua filha Giuseppina, conforme relatado na introdução de Gerolamo Bottoni:

Alguns anos depois, em 1857, Osculati realizou sua última viagem ao Egito, ao Hindustão e à China, durante o bombardeio de Cantão, sobre o qual, talvez, tenha redigido um relato, pois sua filha, senhora Giuseppina, escreveu-me: “Papai sempre falou de certas notas de viagem que entregou a um editor milanês para que fossem publicadas; mas este não só não as publicou, como disse tê-las perdido: disse ter perdido aquele manuscrito que era tão precioso para Papai!”⁵² (Bottoni, 1929, p. 37).

Após o casamento com Lucia Cecilia Tagini, com quem teve duas filhas, retirou-se à vida privada. Dentre os títulos que recebeu, estão o de membro correspondente da Sociedade Geográfica de Paris e da Real Academia Peloritana de Messina (1845), membro da Academia de Naturalistas Aspirantes de Nápoles (1846); foi nomeado membro honorário do Ateneu de Ciências, Letras e Artes de Bergamo (1857) e cavaleiro da Ordem Mauriziana (1880), título este oferecido pelo rei da Itália, Umberto I.

A destacar também que, em 1880, o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, passando por Milão, desejou conhecê-lo pessoalmente e, em gesto de gratidão, o chama de “O Marco Polo do Brasil” (Schultz, 2017).

Gaetano Osculati, morreu em Milão, em 14 março de 1894, sendo sepultado no cemitério monumental, onde sobre sua lápide está a seguinte inscrição:

AO CAVALEIRO GAETANO OSCULATI – LOMBARDO, CONSIDERADO O MARCO POLO DO BRASIL E VIAJANTE NA ARÁBIA – NA PÉRSIA – NA ÍNDIA. ENSINOU AOS ESTRANGEIROS E AOS LONGÍNQUOS O GRANDE NOME DA ITÁLIA. HAJA PAZ E GLÓRIA PARA ELE QUE, NASCIDO EM VEDANO DI MONZA, MORREU EM MILÃO, AOS OITENTA E SEIS ANOS, EM 14 DE MARÇO DE 1894⁵³ (Bottoni, 1929, p. 48).

Em 2008, por ocasião do bicentenário do nascimento de Osculati, o Museu Cívico de Carlo Verri, de Biassono, promoveu eventos comemorativos com palestras e exposições relembrando suas viagens e obras publicadas (Figura 8).

⁵²Dopo alcuni anni, nel 1857, l'Osculati compì l'ultimo suo viaggio nell'Egitto, nell'Indostan, nella Cina, durante il bombardamento di Canton, del quale, forse, ha steso la relazione, poichè la figliola, signora Giuseppina mi scriveva: «Papà ha sempre parlato di certe Note di viaggio che consegnò ad un editore milanese, perché venissero stampate; ma questi non solo non glielne stampò ma disse d'averle smarrite: d'aver smarrito quel manoscritto che a Papà era tanto prezioso!»

⁵³AL CAV. GAETANO OSCULATI – LOMBARDO PARVE IL MARCO POLO DEL BRASILE E VIAGGIATORE IN ARABIA - IN PERSIA - IN INDIA. INSEGNÒ AGLI STRANIERI ED AI LONTANI IL NOME GRANDE D'ITALIA. SIA PACE E GLORIA A LUI CHE NATO IN VEDANO DI MONZA MORIVA IN MILANO OTTANTASEIENNE IL 14 MARZO 1894.

Figura 8

Painel - Exposição 1808 – 2008 - Bicentenario della nascita di Gaetano Osculati.



Fonte: Museo Carlo Verri.

Em 2012, também em Biassono, foi criada a Associazione Culturale Gaetano Osculati, com o objetivo de construir pontes de colaboração internacional e valorizar os talentos da Itália, a partir da redescoberta da história de seus exploradores. Posteriormente o projeto da associação foi expandido e passou a chamar-se Casa degli Esploratori⁵⁴. Originalmente coordenado pela Associazione Culturale Gaetano Osculati em colaboração com parceiros públicos e privados, inspira-se no *L'Esploratore*, o primeiro jornal de assuntos exteriores da Itália, publicado originalmente em Milão pelo geógrafo Manfredo Camperio, entre 1877 e 1896, do qual foram utilizados vários excertos para este trabalho.

Nesta subseção, com o objetivo de contextualizar as circunstâncias que envolveram a viagem de Osculati, foi feito um estudo sobre as viagens ao Brasil, no século XIX, após a transferência da família real portuguesa, em 1808, de Lisboa para o Rio de Janeiro, quando transformações políticas, culturais e científicas começam a formar um novo cenário que, não

⁵⁴Sítio eletrônico: <https://www.odosophia.it/casadegliexploratori/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

só proporcionou a chegada de missões científicas estrangeiras, mas também facilitou o acesso de naturalistas às terras brasileiras, entre os quais Osculati, cuja biografia aqui apresentada juntamente com o contexto brasileiro, também contribui para a compreensão de sua formação intelectual e de sua trajetória pessoal e científica que culminaram na viagem pelo território amazônico. Na próxima parte, desenvolvo uma reflexão sobre o conceito de literatura de viagem e suas implicações e relações com a obra de Gaetano Osculati, objeto dessa pesquisa.

2.3 LITERATURA DE VIAGEM

A literatura de viagem é uma forma de escrita bastante antiga e ampla. Citados anteriormente, a narrativa da Epopeia de Gilgamesh remonta aos primeiros séculos do segundo milênio a.C.. A Odisseia de Homero está situada no primeiro milênio a.C. e a viagem de Egéria ocorreu no século IV d.C. Como gênero literário é tão difícil de ser definida quanto é a própria literatura. A literatura como uma coletânea de obras de valor real, inalterável e que se distingue por algumas características comuns, não existe. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então, ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. Nesse sentido, podemos pensar na literatura menos como uma qualidade inerente, ou como um conjunto de qualidades evidenciadas por certos tipos de escritos que vão desde Beowulf até Virginia Woolf, do que como várias maneiras pelas quais as pessoas se relacionam com a escrita. Não seria fácil isolar, entre tudo o que se chamou de “literatura”, um conjunto consoante de características inerentes (Eagleton, 2006, p. 13).

A literatura de viagem implica, necessariamente, na realização de uma viagem, real ou não, a qual fornece as condições para a produção de um texto escrito, seja em forma de diário, carta, testemunho, documento ou autobiografia. Todas essas formas de escrita que, naturalmente, pressupõe um leitor, podem estar permeadas de elementos fictícios que acabam por alterar o modo como ele irá abordar e se relacionar com a obra. Conforme Mary Anne Junqueira (2011, apud Schemes, 2015), embora os limites entre ficção e realidade sejam tênues, ninguém lê Moby Dick da mesma forma que lê o diário de viagem de Charles Darwin. Assim, este gênero apresenta um aspecto híbrido, já que pode servir de fonte documental para historiadores, sociólogos e antropólogos, na medida em que relata fatos testemunhados e relações sociais desenvolvidas nos mais variados ambientes e sociedades, mas também contém elementos fictícios introduzidos, voluntariamente ou não, pelo escritor, dadas as circunstâncias, conceitos, preconceitos, relações de curto prazo com a população local e outros fatores que podem conduzir a uma visão alterada da realidade, refletida na escrita.

A literatura de viagem mantém uma relação estreita com o contexto histórico no qual ocorre a viagem. As viagens são efetuadas em momentos diversos com objetivos de exploração colonial, negócios, aventureiro, político, científico ou turístico que, atualmente, é responsável

pela parcela mais significativa das viagens⁵⁵. Estas viagens são financiadas por órgãos estatais, empresas privadas ou recursos dos próprios viajantes. A narrativa destas viagens, por meio da escrita, alcança um público diverso em tempos e contexto diferentes, apresentando descrições que colocam o leitor em contato com novos lugares, povos, sociedades, usos e costumes que, em certo sentido, mudam o seu modo de ver e se relacionar com o mundo (Schemes, 2015).

O processo que envolve a literatura de viagem é marcado por um deslocamento físico no tempo e no espaço. É preciso deslocar-se, ver, descrever e, assim, publicar. Neste processo, o viajante escritor descreverá aquilo que viu, sua relação com as pessoas e a paisagem. A sua percepção dos lugares, dos povos e costumes será influenciada por seu conhecimento prévio, suas crenças e expectativas em relação a tudo aquilo que o circunda. O registro dos eventos, das circunstâncias e das escolhas sobre o que escrever, ou seja, sobre aquilo que foi considerado importante de descrever para o leitor, passa por estes fatores e, também, pela memória da pessoa que escreve.

Ao descrever a guarnição de Tabatinga, o primeiro lugar que Gaetano Osculati se alojou no Brasil, o autor, por exemplo, escolheu relatar as circunstâncias desagradáveis do local, considerando as informações que ele traz a respeito do corpo militar que compõe a estrutura daquela guarnição, reforçando para o leitor, especialmente o de sua época, a imagem e o contraste entre a “Europa civilizada” e o “Brasil atrasado” e, ao mesmo tempo, evidenciando o caráter exótico e perigoso e, portanto, aventureiro de sua viagem:

A guarnição de *Tabatinga*, terra na fronteira do Brasil com o Peru, é composta por um comandante com 30 soldados, a maioria homens insubordinados, de má fama, desordeiros e ladrões, enviados, por castigo, de várias partes do império para lá. Em 1846 os soldados haviam assassinado o comandante, saqueando sua casa; alguns, como eu já narrei, escaparam para o Peru, outros espalhados por vários pontos do Amazonas viviam de roubos e assassinavam os viandantes⁵⁶ (Osculati, 1854, p. 217).

A memória é fundamental na construção das narrativas de viagem porque é a partir dela e/ou de sua perda que a viagem será apresentada ao leitor. O declínio da memória é um processo natural que não está, necessariamente, ligado à idade ou a perda de qualquer capacidade cognitiva, mas se relaciona com o tempo transcorrido entre o fato e a sua narração,

⁵⁵Turismo de lazer é a parcela mais significativa globalmente, representando a maioria das chegadas (69%) e a maior parte dos gastos (80%). Também cresce o chamado *bleisure*, uma mescla de viagem de negócios que incorpora oportunidades turísticas ou um estilo de vida que une trabalho e viagens. Disponível em: <https://www.odosophia.it/progetto-cde/>. Acesso em: 08 nov. 2025.

⁵⁶Il presidio di Tabatinga, terra ai confini del Brasile col Perù, è composto di un comandante con 30 soldati, la più parte uomini insubordinati, di mala fama, turbolenti e ladri, inviati colà per castigo delle varie parti dell'impero. Nel 1846 vi avevano i soldati ucciso il comandante, saccheggiandone la casa; alcuni, come già narra, erano scampati nel Perù, altri sparsi nei varj punti dell'Amazzone vivevano di rapine ed assassinavano i viandanti.

lembrando que nem todos os relatos de viagem são escritos ao mesmo tempo em que a viagem está sendo realizada e muitas vezes são baseados em anotações ou esquemas, estes sim contemporâneos à viagem. O declínio da memória, associado a fatores como a cultura, convicções pessoais, momento histórico, etc. e ao modo particular que cada experiência marca a pessoa, implica no fato de que muitas destas narrativas que se propõem “históricas” contenham algo de fictício, pois nem tudo pode ser recuperado da memória, sendo ela, também, fonte de ficção. Além deste declínio, o impacto da experiência vivida pode levar o viajante escritor a crer que alguma coisa tenha acontecido de maneira que não corresponda exatamente ao fato. Por exemplo, uma experiência de encontro como uma onça ou uma serpente é muito diferente para quem vive em um ambiente onde esses encontros ocorrem com frequência, em comparação à vivência de alguém que não está habituado a esse tipo de situação. A percepção do perigo, das dimensões dos animais e da proximidade destes podem ser alteradas pela maneira com que a experiência afeta diferentemente cada pessoa, modificando, conseqüentemente, a narrativa do que aconteceu. Este elemento subjetivo, do qual o viajante escritor não está isento, colocará o leitor em contato com um mundo de descrições e imagens que, certamente, habita entre o real e o fictício, daí a característica híbrida da literatura de viagem.

No trecho seguinte, Osculati fornece um exemplo de uso da memória no sentido cognitivo, mas igualmente como representação sensorial, recorrendo a ela para descrever as sensações provadas (subjetividade) em um determinado lugar:

Tornava-se ainda mais agradável a perspectiva dessas colinas adentrando-se na floresta próxima; lá descendo desfrutei de toda a delícia de ver-me em meio a uma verdejante pradaria recortada em todos os lados por límpidos riachos, com belas plantações de bananeiras, e ouvia-se por todos os lados o alvoroço e os gritos dos macacos e dos papagaios, e a gritaria das meninas que estavam lavando e banhando-se⁵⁷ (Osculati, 1854, p. 224).

Mesmo que o viajante procure ser “neutro” em sua narrativa, haverá sempre, em maior ou menor medida, elementos subjetivos porque a escrita é particular e reflete algo do sujeito que escreve. Neste sentido, Moraes Cunha destaca:

É enquanto apreensão pessoal e subjetiva que os relatos de viagem são apresentados à instância de leitura, que recebe essas impressões da realidade como captação do olhar do viajante. Determinar o material que poderá constituir-se como matéria narrativa é fundamental, inclusive em termos imagológicos, pelo fato de as escolhas efetuadas serem suscetíveis de revelar, por um lado, a mitologia do narrador-viajante e, por outro o imaginário de seu tempo. De fato, muitas das imagens que circulam na literatura de determinada época dão conta da maneira como dada sociedade vê a outra.

⁵⁷Ridente diveniva più ancora la prospettiva di questi colli inoltrandosi nella vicina foresta; quivi scendendo godei tutta la delizia di vedermi in mezzo ad una verdeggiante prateria frastagliata per ogni dove da limpidi ruscelli, con belle piantagioni di bananieri, ed udivasi per ogni dove il frastuono e le grida delle scimmie e dei pappagalli, e lo schiamazzo delle fanciulle che stavano lavando e bagnandosi.

A autopercepção de uma cultura revela, na verdade, o seu sistema de representações porquanto a forma como uma comunidade percebe outra, estrangeira, mostra os esquemas interpretativos em funcionamento na cultura de partença, através das suas projecções, crenças e preconceitos (Morais Cunha, 2012, p.156).

Osculati, como a maioria dos viajantes que estiveram no Brasil no mesmo século, emite opiniões e juízos a partir de aspectos morais e sociais forjados em seu território de origem. Ao descrever a forma de vida diferente da cultura local, acaba revelando as características da própria cultura que o formou, ou seja, sua cosmovisão, com seus preconceitos e contradições. Assim, narrando suas experiências, descrevendo o que viu, fez e ouviu, o viajante escritor estará expondo, também, algo de si mesmo e de sua cultura.

Desta forma, a literatura de viagem caracteriza-se por uma tensão entre a realidade e a invenção. Observar e representar o mundo que percorre faz com que o viajante transforme a experiência vivida em narrativa, e esta nunca é totalmente factual, passando pela interpretação pessoal, pela memória e pelo estilo de escrita assumido, misturando o documental e o literário, o real e o inventado, tendendo mais para um ou outro de acordo com o objeto da viagem e o objetivo de quem a relata. Este sujeito que escreve, ao mesmo tempo se mostra no texto e se esconde por trás de um discurso autobiográfico, na medida em que é difícil determinar o que revela de uma experiência real, original, e o que é construído para produzir, literariamente, uma imagem ou representação cultural (Morais Cunha, 2012).

Para Luciana Rossato (2007, p.76) o relato de viagem é um tipo de escritura que contempla ou então circula entre a memória, a história, a descrição de aventuras e as informações geográficas, podendo ser apresentado em forma de diário, cartas, autobiografias e ensaios antropológicos, sendo, de certa forma, um gênero “sem lei”. Além disso, salienta que uma característica comum dos relatos de viagem é que estes possuem uma função didática, uma vez que se preocupam em ser um veículo de informação sobre outras regiões.

A literatura de viagem, especialmente aquela produzida nos séculos XVIII e XIX, costuma apresentar uma alternância entre narração e descrição, com a presença do narrador no texto e a organização deste segundo um itinerário. O texto de Osculati é apresentado ao leitor desta forma, ou seja, é um relato linear que narra os acontecimentos na sequência temporal e espacial em que a viagem se desenvolveu, citando os dias em que os fatos aconteceram, permitindo ao leitor acompanhar o desenrolar da viagem. Ao mesmo tempo, Osculati introduz na narrativa a descrição de lugares, pessoas e das espécies que foram coletadas para posterior estudo.

Em relação à presença do narrador no texto, ou seja, do próprio viajante, Rossato (2007, p. 80), ao estudar relatos de viagens ocorridas na então Capitania de Santa Catarina nos séculos XVIII e XIX, destaca que os autores costumam utilizar o verbo na primeira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural, o que incluiria seus companheiros de viagem. Assim, o viajante, apesar de suas observações e experiências, se implica no texto, já que se coloca como sujeito da narração, marcado pelo “eu” e pelo “nós”. Esta característica também está bem marcada no relato de Osculati, principalmente na primeira pessoa do singular já que ele empreendeu a viagem sozinho, tendo somente companheiros temporários ao longo do percurso:

Subindo o *Tonantin* [Tonantins] por um quarto de légua, se encontra uma pequena vila onde fui para comprar alguns cestos de farinha de mandioca para o uso da tripulação.

[...] Tendo adquirido algumas arrobas destes gêneros, parti de *Tonantin* [Tonantins] e retornei ao *Solimoens* [Solimões], continuando a navegação até *Aratuba*, vasta terra antes vazia de habitantes, onde se fabrica a *manteica* [manteiga] ou óleo de testudine (Osculati, 1854, p. 226).

Os relatos de viagem, além de serem documentos de interesse e apoio para historiadores, antropólogos, geógrafos, biólogos, etc., também servem como material de estudo para pesquisadores nas áreas de línguas e literatura. Em relação ao estudo das línguas, a literatura de viagem oferece uma série de informações que contribuem para o desenvolvimento da história de um determinado idioma, apontando como modificações na ortografia e gramática vão ocorrendo ao longo do tempo, além de disponibilizar elementos lexicais e filológicos que caracterizam uma determinada época.

Do ponto de vista da literatura, os relatos de viajantes trazem consigo uma tendência a revelar a mentalidade de uma sociedade em um dado espaço-tempo, mentalidade esta construída pela cultura que, por sua vez, sofre a influência de obras literárias que desempenham um papel formativo em um certo momento histórico. Este cenário social que o escritor vai revelar muitas vezes se manifesta por meio da intertextualidade, um aspecto inerente à literatura:

O que é oferecido ao leitor não é somente a originalidade do relato naquilo que poderia traduzir de um olhar pessoal sobre uma dada cultura, e que conformaria a realidade apreendida por um indivíduo num dado período, mas também uma síntese de referências que se atualizam no relato próprio e trazem ressonância de textos anteriores, explícita ou tacitamente (Cunha, 2012, p. 157).

Por consequência, na literatura de viagem, o relato pessoal apresenta uma combinação daquilo que o viajante viu com aquilo que leu previamente, sejam relatos de viagem sobre a região para onde foi ou outras literaturas que influenciaram sua maneira de ver o mundo e a si mesmo. Isto, em um primeiro momento, pode tornar difícil para o leitor separar ou perceber o

que foi a experiência direta do escritor e o que, simplesmente, ecoa leituras de outros relatos de viagem ou outro tipo de literatura e que podem, até mesmo, terem sido usados como uma espécie de guia para a escrita do próprio relato.

Portanto, a literatura de viagem apresenta-se como um gênero híbrido e multifacetado, que transita entre o documental e o ficcional, entre a observação empírica e a imaginação criativa. Ao mesmo tempo em que registra experiências, lugares e culturas sob o olhar do viajante, revela também as subjetividades, crenças e valores de quem narra. A memória, a percepção de experiências e a linguagem são os elementos mediadores da escrita dos relatos de viagem, tendo como consequência a presença de elementos interpretativos, simbólicos e intertextuais.

Para além de um relato de deslocamento, a literatura de viagem é um espaço de encontro entre o eu e o outro, entre o conhecido e o desconhecido, onde o texto revela, diretamente ou nas entrelinhas, uma época, uma visão de mundo construída a partir destas relações e da interação entre realidade e representação, resultando em uma forma singular de compreender o homem em movimento e sua incessante tentativa de narrar o mundo.

Neste capítulo, foram discutidos os conceitos de viagem, viajantes e literatura de viagem, compreendidos como práticas e representações centrais para a construção de sentidos sobre o mundo em movimento. Na primeira parte, a viagem foi abordada como experiência de deslocamento físico e simbólico, capaz de transformar tanto os espaços percorridos quanto o olhar de quem os percorre. Em seguida, analisou-se a figura do viajante a partir da relação entre o eu e o outro, destacando-se, nesse contexto, a atuação de Gaetano Osculati. Por fim, a literatura de viagem foi compreendida como um gênero híbrido, no qual se entrecruzam relato, ciência e imaginação. Essas reflexões fornecem a base necessária para compreender o texto de Osculati e apresentar a sua tradução, objeto do capítulo que segue.

3 TRADUÇÃO DO ITALIANO PARA O PORTUGUÊS DA OBRA *ESPLORAZIONE DELLE REGIONI EQUATORIALI LUNGO IL NAPO ED IL FIUME DELLE AMAZZONI*

Nos capítulos anteriores da obra de Osculati (XX e XXI), que traduzi por ocasião do Trabalho de Conclusão de Curso – Letras Italiano – UFSC, o autor cruza a fronteira entre Peru e Brasil, chegando ao território brasileiro no dia 10 de dezembro de 1847, na cidade de Tabatinga – AM. Começa a descer o rio Solimões em direção a Belém do Pará, passando por São Paulo de Olivença, Maturá e Santo Antônio do Iça até chegar ao Rio Tonantins. Neste trajeto, entre outras coisas, Osculati vai presenciar a pesca do pirarucu e a coleta de ovos de tartaruga para a produção de óleo.

Agora, apresento a tradução para o português dos capítulos XXII ao XXVII, os quais dão prosseguimento à viagem e encerram a narrativa com a chegada de Osculati a Itália. Na primeira coluna está o texto de partida (TP) e na seguinte, o texto de chegada (TC). Os parágrafos foram mantidos conforme o texto de partida e numerados para facilitar a localização. A numeração das páginas segue as do texto de partida. Todas as notas são de minha autoria, com exceção daquelas no corpo do próprio texto, produzidas pelo autor da obra traduzida. Embora, na apresentação do capítulo XXVII conste o “Catálogo de armas e ornamentos dos selvagens” e “referências/indicações sobre a língua Zápara”, esses trechos não foram traduzidos, por não integrarem propriamente a narrativa da viagem.

As palavras grafadas em itálico, no texto de partida, foram mantidas na tradução, apesar de Osculati não apresentar um critério plenamente consistente quanto ao emprego desse recurso tipográfico. Em relação aos topônimos mais conhecidos, fiz a atualização/tradução para a forma contemporânea mais consagrada, retirando o uso do itálico, como, por exemplo, nas formas *Gran Parà*, *Manaos*, *Belem*, *Macapà*, *Cuyaba*, *Santarem* e *Mattogrosso*, que foram, respectivamente, traduzidas para Grão-Pará, Manaus, Belém, Macapá, Cuiabá, Santarém e Mato Grosso. Essa escolha busca favorecer a legibilidade e a adequação ao uso corrente, sem comprometer a inteligibilidade histórica do texto.

Como dito na introdução, é importante relembrar que o projeto de tradução não se propõe a retificar ou transpor para palavras dicionarizadas os termos usados e/ou adaptados que o autor tenha feito para dar conta de transmitir ao seu leitor primário aquilo que via e vivia nas terras amazônicas, no séc. XIX. Considerando as possibilidades específicas que a pesquisa acadêmica proporciona, a fim de evitar o apagamento do autor e preservar o caráter histórico-documental do texto, esses termos, em geral, foram mantidos como testemunho de uma escrita

singular, moldada pelo contexto e pelas limitações enfrentadas diante de paisagens, culturas e idiomas diversos.

Assim, procurei mantê-los como se apresentam no texto de partida, seguidos do vocábulo em português, entre colchetes. Algumas palavras são seguidas de um asterisco, indicando que houve dúvida ou não foi possível identificar o local, a etnia ou outro elemento lexical.

As informações sobre o tratamento de outros aspectos da tradução como adaptações fonológicas, topônimos e elementos de fauna e flora serão tratados em detalhes na seção seguinte, correspondentes aos comentários de tradução.

3.1 CAPÍTULOS XXII AO XXVII

TEXTO DE PARTIDA (TP)	TEXTO DE CHEGADA (TC)
— 226 —	— 226 —
Capitolo XXII (Dal 25 Dicembre 1847 al 5 Gennaio 1848) Il rio <i>Tonantin</i>. – Le acque nere. – Scaturigini del rio <i>Yutai</i>. – Sbarco all'aldea di <i>Fonteboa</i>. – Incontro del Vescovo del Gran Pará. – Sua missione. – L'Huackarì o scimmia a faccia rossa. – Pericolosa navigazione. – Villaggio di <i>Ckaisarà</i>. – Indiani <i>Cocamas</i>. – Caccia delle testuggini. – Il rio <i>Yapurà o Caqueta</i>. – Arrivo ad <i>Egas</i>.	Capítulo XXII (De 25 de dezembro de 1847 a 5 de janeiro de 1848) O Rio <i>Tonantin</i>. – As águas negras. – Nascentes do rio <i>Yutai</i>. – Desembarque na aldeia de <i>Fonteboa</i>. – Encontro com o bispo do Grão-Pará. – Sua missão. – O Huackarì ou macaco de cara vermelha. – Navegação perigosa. – Aldeia de <i>Ckaisarà</i>. – Índios <i>Cocamas</i>. – Caça aos testudines. – O Rio <i>Yapurà</i> ou <i>Caqueta</i>. – Chegada a <i>Egas</i>.
¹ Rimontando il <i>Tonantin</i> per un quarto di lega incontrasi un piccolo villaggio, dove mi recai per comperare alcuni panieri di farina di mandioca ad uso dell'equipaggio. Oltre al pagamento in telerie, durante il viaggio si è anche obbligati passare il mantenimento ai <i>tapuyos</i>, consistente in semplice farina di mandioca e pesce secco, ossia <i>pirarucù</i>.	Subindo o <i>Tonantin</i> [Tonantins] por um quarto de légua, se encontra uma pequena vila onde fui para comprar alguns cestos de farinha de mandioca para o uso da tripulação. Além do pagamento em tecidos, durante a viagem é obrigatório também dar o sustento para os <i>tapuyos</i>⁵⁸, que consiste em simples farinha de

⁵⁸No capítulo XXI, p. 223, Osculati refere-se aos tapuyos como *barbari*, porém reconhece que não se trata de uma etnia, mas de uma designação genérica que engloba várias etnias. Já no capítulo XXIII, p. 234, ele registra que tapuyo é uma designação, no Brasil, para homens de cor. O *Vocabulário Indígena* de J. Barbosa Rodrigues (1894) usa o termo tapuia para se referir ao “índio civilizado”. De acordo com o IBGE (Brasil 500 anos) o termo designa grupos que não falavam a língua geral ou nheengatu, proveniente do ramo tupi.

* Todos os verbetes seguidos de um asterisco não foram identificados ou houve dúvida quanto à correta identificação.

	mandioca e peixe seco, ou seja, <i>pirarucù</i> ⁵⁹ [pirarucu].
2 Le acque di questo fiume sono fuligginose, né vi possono allignare pesci od alligatori; le sue rive poi offrono un altro singolare fenomeno, quello cioè di essere libere dai mosticchi e dalle zanzare, che tanta molestia arrecano a'viaggiatori dell'Amazzone.	As águas deste rio são barrentas, tampouco podem se abrigar nele peixes ou jacarés. As suas margens oferecem um outro fenômeno singular, o de estar livre dos mosticchi ⁶⁰ e dos mosquitos, que tanto incômodo causam aos viajantes na Amazônia.
3 L'acqua posta in vasi di cristallo appare limpida, tirante un po' al giallo aranciato. Esso è navigabile per ben un mese, e accampano sulle sue sponde i <i>Miranhas</i> , <i>Caxicunas</i> e <i>Juripisciunas</i> , che lavorano ad estrarre salsapariglia, ed a preparare farina di mandioca.	A água colocada em vasos de cristal parece límpida, puxando um pouco para o amarelo-alaranjado. É possível navegar nele por aproximadamente um mês e, nas suas margens, acampam os <i>Miranhas</i> [Miránha], <i>Caxicunas</i> * e <i>Juripisciunas</i> [Juri-pixuna], que trabalham na extração da salsaparrilha e no preparo da farinha de mandioca.
4 Fatto acquisto di alcune arrobe di questi generi, partii da <i>Tonantin</i> e rientrai nel <i>Solimoens</i> , continuando la navigazione sino ad <i>Aratuba</i> , grossa terra allora vuota d'abitatori, dove si fabbrica la <i>manteica</i> od olio di testudine.	Tendo adquirido algumas arrobas destes gêneros, parti de <i>Tonantin</i> [Tonantins] e retornei ao <i>Solimoens</i> [Solimões], continuando a navegação até <i>Aratuba</i> *, vasta terra antes vazia de habitantes, onde se fabrica a <i>manteica</i> ⁶¹ [manteiga] ou óleo de testudine ⁶² .

⁵⁹Osculati adapta a palavra usando o acento grave que, na gramática italiana, corresponde ao som aberto. Assim, ele também transmite ao seu público leitor a forma como a palavra era pronunciada. A mesma estratégia também foi usada por ele em *jacarè*, *macucù*, *Yapurà*, *Muplà*, *sucrusgiù* e outros elementos de fauna, flora, étnicos e topográficos.

⁶⁰A pesquisa não localizou nenhum verbete correspondente em português, espanhol e também nos dicionários italiano/italiano consultados. É provável que Osculati tenha utilizado uma forma afrancesada (moustique), mas para se referir a um tipo específico de mosquito (ver a discussão aprofundada no capítulo 4).

⁶¹Para se referir ao óleo ou manteiga extraída de ovos de testudines, Osculati usa uma forma híbrida entre o português e o italiano e espanhol (“manteca” para ambos, cfe. *Dizionario Tommaseo online*; *Vocabolario Universale della Lingua Italiana* – Scarabelli v.5, p.205 e *Diccionario de la lengua española online* - Real Academia Española).

⁶²Apesar da ocorrência, em italiano, dos termos “tartaruga” e “testudine” já datarem do século XIV (*Tesoro della lingua italiana delle origini* - <http://tlio.oiv.cnr.it/TLIO/>), como naturalista, ao invés de referir-se a uma espécie em particular, Osculati optou por usar a classificação taxonômica, referindo-se à ordem *Testudines* (Batsch, 1778), que engloba os répteis conhecidos, popularmente, como cágados, jabutis e tartarugas (não classificados taxonomicamente). A principal fonte para a fabricação de óleo, a partir de seus ovos era a espécie *Podocnemis expansa* (tartaruga-da-Amazônia), morfológicamente, um cágado, da família *Podocnemididae*, encontrada no rio Amazonas e seus afluentes. Para aprofundamento, ver: *Manejo Conservacionista e Monitoramento Populacional de Quelônios Amazônicos*. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/phocadownload/noticias/noticias2016/manual%20quelonios%20digital.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2026; *Testudines (Chelonia) – Classificação e Biologia dos jabutis, cágados e tartarugas*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uqo36r9XjDU>. Acesso em: 6 abr. 2026 e *Testudines* – Dpto. de Zoologia – UFPE. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ra6ZO3q_zo. Acesso em: 6 abr. 2026.

5 Si arrivò sull'imbrunire alla <i>fattoria</i> detta <i>jacarè</i> (coccodrillo), nella quale pochi indiani si occupano nella pesca de'lamantini e de'<i>pirarucù</i>. Ivi decisi di passare la notte. Quella desolata solitudine era talmente infestata da alligatori, che tutta la sponda si vedeva brulicare di questi orridi rettili intenti a divorare i carcami e le cuoia de'lamantini, le squamme ed i teschi dei <i>pirarucù</i> abbandonati alla sponda dai pescatori, contendendo la sozza preda agli stessi cani, senza curarsi di fuggire all'avvicinarsi dell'uomo. Colpii uno di questi rettili colla mia carabina, ma tosto s'immerse nel fango e scomparve. Le foreste sono infeste da jaguari ed altri animali feroci, tanto che per preservarsi dai loro assalti si è obbligati nella notte a mantener costantemente acceso il fuoco, e a tener sospese le amache molto in alto fra due tronchi d'albero.	Ao anoitecer, cheguei à fazenda chamada <i>jacarè</i> [jacaré], onde poucos índios se ocupam da pesca do peixe-boi e <i>pirarucù</i> [pirarucu]. Lá, decidi passar a noite. Aquela desolada solidão estava tão infestada de jacarés, que por toda a margem via-se fervilhar estes répteis horrorosos intencionados a devorar as carcaças e os couros dos peixes-boi, as escamas e crânios de <i>pirarucù</i> [pirarucu] abandonados às margens pelos pescadores, lutando pelas presas imundas com os cães, sem se preocupar em fugir à aproximação do homem. Atirei em um desses répteis com a minha carabina, mas ele logo mergulhou na lama e desapareceu. As florestas são infestadas de jaguares e outros animais ferozes, de modo que para se proteger de seus ataques é preciso, à noite, manter constantemente o fogo aceso, e deixar as redes suspensas bem alto entre dois troncos de árvore.
— 227 —	— 227 —
6 Si partì di là il dì vegnente di buon mattino, e toccato <i>Aracatuba</i>, si entrò nel <i>parana-miri</i> (ramo) del fiume <i>Yutai</i> per visitare un'altra fattoria, nella quale comperai due arroba di <i>pirarucù</i> secco per l'equipaggio.	Parti de lá no dia seguinte no início da manhã e, chegando a <i>Aracatuba</i> [Araçatuba], entramos no <i>parana-miri</i> [paraná-mirim] do rio <i>Yutai</i> [Jutaí] para visitar outra fazenda, na qual comprei duas arrobas de <i>pirarucù</i> [pirarucu] seco para a tripulação.
7 Le scaturigini dell'Yutai non sono per anco conosciute, ma per quanto mi dissero quegli abitanti, esser dee navigabile per più settimane. Si viaggiò tutto il rimanente del giorno e tutta la notte; sul far del dì si giunse a <i>Fonteboa</i>, dove passai tre giornate. Per tutto questo tratto del <i>Solimoens</i> da S. Pablo d'Oliveinça fino ad Egas l'aria è cattiva, i	As nascentes do <i>Yutai</i> [Jutaí] não são ainda conhecidas, mas, segundo os moradores locais, deve ser navegável por várias semanas. Viajamos o resto do dia e toda a noite. Ao amanhecer, chegamos a <i>Fonteboa</i>⁶³, onde passei três dias. Em todo esse trecho do <i>Solimoens</i> [Solimões], desde S. Pablo d'Oliveinça⁶⁴ a Egas⁶⁵, o ar é ruim, os

⁶³Atual município de Fonte Boa - AM. Taracoatêua ou Taracuariba, aldeia dos índios Omáguas, foi o seu primeiro núcleo de povoamento. Em 1759, foi elevada à categoria de Lugar. Em 1891, foi elevada à categoria de vila com a denominação de Fonte Boa, desmembrando-se do município de Tefé - AM.

IBGE Cidades:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/fonte-boa/historico>. Acesso em: 9 jan. 2026.

⁶⁴São Paulo de Olivença - AM. IBGE Cidades:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/sao-paulo-de-olivencia/historico>. Acesso em: 9 jan.2026.

⁶⁵Atual município de Tefé - AM. Elevado à categoria de vila com a denominação de Ega, em 1759. Instalado em 1833. Elevado à condição de cidade, com a denominação de Tefé, em 1855.

IBGE Cidades:<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/tefe/historico>. Acesso em: 9 jan.2026.

miasmi sono fomite di febbri ad accesso, dette <i>seisons</i>. Anche quei boschi sono frequentati talmente da jaguari, che gli abitanti delle fattorie sono costretti mantenere per custodia una moltitudine di cani, i quali non riescono ad impedire a que'mostri di penetrare nelle capanne e perfino di tuffarsi nelle cisterne dove serbano le testuggini, afferrarle, mozzare loro il capo, e colle zanne dilaniarne le carni, il tutto compiendo con silenzio sì profondo da non permettere ai cani ed agli uomini di avvedersene.	miasmas são motivos de acessos de febres, chamadas de <i>seisons</i> ⁶⁶. Também aquelas florestas são tão frequentadas por jaguares que os habitantes das fazendas são obrigados a manter, por segurança, uma multidão de cães, os quais não conseguem impedir que aqueles monstros penetrem nas cabanas e até mesmo mergulhem nas cisternas onde são armazenados os testudines, agarrando-os, cortando-lhes a cabeça e, com as presas, arrancando-lhes as carnes, tudo isso realizado num silêncio profundo para não permitir que os cães e os homens percebam.
8 Al mio sbarco a Fonteboa mi fu gradito l'incontro col venerando vescovo del <i>Gran Parà</i>, monsignor Alfonso de Moraes Torre, che contava rimontare il fiume sino a <i>S. Pablo d'Oliveinca</i>, in compagnia di un canonico suo segretario e di tre padri cappuccini italiani⁽¹⁾ allo scopo di fondarvi le missioni ed istituire scuole pei fanciulli, battezzando e catechizzando in ogni punto di fermata.	No meu desembarque em Fonteboa tive o prazer de encontrar o venerável bispo do <i>Grão-Pará</i>⁶⁷, Monsenhor Alfonso de Moraes Torres⁶⁸, que pretendia subir o rio até <i>S. Pablo d'Oliveinça</i>, na companhia de seu secretário canônico e de três padres capuchinhos italianos⁽¹⁾, com o objetivo de fundar missões e estabelecer escolas para crianças, batizando e catequizando em cada ponto de parada.
9 Mi presentai all'istante, desideroso di porgere i miei ossequi ad un sì degno pastore, il quale nulla curando i tanti pericoli e le molestie di una sì lunga navigazione, erasi consacrato a quell'impresa a tutte sue spese, nulla avendo potuto ottenere dal Governo brasiliano, che, a quel che pare, non si dà alcun pensiero del ben essere fisico e morale di quelle popolazioni.	Apresentei-me imediatamente, desejoso de prestar minhas reverências a tão digno pastor, o qual sem importar-se com os muitos perigos e padecimentos de uma navegação tão longa, havia se consagrado àquela tarefa às suas próprias custas, não podendo obter nada do Governo brasileiro que, ao que parece, não tem nenhuma preocupação com o bem-estar físico e moral daquelas populações.

⁶⁶Sezão (malária). Conforme o Ministério da Saúde um dos nomes populares para a malária é sezão: “Paludismo, impaludismo, febre palustre, febre intermitente, febre terçã benigna, febre terçã maligna, além de nomes populares como maleita, sezão, tremedeira, bateadeira ou febre”. O termo da forma como foi escrito por Osculati não foi localizado em italiano nem em francês.

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/malaria>. Acesso em: 25 mai. 2025.

⁶⁷A Província do Grão-Pará, que à época era comumente chamada de Pará (do tupi-guarani, rio-mar ou rio grande), foi uma unidade administrativa do final do período colonial e do período imperial brasileiro, originada das capitânicas do Grão-Pará e do Rio Negro. Abrangia uma região muito maior que o atual Estado do Pará, uma vez que naquela época o atual Estado do Amazonas fazia parte daquela província, tendo retomado sua autonomia em 1850, com a criação da Província do Amazonas (Santos, 2023; Biblioteca Pública Arthur Vianna – Obras Raras -Acervo digital, [S.d].)

⁶⁸D. José Afonso de Moraes Torres foi Bispo entre 1844 e 1858. Por assumir o Bispado em uma Amazônia fragmentada pós-cabanagem optou por duas metas: a formação do clero e as visitas pastorais (Molina, 2006).

(1) Erano i padri Fedele, Pietro ed Egidio da Garesio, missionari apostolici.	(1) Eram os padres Fedele, Pietro e Egidio da Garesio, missionários apostólicos.
— 228 —	— 228 —
10 Venni accolto dal venerando prelado e dai suoi compagni colla più schietta affabilità, e fui presentato di varj oggetti, armi, attrezzi ed ornamenti appartenenti alle tribù di quelle vicinanze.	Fui recebido pelo venerável prelado e seus companheiros com a mais sincera afabilidade, e fui presenteado com vários objetos, armas, ferramentas e ornamentos pertencentes às tribos daquela região.
11 Il dì seguente volli assistere al sermone recitato dal vescovo in lingua portoghese alla popolazione di <i>Fonteboa</i> , che erasi radunata tutta sul piazzale avanti alla chiesa, esortando gli astanti alla preghiera, compiangendo la triste loro situazione, privi come erano stati per tanti anni di parroci e di missionarj. Fece distribuire varj libriccini di divozione, medaglie, corone, ed agli anziani del paese compartì consigli sul modo di comportarsi dopo la sua partenza, acciò fossero continuate almeno in parte le pratiche religiose, promettendo loro che si sarebbe adoperato con tutto lo zelo onde indurre qualche missionario a fissare in que'luoghi la sua stanza. Il vescovo mi consegnò una lettera per la <i>Propaganda fide</i> di Lione allo scopo di chiedere qualche zelante religioso, che tutto volesse consacrarsi alla diffusione del Vangelo fra quelle tribù immerse nella più bestiale superstizione.	No dia seguinte, assisti ao sermão que o bispo proferiu em português para toda a população de <i>Fonteboa</i> , que havia se reunido na praça em frente à igreja, exortando os espectadores à oração, lamentando a situação deles, privados como estavam há tantos anos de párocos e missionários. Ele mandou distribuir vários folhetos devocionais, medalhas, coroas, e aos anciãos da aldeia deu conselhos sobre como se comportar depois de sua partida, para que continuassem, pelo menos em parte, as práticas religiosas, prometendo-lhes que trabalharia com todo o zelo para induzir algum missionário a fixar ali a sua moradia. O bispo me entregou uma carta para a <i>Propaganda fide</i> ⁶⁹ de Lyon, com o propósito de pedir algum zeloso religioso que estivesse disposto a se dedicar à divulgação do Evangelho entre aquelas tribos imersas na mais bestial superstição.
12 Fra i varj oggetti statimi donati trovavansi due scimmie vive, una piccola <i>guariba</i> o <i>Mycetes ursinus</i> , ed un <i>huackari</i> . Quest'ultima era singolarissima e simile a quella da me veduta nella discesa del Napo,	Entre os vários objetos que me foram doados encontram-se dois macacos vivos, um pequeno <i>guariba</i> ou <i>Mycetes ursinus</i> e um <i>huackari</i> ⁷⁰ [uacari]. Este último era muito singular e semelhante ao que vi na descida do

⁶⁹Em 6 de janeiro de 1622, o Papa Gregório XV fundou a Sagrada Congregação “de Propaganda Fide” como o órgão supremo para a propagação da fé, atribuindo-lhe um duplo propósito: promover a reunificação dos cristãos e difundir a fé entre os pagãos. A missão da nova Congregação era, portanto, atender à atividade missionária da Igreja, no velho e no novo mundo, com finalidades eminentemente espirituais, abandonando a nefasta prática missionária seguida até então pelos patrocínios coloniais das potências europeias e superando as tendências particularistas da ação missionária das ordens religiosas. O Arquivo Histórico de Propaganda Fide pode ser consultado em: [Propaganda fide](#). Acesso em: 20 jan. 2025.

⁷⁰Huackari – O Uacari, conhecido popularmente como cacajau, acari e guacari (origem no termo tupi waka’ri) é uma espécie de macaco diurno e arborícola, da família dos cebídeos. Apesar de ameaçado de extinção, ainda pode ser encontrado nas florestas alagadas do noroeste da Amazônia. O animal é conhecido, principalmente, pelo tamanho curto da cauda (menor que a metade do comprimento do corpo) e pela ausência de pelos na região da cara, marcada pela cor vermelha.

da me ritenuta come specie nuova, non trovandola descritta nel mio manuale di mammalogia, ed essendo rarissima anche in quelle foreste. Secondo le relazioni avute dagli stessi abitanti di Fonteboa, queste scimmie a faccia rossa non compajono che al momento in cui le testudini depongono le loro uova, essendone assai ghiotte; il rimanente dell'anno stanno nascoste nell'interno di quegli impenetrabili boschi. Quelli che cacciano gli <i>huackari</i>, si recano in riva al fiume, e sui banchi di sabbia frequentati dalle testudini, e là stanno appiattati aspettando il loro arrivo. Non appena sono veduti intenti a dissotterrare le uova, corrono in quella direzione, ed a colpi di frecce li feriscono, giungendo persino a prenderle colle mani allorché nella fuga non vogliono abbandonare le uova che hanno rinvenute nella sabbia. Quando poi le scimmie furono ferite con frecce avvelenate, non appena sono cadute, si affrettano ad applicare sulla piaga del sale che loro fanno anche inghiottire stemprato nell'acqua, antidoto efficacissimo che le risana al momento. L'operazione però deve esser fatta colla massima prontezza; in differente caso, passati cinque o sei minuti, l'animale non è più guaribile.	Napo, que considerei ser uma nova espécie, pois não o encontrei descrito em meu manual de mamíferos, e era raríssimo mesmo naquelas florestas. Segundo relatos dos próprios habitantes de Fonteboa, esses macacos de cara vermelha só aparecem quando os testudines põem seus ovos, sendo muito ávidos por eles. No resto do ano, estão escondidos no interior dessas florestas impenetráveis. Aqueles que caçam o <i>huackari</i> [uacari] vão para as margens do rio e para os bancos de areia frequentados pelos testudines, e lá ficam escondidos esperando a chegada deles. Assim que os veem tentando desenterrar os ovos, correm naquela direção e a golpe de flechas os ferem, chegando até mesmo a pegá-los com as mãos, já que, no momento de sua fuga, não querem abandonar os ovos que encontraram na areia. Quando os macacos são feridos com flechas envenenadas, assim que caem, eles se apressam em aplicar sal na ferida, como também os fazem beber misturado com água, um antídoto muito eficaz que os cura imediatamente. A operação, no entanto, deve ser feita com a máxima presteza, caso contrário, passados cinco ou seis minutos, o animal não poderá mais ser curado.
— 229 —	— 229 —
13 Questa scimmia non ha che pochi peli sul mento, ha la faccia interamente di un color rosso vivace, il pelo rossiccio, quello della testa biancastro e raso, la coda corta, i denti incisivi sono lunghissimi sporgenti in fuori, le labbra tumide, gli occhi bruni, non è fornita di barba, il basso ventre è di color ferruginoso. Vivono in truppe, secondo mi fu detto dagli abitanti di Fonteboa; difficilmente si addomesticano; sono di un naturale melanconico, e alzano grida acute e sempre lamentevoli. Al momento della morte o d'infermità, la faccia che pria era di un bel rosso carmino, diventa pallida, livida o bianca. Si cibano d'insetti, locuste, ragni,	Esse macaco tem poucos pelos no queixo, o rosto é inteiramente de uma cor vermelho vivo, o pelo é avermelhado e na cabeça esbranquiçado e esparso, a cauda curta, os dentes incisivos são muito longos e salientes, os lábios são intumescidos, os olhos castanhos, não tem barba, a parte inferior do abdômen é de cor ferruginosa. Vivem em bandos, segundo o que me foi dito pelos habitantes de Fonteboa, difficilmente deixam-se domesticar; são naturalmente tristes e emitem gritos agudos e sempre lamentosos. No momento da morte ou da enfermidade, seus rostos que antes eram de um belo vermelho carmim, tornam-se pálidos, lívidos

semi, frutti ⁽¹⁾ .	ou brancos. Se alimentam de insetos, gafanhotos, aranhas, sementes e frutas ⁽¹⁾ .
14 <i>Fonteboa</i> è piccola <i>aldeia</i> situata sur un altipiano alla sponda di uno dei bracci del rio <i>Caraicki</i> a circa un miglio di distanza dall'Amazzone, che ivi si allarga formando come una laguna. La popolazione, che non ascende a più di 200 abitanti, è composta di meticci e d'indiani.	<i>Fonteboa</i> é uma pequena <i>aldeia</i> localizada em um platô na margem de um dos braços do rio <i>Caraicki</i> [Gajarai] a cerca de uma milha de distância do Amazonas, que ali se alarga para formar uma lagoa. A população, que não ultrapassa mais de 200 habitantes, é composta por mestiços e índios.
15 Il 2 del gennaio 1848 presi congedo da quei buoni missionarj e partii da Fonteboa colla mia <i>garritea</i> (barca). Non appena sboccato nel <i>Solimoens</i> dal lato sinistro incontrasi il canale di <i>Mupia</i>, (1) Questa rara scimmia venne con tutta la cura possibile mantenuta in vita per cinque mesi senza che avesse risentito il minimo deterioramento in salute, benché presa colla <i>sarbacana</i>. Imbarcatata meco a bordo della nave <i>Nouvelle Eugénie</i>, che dal Gran Para faceva vela per l'Europa, non appena si ripassarono i tropici, incominciò a dimagrire notabilmente, sebbene fosse nutrita tuttavia di banane ed altri frutti serbati per tale oggetto. Vicino alle isole Azzorre, il notevole cangiamento di temperatura la fé' cadere ammalata, ad onta di tutte le cure prestate per ripararla dal freddo e dal vento. La faccia prese un colore azzurro; le sopraggiunse una diarrea di materie assai fetenti, con tutti i più manifesti sintomi di tubercoli al polmone; le gengive gonfie tramandavano sangue; la cicatrice della ferita riportata erasi aperta di nuovo. Volendo ad ogni costo mantenerla viva sino al mio arrivo in patria, la sottoposi ad un regime di vitto differente, con uova e carni, ricoverandola nella mia stessa cabina. Al mio arrivo a Marsiglia gli occhi le si erano infossati e fatti torbidi, e la sua debolezza ora tanta da non potersi reggere in piedi. Nei pochi giorni di mia dimora colà migliorò alcun poco, continuando in tale stato fino al mio ritorno in patria. La spedii in dono al distinto amico dott. F. De Filippi, direttore del museo di Storia naturale a Torino, ritenendola una specie tuttora sconosciuta, ma pochi giorni dopo l'arrivo alla sua destinazione morì di marasmo. Seppi in seguito dallo stesso De Filippi non essere che il <i>Brachyurus calvus</i> di Geoffroy Saint-Hilaire, descritta soltanto da un anno sopra una spoglia recata	Em 2 de janeiro de 1848, despedi-me daqueles bons missionários e parti de Fonteboa com a minha <i>garritea</i>⁷¹ [igarité] (barca). Logo que entra no <i>Solimoens</i> [Solimões] pelo lado esquerdo, encontra-se o canal de <i>Mupia</i>*, (1) Esse raro macaco com todo o cuidado possível, foi mantido vivo por cinco meses sem sofrer a mínima deterioração da saúde, mesmo tendo sido pego com <i>sarbacana</i> [sarabatana]. Embarcado comigo a bordo do navio <i>Nouvelle Eugénie</i>, que partiu do Grão-Pará a Europa, assim que passou pelos trópicos, começou a emagrecer visivelmente, embora fosse alimentado ainda com bananas e outras frutas mantidas para esse fim. Perto das ilhas dos Açores, a notável mudança de temperatura o fez adoecer, apesar de todos os cuidados tomados para protegê-lo do frio e do vento. Seu rosto adquiriu uma cor azulada; abateu-o uma diarreia de matéria muito fétida, com todos os mais evidentes sintomas de tuberculose pulmonar; as gengivas inchadas sangravam; a cicatriz do ferimento havia aberto novamente. Desejando a todo custo mantê-lo vivo até minha chegada em casa, eu o submeti a um regime alimentar diferente, com ovos e carnes, recolhendo-o em minha própria cabine. Na minha chegada a Marselha, seus olhos haviam se afundado e ficado turvos, e sua fraqueza era tanta que ele não podia manter-se em pé. Nos poucos dias de minha estada lá, ele melhorou um pouco, continuando em tal estado até meu retorno para casa. Enviei-o em doação para meu distinto amigo Dr. F. De Filippi, diretor do Museu de História Natural de Turim, acreditando que se tratava até então de uma espécie desconhecida, mas poucos dias depois de chegar ao seu destino ele morreu de fraqueza. Soube em seguida pelo mesmo De Filippi que se tratava do <i>Brachyurus calvus</i> de Geoffroy Saint-Hilaire, descrito há apenas um ano sobre um espólio

⁷¹Igarité ou em tupi Ygar'-eté que significa canoa de madeira feita de tronco inteiriço de árvore; canoa legítima. Canoa com cobertura (Carvalho, 1987).

dal conte Castelnau nel suo viaggio al rio delle Amazzoni.	trazido pelo Conde Castelnau em sua viagem ao rio Amazonas.
— 230 —	— 230 —
che è uno de' tanti bracci o foci del rio <i>Japurà</i> o <i>Caqueta</i> . La navigazione da <i>Fonteboa</i> ad <i>Egas</i> diventa pericolosa in causa degli immensi tratti di terreno boschivo, che corrosi e minati dalle acque repentinamente franano nel fiume, producendo un sobbollimento tale nelle onde, che trovandosi in poca distanza quei fragili navigli corrono rischio di rimanere sommersi. In tale infortunio incappano non di rado coloro, che rimontando il fiume sono obbligati tenersi rasente la sponda onde superare a forza di remi l'impeto della corrente, tirando le <i>alzan</i> as o corde, che devono di tratto in tratto attaccare agli alberi.	que é um dos muitos braços ou fozes do Rio <i>Japurà</i> [Japurá] ou <i>Caqueta</i> [Caquetá]. A navegação de <i>Fonteboa</i> a <i>Egas</i> torna-se perigosa por causa dos imensos trechos de mata, que corroídas e solapadas pelas águas, repentinamente deslizam para o rio, produzindo uma agitação tal nas ondas que, encontrando-se a pouca distância, essas frágeis embarcações correm o risco de ficarem submersas. Esses infortúnios não são raros para aqueles que, subindo o rio, são obrigados a se manter perto da margem para superar, à força dos remos, o ímpeto da correnteza, puxando as <i>alzan</i> as ⁷² ou cordas, que devem, a cada trecho, serem presas às árvores.
17 Il pòvero vescovo poco mancò non rimanesse vittima d'uno di questi scoscendimenti, e solo dovette lo scampo alla somma destrezza dei rematori. Al cadere di quelle frane il frastuono è tale, che se ne può udire il tonfo a due leghe di distanza.	O pobre bispo quase foi vítima de um desses desbarrancamentos, e só escapou graças à suprema destreza dos remadores. Quando ocorrem estes deslizamentos o barulho é tal que o estrondo pode ser ouvido a duas léguas de distância.
18 La corrente era piuttosto rapida per le tante isole che ivi s'incontrano e per le infinite sinuosità del fiume. Arrivato alla bocca del rio Jaruà, poco distante d'Araguari, scesi ad una fattoria per comperarvi tartarughe ad uso mio e dell'equipaggio; in questo frattempo poco mancò che la mia barca calasse a picco, per essersi alla sua prua incuneato un grosso albero, il quale dava a quelle mal connesse tavole le più violenti scosse; per buona ventura si riuscì subito a respingerlo. L'incessante lampeggiare e le dense e nere nubi che si andavano accavallando sull'orizzonte, minacciavano prossimo un terribile uragano, sicché fummo obbligati a	A correnteza era bastante rápida por causa das muitas ilhas que ali se encontram e por causa da infinita sinuosidade do rio. Quando cheguei à foz do rio Jaruà [Juruá], não muito longe de Araguari*, desci em uma fazenda para comprar tartarugas para meu consumo e da tripulação. Neste meio-tempo, faltou pouco para que o meu barco viesse a pique porque se entalou na sua proa uma grande árvore, a qual dava naquelas tábuas mal ligadas as mais violentas sacudidelas; por boa sorte, conseguimos imediatamente repeli-la. Os incessantes relâmpagos e as densas e negras nuvens que estavam se acumulando no horizonte anunciavam a chegada de um terrível furacão, pelo que fomos obrigados,

⁷² Alzana – Sirga. É usado uma técnica pela qual as canoas e batelões navegam no Amazonas no tempo da vazante. Amarra-se à proa uma linha de barca ou cabo fino (sirga) e os tripulantes, correndo pela praia, rebocam a embarcação, que é guiada pelo piloto à popa, no jacumã ou no leme (Morais, 2013).

metterci di bel nuovo al sicuro dietro un isolotto, dove si rimase ancorati sino a mezzanotte. Cessato il temporale, salpammo di là col solo aiuto della corrente e col vento contrario.	novamente, a nos colocar em segurança atrás de uma ilhota, onde ficamos ancorados até a meia-noite. Cessado o temporal, zarpamos dali apenas com a ajuda da correnteza e com o vento contrário.
19 Si arrivò alle ore 2 pomeridiane a Caisarà o Alvarens, piccolo villaggio situato in riva al fiume dello stesso nome. Quivi trovai ospitalità presso un negoziante brasiliano d'Egas, nella cui casa passai il rimanente della giornata. Questi in pochi anni era riuscito a creare in quel luogo una bellissima fattoria, avendo a tutte sue spese fatto atterrare un immenso tratto di selve, che ridusse a coltura, servendosi dell'opera di un centinaio di Cocamas, tuttora al suo servizio, oltre di una ventina di schiavi negri. I Cocamas sono i più abili navigatori del rio delle Amazzoni, assai laboriosi, destri, forniti di molta intelligenza; abitano una parte del territorio di Maynas, sanno costruire buone canoe e tessere eleganti lavori colla paglia toquilla; stante una tal quale analogia	Cheguei às duas da tarde em Caisarà [Caiçara] ou Alvarens ⁷³ [Alvarães] um pequeno vilarejo situado às margens do rio de mesmo nome. Lá, fui recebido por um comerciante brasileiro de Egas, em cuja casa passei o resto do dia. Este, em poucos anos, conseguiu criar naquele lugar uma bela fazenda, tendo, às suas próprias custas, derrubado uma imensa área de floresta, reduzida ao cultivo, servindo-se do trabalho de uma centena de Cocamas [Kokama], ainda a seu serviço, além de cerca de vinte escravos negros. Os Cocamas [Kokama] são os mais hábeis navegadores do Rio Amazonas, bastante diligentes, ágeis, dotados de muita inteligência; habitam uma parte do território de Maynas ⁷⁴ [Mainas], sabem construir boas canoas e tecer elegantes trabalhos com palha toquilla ⁷⁵ ; devido a uma acentuada analogia
— 231 —	— 231 —
della loro lingua con quella degli Omaguas, essi ritengono loro discendenti. Hanno la testa piuttosto grossa; non mi fu dato però di trovarne alcuno fornito di testa quadrata, ridotta in tal modo dalla prima infanzia, come credesi da molti, e come udii ripetere soventi nel Brasile. I Cocamas si strappano	da língua deles com a dos Omaguas [Omágua], eles se consideram seus descendentes. Eles têm uma cabeça bastante grande; no entanto, não consegui encontrar nenhum com cabeça quadrada, reduzida dessa forma desde a primeira infância, como muitos acreditam e como ouvi frequentemente no

⁷³ Distrito criado com a denominação de Caiçara, pela Lei Estadual n.º 176, de 01-12-1938, subordinado ao município de Tefé. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 1.186, de 31-11-1943, o distrito de Caiçara passou a denominar-se Alvarães. Elevado à categoria de município com a denominação de Alvarães, pela Emenda Constitucional n.º 12, de 10-02-1981.

IBGE Cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/alvaraes/historico>. Acesso em: 9 jan. 2026.

⁷⁴ Nome dado a um conjunto de reduções fundadas pelos jesuítas espanhóis a partir 1638. Reunia várias etnias (Fernandes, 2017).

⁷⁵ A palha *toquilla* (Carludovica palmata) é uma espécie de palmeira sem tronco cujas folhas em forma de leque saem diretamente do solo. Cada planta tem folhas largas que chegam a dois ou três metros de comprimento. A parte externa das folhas é verde e o centro é branco. Da parte central é que se obtém a palha para a fabricação de chapéus, por exemplo. A tecelagem tradicional de palha de *toquilla* do Equador é reconhecida, desde 2012, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade e nela se expressa a cultura milenar e ancestral de uma vasta área daquele país, incluindo a sua região amazônica. Disponível em: <https://www.andesamazonfund.org/country/guardianas-del-patrimonio-cultural-y-de-los-ultimos-remanentes-del-bosque-en-la-costa-del-ecuador/>. Acesso em: 8 abr. 2026.

le sopracciglia, hanno occhi grandi neri, naso piuttosto schiacciato e grosso, bocca grande ed il labbro superiore sporgente in fuori e più tumido dell'inferiore, denti bianchi e ben conservati; portano i capelli sciolti; son privi di peli sul mento e sul resto della persona. La tinta della pelle è di un giallo oscuro. Usano del sugo di tabacco che fanno colare nelle nari, al pari degli Zaparos, per mezzo d' un piccolo tubo, o col becco dei toucani. Il loro idioma è sonoro e facile. In quel giorno vidi arrivare in una specie di gran gabbia una quarantina di testuggini, frutto delle loro fatiche di soli tre giorni.	Brasil. Os Cocamas [Kokama] tiram as sobancelhas, têm olhos grandes e negros, nariz bastante achatado e grande, boca grande e o lábio superior protuberante para fora e mais intumescido do que o inferior, dentes brancos e bem conservados; usam os cabelos soltos; não possuem pelos no queixo e no resto do corpo. A cor de sua pele é de um amarelo-escuro. Usam extrato de tabaco que despejam nas narinas, como os Zaparos [Zápara] por meio de um pequeno tubo, ou com o bico de toucani [tucanos]. Seu idioma é sonoro e fácil. Naquele dia, vi chegar em uma espécie de grande gaiola cerca de quarenta testudines, fruto de somente três dias de trabalho deles.
20 Questi rettili vengono presi per la più parte colle frecce a punte di ferro. Appena li vedono galeggiare, gl'indiani si vanno avvicinando colla canoa alla portata di 50 a 70 passi, indi armati d'arco scoccano la freccia, la quale vibrata con forza, trapassa lo scudo della testudine. Questa, appena sentesi ferita, si tuffa di nuovo, seco traendo l'uncino, che staccandosi, lascia sormontare la canna affidata ad una sottilissima fune. Subito il pescatore l'afferra, e tirandola a sé, giunge ad impadronirsi della preda. Allora, dopo aver turato con pece il foro fatto dalla freccia, si chiude la testudine nella gran gabbia, sostenuta da pali leggieri detti di balsa, che vanno rimorchiando dietro la piroga. Ne ebbi in dono quattro delle più grandi da quell'industrie mio ospite, oltre a due grandi panieri di farina di mandioca e di aranci.	Esses répteis são capturados na maioria das vezes com flechas com ponta de ferro. Assim que os veem boiando, os índios vão se aproximando com a canoa a uma distância de 50 a 70 passos, então, armados com seus arcos, atiram a flecha, a qual vibrando com força, traspasa o casco do testudine. Este, assim que se sente ferido, mergulha novamente, levando consigo o anzol que, desprendendo-se, deixa elevar a vara, ligada a um cabo muito fino. Imediatamente o pescador o agarra, e puxando-o para si, consegue assenhorear-se da presa. Então, depois de vedar com breu o buraco feito pela flecha, prende o testudine na grande gaiola, sustentada por paus leves chamados de balsa, que são rebocados atrás da piroga. Quatro dos maiores recebi de presente daquele meu engenhoso anfitrião, além de duas grandes cestas de farinha de mandioca e de laranjas.
21 Si parti sull'imbrunire da Casairà, e un po' più basso si superò la foce maggiore del rio Yapurà. Questo fiume ha origine nella stessa Cordigliera all'oriente di Pòpayan	Parti ao anoitecer de Casairà [Caiçara] e, um pouco mais abaixo, superamos a foz principal do rio Yapurà [Japurá]. Esse rio nasce na mesma Cordilheira, ao oriente de Pòpayan,⁷⁶

⁷⁶Popayán (Asunción de Popayán), cidade da Colômbia, fundada em 1537, conhecida também como cidade branca por causa da cor das casas que compõem sua arquitetura colonial. É a capital do departamento de Cauca, localizada no sudoeste do país. Disponível em: <https://www.parlamentoandino.org/index.php/actualidad/noticias/2105-popayan-herencia-colonial-y-riqueza-cultural-del-suroccidente-colombiano>). Acesso em: 6 abr. 2026.

nella Nuova Grenada, dove vien chiamato Caqueta, assumendo nella parte inferiore il nome di Yapurà. Le sue sponde sono popolate da tribù tuttora selvaggie e feroci. Gli abitanti d'Egas e Fonteboa lo rimontano onde raccogliere salsapariglia e gomma elastica. I celebri viaggiatori tedeschi Spix e Martius hanno esplorato tutta questa parte del territorio brasiliano sino alle cateratte.	em Nova Granada ⁷⁷ , onde é chamado de Caqueta [Caquetá], assumindo na parte inferior o nome de Yapurà [Japurá]. Suas margens são povoadas por tribos ainda selvagens e ferozes. Os habitantes de Egas e Fonteboa sobem este rio para coletar salsaparrilha e goma elástica. Os célebres viajantes alemães Spix e Martius exploraram toda essa parte do território brasileiro até as cataratas.
22 Entrati nel Parana-miri, si rimontò il rio Tefé per ben due ore, ed arrivammo a mezzanotte alla terra d'Egas.	Entramos no Parana-miri [Paraná-mirim], subimos o rio Tefé por cerca de duas horas e chegamos à meia-noite na terra de Egas.
— 232 —	— 232 —
Capitolo XXIII Continuazione (Dal 5 gennaio al 3 febbraio 1848). Incontro di due Europei. – Descrizione d'Egas. – Gita a Nogueira. – Il rio Tefé. – La Lanzeada. – Le cuyas o calebasse. – Preparazione della vernice di Macucù. – Nuova specie di cantaridi. – La farina di mandioca. – Sua preparazione. Il serpente boa. – Il sucrusgiù o serpe d'acqua. – Varie specie di bradypus. – Scaturigini e foci del rio Coary. – La Freghesia o villa d'Alvellos. – Il rio Purus. – Gli Urumutù, Piuris, Pavas ed altri uccelli. – I Selvaggi Muras. – Ladronaggi. – Vitto. – I Maruins e le Motucche. – La fattoria di Manacapurùs. – Il rio Negro. – Prodotti delle foreste. – Natura del suolo.	Capítulo XXIII Continuação (De 5 de janeiro a 3 de fevereiro de 1848). Encontro de dois europeus. – Descrição de Egas. – Viagem a Nogueira. – O Rio Tefé. – A Lanceada - As cuyas ou cabaças. – Preparação da tinta de Macucú. – Nova espécie de cantarídeo. – A farinha de mandioca. – Sua preparação. A serpente boa. – A sucrusgiù ou cobra d'água. – Várias espécies de bradypus. – Nascentes e bocas do Rio Coary. – A Freguesia ou villa d'Alvellos. – O Rio Purus. – Os Urumutù, Piuris, Pavas e outros pássaros. – Os Selvagens Muras. – Ladroagem. – Provisões – Os Maruins e as Mutucas. – A feitoria de Manacapurùs. – O Rio Negro. – Produtos das florestas. – Natureza do solo.
23 Alloggiai presso certi Neil Bradly irlandese, e Brandybreickt tedesco i quali per ragione dei loro traffici, provenivano dalla Barra do rio Negro. Venne festeggiato il mio arrivo con un banchetto che si protrasse sino all'alba, nel quale si fecero abbondanti libazioni di casciasa (acquavite del paese).	Fiquei hospedado junto a Neil Bradly, irlandês, e o alemão Brandybreickt, os quais, por conta do comércio deles, vinham da Barra do Rio Negro [Manaus]. Minha chegada foi festejada com um banquete que durou até o amanhecer, no qual foram servidas abundantes libações de casciasa [cachaça].

⁷⁷ A República de Nova Granada (Nueva Granada), marcou uma etapa no processo de constituição do atual estado da Colômbia, quando foram colocadas as bases de suas instituições, permitindo a transição de colônia à república. Existiu entre 1832 e 1858; possuía 2.243.000 km² de extensão, tendo como limite a Costa Rica, o mar do Caribe, Venezuela, Brasil, Equador e o Oceano Pacífico. Disponível em: https://www.sogeocol.edu.co/Ova/fronteras_evolucion/proceso/república_1831.html. Acesso em: 13 abr. 2026.

Il trovarci noi tre europei riuniti in quelle recondite regioni ne colmò di giubilo sì vivo, che certo mi sarebbe impossibile esprimerlo a parole. Tutti eravamo ansiosi di aver notizie della nostra Europa, ma tutti pur troppo n'eravamo affatto digiuni. La compagnia di quegli onesti negozianti mi fé' risolvere a passare colà tre settimane onde aspettarli, dovendo essi pure ritornarsene alla Barra do rio Negro, appena finita la raccolta della salsapariglia, e dato sesto ai loro affari.	Estarmos nós três, europeus, reunidos naquelas recônditas regiões nos encheu de intenso júbilo que me seria impossível expressar em palavras. Estávamos todos ansiosos para receber notícias de nossa Europa, mas infelizmente não tínhamos nenhuma. A companhia daqueles honestos comerciantes fez com que eu decidisse passar três semanas ali para esperá-los, pois eles tinham que voltar para a Barra do Rio Negro [Manaus], assim que a colheita da salsaparrilha terminasse e eles tivessem feito seus negócios.
24 Vendetti quindi la mia garritea per 40,000 reis (scudi 20), e licenziai gli indiani, volendo approfittarmi della graziosa offerta fattami dal signor Neil Bradly d'imbarcarmi nella sua vigilenga o barcone a vele, della portata di 120 tonnellate, con venti uomini di equipaggio, fornita di maggiori comodi e ben più sicura, essendo la mia navicella troppo piccola e facile a rovesciarsi sotto un forte temporale. I miei nuovi compagni erano del carattere più franco e leale, colti ed allegri, tanto che potei passare seco loro i giorni più piacevoli della mia navigazione.	Vendi minha garritea [igarité] por 40.000 réis (20 escudos) e despedi os índios, desejando aproveitar a graciosa oferta do Sr. Neil Bradly de me embarcar em sua vigilenga ⁷⁸ ou veleiro, de 120 toneladas, com uma tripulação de vinte homens, mais cômoda e muito mais segura, sendo a minha embarcação muito pequena e fácil de embarcar sob forte tempestade. Meus novos companheiros eram de caráter franco e leal, cultos e alegres, de modo que pude passar com eles os dias mais agradáveis de minha navegação.
25 Egas, veduta dal largo, ha l'aspetto di bella borgata; appena però le si avvicina, svanisce l'idea che se n'era da prima formata. Le poche case che vi sorgono di prospetto sono di mattoni	Egas, vista de longe, tem a aparência de uma bela vila, mas assim que nos aproximamos dela, desaparece a ideia formada antes. As poucas casas que aparecem à frente são de tijolo
— 233 —	— 233 —
e calce, come lo sono pure le due chiese ed il cabildo. Le altre sono tutte d'un sol piano a tettoie di paglia, con ortaglie ricche di frutti, di aranci, di banane, e le piazze e le contrade	e cal, como são também as duas igrejas e o cabildo [prefeitura]. As outras são todas de um só piso e telhados de palha, com pomares cheios de frutas, laranjas e bananas, e as praças

⁷⁸Embarcações que “Transportam efeitos d’além mar, como sal, ferro, aço, vinhos, azeite, fazendas seccas, etc. que vão buscar á villa de Santarém, mesmo á cidade do Pará, navegando segundo as voltas dos rios 686/4 legoas da cidade de Matto Grosso ao Pará, das quaes aço correm-se pelo grande Amazonas” (Camara, 1888). “Por necessidade náutica dos mestres dos mares com engenharia naval portuguesa, somando com a arte indígena em seus troncos escavados deslizando na lamina d’água amazônica, deu se início a um novo modelo de embarcação, que consiste na junção do ‘casco’ ou ubá indígena e tabuado lateral denominado de igarité com tolda e velame e com a evolução naval surge na cidade de Vigia as vigilengas aperfeiçoadas pelos portugueses com maior capacidade de carga e de navegação em rio e mar aberto com boa estabilidade e rapidez, construídas em série nos estaleiros de Vigia e comercializadas nos quatro cantos da província do Grão Pará, daí para diante outros lugares e municípios começaram a construir com adaptação aos interesses de uso” (Cardoso, 2016).

sono in rettilinea, però senza lastrico. È luogo d'importanza pel commercio dell' alto Amazzone, esportandovisi le produzioni del paese, salsapariglia, copaiba, pesce secco, cacao, farina di mandioca, manteica de ciarapa. La popolazione ascende a 1500 anime circa, consistente in pochi bianchi, meticci o negri, e il resto di barbari della tribù de'Coretas, Cucurunas, Achouaris. Vi risiede un comandante militare, un giudice di pace con cinquanta soldati.	e bairros são retos, mas sem calçamento. É um local de importância para o comércio do alto Amazonas, exportando a produção da cidade, salsaparrilha, copaíba, peixe seco, cacau, farinha de mandioca, manteica de ciarapa⁷⁹ [manteiga de charapa]. A população chega a cerca de 1.500 almas, composta por alguns brancos, mestiços ou negros, e o restante por bárbaros das tribos Coretas [Coretu], Cucurunas [Cucurúna] e Achouaris [Achoari]. Lá, reside um comandante militar e um juiz de paz com cinquenta soldados.
26 Durante il mio soggiorno colà feci una gita colla canoa a Nogueira in compagnia di Neil e Brandybreickt. Questo villaggio è situato di fronte ad Egas sulla riva sinistra d'un lago, che ha tre leghe circa di larghezza, non avendo impiegato nella traversata più di tre ore. Vi si trova una piccola chiesa e varj edifizj di mattone. I coloni di quell'aldea sono per la più parte delle tribù Jurbas e Taumanas, oltre a molti meticci. Vi passammo il rimanente del giorno e tutta la notte ospitati nella casa di un tal Fauve francese, stabilito colla sua numerosa famiglia da più di vent'anni in quel luogo. Il domani si rimontò il Tefé sino ad una piccola malocca d'indiani, che trovammo intenti a riempiere otri di copaiba.	Durante minha estada fiz um passeio de canoa até Nogueira, na companhia de Neil e Brandybreickt. Esse vilarejo está situado em frente a Egas, sobre a margem esquerda de um lago com cerca de três léguas de largura, cuja travessia não levou mais de três horas. Ali se encontra uma pequena igreja e várias construções de tijolos. Os colonos daquela aldeia são, em sua maioria, das tribos Jurbas* e Taumanas [Taumanas], além de muitos mestiços. Passamos o restante do dia e toda a noite hospedados na casa de um certo Fauve, francês estabelecido com sua numerosa família há mais de 20 anos naquele lugar. No dia seguinte, subimos o Tefé até uma pequena maloca de índios, que encontramos empenhados em encher odres de copaíba.
27 Il rio Tefé è navigabile per ben due mesi, e le sue rive sono popolate da varie tribù selvaggie. A mezza giornata di cammino l'alveo va rinserrandosi in modo da non avere più di 150 metri di larghezza. I dintorni sono deliziosi, e quelle acque formicolano di pesci e di molluschi.	O Rio Tefé é navegável por uns bons dois meses e suas margens são povoadas por várias tribos selvagens. A meio dia de caminhada, o leito vai se fechando de modo a não ter mais de 150 metros de largura. Os arredores são encantadores, e as águas fervilham de peixes e moluscos.
28 Ritornato il seguente giorno ad Egas, pregai quel comandante di assoldarmi alcuni pescatori, affinché per mio conto gettassero le reti, e mi procurassero varie specie di pesci che desiderava conservare nell'alcool.	Retornando no dia seguinte a Egas, implorei ao comandante que contratasse alguns pescadores para que, por minha conta, lançassem redes e trouxessem várias espécies de peixes que eu desejava conservar em álcool.

⁷⁹Outra denominação da tartaruga do Amazonas - “Contudo, merece ser destacada a exploração de diversas espécies de quelônios de água doce, em particular a Podocnemis expansa – conhecida como charapa, arrau ou tartaruga do Amazonas” (Costa, 2009).

29 Infatti sull'imbrunire imbarcatomi con dieci uomini, s'arrivò in due ore alla congiunzione del Tefé coll'Amazzone, approdando ad un banco di sabbia. Là i pescatori si distesero in fila, ed entrati nelle acque basse, colle reti che tutti uniti andavano tirando in opposta direzione, raccolsero una discreta quantità di pesci che restavano avviluppati nelle maglie. Si continuò per ben 4 ore la stessa operazione finché, stanchi ed affamati, ci posimo ad ammanire	De fato, ao anoitecer, embarquei com dez homens e em duas horas cheguei à junção do Tefé com o Amazonas, desembarcando em um banco de areia. Lá, os pescadores se espalharam em fila e, depois de entrarem na parte rasa, com suas redes, todos puxaram juntos na direção oposta, recolheram uma quantidade suficiente de peixes que ficaram presos nas malhas. A mesma operação continuou por umas boas quatro horas até que, cansados e famintos, nos colocamos a preparar
— 234 —	— 234 —
per la nostra cena buona parte della pescagione, avendo prima fatta una scelta delle varie specie che intendeva conservare. Questo genere di pesca è assai in uso nell'Alto Amazzone; talora riuscendosi a prendere in tal modo anche de' piccoli lamantini. Chiamasi tal pesca la lanzeada. Non manca però di pericolo, giacché oltre al non poter farla che di notte, non di rado avviene che i pescatori calpestino qualche razza appiattata nell'arena, e pronta a pungere colla coda spinosa, o vengano assaliti da qualche alligatore, dal cui morso il meno che si può temere è di ritornare alla sponda monchi di qualche membro.	para a nossa janta boa parte da pescaria, tendo antes escolhido as várias espécies que eu pretendia conservar. Esse tipo de pesca é muito utilizado no Alto Amazonas; às vezes, consegue-se dessa forma capturar até pequenos peixes-boi. Essa pesca é chamada de lanzeada⁸⁰ [lanceada]. No entanto, não é isenta de perigos, pois, além do fato que só pode ser feita à noite, não é raro que os pescadores pisoteiem uma arraia escondida na areia, pronta para ferrear com sua cauda espinhosa ou sejam atacados por algum jacaré, cuja mordida o mínimo que se pode esperar é voltar para a margem com um membro mutilado.
30 Uno di questi infortunii accadde, durante il mio soggiorno in Egas, ad un giovane tapuyo (così chiamansi al Brasile gli uomini di colore) che si recava con altri compagni a lanzear poco lontano dalla borgata; proprio nel momento in cui stava tirando a terra la rete un enorme jacaré (alligatore) lo afferrò pel braccio e glielo mozzò intieramente quasi sino all'omero. Quell'infelice venne subitamente trasportato ad Egas, e non essendovi in quei luoghi né medici, né chi avesse la menoma nozione di chirurgia, fui pregato dal comandante di prestargli que'soccorsi che per me si potevano.	Um desses infortúnios ocorreu durante minha estada em Egas com um jovem tapuyo (assim chamam os homens de cor no Brasil) que estava indo lanzear [lancear] com outros companheiros não muito longe da vila; justo no momento em que ele estava puxando a rede para a terra, um enorme jacaré o agarrou pelo braço e o arrancou completamente quase até o úmero. Aquele infeliz foi imediatamente transportado para Egas e, não havendo naquele lugar nem médicos nem quem tivesse a menor noção de cirurgia, o comandante me pediu para prestar-lhe o socorro que fosse possível. Embora fossem limitadíssimos os

⁸⁰Lanceada – Pescaria feita com rede de arrasto. Disponível em:

<https://www.dicio.com.br/lanceada/#:~:text=Significado%20de%20Lanceada,Do%20rad.%20de%20lan%C3%A7o>). Acesso em: 10 abr. 2026.

Sebbene limitatissime fossero le mie nozioni in fatto di chirurgia, pure mi provai alla meglio, ed essendo riuscito ad infrenare l'emorragia, segai il moncone dell'osso che sporgendo avrebbe impedito la cicatrizzazione, e ricomposte le carni vi applicai una fasciatura. Prima di due settimane quell'infelice era fuori di pericolo, non essendo comparsa cancrena, e non avendo avuto a far uso che di faldelle spalmate d'unguento e di qualche tocco di pietra caustica.	meus conhecimentos de cirurgia, fiz o melhor que pude e, tendo conseguido estancar a hemorragia, serrei o coto do osso que exposto teria impedido a cicatrização, recompus a carne e coloquei uma atadura. Antes de duas semanas, aquele infeliz estava fora de perigo, não tendo aparecido gangrena, feito uso somente de panos untados com pomada e um pouco de pedra cáustica⁸¹.
31 Quell'operazione eseguita così alla buona cogli stessi coltelli che mi servivano a preparar gli animali, mi valse l'onore d'essere ad ogni momento disturbato dalla più parte di quegli abitanti, che accorrevano alla mia abitazione per aver rimedj e consulti, distribuiti, ben s'intende, gratis. Per andar alle corte, in genere loro somministrava alcuni grani di tartaro stibiato, non ignorando che la più parte delle loro infermità provenivano da indigestioni prodotte da intemperanza.	Aquela operação realizada de forma tão casual com as mesmas facas que eu usava para preparar os animais, me rendeu a honra de ser a cada momento incomodado pela maior parte dos habitantes, que acorriam à minha habitação em busca de remédios e consultas, distribuídos, é claro, grátis. Para simplificar, eu geralmente lhes dava alguns grãos de tártaro estibiado⁸², não ignorando que a maioria de suas enfermidades vinha da indigestão produzida pela incontinência.
32 Gli abitanti d'Egas, ed in particolare le donne, attendono alla fabbricazione degli otri di terra ed alla confezione di calbasse, specie di zucche, colle quali fanno scodelle, conosciute e poste in commercio sotto il nome di cuyas o pilche. Tagliate nel mezzo	Os habitantes de Egas, principalmente as mulheres, ocupam-se da fabricação de jarros de barro e da preparação de calbasse [cabaças], um tipo de abóbora com a qual fazem tigelas, conhecidas e comercializadas sob o nome de cuyas [cuia] ou pilche⁸³. Depois de cortá-las no meio
— 235 —	— 235 —

⁸¹O mesmo que pedra infernal ou nitrato de prata – “A pedra infernal emprega-se para cauterizar as carnosidades das feridas, as úlceras rebeldes, os cancros venereos, as aphtas da bocca, as belidas dos olhos. As hemorragias que resultão às vezes das cisuras das sanguesugas, e que resistem á compressão, cedem quasi instantaneamente á applicação prolongada d'este caustico na cisura” (Chernoviz, 1890).

⁸²Tartaro de antimónio e de potassa, tartaro stibiado ou estibiado, tartaro emético – “É um poderoso vomitorio. Administra-se na dóse de 5 a 10 centigrammas, dissolvidos n'uma chicara d'agua fria ou morna, que se bebe de uma só vez ou em duas doses com um quarto de hora de intervalo. Facilitam-se os vômitos bebendo-se por vezes agua morna. Em alguns indivíduos, o tartaro estibiado ocasiona, em lugar de vômitos, dejectões alvinas; em outras pessoas produz um e outro efeito. Este medicamento, administrado da maneira que acabo de expôr emprega-se em constipações, nas bronchites, nas erysipelas, nas esquinências, no crup, e em outras muitas moléstias” (Chernoviz, 1890).

⁸³Pilche – Termo espanhol para se referir a um objeto similar à cuia. É um recipiente feito com meia cabaça que, uma vez seco, serve para beber líquidos. Disponível em: <https://www.asale.org/damer/pilche>. Acesso em: 13 abr. 2026.

ed essiccate, fanno abbrustolire questi segmenti superficialmente sopra la fiamma, sicché divengano interamente neri. Indi li tingono a due o tre riprese con una vernice, che loro comparte un lucido bellissimo resistente all'acqua, colorandoli pure a bizzarri disegni con suchi vegetabili d'indaco, di roucou e colle radici di angiù pel giallo. La vernice è preparata coi sughi dei frutti dell'albero detto macucù, abbondante nelle foreste per tutto il corso delle Amazzoni. Onde prepararla li mettono, a macerare nell'acqua per tre giorni, indi li schiacciano estraendosene i semi. La polpa vien fatta bollire per più ore onde separarne la sostanza gommosa, si filtra e vien riposta in vasi di vetro per servirsene al bisogno.	e secá-las, elas queimam esses segmentos superficialmente sobre uma chama, de modo que fiquem totalmente pretos. Em seguida, os tingem duas ou três vezes com um verniz, que lhes dá um brilho belíssimo resistente à água, colorindo-os em padrões bizzaros com extratos vegetais de índigo, roucou [urucum] e raízes de angiù* para o amarelo. O verniz é preparado a partir dos extratos dos frutos da árvore chamada macucù [macucu], abundante nas florestas por todo o curso do Amazonas. Para prepará-lo, os deixam de molho em água por três dias, depois os esmagam extraíndo as sementes. A polpa é fervida por várias horas para separar a substância gomosa, então é filtrada e colocada em potes de vidro para ser usado conforme a necessidade.
33 Non è men curioso il modo col quale gli abitanti di Egas preparano la farina di mandioca. Spogliata della pelle la radice dell'igname, la pestano e la riducono in pasta: questa vien riposta entro una specie d'imbuto formato con liste di cortecce e di canne intrecciate che ha la figura e grossezza del serpente boa, e che riesce così flessibile ed elastico. Riempito il tubo di quell'impasto, ne attaccano un'estremità alla parete della capanna, stirando fortemente l'altra onde spremere fuori l'umore. Fatto ciò la estraggono nuovamente e la fanno abbrustolire entro vasi di terra rimescolandola continuamente, indi la ripongono così disseccata entro alcune corbe dette alachere, mettendola in commercio sotto il nome di farina di mandioca. Questa	Não menos curiosa é a maneira pela qual o povo de Egas prepara a farinha de mandioca. Depois de tirar a casca da raiz do igname⁸⁴ [inhame], eles a esmagam e a reduzem a uma pasta, que colocam em uma espécie de funil feito de tiras de casca de árvore e palha trançados, com a forma e o tamanho de uma serpente boa [jiboia], sendo flexível e elástica⁸⁵. Depois de encher o tubo com essa massa, eles prendem uma extremidade dele à parede da cabana, esticando fortemente a outra para espremer e tirar o líquido⁸⁶. Feito isto, a extraem novamente e a torram em vasos de barro, mexendo-a continuamente, depois a colocam, quando seca, dentro de alguns cestos chamados alachere⁸⁷ [alqueire], vendendo-a no comércio sob o nome de farinha de

⁸⁴Ignome – Inhame – Não fica claro porque Osculati quis se referir a raiz da mandioca como igname (inhame) quando ele mesmo já havia explicado que se tratava da fabricação da farinha mandioca. Até meados do século XVIII, havia confusão entre os termos “mandioca” e “inhame”, situação que já teve início com a carta de Pero Vaz de Caminha, séc. XVI) informando sobre a alimentação baseada em inhame (que era, na realidade, mandioca). Porém no século XIX, a diferenciação entre inhame e mandioca já estava bem definida (Siqueira, 2011; Maranhão, Bastos e Marchi, 2015).

⁸⁵Tipiti - É um cilindro feito de palha de palmeira, de tamanho variável, cujas extremidades são reforçadas. Em um dos lados é colocada a massa de mandioca que é prensada, tanto transversal como longitudinalmente, extraíndo o líquido do qual se faz o tucupi (ver a discussão aprofundada no capítulo 4).

⁸⁶Manipueira, que após fermentado e fervido dará origem ao tucupi (ver a discussão aprofundada no capítulo 4).

⁸⁷Alqueire – Medida de capacidade. Alqueire de farinha. Cerca de 30 quilos. Os cestos referidos são conhecidos como paneiros, feitos de palha, nos quais a farinha era armazenada (ver a discussão aprofundada no capítulo 4).

tien luogo di pane, e s'imbandisce sulle mense lungo tutto il rio delle Amazzoni.	mandioca. Essa substitui o pão e é abundante nas mesas ao longo de todo o Rio Amazonas.
34 Nelle varie mie escursioni nelle limitrofe foreste, per le quali andava raccogliendo quanto poteva interessare lo studioso di zoologia, mi fu dato scoprire una specie nuova di cantaride, che produce lo stesso effetto delle nostra lytta vescicatoria. La sua figura era perfettamente simile a questa, non differenziando che pel colore affatto nero tanto delle elitri che di tutto il rimanente, e per le antenne un po' più lunghe del corpo; le imposi il nome di lytta amazonica. Questo coleoptero era comunissimo nelle vicinanze d'Egas, massime dal lato del cimitero, situato sull'attiguo colle.	Em minhas várias excursões pelas florestas vizinhas, nas quais coletei tudo o que poderia interessar ao estudioso de zoologia, descobri uma nova espécie de cantarídeo⁸⁸, que produz o mesmo efeito que a nossa lytta vescicatoria⁸⁹. Sua forma era perfeitamente semelhante a esta, diferindo apenas na cor totalmente preta dos élitros⁹⁰ e do resto do corpo, e nas antenas ligeiramente mais longas que o corpo; dei-lhe o nome de lytta amazonica. Esse coleóptero era muito comum nas vizinhanças de Egas, especialmente ao lado do cemitério, situado na colina adjacente.
35 Negli stagni osservai una specie di sanguisughe piuttosto grosse, che potrebbe certamente venir adoperata in medicina, e formare un lucroso ramo di commercio; ma quegli abitanti sono troppo	Nos brejos, observei uma espécie de sanguessuga bastante grande, que certamente poderia ser usada na medicina e criar um ramo lucrativo de comércio; mas aqueles habitantes são muito
— 236 —	— 236 —
indolenti, al punto di non curarsi nemmeno degli oggetti più indispensabili alla vita, reputando quindi ben meschino l'applicarsi a queste pazienti ricerche.	indolentes, a ponto de não se importarem nem mesmo com os objetos mais indispensáveis à vida, considerando insignificante o dedicar-se a essas minuciosas pesquisas.
36 Si trovano nelle lagune e ne'boschi, oltre a mostruosi alligatori e jaguari, anche de' grossi serpenti, il boa constrictor ed il sucrusgiù. Quest'ultimo rettile, che vive negli stagni, giunge a smisurata grossezza e lunghezza, toccando sino i 30 piedi e più, e	São encontradas nas lagoas e nas florestas, além de monstruosos jacarés e jaguares, também grandes cobras, a boa constrictor⁹¹ e a sucrusgiù⁹² [sucuriçu]. Este último réptil, que vive em brejos, atinge desmesurado tamanho e comprimento, chegando a 30 pés

⁸⁸Cantarídeo - Da família de Coleópteros (besouros), possui corpo mole e alongado. São besouros diurnos, abundantes em folhagens e flores, onde se alimentam de insetos, néctar e pólen. Adultos de muitas espécies possuem coloração aposemática (cores vivas), e algumas espécies estão envolvidas em complexos miméticos com outros cantarídeos e membros de muitas outras famílias de Coleópteros (Rafael et al, 2024).

⁸⁹Lytta vescicatoria - besouro europeu de um verde dourado com reflexos avermelhados, empregado na medicina antiga, triturado ou em pó, como vesicatório e em beberragens para fins diuréticos ou afrodisíacos. As cantaridas dessecadas ou reduzidas a pó eram guardadas pelos boticários em recipientes bem fechados. Assim conservadas, mantinham durante anos a propriedade vesicante devida ao princípio ativo e tóxico que nelas se contém, a cantaridina (Costa Lima, 1955).

⁹⁰Élitros - (do grego *élytron* - estojo, envoltório) são as asas anteriores, modificadas por um maior endurecimento, característica marcante nos Coleópteros e não apresentam função ativa durante o voo.

⁹¹Boa Constrictor – Nome científica da jiboia-constrictora ou jiboia (Morais, 2013).

⁹²Sucuriçu – Sucuri-verde (Eunectes murinus). Também conhecida na Amazônia como cobra grande, boiúna, mãe d'água (Morais, 2013).

quantunque innocuo, si pretende da quegli abitanti fornito della proprietà di attirare a sé coll'alito animali, uccelli, rospi e piccoli mammiferi onde farne sua preda. In alcune parti del rio delle Amazzoni, e massime nell'Yupurà, i tapuyos fanno loro alimento dei grossi serpenti che riescono ad uccidere. Non appena essi possono vederne uno disteso in riva al fiume, gli si vanno avvicinando piano piano armati di coltello, e prima che il serpente riesca a svolgersi dall'albero, l'afferrano nelle varie parti del corpo, avviticchiandosi il più ardito strettamente al collo, onde impedirgli di mordere. La forza però di quel mostruoso rettile è tale che dibattendosi riesce a trascinare gli uomini nell'acqua prima che sia fatto a pezzi; non per questo que' coraggiosi selvaggi abbandonano la loro preda, che anzi lasciansi trascinare insieme sott'acqua, nel qual tempo riescono assai più facilmente a recidere cadauno il loro pezzo, ritornando subito a galla colla preda. Pretendono che la carne del sucrusgiù (anacondo?) sia squisita, e quando una caccia si strana ha un esito felice ne menano baldoria per più giorni. È comune anche nel rio Napo, e conosciuto dai selvaggi sotto il nome di mama-yacu (madre del fiume). Venne da me portata la spoglia di uno di questi rettili, preso nel lago d' Egas.	ou mais, e embora inofensivo, os habitantes locais acreditam que ele tem a capacidade de atrair com seu hálito animais, pássaros, sapos e pequenos mamíferos para fazer deles sua presa. Em algumas partes do rio Amazonas, especialmente no Yupurà [Japurá], os tapuyos se alimentam de grandes cobras que conseguem matar. Assim que avistam uma estirada na margem do rio, aproximam-se lentamente armados com faca, e antes que a cobra consiga se enrolar na árvore, a agarram em várias partes do corpo e o mais ousado envolve firmemente o pescoço para impedir que morda. A força desse réptil monstruoso, no entanto, é tal que ele debatendo-se é capaz de arrastar os homens para a água antes que seja feito em pedaços; nem por isso aqueles corajosos selvagens abandonam sua presa, mas antes deixando-se arrastar juntos para debaixo d'água, momento em que conseguem mais facilmente cortar cada qual o seu pedaço, retornando imediatamente à superfície com a presa. Eles consideram que a carne do sucrusgiù [sucuriçu] (anaconda?) seja deliciosa e, quando uma caçada assim estranha tem bom êxito, eles se divertem por vários dias. É comum também no Rio Napo e é conhecida entre os selvagens pelo nome de mama-yacu (mãe do rio). Foram trazidos para mim os restos mortais de um desses répteis, capturado no lago de Egas.
37 I boschi, oltre essere popolati di scimmie, sono pure ingombri di varie specie di bradypus, il cui acuto e prolungato squittire si fa udire molto da lungi: ne osservai di tre specie distinte, una col muso giallo, fornita l'altra d'un collare nero, la terza affatto cenerina; la più singolare è quella detta pigrisa real, che ha una larga macchia gialla sul dorso con striscie nere. Osservai trovarsi costantemente questi animali sugli alberi d'imbauba, cibandosi di quelle foglie tenere e dei germogli; hanno una carne viscida e	As florestas, além de serem povoadas por macacos, também estão repletas de várias espécies de bradypus⁹³ cujo guincho agudo e prolongado se faz ouvir de muito longe: observei três espécies distintas, uma com focinho amarelo, a outra com um colarinho preto, a terceira inteiramente acinzentada; a mais singular é aquela chamada pigrisa real [preguiça-real], que tem uma grande mancha amarela nas costas com listras pretas. Observei que esses animais estão constantemente nas árvores de imbauba

⁹³Gênero que agrupa algumas espécies de preguiças. Disponível em: <https://portalamazonia.com/meio-ambiente/preguica-de-tres-dedos-amazonia/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

cattiva, non appetita dagli stessi selvaggi; vanno forniti di tre acuti artigli per ciascuna zampa, ma sono assai timidi, talmente lenti nel camminare e così imperfetti nelle articolazioni,	[embaúba], alimentando-se de folhas tenras e brotos; têm uma carne viscosa e ruim, não apreciada pelos mesmos selvagens; têm três garras afiadas em cada pata, mas são muito tímidos, extremamente lentos para caminhar e têm articulações tão imperfeitas
— 237 —	— 237 —
che loro non riesce possibile la fuga, tanto che per impadronirsene altro non suol farsi che tagliare quel ramo d'albero al quale stanno avviticchiati colle unghie. Io ne conservai vivo un individuo per ben un mese durante la navigazione, nutrendolo colle foglie d'imbauba; ma morì tosto ch'è mi provai a volerne mutare il nutrimento. Rimase per dodici giorni consecutivi nell'inedia senza voler mangiare né bere, piuttosto che assaggiare una qualità differente di foraggio.	que não conseguem fugir, tanto que para assenhorear-se deles, tudo o que se faz é cortar o galho da árvore ao qual estão se agarrando com as unhas. Mantive vivo um indivíduo desses por um mês durante a navegação, nutrindo-o com folhas de imbauba [embaúba] mas morreu assim que tentei mudar a alimentação. Ele permaneceu por doze dias consecutivos em estado de inanição, sem querer comer nem beber, em vez de experimentar uma qualidade diferente de forragem.
38 Il 24 gennajo partii da Egas in compagnia degli ottimi Neil e Brandybreickt sulla vigilenga di loro proprietà, dirigendo il corso per Manaos o Barra do rio Negro. Quivi pure ebbimo a subire le stesse difficoltà onde riuscire ad imbarcare gli uomini destinati al servizio; giacché, secondo l'usanza loro, eransi tutti ubbriacati.	Em 24 de janeiro, parti de Egas em companhia dos ótimos Neil e Brandybreickt na vigilenga da qual eram proprietários, indo em direção a Manaus ou Barra do Rio Negro. Também tivemos que enfrentar as mesmas dificuldades para conseguir embarcar os homens destinados ao serviço; pois, de acordo com o costume deles, tinham se embriagado.
39 Usciti dal lago di Tefé, in meno di due ore sboccammo nel Solimoens, dovendo continuare per tutta quella giornata la navigazione con vento contrario dell'est, che soffia quasi di continuo; si arrivò verso sera al Garapè del lago Cayumbe che sta alla riva destra, e si dovette vogare tutta la notte senza vele a seconda della corrente, lasciando così riposare alquanto i rematori.	Sáimos do lago de Tefé e em menos de duas horas, chegamos ao Solimoens [Solimões], devendo continuar por todo aquele dia a navegação com vento contrário do leste, que soprava quase continuamente. Ao anoitecer, chegamos ao Garapè [Igarapé] do lago Cayumbe [Caiambé], que está na margem direita e tivemos que seguir a noite toda sem velas, conforme a correnteza, deixando assim que os remadores descansassem um pouco.
40 Il 25 a mezzodì ci trovammo poco discosti dal luogo detto Cumackarù; indi si passò rasente l'isola di Catoù, dove si vedevano baracche di pescatori intenti alla confezione dell'olio di testudine e di lamantini, dovendo viaggiare l'intera notte a tutta forza di remi.	No dia 25, ao meio-dia, nos encontramos não muito longe do lugar chamado Cumackarù*; depois passamos junto a ilha de Catoù [Catua], onde pudemos ver barracas de pescadores envolvidos na preparação do óleo de testudine e peixe-boi, tendo que viajar a noite toda à força dos remos.

41 Il giorno 26 si arrivò di buon mattino alle foci del rio Coary, pel quale si rimontò colla vigilenga fino alla feitoria d'Aquari, proprietà d'un certo David ebreo di Gibilterra, ove si gettò l'ancora. Il fiume presenta l'aspetto d'un gran lago. Nel tempo che si doveva necessariamente rimanere colà per caricare 100 alacheri¹⁾ di castagne dell'Amazzone (Bertholetia) per conto di Neil-Bradly, io subito me ne approfittai onde rimontare il Coary entro una piccola piroga con cinque indiani e recarmi alla Freghesia o Villa d'Alvellos, la quale non distava di là che solo tre leghe, ove arrivai dopo cinque ore di viaggio. Sorge sulla sinistra rimontando il Coary in luogo eminente in una situazione pittoresca; il clima però è cattivo, e gli abitanti vanno soggetti a febbri terzane e 1) Misura equivalente a circa due staja dei nostri.	No dia 26, no início da manhã, chegamos à foz do Rio Coary [Coari] ao longo do qual seguimos com vigilenga até a feitoria de Aquari, de propriedade de um certo David, judeu de Gibraltar, onde lançamos âncora. O rio tem a aparência de um grande lago. Durante o tempo em que foi necessário permanecer ali para carregar 100 alacheri⁽¹⁾ [alqueires] de castanhas do Amazonas (Bertholetia) da parte de Neil-Bradly, aproveitei imediatamente para subir o Coary [Coari] em uma pequena piroga com cinco índios e ir para a Freghesia ou Villa d'Alvellos⁹⁴ que ficava a apenas três léguas de distância, onde cheguei depois de cinco horas de viagem. Ela se ergue à esquerda, subindo o Coary [Coari], em um lugar eminente, em uma situação pitoresca; o clima, no entanto, é ruim, e os habitantes estão sujeitos a febres terças e 1) Medida equivalente a aproximadamente duas estâias das nossas.
— 238 —	— 238 —
tifoidee. Il villaggio è un ammasso di capanne formanti una so contrada con piccola chiesa funzionata da un missionario per nome Padre Pereira; è residenza di un comandante e di un delegato civile.	tifoides. A vila é um amontoado de cabanas que formam um só distrito com uma pequena igreja conduzida por um missionário chamado Padre Pereira; é também a residência de um comandante e de um delegado civil.
42 Il rio Coary, secondo le notizie avute dallo stesso Padre Pereira, si divide più in su in tre grandi rami, formando così tre differenti fiumi denominati Coary, Urecu-parana e Guani. Questi affluenti discendono dall'alto Però, irrigano le selvaggie regione dell'ampia comarca del rio Negro, e sono navigabili con piroghe sino in prossimità alle loro sorgenti. Ad Alvellos si fa un lucroso commercio di castagne del Maragnone, di balsamo di copaiba, di gomma elastica e di	O Rio Coary [Coari], de acordo com informações do próprio Padre Pereira, divide-se, mais acima, em três grandes braços, formando assim três rios diferentes chamados Coary [Coari], Urecu-parana [Rio Urucu] e Guani [Rio Mamiá]. Esses afluentes descem do alto Peru, irrigam as regiões selvagens da vasta comarca do rio Negro e são navegáveis por canoas até as proximidades de suas nascentes. Em Alvellos, há um comércio lucrativo de castanhas do Maranhão⁹⁵, óleo de

⁹⁴Atual Coari – AM – IBGE cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/coari/historico>. Acesso em: 9 jan. 2026.

⁹⁵A designação castanha do Maranhão devia-se ao fato do produto passar pelo porto maranhense de São Luís desde o século XVIII. No século XIX, quando o porto de Belém se tornou movimentado, a castanha saía deste com o nome de castanha da terra. No final do mesmo século, o termo castanha-do-Pará começou a predominar no mercado interno. Em 1862, no relatório apresentado à Assembleia Legislativa da Província do Pará pelo governador Francisco Carlos de Araujo Brusque, um destaque foi dado à castanha, ainda designada como castanha do Maranhão (Almeida, 2016).

stoppa della corteccia di gianciamama. Il raccolto di queste castagne o per meglio dire noci, grosse quanto un cocco riesce più volte fatale ai poveri indiani occupati a razzolarle nei boschi, giacché essendo altissimi gli alberi che danno tal frutto questo, venuto a perfetta maturanza, al più lieve soffio di venti si stacca e cade, spaccando col suo peso e colla sua durezza la testa a quegli sciagurati.	copaíba, goma elástica e estopa de casca de gianciamama⁹⁶ [chanchama]. A produção dessas castanhas, ou melhor dizendo, nozes, grandes como um coco, é muitas vezes fatal para os pobres índios que se ocupam em colhê-las na mata, pois as árvores que dão esse fruto são muito altas e, uma vez perfeitamente maduras, à menor rajada de vento elas caem, esmagando a cabeça daqueles infelizes com seu peso e dureza.
43 Il 28 si partì di buon mattino, si navigò di continuo, e si giunse la sera alla feitoria Cassuno, dove fecimo provvista di pollame e di testuggini ¹⁾.	No dia 28, zarpamos de manhã cedo, navegamos continuamente e chegamos à noite na feitoria Cassuno, onde nos abastecemos de aves e testudines¹⁾.
44 Essendo il tempo procelloso e soffiando un gagliardo vento d'est, credemmo conveniente aspettar l'alba del 29 per salpare di là. Si toccò sul mattino la celebre spiaggia di Goiaraturà, dove non si fé sosta per non trovarvi pescatori, e si arrivò sull'imbrunire a Banama.	Como o tempo estava tempestuoso e soprava um forte vento leste, achamos conveniente esperar até o amanhecer do dia 29 para zarpar dali. Pela manhã, chegamos à famosa praia de Goiaraturà*, onde não paramos para evitar encontrar pescadores, e chegamos ao anoitecer em Banama*.
45 Qui, proprio nell'istante in cui stavamo avvicinandoci alla sponda, si corse pericolo che la nostra barca non rimanesse sommersa in causa del repentino franare di un esteso tratto di terreno boschivo; il tonfo produsse nelle onde una commozione spaventevole. Il 30 si superarono nel mattino a Cuchivarà le foci del rio Purus, conosciuto anche sotto il nome di Cuchibarà, che alla sua imboccatura poteva avere da 600 a 650 metri di larghezza. Anche questo maestoso fiume è navigabile, rimontandole 1) Nel Certam o Alto Amazzone i tapuyos danno il nome di jurarà-assù alla grande testudine Podocnemis expansa, chiamando l'altra più piccola cugnà-mucù.	Aqui, justo no instante que estávamos nos aproximando da margem, corremos o perigo de nosso barco ficar submerso por causa do desbarrancamento repentino de uma extensa área de floresta; a pancada produziu uma agitação assustadora nas ondas. Na manhã do dia 30, passamos por Cuchivarà [Cuxiuára] na foz do Rio Purus, também conhecido como Cuchibarà, que na sua desembocadura pode ter de 600 a 650 metros de largura. Esse majestoso rio também é navegável, subindo-o 1) No Sertão ou Alto Amazonas, os tapuyos dão o nome de jurarà-assù ao grande testudine Podocnemis expansa, chamando o outro menor de cugnà-mucù.

⁹⁶ Quando esteve entre os Zápara (Zaparos), Osculati narra que os homens daquele povo usavam um tipo de camisa feita de *gianciamama*, a qual descreveu como uma árvore alta e de madeira resistente. Sua casca se solta facilmente e, deixada de molho na água, se separa em duas folhas finas que formam um tecido forte e compacto, sendo usado na produção de vestimentas, armas e adornos (Osculati, 1854, p. 169). Pallares (2001) indica que na tradução de *Esplorazione delle Regioni Equatoriali*, para o espanhol, da editora Abya-Yala (2000), o termo *gianciamama* foi traduzido como *janchama*. *Janchama* ou *yanchama* corresponde à *Poulsenia armata*, da família das *Moraceae*, cuja casca era utilizada por vários povos indígenas na confecção de tecidos (Amazonia: Guía Ilustrada de Fauna y Flora, 2022). É conhecida no Brasil como *chanchama* (Inventário Florestal, 2020). Para aprofundamento, ver: *La Yanchama. Usos, características y elaboración*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dxot9od-f0k>. Acesso em: 14 abr. 2026.

Questa specie varia notabilmente nelle forme dall'altra: l'egregio professore D. Emilio Cornalia ne formò una nuova specie <i>Podocnemis sextuberculata</i> (Vedi la Scholia, al n.º 11).	Essa espécie varia acentuadamente em sua forma em relação à outra: o eminente professor D. Emilio Cornalia catalogou uma nova espécie <i>Podocnemis sextuberculata</i> (ver Escolia nº 11).
— 239 —	— 239 —
per ben tre mesi, sino a Santa Cruz de la Sierra nella Bolivia: le sue sponde sono abitate da tribù selvaggie ma pacifiche, intente a raccogliere salsapariglia e copaiba, come mi venne riferito da alcuni brasiliani che lo avevano rimontato. Il Purus è detto anche Manao nella parte superiore del suo corso; viene dagli alti monti di Carabaya, ramo della Cordigliera orientale del Perù, ed entra per molti bracci nell'Amazzone. Quest'ampio fiume sarebbe di somma importanza per le comunicazioni fra il Brasile ed il Perù, sebbene non attraversi che regioni dei due Stati tuttavia selvaggie e sconosciute.	por bons três meses, até Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia: Suas margens são habitadas por tribos selvagens, mas pacíficas, que se dedicam à coleta de salsaparrilha e copaíba, como me disseram alguns brasileiros que o atravessaram. O Purus também é chamado de Manao na parte superior de seu curso; ele vem das altas montanhas de Carabaya, um ramo da Cordilheira Oriental do Peru, e entra no Amazonas por vários braços. Este grande rio seria de suma importância para a comunicação entre o Brasil e o Peru, embora atravessasse regiões ainda selvagens e desconhecidas dos dois países.
46 Tutti que'boschi risuonavano dei rauchi gridi e canti degli urumtùs, piuris, pavas, specie di gallinacci o fagiani le di cui carni sono saporitissime; desiderando noi gustarle, spedimmo i nostri indiani a dar loro la caccia colle sarbacane.	Em todas essas matas ressoavam os gritos roucos e os cantos dos urumtùs [urutaus], piuris ⁹⁷ e pavas ⁹⁸ , espécies de galináceos ou faisões cuja carne é muito saborosa; desejando saboreá-los, enviamos nossos índios para caçá-los com sarbacane [sarabatanas].
47 Dopo breve tempo essi tornarono con una discreta preda, oltre ad una dozzina d'uova dell'inanbù, gallinaceo non dissimile dal pollo, le cui uova sono di un bel colore azzurrò. L'urubutinga, ed altri uccelli di rapina, essendone assai ghiotti, se ne stanno continuamente spiando là dove essi fanno il nido. Delle piume bronzate dei piuris e della finissima lanuggine bianca del loro abdome i naturali si servono per formare varj de' loro ornamenti e collane.	Depois de pouco tempo, voltaram com uma razoável caça, além de uma dúzia de ovos de inanbù [inhambú], um galináceo não muito diferente do frango, cujos ovos são de uma bela cor azul. O urubutinga ⁹⁹ e outras aves de rapina gostam muito deles e estão sempre espiando onde fazem os ninhos. As penas bronzeadas dos piuris e a fina penugem branca de seu abdômen são usadas pelos nativos para fazer vários de seus ornamentos e colares.
48 Trovasi poco discosto una laguna detta di Tapinanbarana, che mette foz un po' più in basso dallo stesso lato del rio Purus. Un altro lago si rinviene sulla riva settentrionale detto Amurì.	Perto dali há uma lagoa chamada Tapinanbarana*, que tem sua foz um pouco mais abaixo, no mesmo lado do Rio Purus. Outro lago se encontra na margem norte, chamado Amurì*.

⁹⁷Mutum-piuri – Instituto Juruá (Machado, [S.d.]).

⁹⁸Nome que os espanhóis dão ao peru; no Brasil, é frequentemente aplicado ao mutum (Castelnau, 1851).

⁹⁹Gavião-preto – (Urubitinga urubitinga, Gmelin, 1788) (Menq, 2018).

49 Gl'indiani Muras occupano lo spazio di territorio situato sulla sponda meridionale, vivono di sola pesca e di caccia, e passano per i più famosi ladroni di quelle regioni; essi ricusano di applicarsi a qualsivoglia coltivazione, che anzi non vogliono fabbricare neppure le amache come gli altri selvaggi, loro bastando, là dove vogliono passar la notte, di tagliar la corteccia di due alberi di gancangama a due o tre braccia di distanza l'uno dall'altro, e ripiegando ed incrociando quelle cortecce tenacissime, formano il loro giaciglio rialzato dal suolo. Al di sopra, se il tempo è piovoso, vi tessono all'istante una specie di tettoja con foglie di palma, tirandone un cipò¹⁾ nel mentre che le loro donne 1) Liana strisciante che trovasi attortigliata intorno agli alberi, e serve per uso di corda ai selvaggi.	Os índios Muras [Múra], ocupam a área do território situado na margem sul, vivem apenas da pesca e da caça e são considerados os ladrões mais notórios daquelas regiões; eles se recusam a se dedicar a qualquer tipo de cultivo e nem mesmo querem fazer redes como os outros selvagens; é suficiente para eles, onde desejam passar a noite, cortar a casca de duas árvores de gancangama [chanchama] a duas ou três braças de distância e, dobrando e cruzando essas cascas muito resistentes, formam sua rede acima do solo. Lá, se o tempo estiver chuvoso, eles imediatamente tecem uma espécie de telhado com folhas de palmeira, amarrando com um cipò¹⁾, enquanto suas mulheres 1) Cipó/Liana rasteiro, que é encontrado enrolado nas árvores e serve de corda para os selvagens.
— 240 — vanno accendendo il fuoco. Per ottenerlo con celerità stropicciano varj pezzi di legno con cui accendono l'esca, della quale van sempre muniti, ed apparecchiano il loro cibo consistente in carni di scimmie, serpenti, rospi, pesci, frutti silvestri, senza punto curarsi d'altro nutrimento, sapendo però al pari degli altri apparecchiare la mandioca (<i>jatropha manioca</i>).	— 240 — vão acendendo o fogo. Para obtê-lo com rapidez, esmagam vários pedaços de madeira com os quais acendem a isca, da qual estão sempre equipados, e preparam sua comida composta de carne de macacos, cobras, sapos, peixes e frutas silvestres, sem nenhum outro alimento, mas, como os demais, sabem preparar a mandioca (<i>jatropha manioca</i>).
50 Qui si cominciò a venire orribilmente tormentati dai Maruins, piccoli moscherini che producono pustole sul corpo e un prurito insopportabile, e dalla motucca, specie di tafano la cui puntura è dolorosissima, che è ivi tanto abbondante quanto lo sono in estate fra noi le mosche (<i>Tabanus trilineatus</i>)¹⁾. Si arrivò la notte a Peschiera, dove ci procurammo viveri per la ciurma. 1) I dipteri da me offerti in dono al civico Museo di Milano, vennero studiati e classificati dal distinto entomologo parmense Camillo Rondani. In essi vi rinvenne e descrisse venti specie nuove, pubblicate nei Nuovi Annali delle Scienze Naturali di Bologna, fase, di Novembre e Dicembre 1830 col titolo: Nomenclatio specierum nonnullarumordini dipterorum in America Meridionali a Cajetano	Ali começamos a ser terrivelmente atormentados pelos maruins, pequenos mosquitos que causam pústulas no corpo e uma coceira insuportável, e pela motucca [mutuca], uma espécie de mosca cuja picada é extremamente dolorosa e que é tão abundante ali quanto as moscas (<i>Tabanus trilineatus</i>)¹⁾ são no verão entre nós. Chegamos à noite em Peschiera [Pesqueiro], onde adquirimos provisões para a tripulação. 1) Os dípteros que doeí ao Museu Cívico de Milão foram estudados e classificados pelo ilustre entomologista Camillo Rondani, de Parma. Neles, ele encontrou e descreveu vinte novas espécies, publicadas nos Novos Anais de Ciências Naturais de Bolonha, em novembro e dezembro de 1830, sob o título: Nomenclatio specierum nonnullarumordini "dipterorum in America Meridionali a Cajetano

Osculati collectarum, novis breviter descriptis a Camillo Rondani. Numerazione delle nuove specie del Quixos e Brasile. 1. Eristalis funereus, Rondani n. sp. 2. Syrphus excavalus, “ “ 3. — fascivenlris, “ “ 4. Dejanina honesta, “ “ 5. Cyphocera decorala “ “ 6. Hystricia palpino “ “ 7. Blepharopoda pilitarsis, nov. genus 8. Exorista longa, Rondani n. sp. 9. Sarchophaga varipes “ “ 10. — pygmtea “ “ 11. Mya versicolor, Rondani n. sp. 12. — jonicroma (G. Lucilia aliis) “ “ 13. Grallomya Osculati, “ “ 14. Mallophora Macquarlui “ “ 15. — cilicrura, “ “ 16. Dasipogon? bombimorpha, “ “ 17. Asilus therevinas, “ “ 18. Dasipogon parvus, “ “ 19. Pangonia laterina, “ “ 20. Silvius nubipennis, “ “ GENUS NOVUM. G. Blepharopoda. Rondani. Char. gen. : Anlennarum articulus ultimus duplo circiter longior secundo. — Arista nudse articuli duo primi brevissimi. — Oculi manifeste pilosi. — Series frontales setarum in genis non descendentes, series foveales ad medium faciei non ascendentes. — Alarum vena transversa exterior magis proxima cubilo quinta; longitudinalis quam venula traasversae intermedia; — Cubitus venie quinta: longitudinalis non appendiculatus. — Abdomen macrochelis orsualibus paucis, ad marginem segmentorum, et iscoidalibus nullis. — ridice postica ciliis densis et longiusculis instructae.	Osculati collectarum, novis breviter descriptis a Camillo Rondani. Numeração de novas espécies de Quixos e do Brasil. 1. Eristalis funereus, Rondani n. sp. 2. Syrphus excavalus, “ “ 3. — fascivenlris, “ “ 4. Dejanina honesta, “ “ 5. Cyphocera decorala “ “ 6. Hystricia palpino “ “ 7. Blepharopoda pilitarsis, nov. genus 8. Exorista longa, Rondani n. sp. 9. Sarchophaga varipes “ “ 10. — pygmtea “ “ 11. Mya versicolor, Rondani n. sp. 12. — jonicroma (G. Lucilia aliis) “ “ 13. Grallomya Osculati, “ “ 14. Mallophora Macquarlui “ “ 15. — cilicrura, “ “ 16. Dasipogon? bombimorpha, “ “ 17. Asilus therevinas, “ “ 18. Dasipogon parvus, “ “ 19. Pangonia laterina, “ “ 20. Silvius nubipennis, “ “ GENUS NOVUM. G. Blepharopoda. Rondani. Char. gen. : Anlennarum articulus ultimus duplo circiter longior secundo. — Arista nudse articuli duo primi brevissimi. — Oculi manifeste pilosi. — Series frontales setarum in genis non descendentes, series foveales ad medium faciei non ascendentes. — Alarum vena transversa exterior magis proxima cubilo quinta; longitudinalis quam venula traasversae intermedia. — Cubitus venie quinta: longitudinalis non appendiculatus. — Abdomen macrochelis orsualibus paucis, ad marginem segmentorum, et iscoidalibus nullis. — ridice postica ciliis densis et longiusculis instructae.
— 241 —	— 241 —
51 Il 1.° febbrajo si arrivò a Manacapurù, piccola fattoria, dove sostammo nella casa di un portoghese chiamato Barroso, vecchio settuagenario che da più di 40 anni dimorava in quella solitudine, facendo lavorare terreni da una ventina di negri suoi schiavi. Quivi passammo il rimanente del giorno e della notte.	No dia 1° de fevereiro, chegamos a Manacapurù [Manacapuru], uma pequena feitoria, onde nos hospedamos na casa de um português chamado Barroso, um velho septuagenário que vivia há mais de 40 anos naquela solidão, trabalhando a terra por meio de uns 20 negros, seus escravos. Lá passamos o resto do dia e da noite.
52 Nelle vicinanze vi prospera gran copia di aranci e di limoni silvestri, oltre a smisurati manglieri; mi provai ad internarmi nel bosco	Nas vizinhanças cresce um grande número de laranjeiras e limoeiros silvestres, além de desmesuradas manglieri [mangueiras]. Tentei

per far caccia di scimmie; ma i runbachi, specie di arbusti spinosi, rendevano impraticabili que' luoghi che ne erano per ogni dove ricoperti.	entrar na floresta para caçar macacos, mas os runbachi* uma espécie de arbusto espinhoso, tornaram o caminho intransitável, pois aquele lugar estava coberto deles.
53 Il dì seguente si viaggiò tutta la giornata; si rasentarono le isole di Manacari, Anauri, abitate da pochi Muras; e giunti al così detto Calderon, uno dei rami del rio Negro, il pilota indiano non credette bene di arrischiarsi in tal passo pericoloso, ancorché venisse accorciato di molto il viaggio. Il rio delle Amazzoni in tal punto si forma un gran gomito, divergendo notabilmente il suo corso. Si arrivò alla sera all'imboccatura del rio Negro dove si die fondo, non potendo senza un vento favorevole rimontare quel fiume e vincere la contraria corrente colla sola forza dei remi.	No dia seguinte, viajamos o dia inteiro, contornando as ilhas de Manacari* e Anauri*, habitadas por alguns Muras [Múra]. Quando chegamos ao chamado Calderon [Caldeirão] um dos braços do Rio Negro, o piloto indígena não achou prudente arriscar-se numa passagem tão perigosa, mesmo que isso encurtasse consideravelmente a viagem. O Rio Amazonas, naquele ponto, forma um grande cotovelo, desviando notavelmente seu curso. No final da tarde, chegamos à foz do Rio Negro, onde fundeamos, pois, não era possível, sem um vento favorável, subir o rio e vencer a correnteza contrária apenas com a força dos remos.
54 Le terre dal lato destro rimontando il rio Negro sono alte e monticellose: le sue acque sono di un colore fuliginoso, mantenendosi per tre o quattro miglia dello stesso colore pria che si mescolino con quelle delle Amazzoni, che sono costantemente biancastre e rossicie, cariche di terriccio. Quivi la profondità del rio Negro è dalle 50 alle 40 braccia. Appena superata la foce di questo fiume, cessa interamente il flagello dei maruins, dei mosticchi e d'ogni altra classe d'insetti; singolarità che notasi in tutti i fiumi d'America, le cui acque sebbene limpide sieno nerastre. Species Pilitarsis. Rond. n. sp. o" Nigricans; abdomen lateribus fusco-ufescentibus, scutello testaceo. — Tarsi apice pilis longis praediti. — Viltà interoculari velutino-picea. — Squama: alba: — Alae griseae costa antica et basi paulo fuscioribus. — Vense quarte longitudinalis basis spinulis tribus U'1 quatuor instructa. — Tibise prxsertim postica? paulo piccar. 19	As terras à direita, subindo o Rio Negro, são altas e montanhosas: suas águas têm uma cor fuliginosa, permanecendo assim por três ou quatro milhas antes de se misturarem com as do Amazonas, que são constantemente esbranquiçadas e avermelhadas, carregadas de argila. Aqui a profundidade do Rio Negro é de 50 a 40 braças. Assim que superamos a foz desse rio, cessa inteiramente o flagelo dos maruins, dos mosticchi e todas as outras classes de insetos; uma peculiaridade observada em todos os rios da América, cujas águas, embora límpidas, são enegrecidas. Species Pilitarsis. Rond. n. sp. o" Nigricans; abdomen lateribus fusco-ufescentibus, scutello testaceo. — Tarsi apice pilis longis praediti. — Viltà interoculari velutino-picea. — Squama: alba: — Alae griseae costa antica et basi paulo fuscioribus. — Vense quarte longitudinalis basis spinulis tribus U'1 quatuor instructa. — Tibise prxsertim postica? paulo piccar. 19
— 242 —	— 242 —
55 Essendo la stagione delle alluvioni, buona parte delle foreste era sommersa, non sopravanzando qua e colà che le cime degli	Sendo a estação das cheias, grande parte da floresta estava submersa, com apenas as copas das árvores aparecendo aqui e acolá, a maioria

alberi, la più parte palmizii assaccù, bacabà, miriti, patavà, cravo o cannella silvestre ed andiroba¹⁾. Più indentro ne'luoghi eminenti sorgevano le abitazioni dei coltivatori di cotone e cañaverales.	de palmeiras assaccù [açacu], bacabà [bacaba], miriti, patavà [bataua], cravo ou canela silvestre e andiroba¹⁾. Mais adiante, nos lugares elevados, ficavam as moradias dos produtores de algodão e os cañaverales [canaviais].
56 Non appena fatto giorno si salpò dalla foce, e con una calma perfetta si andò rimontando lentamente il rio Negro, non potendosi procedere che a forza di alzane, cioè facendo attaccare ad un albero alla riva una lunga corda, e tirandola poi a sè stando nella barca. Finalmente, verso le 8 antimeridiane, elevatosi il consueto vento fresco di levante, si issò la vela, ed in due ore si giunse alla città di Manaos.	Assim que amanheceu, zarpamos da foz e, com perfeita calma, subimos lentamente o Rio Negro, pois só podíamos prosseguir com a força de alzane [sirgas], ou seja, prendendo uma longa corda a uma árvore na margem, puxando-a na direção do nosso barco. Finalmente, por volta das 8 horas da manhã, com o habitual vento fresco do leste, a vela foi içada e em duas horas chegamos à cidade de Manaus.
57 L'alveo del rio Negro supera qui forse in larghezza quello delle Amazzoni; esso nel punto dove sorge la città misura circa 3 miglia, avendo però nel suo mezzo varie isole. La sua profondità varia dalle 20 alle 30 braccia. Per quanto raccolsi sul luogo, più si va inoltrando, e più si fa maggiore la larghezza del suo letto, andando sempre aumentando il numero delle isole.	O leito do Rio Negro aqui talvez supere em largura o do Amazonas; no ponto em que a cidade se encontra mede cerca de três milhas, tendo, porém, várias ilhas em seu meio. Sua profundidade varia de 20 a 30 braças. Pelas informações que obtive, quanto mais se avança, maior a largura de seu leito e maior o número de ilhas.
58 Il Negro è il più grande ed il più maestoso di tutti i fiumi, che tributano le loro acque al rio delle Amazzoni; nasce nella Nuova Grenada dalle montagne di Tunuck, passa per S. Carlos, bagna il territorio di Venezuela, e continua il suo corso pel Brasile, ingrossato dalle acque del Cassiquiare, per mezzo del quale si ha comunicazione coll'Orenoco; taglia dal nord-ovest al sud-est la vasta comarca alla quale dà il proprio nome, bagnando Thomar e Barcellos; riceve le acque del rio Branco e molte altre fiumane fino al suo sbocco nell'Amazzone²⁾.	O Negro é o maior e mais majestoso de todos os rios que tributam suas águas ao Amazonas; nasce em Nova Granada, nas montanhas de Tunuck [Tunuhi], passa por S. Carlos, banha o território da Venezuela, e continua seu curso pelo Brasil, engrossado pelas águas do Cassiquiare, através do qual tem comunicação com o Orenoco [Orinoco]; corta de noroeste a sudeste a vasta comarca de mesmo nome, banhando Thomar [Tomar] e Barcellos [Barcelos]; recebe as águas do Rio Branco e de muitos outros rios até desaguar no Amazonas²⁾.
1) L'albero detto andirobeira produce una castagna rassomigliante moltissimo a quella d'Europa, dalla quale estraggono un olio da ardere. Si trova in grande abbondanza nelle isolette dell'Amazzone, in modo da bastare per il consumo di tutta la provincia, e per la	1) A árvore conhecida como andirobeira produz uma castanha muito semelhante à da Europa, da qual se extrai um óleo para queima. É encontrada abundantemente nas ilhotas do Amazonas, de modo que é suficiente para o consumo de toda a província e

fabbricazione del sapone di cacao, per la quale vien preferita al sego. 2) Devonsi impiegare nel rimontare il fiume circa due mesi onde entrare nel territorio di Venezuela.	para a fabricação de sabão de cacao, sendo preferida em relação ao sebo. 2) São necessários cerca de dois meses para subir o rio e entrar no território da Venezuela.
— 243 —	— 243 —
Capitolo XXIV (Dal 3 Febbraio al 9 Marzo). Città di Manaos o Barra do rio Negro. – La Casciuera o salto d'acqua. – La Tigre nera. – L'Onza. – Alberi di China. – La piassaba. – Storia naturale dei dintorni di Manaos. – Viaggiatori europei che visitarono quelle regioni. – Specie di serpi velenose. – Quadrupedi. – Numerose specie di scimmie. – Insetti. – Nuova specie di cynips.	Capítulo XXIV (3 de fevereiro a 9 de março). Cidade de Manaus ou Barra do Rio Negro. – A Casciuera ou salto d'água. – O Tigre negro. – A Onça. – Árvores da China. – A piassaba. – História natural dos arredores de Manaus. – Viajantes europeus que visitaram essas regiões. – Espécies de serpentes venenosas. – Quadrúpedes. – Diversas espécies de macacos. – Insetos. – Novas espécies de cynips.
59 L'antica Manaos o Barra do Rio Negro è situata sulla riva destra o settentrionale del rio Negro a due leghe circa dalla sua imboccatura; sorge, come già accennai, sur un altipiano quasi isolato del continente, composto di rocce calcaree ferrugineose, ornate di palme e cocotieri, che, veduto dal fiume, gli danno un aspetto incantevole.	A antiga Manaus ou Barra do Rio Negro está localizada na margem direita ou norte do Rio Negro, a cerca de duas léguas de sua foz; ela se ergue, como já mencionei, em um platô quase isolado do continente, composto de rochas calcárias ferruginosas, adornadas com palmeiras e cocotieri [coqueiros], que, vistos do rio, lhe dão uma aparência encantadora.
60 La città ha un'estensione di circa un miglio; andando dalla chiesa del Remedio fino all'altra detta dell'ospedale incontransi tre grandi seni dove stanno ancorati brigantini, vigilenghe ed altre barche più piccole. Si comunica tra i diversi quartieri per mezzo di tre lunghi ponti di legno che riuniscono la città. Il porto è sicuro e difeso dai varj venti; possiede un piccolo cantiere per la costruzione delle navi, e sull'alto della collina una fabbrica di mattoni. Tutto ciò annunzia l'avvicinarsi della civiltà. S'incontrano molti edifizj in pietra e mattoni, la più parte di proprietà di un nostro italiano, da lui stesso fatti costruire.	A cidade tem cerca de uma milha de comprimento; indo da igreja do Remédio até a outra, conhecida como do Hospital, há três grandes baías onde estão ancorados bergantins, vigilenghe [vigilengas] e outros barcos menores. Há comunicação entre os diferentes bairros por meio de três longas pontes de madeira que ligam a cidade. O porto é seguro e protegido dos vários ventos; possui um pequeno estaleiro para a construção de navios e, no alto da colina, uma fábrica de tijolos. Tudo isso anuncia a aproximação da civilização. Encontramos muitos prédios de pedra e tijolos, a maioria deles de propriedade de um italiano e construídos por ele.
61 Spaziose sono le piazze e in quadrato; le contrade ampie e tirate in rettifilo, ma mal selciate; le case di un sol piano di stile moderno. Vi si trovano molti magazzini di chincaglie ed altre manifatture e stoffe d'Europa, stante l'attivo commercio che mantiene colla repubblica di Venezuela; è	As praças são espaçosas e quadradas; as ruas são largas e retas, mas mal pavimentadas; as casas são térreas de estilo moderno. Há muitos armazéns de quinquilharias e outros manufaturados e tecidos europeus, dado o comércio ativo que mantém com a república da Venezuela, bem como o comércio de

ben anco l'emporio delle merci e dei prodotti provenienti dall'alto Amazzone e dai fiumi Purus, Javari, Jutay, consistenti in pirarucù secco, castagne, copaiba, salsapariglia, cotone e tabacco.	mercadorias e produtos do alto Amazonas e dos rios Purus, Javari [Javari] e Jutay [Jutaí], consistindo em pirarucù [pirarucu] seco, castanhas, copaíba, salsaparrilha, algodão e tabaco.
62 Non appena sbarcati, ci recammo direttamente alla casa del signor Antony di Livorno, dove i miei compagni di viaggio avevano il loro alloggio. Venni gentilmente accolto da quel bravo italiano, che con quella squisita cortesia della quale usava verso tutti i viaggiatori, mi offerse subito la sua ospitalità per tutto	Assim que desembarcamos, fomos direto para a casa do Sr. Antony de Livorno, onde meus companheiros tinham suas acomodações. Fui gentilmente recebido por aquele bom italiano, que, com a mesma cortesia requintada da qual usava com todos os viajantes, imediatamente me ofereceu sua hospitalidade durante todo
—244—	—244—
quel tempo che mi fosse piaciuto di restare colà. Accettai di buon grado l'offerta, massime sapendolo fornito di discreta agiatezza, frutti delle sue fatiche e di stenti superati in vent'anni di dimora in quelle contrade, lungi dalla sua patria e dalla sua famiglia. La difficoltà di trovare una propizia occasione per proseguire la mia navigazione sino al Gran Parà mi obbligò a passare un mese e più in quella città; ritardo che per dir vero non mi riuscì punto dispiacevole, trovandomi in sì lieta compagnia, e avendo così l'agio di compiere qualche escursione nell'interno delle terre onde aumentare la mia collezione zoologica, e far incetta d'insetti e di semi.	o tempo que eu quisesse ficar ali. Aceitei de bom grado a oferta, sabendo que ele era provido de razoável riqueza, fruto de seu trabalho e das dificuldades que havia superado em vinte anos de residência naquelas áreas, longe de sua pátria e de sua família. A dificuldade de encontrar uma oportunidade propícia para continuar minha navegação até o Grão-Pará me obrigou a passar mais de um mês naquela cidade; uma demora que, para dizer a verdade, não achei desagradável, pois me encontrava em uma companhia tão feliz e, assim, tive facilidade para fazer algumas excursões pelo interior das terras a fim de aumentar minha coleção zoológica e coletar insetos e sementes.
63 La popolazione ascende attualmente a circa 6000 anime, la più parte Mestizos ed indiani delle tribù de'Passè, Bamba, Bore, Muras, Purupurù, Colauti, Catacquisà. Quella popolazione potrebbe dividersi in 4. classi: bianchi, indiani, tapuyos e negri. Il bianco dell'Amazzone è di un carattere dolce e semplice, ed il viaggiatore errante in que'luoghi vi trova ospitalità, tanto rara nelle popolazioni civilizzate. I più agiati hanno grosse feitorias, dove si coltiva il caffè, il cacao, la canna da zucchero, e si educa anche il bestiame bovino.	A população chega atualmente a 6.000 almas, a maior parte Mestizos [Mestiços] e índios das tribos Passè [Passé], Bamba*, Bore*, Muras [Múra], Purupurù [Purupurú], Colauti* e Catacquisà*. Aquela população pode ser dividida em quatro classes: brancos, índios, tapuyos e negri [negros]. O branco da Amazônia é de caráter doce e simples, e o viajante errante encontra ali a hospitalidade, tão rara em populações civilizadas. Os mais abastados têm grandes feitorias, onde são cultivados café, cacau e cana-de-açúcar, além da criação de gado bovino.
64 Il governo civile è affidato ad un giudice di pace, ad una camera municipale e ad un	O governo civil é confiado a um juiz de paz, uma câmara municipal e um delegado. Quanto

delegato. Pel militare trovasi un comandante di piazza con un distaccamento di trecento uomini, ai quali, in caso di necessità, ponno aggiungersi mille uomini di guardia nazionale: l'ecclesiastico poi è rappresentato da un unico parroco.	aos militares, há um comandante de praça com um destacamento de trezentos homens, aos quais, em caso de necessidade, podem ser acrescentados mil homens da guarda nacional. A igreja é representada por um único pároco.
65 Alcune settimane prima del mio arrivo era approdato a Manaos un piroscafo da guerra brasiliano all'oggetto di reclutare indiani pel servizio militare. La comparsa di questa nave aveva cagionato tale spavento a que'pacifici abitanti, che la più parte se n'erano fuggiti a precipizio nei boschi.	Algumas semanas antes de minha chegada, atracou em Manaus um vapor de guerra brasileiro com o propósito de recrutar índios para o serviço militar. A aparição desse navio causou um susto tão grande àqueles pacíficos habitantes que a maior parte fugiu em disparada pelas matas.
66 In tal modo la città era rimasta quasi sprovvista d'ogni genere di commestibili, e i pochi rimasti soffrivano di penuria. La incuria del Governo ed il dispotismo che i suoi delegati esercitano su quei poveri tapuyos sono tali, che questi giungono a preferire la loro vita primitiva selvaggia e indipendente a tutti i vantaggi, che loro potrebbe offrire il civile consorzio. Que'poveri tapuyos, minacciati ogni giorno nella loro libertà sia, come già dissi, per imbarcarsi a forza in qualità di marinaj, o per arruotarli	A cidade ficou de tal modo desprovida de todos os gêneros de alimentos, e os poucos que restaram sofriam com a escassez. A negligência do Governo e o despotismo exercido por seus delegados sobre esses pobres tapuyos eram tais que eles passaram a preferir sua vida primitiva, selvagem e independente de todas as vantagens que a sociedade civilizada poderia lhes oferecer. Aqueles pobres tapuyos, ameaçados diariamente na sua liberdade, seja, como já disse, para embarcarmos à força como marinheiros, recrutados
— 245 —	— 245 —
nella truppa, o incorporarli nella compagnia de' lavoratori, quasi tutti si sono internati dopo aver sofferto tutte le privazioni e vessazioni d'ogni genere e maltrattamenti; e sarebbe pure facile ritenerli quando venissero trattati con dolcezza. Le autorità, in luogo di far prosperare il commercio e l'industria di quella vasta comarca con leggi provvide e adatte alla capacità di quelle popolazioni, pare che adoperino ogni mezzo per peggiorarne la condizione, tormentandole senza posa e opprimendole con angherie ed estorsioni. I tapuyos vivono sotto la dominazione della legge quali pescatori, cacciatori, battellieri, in un sol motto formano la classe dei lavoratori, ma non è laboriosa; poichè il tapuyo non lavora pel padrone se non quando il bisogno lo forza.	para a tropa ou incorporados às companhias de trabalhadores, quase todos se isolaram após terem sofrido todo tipo de privação, vexames de toda espécie e maus-tratos; e seria fácil segurá-los se fossem tratados com gentileza. As autoridades, em vez de fazer prosperar o comércio e a indústria daquela vasta comarca com leis benéficas e adequadas à capacidade daquelas populações, parecem que adotam todos os meios para piorar a condição delas, atormentando-as sem parar, oprimindo-as com tirania e extorsão. Os tapuyos vivem sob a dominação da lei tal qual os pescadores, caçadores e barqueiros e, de foram geral, formam a classe operária, mas não é trabalhadora, pois o tapuyo não trabalha para o patrão, exceto quando a necessidade o obriga. Vivem com pouco, bastando para a sua

Vive con poco, bastandogli per suo nutrimento un pugno di riso, di farina di mandioca o qualche banana, ed un po'di pesce secco o testudine.	alimentação um punhado de arroz, de farinha de mandioca, algumas bananas e um pouco de peixe seco ou testudine.
67 Manaos, benché situata nella zona torrida, anzi a pochi gradi dalla linea equatoriale, ha una temperatura piuttosto mite, ed è un soggiorno salubre e piacevole. Il clima però cangia del tutto, appena si vada rimontando per qualche giornata il fiume. L'atmosfera si fa allora torrida ed uliginosa, e la più parte de' naviganti viene assalita dalle seasons (febbri intermittenti) e da dissenterie così ostinate che in breve tempo mandano alla tomba, o se non altro, si convertono in letali affezioni epatiche, o in croniche idropisie, le quali sono pur anco causate dalla cattiva qualità delle acque potabili. Molti abitanti di Manaos mandano uomini con canoe all'Amazzone per riempire d'acqua varie botti pel loro consumo, essendo questa assai leggera e salubre. — Non s'incontra alcuna reliquia degli antichi abitatori Manaos, solo osservansi sparsi nella spianata della distrutta fortezza molte giare senza coperchio e dei vasi d'argilla, i cui orli sporgono alla superficie del suolo, arnesi che certamente dovevano servir per riporre le ceneri dei defunti. Feci eseguire diversi scavi in varj punti, e ne estrassi alcune anfore ben conservate, nelle quali però non rinvenni che un po'di terriccio.	Manaus, embora situada na zona tropical, aliás, a poucos graus da linha equatorial, tem uma temperatura bastante amena e é uma estada saudável e agradável. O clima, porém, muda totalmente, assim que se sobe o rio por alguns dias. A atmosfera então se torna tórrida e úmida, e a maior parte dos navegantes é atacada por seasons (febres intermitentes) e disenteria tão fortes que, em pouco tempo, levam à sepultura ou, pelo menos, se tornam doenças hepáticas letais ou hidropisia crônica, que também são causadas pela má qualidade da água potável. Muitos habitantes de Manaus enviam homens em canoas ao Amazonas para encherem vários barris com água para consumo, sendo ela muito leve e saudável. — Não há vestígios dos antigos habitantes Manaos [Manáos], apenas observa-se espalhados pela esplanada da fortaleza destruída, muitos jarros sem tampa e potes de barro, cujas bordas se projetam para a superfície do solo, utensílios que certamente deviam servir para armazenar as cinzas dos defuntos. Fiz diversas escavações em vários pontos e extraí algumas ânforas bem conservadas, nas quais, no entanto, não havia nada mais que um pouco de substrato.
68 Trovasi a circa mezz'ora di cammino nella foresta dal lato nord un delizioso luogo detto Casciuera o salto d'acqua, dove un tal Robert scozzese costrusse un grandioso edificio per segare il legname da costruzione. Il lavoro però non può essere continuato che per sei mesi dell'anno, cioè nell'epoca soltanto del calo delle acque, giacché durante il periodo delle alluvioni, che ha principio	Em, aproximadamente, meia hora de caminhada pela floresta, a partir do lado norte, há um lugar encantador chamado Casciuera [Cachoeira] ou salto d'água, onde Robert, um escocês, construiu uma grandiosa edificação a fim de cortar madeira para construção. O trabalho, no entanto, só pode ser realizado durante seis meses do ano, ou seja, somente no período em que as águas baixam, pois durante o período de cheias, que começa
— 246 —	— 246 —
ordinariamente a'primi di marzo e continua per tutto agosto, tutti i terreni sono inondati,	normalmente no início de março e continua até agosto, todos os terrenos são inundados,

scomparendo perfino quella cascata. I mesi nei quali si è costretti a sospendere il lavoro vengono impiegati nel far tagliar alberi nei boschi e nel trasportarli sulla località. Associato all'italiano Antony, che aveva anticipato i capitali, lo Scozzese continuamente spediva legnami d'opera al Gran Parà sopra balse, zattere. Già essi avevano ricavato grossi lucri, stante la sicurezza e prontezza dello smercio, guadagno che si sarebbe accresciuto di molto, ove si avesse potuto aumentare le macchine.	desaparecendo, até mesmo, aquela cachoeira. Os meses em que se é forçado a suspender os trabalhos são gastos no corte de árvores nas florestas e seu transporte até o local. Associado ao italiano Antony, que havia adiantado o capital, o escocês enviava continuamente madeira de construção para o Grão-Pará em balsas. Eles já haviam obtido grandes lucros, dada a segurança e a rapidez das vendas, um lucro que teria sido muito maior se tivesse sido possível aumentar o maquinário.
69 Più volte ivi mi recai per diporto, e co'miei cortesi ospiti consecrava l'intera giornata alla pesca ed al nuoto, essendo ivi sicuri dagli alligatori, che non rimontano mai fino a quel punto.	Várias vezes fui até lá por prazer e, com meus cortesios hospedeiros, consagrava o dia inteiro a pescar e nadar, estando a salvo dos jacarés, que nunca chegam até aquele ponto.
70 Le acque di quel braccio del fiume sono limpide, ma conservano il color fuliginoso; la cascatella, opera della natura, si getta perpendicolarmente dalla roccia.	As águas desse braço do rio são límpidas, mas mantêm sua cor fuliginosa; a cascata, obra da natureza, cai perpendicularmente da rocha.
71 La temperatura di quell'acqua al salto era di +14°, quando invece quella del rio Negro nello stesso giorno montava a +21°.	A temperatura daquela água no salto era de +14°, enquanto a do Rio Negro no mesmo dia chegava a +21°.
72 Le selve che si attraversano per recarvisi sono frequentate da jaguar, che gettano non di rado lo spavento fra' visitatori.	As selvas pelas quais se passa no caminho são frequentadas por jaguar ¹⁰⁰ , que, não raro, assustam os visitantes.
73 Molte tigri nere erano state uccise in quel bosco in varie epoche, e non pochi indiani ne erano stati malconci o sbranati, senza che ancora abbiano potuto trovare il modo di allontanarle. L'jaguar nero ¹⁾ è la specie più feroce, assaltando anche l'uomo; fortunatamente però è divenuta assai più rara di qualunque altra specie di gatti tigrati. Quella che al rio Negro chiamano susuruanna è la Felis concolor; il quale è il Couguar o Puma (Leone d'America), intieramente di color fulvo, grande e senza macchie, a coda lunga a pennacchio, in forma di clava. Una di queste fiere venne uccisa a colpi di lancia in	Muitos tigres negros foram mortos naquela floresta em várias ocasiões, e não poucos índios foram feridos ou despedaçados por eles, sem que ainda tenham conseguido encontrar uma maneira de afastá-los. O jaguar negro ¹⁾ é a espécie mais feroz, chegando até a atacar o homem; felizmente, porém, ela se tornou muito mais rara do que qualquer outra espécie de gato tigrado. Aquela que, no Rio Negro, eles chamam de susuruanna [suçuarana] é a Felis concolor, que é o Couguar ou Puma (Leão da América), de cor totalmente fulva, grande e sem manchas, a cauda longa e plumada, em forma de clava.

¹⁰⁰Osculati usa os termos “jaguar” e “tigre” para se referir à onça-pintada (*Panthera onca*), tanto à malhada quanto àquela conhecida como pantera negra ((ver a discussão aprofundada no capítulo 4).

una fattoria di Antony dagli stessi mandrieros (pastori), proprio nell'istante in cui erasi slanciata sopra una giovenca.	Uma dessas feras foi morta a golpes de lança em uma fazenda de Antony pelos próprios mandrieros [pastores], no exato momento em que se lançava sobre uma novilha.
74 La pacova susuruoca è la Felis onza. Questo jaguaro è simile nelle forme e nel colore alla pantera africana, benché sia alquanto inferiore nella vigoria. Affamata, assale anche l'uomo, né gli lascia scampo alcuno se questi non giunge ad arrampicarsi sur un albero; però ha paura dello splendore dei fuochi. 1) Questo jaguaro non può essere che una varietà melana del jaguaro comune.	A pacova susuruoca é a Felis onza. Esse jaguar é semelhante em forma e cor à pantera africana, embora seja um pouco inferior em vigor. Faminta, ataca até o homem, não lhe deixando escapatória a menos que suba em uma árvore; mas tem medo do clarão do fogo. 1) Este jaguar só pode ser uma variedade melânica do jaguar comum.
—247—	—247—
Nelle selve vicine alla città si osservano alcune varietà di alberi di China, molto inferiori però nella bontà a quella della Bolivia e del Perù.	Nas florestas próximas à cidade, podem ser observadas algumas variedades de árvores da China, embora muito inferiores em qualidade às da Bolívia e Peru.
75 Molte sono le piante adoperate nell'intarsio e per costruzione; il cedro rassomigliante all'abete dell'America del nord. Ve ne sono di due sorta, l'uno di color rosso si trova ovunque nell' alto Amazzone, e l'altro meno forte di colore trovasi più in basso, vicino al Pará, la maripanga, finissimo legno macchiato a varj colori; la masandaruba a chiazze nere e bianche; il palo crux o palo santo; l'itauba di due sorta, gialla e nera, che serve ai naturali per la costruzione delle canoe; il pao d'arco, servibile per far archi, essendo dotato di molta elasticità e pieghevolezza; la tanibuca, per costruire le grandi barche; l'jacarè-hulà, l'huacari-cuarà, il marupù, de'quali tutti servonsi per far cassette e bauli; l'acajou, la sucuba, la maripinina, le cui macchie rassomigliano in tutto alle scaglie della tartaruga. L'ananes; questo legno viene d'ordinario impiegato per far remi, è assai pesante e pieghevole, e vien lasciato seccare per molto tempo. L'andirobeira è pure un legno proprio a far antenne, alberi e barche. È rosso ed assomiglia al legno di quercia. L'arpiulea; questo legno è il più comune dell'Amazzone,	Muitas são as plantas usadas em marchetaria e construção; o cedro se assemelha ao abeto da América do Norte. Há dois tipos: o vermelho é encontrado em toda parte do alto Amazonas e o outro de cor menos forte, é encontrado mais abaixo, perto do Pará; a maripanga [muirapiranga] uma madeira muito fina manchada de várias cores; a masandaruba [maçaranduba] com manchas pretas e brancas; o palo crux ou pau santo; a itauba [itaúba] de dois tipos, amarela ou preta, que é usada pelos nativos na construção de canoas; o pao d'arco [pau d'arco] útil para fazer arcos, sendo dotato de muita elasticidade e maleabilidade; a tanibuca, para a construção de grandes barcos; o jacarè-hulà [jacareúba], o huacari-cuarà [acariquara] o marupù [marupá], todos usados para fazer caixas e baús; o acajou [acaju] a sucuba, a maripinina [marapinima] cujas manchas se assemelham em tudo ao casco da tartaruga. O ananes [anani]; essa madeira é normalmente usada para fazer remos, é muito pesada e maleável, e é deixada para secar por muito tempo. A andirobeira também é uma madeira usada para fazer verga, mastros e barcos. Ela é vermelha

impiegato sovente per la costruzione delle barche. L'hauba trovasi di due qualità, l'una gialla, l'altra nera. La prima è la più ricercata per la costruzione.	e semelhante à madeira de carvalho. A arpiulea [apuleia]; essa madeira é a mais comum da Amazônia, muito usada para a construção de barcos. A hauba [ubá] é encontrada em duas qualidades, uma amarela e outra preta. A primeira é a mais procurada para construção.
76 Uno fra i tanti prodotti meritevole di speciale menzione si è quello che gl'indiani cavano dalla piassaba. È dessa una palma che non giunge ad un'altezza maggiore di 5 a 6 metri, dal cui fruttice estraggono una matassa di lunghi fili che vi stanno annidali nel mezzo. Con essi i naturali intrecciano cordami pel servizio delle barche, che sono di gran lunga più durevoli dei comuni, e forniti di maggiore elasticità. Mi assicurò il signor Antony che gl'Inglesi, avendo conosciuta la bontà delle gomene di piassaba, ne avevano fatte vistose domande per la loro marineria, potendosi d'altronde comperare a prezzi mitissimi. Egli ne spediva continuamente al Pará, ove veniva caricata per Londra, mettendosi quivi in commercio a 10 e fin 12 lire per tonnellata. Ogni quintale condotto dal rio Negro al Pará, calcolate le spese di primo acquisto, trasporto e magazzinaggio, ecc., non veniva a costare più di due scudi.	Um dos muitos produtos dignos de menção especial é o que os índios extraem da piassaba [piaçava]. É uma palmeira que não atinge mais de 5 a 6 metros de altura, de cujo pecíolo se extrai uma meada de fios longos que estão aninhados no meio dela. Com eles, os nativos tecem cordas para o serviço de barcos, que são muito mais duráveis do que as comuns e têm maior elasticidade. O Sr. Antony me assegurou que os ingleses, tendo conhecido a qualidade dos cabos de piassaba [piaçava], haviam feito um grande pedido para a sua marinha, podendo comprá-las a preços baixíssimos. Ele as enviava constantemente para o Pará, onde eram embarcadas para Londres, sendo negociadas lá a 10 e até 12 libras por tonelada. Cada quintal trazido do Rio Negro para o Pará, calculados os custos da primeira compra, transporte, armazenamento, etc., não custava mais do que dois escudos.
77 La sola industria di quegli abitanti è la fabbricazione di vasi di	A única indústria daqueles habitantes é a fabricação de vasos de
—248—	—248—
terra fatti con creta finissima, che trovasi ne' dintorni, ed anche ordinaria a varj colori. Adoperano il yutai-ipica come vernice che dà un bel lucido ad ogni sorta di terra ed è assai brillante e puro; ma non resiste molto tempo all'azione del fuoco.	terra feitos com argila finíssima, encontrada no entorno e, normalmente, de várias cores. Eles usam a yutai-ipica [jutaicica] como um verniz que dá um belo brilho a todos os tipos de terra e é muito brilhante e puro; mas não resiste por muito tempo à ação do fogo.
78 La storia naturale di questa remota regione del Brasile è tuttavia assai poco conosciuta. Pochi scienziati vi fecero in varie epoche brevi escursioni, pubblicando in Europa il risultato delle loro esplorazioni. Fra questi si distinsero pei primi Spix e Martius, i quali pubblicarono in seguito una	A história natural dessa região remota do Brasil é ainda muito pouco conhecida. Poucos cientistas fizeram breves excursões em épocas diferentes, publicando, na Europa, os resultados de suas explorações. Entre eles distinguem-se Spix e Martius, ao quais, mais tarde, publicaram um relatório interessante e

interessantissima e magnifica relazione de'loro viaggi e delle loro scoperte; venne poscia Natterer, e per ultimo il conte Castelleu e Deville.	magnífico de suas viagens e descobertas; depois vieram Natterer e, por último, o conde Castelleu e Deville.
79 Per quanto i miei mezzi e le mie limitate cognizioni in fatto di scienza me lo permettevano, non mancai di completare i miei studi su quelle contrade, ove natura fu prodiga de' suoi doni, tanto che coll'aiuto da' tapuyos spediti per conto mio alla caccia ed alla pesca riescii a radunare buon numero di esemplari d'ogni ramo della zoologia, inviai espressamente con canoa varii Cocamas all'Amazzone alla pesca del piracucù o Sudis gigas, del quale riportarono dopo due giorni un individuo adulto, che volli io stesso disseccare; esso pesava circa 250 libbre (V. Scholia, n.º 15). Alla gentilezza di quel nostro Italiano, che prestavasi colla massima premura onde arricchire la mia raccolta, devo anche un piccolo lamantino.	Na medida em que meus recursos e meu conhecimento limitado da ciência me permitiram, não deixei de completar meus estudos naquelas terras, onde a natureza foi generosa com seus dons, de modo que, com a ajuda dos tapuyos enviados por minha conta para caçar e pescar, consegui reunir um bom número de espécimes de todos os ramos da zoologia, enviei expressamente, de canoa, vários Cocamas [Kokama] ao Amazonas para pescar o pirarucù [pirarucu] ou Sudis gigas, dos quais eles trouxeram, depois de dois dias, um indivíduo adulto, que eu mesmo quis dissecar; ele pesava cerca de 250 libras (V. Escolia, nº 15). À gentileza daquele nosso italiano, que se esforçou ao máximo para enriquecer minha coleção, devo também um pequeno peixe-boi.
80 Nei boschi del rio Negro molte sono e svariatissime le specie di serpenti, che'i naturali distinguono con differenti nomi. Fra le innocue si annoverano la giboia-ckurà, il sucrusgiù o serpente d'acqua, il boiassù: invece il gerarca, il cascabelo (serpente a sonagli) sono le più terribili pel loro attivissimo veleno.	Nas florestas do Rio Negro, há muitas e variadas espécies de cobras, que os nativos distinguem por diferentes nomes. Entre as inofensivas estão a giboia-ckurà*, a sucrusgiù [sucuriçu] ou cobra d'água e a boiassù [boiaçu]; por outro lado, a gerarca [jararaca] e a cascabelo [cascavel] (cobra com guizos) são as mais terríveis por causa de seu veneno muito ativo.
81 Si trovano pure, oltre alle belve, di cui abbiamo già fatto cenno, ed agli alligatori, anche varie specie di cervi, delle quali la più comune è il cervus macrotis, che incontrasi in istuoli più numerosi quanto più si va rimontando quel fiume sino alla confluenza del rio Branco; aggiungi le lepri (lepus brasiliensis), i coati che si pascono di formiche, la mucura, l'armadillo o tatoù, il	Além das feras que já mencionamos e dos jacarés, há também várias espécies de veados, sendo o mais comum o cervus macrotis¹⁰¹, que é encontrado em maior número quanto mais se sobe o rio até a confluência com o Rio Branco. Acrescente-se a isso as lebres (lepus brasiliensis), os coati [quatis] que se alimentam de formigas, a mucura¹⁰², l'armadillo ou tatoù [tatu], o tamanduá ou

¹⁰¹O Guia ilustrado dos cervídeos brasileiros - Sociedade Brasileira de Mastozoologia (Azevedo, 2021) e o Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Cervídeos Ameaçados de Extinção do ICMBio (Barbanti e Reis, 2012), apresentam 8 espécies de cervídeos brasileiros dentre os quais não consta o *cervus macrotis*.

¹⁰²Ou gambá. Disponível em: <https://portalamazonia.com/cidades/conheca-a-mucura-animal-importante-na-manutencao-da-biodiversidade-e-controle-de-pragas/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

tamandua o formichiere, e tanti altri animali dei quali sarebbe troppo lunga l'enumerazione. Di scimmie poi se ne contano almeno venti differenti specie. La mydas bicolor di Spix o sahui de'brasiliani è assai comune; questa bellissima specie l'ebbi in dono viva dal governatore di Manaos; ha la testa, la nuca, il collo, il petto ed	formigueiro e muitos outros animais que levaria muito tempo para enumerar. Entre os macacos há, pelo menos, vinte espécies diferentes. O mydas bicolor de Spix ou sahui [sagui] dos brasileiros é muito comum; essa bela espécie eu recebi como um presente vivo do governador de Manaus; a cabeça, nuca, pescoço, peito e
—249—	—249—
i piedi anteriori bianchi; il tronco, la coda e i piedi posteriori color castagno. È assai cattiva, irascibile, morde; ha le orecchie piuttosto lunghe sporgenti; la coda gracile, i suoi movimenti sono molto snelli e graziosi. Se ne trova pure un'altra varietà affatto bianca. Altra specie piccolissima detta ouistiti (<i>mydas pygmaeus</i>) ha un pelo morbido rossiccio, il dorso variegato di nero e di bigio, con lunghe orecchie ed unghie acute; la coda è sottile col pelo un po'arricciato; è essa pure assai collerica, il suo grido è un fischio molto acuto. Le tre specie di <i>Phytacia</i>, cioè <i>monachus</i>, <i>irsuta</i> ed <i>inusta</i>, non sembrano a prima vista che una specie sola, variando fra loro pochissimo. La <i>Phytacia inusta</i> differisce solo per esser di forme più esili e per aver la testa color ruggine. Si cibano di soli frutti. Hanno il corpo assai peloso, slanciato, ondeggiante, colla coda foggata a largo pennacchio, i peli della testa assai lunghi, cadenti sulla fronte; i peli del mento sono ocracei e rosei. Non si ponno cogliere che di buon mattino e verso sera, saltando allora di ramo in ramo unite in famiglie numerose e mettendo strida acutissime. La caccia però non ne riesce tanto facile, perchè fuggono e si nascondono tra le frondi al più lieve rumore; sono molto facili ad addimesticarsi. Io ne serbai viva per due mesi una che avea presa a S. Pablo d'Oliveinca, e che morì al Manaos, dopo aver	as patas dianteiras são brancas; o tronco, a cauda e as patas traseiras são de cor castanha. É muito perigosa, irascível, mordaz; tem orelhas longas e salientes; sua cauda é fina; seus movimentos são muito ágeis e graciosos. Há também outra variedade que é totalmente branca. Outra espécie muito pequena, chamada ouistit¹⁰³ (<i>mydas pygmaeus</i>) tem pelagem macia e avermelhada, com o dorso variando entre o preto e cinza, orelhas longas e unhas agudas; a cauda é fina com pelagem levemente enrolada; também é muito raivosa, seu grito é um assobio muito agudo. As três espécies de <i>Phytacia</i>¹⁰⁴ (<i>Pithecia</i>), ou seja, <i>monachus</i>, <i>irsuta</i> e <i>inusta</i>, parecem, à primeira vista, ser apenas uma espécie, variando muito pouco entre elas. A <i>Phytacia inusta</i> difere apenas por ser mais esbelta e ter a cabeça cor de ferrugem. Se alimentam apenas de frutas. Têm o corpo bem peludo, delgado e ondulado, com uma cauda em forma de penacho largo, os pelos da cabeça muito longos, caídos na testa; os pelos do queixo são ocre e rosados. Só é possível caçá-los no início da manhã e no final da tarde, quando estão pulando de galho em galho, em famílias numerosas e emitindo gritos muito agudos. Caçá-los, entretanto, não é tão fácil, pois eles fogem e se escondem entre as folhagens ao menor ruído; são muito fáceis de domesticar. Mantive um vivo por dois meses, que havia capturado em S. Pablo d'Oliveinça, e que morreu em Manaus, depois

¹⁰³Gênero de macacos de porte muito pequeno (Castelnau, 1851).

¹⁰⁴Parauacu - Primatas de médio porte, são predadores especializados de sementes, e se alimentam, ainda, de frutas, folhas, insetos e flores (Calouro, A.M.; Martins, A.B.; Ravetta, A.L.; Alves, S.L., 2015).

rigettato dalla bocca un considerevole ammasso di lombrici.	de ter vomitado uma quantidade considerável de vermes.
82 Innumerevoli sono gli uccelli che annidano in quelle selve: parrocchetti, anitre, ardee araras, che si veggono ad ogni istante passare e ripassare dall'una all'altra sponda.	São incontáveis os pássaros que fazem ninhos naquelas selvas: periquitos, patos, garças, araras, que são vistos a todo momento indo e voltando de uma margem para outra.
83 Si trova piuttosto rara la scimmia detta parahuaco o Phytacia israelita di Spix. Ha un pelo nerastro nel maschio e rossiccio nella femmina, e va fornita di barba foltissima sotto il mento: me ne potei procurare un solo individuo in tutte le escursioni che feci in que'boschi. Vive in branchi nelle foreste e nei luoghi monticellosi, massime verso il rio Branco e sulle rive dell'Orenoco. Né in minor proporzione si rinvencono gl'insetti d'ogni ordine, in ispecie i coleopteri ed imenopteri.	O macaco conhecido como parahuaco [parauacu] ou Phytacia israelita de Spix é bastante raro. Sua pelagem é preta no macho e avermelhada na fêmea, e possui uma barba muito espessa sob o queixo: só consegui encontrar um indivíduo em todas as excursões que fiz naquelas florestas. Vive em bandos nas florestas e em lugares montanhosos, especialmente na direção do Rio Branco e nas margens do Orenoco [Orinoco]. Muito numerosos também são os insetos de todas as ordens, especialmente os coleópteros e himenópteros.
84 Durante le mie escursioni in que' boschi ebbi campo di fare alcune osservazioni intorno ad una nuova specie di Cynips, la quale specificai sotto il nome di Cynips bombix. Questa nello stato di larva produce un globo di seta, entro il quale sta rinserrata per ben quindici giorni, uscendone trasformata in insetto perfetto.	Durante minhas excursões nessas matas, tive a oportunidade de fazer algumas observações sobre uma nova espécie de Cynips ¹⁰⁵ , que classifiquei com o nome de Cynips bombix. No estado de larva, ela produz um globo de seda, no qual fica encerrada por quinze dias, de onde emerge transformada em um inseto perfeito.
— 250 —	— 250 —
Questo bozzolo, che per lo più ha una forma ovale, è di un color cilestrino o bianco, in grossezza minore di quello del nostro baco da seta.	Esse casulo, que em sua maioria tem formato oval, é azul-celeste ou branco, com espessura menor do que a do nosso bicho-da-seda.
85 Si trova sospeso ai rami dei piccoli arbusti, ed è fornito di un canaletto aperto, composto di piccole cellule unite mediante un finissimo tessuto. Visitava sovente e quasi ogni giorno il singular lavoro di quell'insetto onde poter continuare le mie osservazioni.	Ele é encontrado pendurado nos galhos de pequenos arbustos e possui um canal aberto, composto de pequenas células unidas por um tecido muito fino. Visitei o trabalho singular desse inseto com frequência, quase diariamente, para continuar minhas observações.
86 Fra le conchiglie terrestri e fluviali da me raccolte nel Quixos e nel Brasile, le quali erano destinate pel dotto malacologo	Entre as conchas terrestres e fluviais que coletei em Quixos e no Brasil, destinadas ao erudito malacologista lombardo Conde Carlo

¹⁰⁵Cynipidae – Família de vespas galhadoras, constituem um grupo grande e muitas espécies são comuns, ou seja, apresentam ampla distribuição ou ocorrem com frequência em determinados ambientes (Soares, 2014).

lombardo conte Carlo Porro¹⁾, i signori fratelli Villa²⁾ ne determinarono una parte di esse, avendo lasciate senza nomenclatura tutte quelle che non possedevano. Vi osservarono un buon numero di <i>Bulimus</i> di specie diverse, assai interessanti ed anche nuove, una bella specie gigantesca di <i>Succinea</i> ed una singolarissima varietà della <i>Helix pellis serpentis</i> delle foreste del Quixos, di grandezza doppia della consueta. Anche negli attrezzi ed ornamenti delle varie tribù indiane stanziati lungo le sponde del Napo, da me riportate dal viaggio, rinvennero varie specie interessanti di <i>Bulimus</i>, di <i>Unio</i>, una quantità di <i>Iridine</i>, di <i>Cycloslome</i> e la rara <i>Carocolla labyrinthus</i>.	Porro¹⁾, os irmãos Villa²⁾ classificaram algumas delas, tendo deixado sem nomenclatura todas as que não possuíam. Eles observaram um bom número de <i>Bulimus</i> de diferentes espécies, muito interessantes e até mesmo novas, uma bela e gigantesca espécie de <i>Succinea</i> e uma variedade muito singular de <i>Helix pellis serpentis</i> das florestas de Quixos, com o dobro do tamanho usual. Também nos utensílios e ornamentos das várias tribos indígenas instaladas ao longo das margens do Napo, que eu trouxe da viagem, encontrei várias espécies interessantes de <i>Bulimus</i>, de <i>Unio</i>, uma quantidade de <i>Iridine</i>, <i>Cyclostome</i> e a rara <i>Carocolla labyrinthus</i>.
87 Negli ultimi giorni di carnevale non mancarono a Manaos in quasi tutte le case de'benestanti le feste e i balli, ai quali io veniva quasi sempre invitato. Una strana maniera però di complimentare l'invitato al suo entrare nel festino si è quella di venir assalito da tutte le ragazze, le quali afferrandolo a forza lo trascinano nella sala, ove gli gettano a piene mani farina bianca 1) Questo esimio naturalista, caldo d'amor patrio, fatalmente perì nel 1848 all'epoca degli avvenimenti politici della Lombardia, e la sua perdita fu vivamente sentita non solo da'suoi amici, ma ben anco da tutti i suoi concittadini. La sua bella raccolta malacologica veniva legata dallo stesso in dono al Civico Museo di Milano, del quale era uno dei conservatori, e dove per un intiero anno erasi indefessamente occupato nella classificazione della doviziosa raccolta di conchiglie terrestri e fluviali. Fra gli importanti lavori zoologici pubblicati dallo stesso si annovera la Malacologia terrestre e fluviale della provincia di Como. 2) Questi due distinti naturalisti lombardi posseggono una ricca collezione di oggetti di storia naturale consistente in insetti d'ogni ordine, massime coleotteri europei, di conchiglie marine, terrestri e fluviali, di minerali, roccie, petrificazioni e fossili dei terroni terziarj.	Nos últimos dias de carnaval em Manaus, não faltaram festas e bailes em quase todas as casas dos mais abastados, para os quais quase sempre fui convidado. Entretanto, uma estranha maneira de cumprimentar o convidado quando ele chega na festa é ser atacado por todas as moças, que, agarrando-o à força, arrastam-no para o salão, onde, com as mãos cheias, lhe atiram farinha branca 1) Esse eminente naturalista, cheio de amor pátrio, faleceu em 1848, na época dos acontecimentos políticos na Lombardia, e sua perda foi profundamente sentida não apenas por seus amigos, mas também por todos os seus concidadãos. Sua bela coleção malacológica foi deixada por ele como doação ao Museu Cívico de Milão, do qual ele era um dos curadores, e onde, durante um ano inteiro, ele se dedicou incansavelmente a classificar a rica coleção de conchas terrestres e fluviais. Entre os importantes trabalhos zoológicos que publicou, está a Malacologia terrestre e fluvial da província de Como. 2) Esses dois ilustres naturalistas da Lombardia possuíam uma rica coleção de objetos de história natural composta por insetos de todas as ordens, principalmente coleópteros europeus, conchas marinhas, terrestres e fluviais, minerais, rochas, petrificações e fósseis do terciário.
— 251 —	— 251 —
di tapioca negli occhi, nella bocca, sulla testa e persino entro gli abiti da ridurre il meschino in uno stato di cecità e di soffocamento. Né	de tapioca nos olhos, na boca, na cabeça e até mesmo dentro das roupas para reduzir o infeliz a um estado de cegueira e sufocamento. E isso

basta ancor questo; appena finito tal villano saluto, ecco che si fanno colle mani e colle unghie a strappargli di dosso e stracciargli gli abiti e fin la camicia, ciascuna riportandosene quasi trofeo un lembo; è però concessa la rivincita, essendo permesso agli uomini di proseguire lo scherzo, facendone tutti gli astanti le più grasse risa. Si noti però che in prevenzione tutti i giovanotti prima di metter piede nella festa non mancano di indossare gli abiti più vecchi e sdrusciti.	não é o suficiente. Assim que essa saudação rude termina, elas começam com as mãos e as unhas a rasgar-lhe as roupas e até a camisa, pegando cada uma um pedaço como se fosse um troféu; mas é concedida a revanche, sendo permitido aos homens continuar a brincadeira¹⁰⁶, fazendo todos os presentes rirem muito. Deve-se observar, entretanto, que por prevenção todos os jovens, antes de entrarem na festa, vestem as roupas mais velhas e desgastadas.
88 Durante la danza e tutti così infarinati, si scagliano a vicenda l'uno contro l'altro gusci d'uova e globetti di cera riempiti di acque odorose figuranti un cuore, un frutto od altro. Al suono di una o due viole si intrecciano le quadriglie e i fandanghi, accompagnando coi canti la danza.	Durante a dança, todos tão enfarinhados, atiram, uns nos outros, cascas de ovos e bolinhas de cera cheios de água perfumada¹⁰⁷, representando um coração, uma fruta ou qualquer outra coisa. Ao som de uma ou duas violas, as quadrilhas e os fandangos se entrelaçam, acompanhando a dança com canções.
— 252 —	— 252 —
Capitolo XXV (Dal 9 Marzo al 20 detto). Villaggio di S. Jose. – Il rio Madeira. – Sua origine e navigazione. – L'aldea di Serpa. – Fiore gigantesco. – Il Caramurù o Lepidopsiren paradoxa. – Villanova da Rheyna. – Il monte Parentins. – Lago di Yurutì. – Il rio Trombeta. – Aldea di Obidos o l'antica Pauxis. – La marea. – Fattorie di Cacao o Cocal Imperial. – Larghezza e profondità dell'Amazzone. – Città di Santarem. – Il rio Tapayos. – Sua comunicazione. – Fiumi navigabili che mettono foce nell'Amazzone. – L'Huassacù o Hura brasiliense. – Sue proprietà. – Cura dell'elefantiasi. – Il Mururè.	Capítulo XXV (De 9 a 20 de março). Vila de S. José. – O Rio Madeira. – Sua origem e navegação. – A aldea de Serpa. – Flor gigantesca – O Caramurù ou Lepidopsiren paradoxa. – Villanova da Rheyna. – O Monte Parentins – Lago de Yurutì. – O Rio Trombeta. – Aldea de Obidos ou antiga Pauxis. – A maré – Fazendas de cacau ou Cocal imperial. – Largura e profundidade do Amazonas. – Cidade de Santarem. – O Rio Tapayos. – Sua comunicação. – Rios navegáveis com foz no Amazonas. – O Huassacù ou Hura brasiliense. – Suas propriedades. – Tratamento da elefantíase. – O Mururé.
89 Finalmente il carico della vigilenga essendo stato completato, e dovendola il	Finalmente terminado o carregamento da vigilenga e o Sr. Bradly tendo que enviá-la ao

¹⁰⁶A descrição de Osculati sobre a festa e brincadeiras se refere ao entrudo: “São os tres dias immediatamente precedentes á Quaresma, nos quaes é uso entre nós divertir-se o povo com se molhar, empoar, fazer péças, e outras brincadeiras, e banquetear-se” (Moraes e Silva, 1823. Ver a discussão aprofundada no capítulo 4).

¹⁰⁷Limão de cheiro: “O limão de cheiro, único objeto dos divertimentos de Carnaval, é um simulacro de laranja, frágil invólucro de cera de um quarto de linha de espessura e cuja transparência permite ver o volume de água que contém. A cor varia do branco ao vermelho e do amarelo ao verde (Debret, 1949, tomo I, p.220 apud Araujo, 2011). Ver a discussão aprofundada no capítulo 4).

signor Bradly spedire al suo corrispondente al Gran Pará, io venni cortesemente invitato ad approfittarne, sicché potei la mattina del 9 marzo allontanarmi dalla Barra del rio Negro.	seu correspondente no Grão-Pará, fui gentilmente convidado a aproveitá-la, de modo que na manhã de 9 de março deixei a Barra do Rio Negro.
90 Gli italiani Antony e Costa, l'irlandese Bradly, il tedesco Brandibreickt e N. Marcos americano mi accompagnarono per ben un'ora giù pel fiume; indi fatto un brindisi con una bottiglia di rhum ci congedammo, tristi di dover lasciarci forse per sempre, e rompere un'amicizia che i luoghi, le comuni avventure e più ancora le doti dell'animo aveano confermata.	Os italianos Antony e Costa, o irlandês Bradly, o alemão Brandibreickt e o americano N. Marcos me acompanharam rio abaixo por uma hora; então, depois de um brinde com uma garrafa de rum, nos despedimos, tristes por termos que nos separar, talvez para sempre, e romper uma amizade que os lugares, as aventuras em comum e ainda mais os dons da alma haviam confirmado.
91 Neil-Bradly e Brandibreickt dovevano il dì vegnente rimontare il rio Negro fino al territorio di Venezuela per oggetti di commercio; essi non aveano mancato di munirmi di una lettera commendatizia pel loro corrispondente nord-americano al Gran Pará. Il vento contrario e la poca forza della correntia ci fé' fare breve cammino. Passata l'isola di Marapatù, stante la soverchia calma, si dovette gettar l'ancora. Nella notte ci fuggirono da bordo quattro Cocamas, che erano stati imbarcati contro voglia dal signor Antony, via portandosi il piccolo schifo, sicché più non ce ne rimasero che dieci pel servizio della barca.	Neil-Bradly e Brandibreickt deveriam subir o Rio Negro até a Venezuela no dia seguinte para fins comerciais; eles me entregaram uma carta de recomendação para seu correspondente norte-americano no Grão-Pará. O vento contrário e a pouca força da correnteza nos fez avançar pouco. Depois de passarmos pela ilha de Marapatù [Marapatá] tivemos que ancorar devido à extrema calmaria. Durante a noite, quatro Cocamas [Kokama] que haviam sido levados a bordo contra sua vontade pelo Sr. Antony, escaparam do barco, levando consigo o pequeno bote, de modo que restaram apenas dez para o serviço do barco.
92 Alla fine si poté issar la vela, ed all'albeggiare ci trovammo alla punta di Lajes, ossia alla foce del rio Negro. Sul lato sinistro o nord trovasi il lago d'Alescio. Non appena sboccati nel Solimoens, e superata la punta di Pariquara-mirì, formata da un braccio del lago Japurà, la corrente diventa rapidissima fino a Parachi-quassù, ove si scorre di fianco al lago Yuturuana, nel qual punto trovasi una bella feitoira. Si superò più avanti l'isola	Por fim, conseguimos içar a vela e, ao amanhecer, nos encontramos na ponta das Lajes, ou seja, na foz do Rio Negro. No lado esquerdo ou norte está o lago do Alescio [Aleixo]. Assim que entramos no Solimoens [Solimões] e passada a ponta de Pariquara-mirì ¹⁰⁸ , formada por um braço do lago Japurà [Japurá] a corrente tornou-se muito rápida até Parachi-quassù, onde flui ao lado do lago Yuturuana [Jatuarana], ponto em que encontramos uma bela feitoria. Mais adiante, passamos pela ilha
— 253 —	— 253 —

¹⁰⁸Pariquara-mirì e Parachi-quassù – Na atual região de Puraquequara, onde o Rio Amazonas apresenta fortes correntezas (Amazonas, 1852; Porro 2007; Moraes, 2013).

Janaoris, dove ci fu forza metterci al sicuro, stante l'impeto della bufera che innalzava le onde e ci impediva di tener distese le vele. Nella notte però si potè continuare la navigazione.	Janaoris [do Januário], onde fomos obrigados a nos proteger, dado o ímpeto da tempestade que levantava as ondas e nos impedia de manter as velas abertas. Durante a noite, entretanto, pudemos continuar navegando.
93 Il giorno 11, sotto un ciclo ingombro di folte nebbie, s'arrivò verso il mattino al paranamiri di Marcello e dopo aver rasentata la grand'isola di Matavi, si toccò il villaggio S. Josè.	No dia 11, sob uma massa espessa de neblina, chegamos pela manhã ao paranamiri de Marcello [paraná-mirim do Marcelo] e, depois de contornar a grande ilha de Matavi [Amatari], chegamos à vila de S. Josè*.
94 Questo è abitato da indiani Muras, ma venne quasi interamente distrutto nella ritirata de'Cabanos, all'epoca della rivoluzione. S'arrivò alle 4 pom. alla foce del Madeira, il colore delle cui acque è simile a quello dell'Amazzone.	Esta é habitada por índios Muras [Múra] mas foi quase totalmente destruída na retirada dos Cabanos na época da revolução. Chegamos às 4 da tarde à foz do Madeira, cuja cor das águas é semelhante à do Amazonas.
95 Il Madeira, detto Cayary dai naturali, venne così chiamato dai Portoghesi per la quantità di tronchi d'alberi che sempre seco trascina; è formato dalla congiunzione del Beni col Marmorè ed Itenes; discende dai monti della Bolivia, ed incomincia a farsi navigabile a Santa Cruz de la Sierra, città di questa repubblica, a poca distanza dalle sorgenti ¹⁾ .	95 O Madeira, chamado de Cayary [Caiari] pelos nativos, foi assim chamado pelos portugueses devido à quantidade de troncos de árvores que sempre arrasta consigo; é formado pela junção do Beni com o Marmoré [Mamoré] e Itenes [Itenez]; desce das montanhas da Bolívia e começa a ser navegável em Santa Cruz de la Sierra, uma cidade dessa república, a uma curta distância de suas nascentes ¹⁾ .
96 Questo maestoso fiume, che scorre dal sud al nord, riceve le acque del Guaporè dal lato sud nella provincia di Mattogrosso, bagna l'aldea di Borba e sbocca nell'Amazzone poche miglia più in su di Serpa. Sarebbe di somma importanza quella navigazione tanto pel Perù e per la Bolivia, quanto pel Brasile, essendo la linea più diretta di comunicazione col Gran Parà, e lo sbocco più sicuro dei prodotti nella provincia brasiliana di Mattogrosso e della Bolivia, ossia dei paesi che trovansi dal lato orientale delle Andes. Rimontando il Madeira per tre giornate, si arriva all'aldea di Canomì, abitata dai Mundrucus che occupano tutto quel territorio.	Esse majestoso rio, que flui do sul para o norte, recebe as águas do Guaporé pelo lado sul na província de Mato Grosso, banha a aldeia de Borba e deságua no Amazonas poucas milhas acima de Serpa ¹⁰⁹ . Essa navegação seria de suma importância para o Peru e a Bolívia, bem como para o Brasil, sendo a linha de comunicação mais direta com o Grão-Pará e o escoadouro mais seguro para os produtos da província brasileira de Mato Grosso e da Bolívia, ou seja, dos países do lado oriental dos Andes. Subindo o Madeira por três dias, chegasse à aldeia de Canomì [Canomá] habitada pelos Mundrucus [Munduruku], que ocupam todo aquele território.

¹⁰⁹ Atual Itacoatiara – AM. IBGE cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/itacoatiara/historico>. Acesso em: 9 jan. 2026.

97 Da questo punto il Solimoens riprende il nome di rio delle Amazzoni, che conserva fino alla sua foce nell'Oceano Atlantico. Di fronte quasi al Madeira, dall'opposta riva, mette foce il rio Urubù. Dopo due ore di navigazione, dalla foce del Madeira s'arrivò l'aldea di Serpa, la quale fa di sé bella mostra, situata come è sur un altipiano, con chiesa e altri edifizj di mattoni coperti di tegole. Più in basso trovansi due altri bracci del Madeira detti Canissari, dove avendo fatto sosta, volli che i miei tapuyos gettassero le reti, lusingandomi di potervi rinvenire quei Caramurù o Lepidopsiren paradoxa, che il naturalista Natterer aveva ritrovato nel 1) Balbi. Compendio di geografia universale.	A partir desse ponto, o Solimoens [Solimões] assume o nome de Rio Amazonas, que mantém até sua foz no Oceano Atlântico. Quase em frente ao Madeira, na margem oposta, o Rio Urubù [Urubú] tem sua foz. Após duas horas de navegação a partir da foz do Madeira, chegamos à aldeia de Serpa, que tem uma bela vista, situada em um platô, com uma igreja e outros edifícios de tijolos cobertos de telhas. Mais abaixo, encontram-se dois outros braços do Madeira, chamados Canissari*, onde, depois de fazer uma parada, quis que meus tapuyos lançassem as redes, com a esperança de encontrar o Caramurù¹¹⁰ ou Lepidopsiren paradoxa, que o naturalista Natterer havia encontrado no 1) Balbi. Compêndio de geografia universal.
— 254 —	— 254 —
Madeira presso Borba¹⁾; non ebbi però la fortuna di ritrovarne, od almeno non mi fu dato distinguerlo fra le tante varietà che vennero prese, come grossi zurubìn, tombackì, pirapitanga, pirarà, o Salmo rhombeus, e alcuni piccoli pesciolini detti chandirù.	Madeira próximo a Borba¹⁾; no entanto, não tive a sorte de encontrá-lo ou pelo menos não consegui distingui-lo entre as muitas variedades que foram capturadas, como grandes zurubìn [surubim], tombackì [tambaqui] pirapitanga, pirarà¹¹¹ ou Salmo rhombeus e alguns peixes pequenos chamados chandirù [candiru].
98 In una laguna, e propriamente nel luogo ove apparentemente le acque si vedevano stagnanti, osservai in copioso numero galleggiare foglie gigantesche di un verde lucente, aventi il diametro, le più grandi da 6 a 7 piedi, con grandi fiori tinti de'più svariati colori; non tardai a riconoscere esser quello il rinomato fiore denominato la regina Vittoria, scoperto nella Guiana dal cavaliere Schomburg nel 1837, di cui questi avea trasmesso alla società botanica di Londra una ben circostanziata descrizione²⁾.	Em uma lagoa, precisamente no local onde as águas estavam aparentemente mais paradas, observei uma abundante quantidade de folhas gigantescas flutuantes de um verde brilhante, as maiores com 6 a 7 pés de diâmetro, com grandes flores tingidas com as mais variadas cores; não demorei a reconhecer que se tratava da famosa flor denominada la regina Vittoria, [Vitória Régia] descoberta na Guiana pelo cavaleiro Schomburg em 1837, da qual ele havia transmitido à sociedade botânica de Londres uma descrição detalhada²⁾.
1) Era pervenuta al sig. Antony una tavola che figurava il pesce, speditagli da Vienna dal dottor	1) O Sr. Antony havia recebido uma placa com o peixe, enviada a ele de Viena pelo Dr. Natterer, que lhe pediu para investigar se tal espécie existia na Amazônia.

¹¹⁰Piramboia (Guedes, 2023).

¹¹¹Osculati associa o *pirarà* ao nome científico *Salmo Rhombeus*, o que pode ser um indicativo de que queria se referir à piranha (piranha-preta) conhecida como *Serrasalmus rhombeus* (Castelnau, 1851; Morais, 2013, Amazonia: Guía Ilustrada de Fauna y Flora, 2022).

Natterer, il quale lo pregava a ricercare se nell'Amazzone esistesse siffatta specie.

2) » Era il primo giorno (dice Schomburg) dell'anno 1837, quando noi lottando contro le difficoltà che ne presentava il sinuoso corso del fiume Berbice, arrivammo ad un punto in cui dilatandosi formava una specie di bacino, ove le acque rimanevano senza alcun movimento apparente. Avendo verso la sua parte centrale fissata la nostra attenzione su un oggetto che non potevamo ben distinguere, ci dirigemmo subito a quella volta coi nostri batelli, e superato lo spazio che si frapponeva, ci trovammo a fronte di una meraviglia vegetabile che ci colmò di gioia e ne fece obbliare i disagi sofferti nel difficile tragitto. Una foglia gigantesca, del diametro di 5 in 6 piedi, della figura d'una guantiera, con larghe zone di lucidissimo verde all'intorno, e di un cremisi vivo al disopra, posava su quelle acque; mentre corrispondente alle dimensioni ed al carattere della foglia sorgeva un superbo fiore formato di più centinaia di petali, tinti dei più svariati colori, dal bianco sino alla rosa ed al garofano porporino. Una larga superficie di quelle acque era ricoperta da questo meraviglioso tappeto, che noi con istupore sempre crescente potemmo esaminare da tutti i lati, girando intorno a ciascuna pianta coi nostri battelli. La foglia nella sua pagina superiore è di forma orbicolare, e del diametro sopra indicato di 5 a 6 piedi: all'intorno del margine elevasi un orlo alto circa tre dita, di un color verde brillantissimo; l'interno della foglia, come pure il suo rovescio, sono di un color cremisi molto brillante. Lo stelo del fiore vicino al calice ha quasi un pollice di diametro, ed è irto di molti aculei elastici lunghi tre quarti di pollice all'incirca. Il calice è diviso in quattro segmenti; biancastri nell'interno, rosso bruni e ispidi al di fuori. Il diametro del calice è di 12 a 13 pollici; e quando questo magnifico fiore è completamente sviluppato, i suoi mille petali lo coprono intieramente. Al suo sbucciare, il colore è bianco, e solo un punto rosso appare nel mezzo; ma a poco a poco questa tinta si va dilatando, e nell'ultimo giorno di vita tutto il fiore è rosso di sangue. Al pari degli altri fiori di quel paese, trovasi in quello di cui parliamo un disco sempre nuovo, giacché i petali e le foglie vanno sostituendosi gli uni alle altre, producendo molte figliazioni. Più si progrediva nel viaggio e più frequenti si incontravano tali piante; più c'innoltravamo nel fiume, e più giganteschi ne apparivano i fiori. Osservammo pure un insetto (credo della specie trincius), che gli reca molti guasti e ne distrugge le sue più intime parti. Su di una sola pianta ne contammo da venti a trenta".

Pare però che questo colossale vegetabile sia stato dapprima osservato dal celebre Alcide d'Orbigny nel 1828 nella provincia di Moxos, che ne diede una

2) "Era o primeiro dia (diz Schomburg) do ano de 1837, quando, lutando contra as dificuldades apresentadas pelo curso do sinuoso rio Berbice, chegamos a um ponto em que se expandia e formava uma espécie de bacia, onde as águas permaneciam sem qualquer movimento aparente. Tendo fixado nossa atenção em um objeto que não conseguíamos distinguir claramente, fomos direto para ele com nossos barcos e, depois de atravessar o espaço intermediário, nos encontramos diante de uma maravilha vegetal que nos encheu de alegria e nos fez esquecer as dificuldades que havíamos sofrido na difícil jornada. Uma folha gigantesca, com 5 a 6 pés de diâmetro, no formato de uma bandeja, com grandes áreas de verde muito brilhante ao redor e por cima um carmesim brilhante, repousava sobre aquelas águas; enquanto, correspondendo ao tamanho e ao caráter da folha, erguia-se uma flor soberba composta de várias centenas de pétalas, tingidas nas mais variadas cores, do branco ao rosa e ao cravo púrpura. Uma grande superfície das águas estava coberta por esse maravilhoso tapete, que com crescente admiração pudemos examinar de todos os lados, circundando cada planta com nossos barcos. A folha, em sua face superior, tem formato orbicular e o diâmetro indicado acima, de 5 a 6 pés: ao redor da margem há uma borda de cerca de três dedos de altura, de uma cor verde muito brilhante; a parte interna da folha, assim como seu verso, é de uma cor carmesim muito brilhante. A haste da flor, próximo ao cálice, tem quase uma polegada de diâmetro e está cheia de acúleos elásticos com cerca de três quartos de polegada de comprimento. O cálice é dividido em quatro segmentos; esbranquiçado por dentro e marrom-avermelhado com cerdas por fora. O diâmetro do cálice é de 12 a 13 polegadas; e quando essa magnífica flor está totalmente desenvolvida, suas mil pétalas a cobrem completamente. Quando desabrocha, a cor é branca e apenas um ponto vermelho aparece no meio; mas, pouco a pouco, essa coloração se espalha e, no último dia de vida, a flor inteira é vermelho-sangue. Como as outras flores daquele país, encontramos na flor de que falamos um disco sempre novo, já que as pétalas e as folhas vão substituindo umas às outras, produzindo muitas derivações. Quanto mais se avançava na viagem e mais frequentemente encontrávamos essas plantas, e quanto mais adentrávamos o rio, mais gigantescas as flores pareciam. Também observamos um inseto (acho que da espécie trincius), que lhe causa muitos danos e destrói suas partes mais internas. Em uma única planta, contamos de vinte a trinta deles".

No entanto, parece que esse vegetal colossal foi observado pela primeira vez pelo famoso Alcide d'Orbigny, em 1828, na província de Moxos, que fez uma descrição que pouco diferia da descrição dada por

descrizione poco differente da quella offerta dal cav. Schomburg nel suo Voyage dans l'Amérique du Sud.	Cav. Schomburg em seu Voyage dans l'Amérique du Sud.
— 255 —	— 255 —
99 Si arrivò sul mattino in faccia a Tabuckal, all'altezza della bocca di Ramos del lago Saracà, e si rasentò sul lato destro l'isola di Urucuritaba. Il vento contrario d'est, che ci obbligava a bordeggiare durante tutto il giorno, rallentò la nostra navigazione; finalmente si potè giungere alla foce dell'Huatumo che ha origine dal lago di Saracà. Più avanti si osservò l'isola Frescial e quasi di fianco sulla sinistra un piccolo colle detto Cararucù, e si sbarcò per far provviste alle 5 pom. a Villa nova da Reina o Topinambaruna dei tapuyos, poco lungi dalla imboccatura del rio Canoma.	Chegamos pela manhã em frente a Tabuckal [Tabocal], na altura da boca de Ramos do lago Saracà [Saracá] e contornamos a ilha de Urucuritaba [Urucurituba] pelo lado direito. O vento contrário do leste, que nos forçou a velejar contra o vento durante todo o dia, atrasou nossa navegação; finalmente chegamos à foz do Huatumo [Uatumã] que se origina no lago Saracà [Saracá]. Mais adiante, observamos a Ilha Frescial* e quase ao lado dela, à esquerda, uma pequena colina chamada Cararucù [Cararaucú] e desembarcamos às 5 da tarde para comprar suprimentos na Villa nova da Reina [Villa Nova da Rainha ¹¹²] ou Topinambaruna [Tupinambarana] dos tapuyos, não muito longe da desembocadura do Rio Canoma [Canomá].
100 Quest'aldea è piuttosto vasta, situata sur un altipiano alla sinistra del fiume; non vedesi però alcun edificio regolare. Vi si trova una piccola chiesa, ma nemmeno questa officiata per mancanza di parroco. Gli abitanti si dedicano al commercio, e raccolgono salsapariglia, olio di copaiba e d'andiroba. Vi educano molto bestiame bovino; ma a ben poco si riduce la coltivazione dei terreni. Le case son quasi tutte segregate le une dalle altre, costrutte la più parte di paglia e canne.	Essa aldeia é bastante grande, situada em um platô à esquerda do rio; no entanto, não é possível ver nenhuma construção regular. Há uma pequena igreja, mas não há serviço nela por falta de um pároco. Os habitantes se dedicam ao comércio, coletam salsaparrilha, óleo de copaíba e de andiroba. Criam muito gado bovino, mas o cultivo da terra é bem reduzido. As casas são quase todas separadas umas das outras, construídas principalmente de palha e bambu.
101 Si partì nella notte, ed arrivati alla punta di Lares, si scorre il monte isolato di Parentins, l'unico che mi fu dato osservare dalla confluenza della Coca col Napo sino a quel punto dell'Amazzone, essendo tutto quel territorio uniformemente piano e paludoso.	Partimos à noite e chegamos à ponta de Lares* e vimos o isolado monte Parentins [Parintins] o único que pude ver desde a confluência do Coca com o Napo até aquele ponto do Amazonas, sendo todo aquele território uniformemente plano e pantanoso.
102 Dal lato meridionale si superò la foce del lago Yuratì, indi l'isola di Maracausù, e si bordeggiò tutta la notte con vento contrario, lasciando alla sinistra il rio Yamundas.	Do lado meridional, passamos pela foz do lago Yuratì [Juriti] depois pela ilha de Maracausù [Maracauaçú] e navegamos a noite toda com vento contrário, deixando o rio Yamundas

¹¹² Atual Parintins – AM. IBGE cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/parintins/historico>. Acesso em: 9 jan. 2026.

L'alveo dell'Amazzone è in quel punto d'una straordinaria larghezza. Nel giorno 15 ebbimo vento variabile, pure si poterono adoperare le vele, e con discreta velocità si arrivò in vista d'una piccola catena di colline, che sorgono alla foce del rio Trombeta. Potemmo scorgere alla punta una fornace; tutta la riva destra poi si vedeva sparsa da piccole feitorias, dove ammiravansi belle piantagioni di cacao.	[Nhamundá] à esquerda. O leito do rio Amazonas tem uma largura extraordinária nesse ponto. No dia 15, tivemos um vento variável, mas pudemos usar as velas e, com boa velocidade, avistamos uma pequena cadeia de colinas que se ergue na foz do Rio Trombeta [Trombetas]. Na ponta pudemos ver uma fornalha; por toda a margem direita podíamos ver espalhadas pequenas feitorias, onde há belas plantações de cacao.
— 256 —	— 256 —
103 Il rio Trombeta acquistò celebrità per essere il luogo dove Orellana incontrò una turba di donne guerriere, le quali volevano opporsi colle armi a chi più oltre si avanzasse; origine questa del nome impartito a quella riviera. Nembi di piccoli parrochetti interamente verdi assordavano l'aria svolazzando dall'una all'altra riva. Le sponde del Trombeta vedevansi ornate di giganteschi castagnieri, il cui tronco fornisce un magnifico legno da costruire.	O Rio Trombeta [Trombetas] ganhou fama por ser o local onde Orellana encontrou uma turba de mulheres guerreiras que queriam se opor com armas a quem tentasse avançar no território; essa foi a origem do nome dado a essa costa. Bandos de pequenos papagaios, totalmente verdes, ensurdeciam o ambiente enquanto voavam de uma margem para outra. As margens do Trombeta [Trombetas] eram adornadas com gigantescas castanheiras, cujo tronco fornece uma madeira magnífica para construção.
104 L'Amazzone, superata la foce del Trombeta¹⁾, forma un vasto seno tortuoso, dopo il quale si scopre in distanza l'aldea di Obidos, situata in posizione pittoresca sopra un alto colle.	O Amazonas, depois de passar pela foz do Trombeta¹⁾ [Trombetas], forma uma vasta enseada tortuosa, após a qual a aldea de Obidos [Óbidos] situada em uma posição pitoresca em uma alta colina, pode ser vista à distância.
105 Presso Obidos il letto del fiume va di nuovo rinserrandosi, non avendo più di 4000 metri di larghezza, con una profondità però dagli 80 ai 100 piedi.	Junto a Obidos [Óbidos] o leito do rio torna-se novamente mais estreito, com não mais de 4.000 metros de largura, mas com 80 a 100 pés de profundidade.
106 Tanto i lamantini che il piracucù o Sudis gigas e le tartarughe scompaiono affatto in giù di Obidos, cioè laddove incomincia a farsi sensibile la marea.	Tanto os peixes-boi quanto o piracucù [pirarucu] ou Sudis gigas e as tartarugas desaparecem totalmente depois de Obidos [Óbidos] ou seja, onde a maré começa a se tornar perceptível.
107 Feci sosta ad Obidos, desideroso di visitare quell'incantevole soggiorno; è questo l'antico Pauxi. Obidos è situata nella più bella posizione dell'Amazzone sulla vetta di un colle. Forma una specie d'angolo rientrante correndo all'est-sud-est fino al canale di Coupiranga, e sud-ovest sino alle foci del rio Madeira. Domina il corso del fiume, e	Fiz parada em Obidos [Óbidos] desejando visitar aquele lugar encantador; esta é a antiga Pauxi [Pauxis]. Obidos [Óbidos] está situada na mais bela posição da Amazônia, no topo de uma colina. Forma uma espécie de ângulo côncavo que vai no sentido leste-sul-leste até o canal de Coupiranga [Icuipiranga] e de sudoeste até a foz do Rio Madeira. Domina o

sarebbe un punto forte da intercettarne la navigazione. L'aldea non presenta però altro oggetto rimarchevole che la chiesa edificata in pietre e mattoni, come lo sono pure anche le abitazioni. Vi risiedono un governatore ed un comandante. La fortezza, stata costrutta nel 1760, venne però smantellata e lasciata andare in rovina. La popolazione non oltrepassa le 1000 anime. La popolazione attende alla piantagione di cacao, come pure alla pesca nel lago grande; il distretto è sommamente agricolo; il cacao, pesce pirarucù, salsapariglia, olio di copaiba sono i prodotti principali che vengono spediti al Gran Parà.	curso do rio e seria um ponto forte para interceptar sua navegação. No entanto, a aldeia não tem nada de notável além da igreja construída de pedra e tijolo, assim como são as residências. Um governador e um comandante residem lá. A fortaleza, construída em 1760, está desmantelada e deixada em ruínas. A população não ultrapassa 1.000 almas. Trabalha na plantação de cacau, além de pescar no grande lago; o distrito é sumamente agrícola; cacau, pirarucù [pirarucu], salsaparrilha e óleo de copaíba são os principais produtos enviados para o Grão-Pará.
108 Procurai di fare qualche indagine intorno ell'esistenza vera o supposta di quelle nazioni di donne guerriere; e la massima parte di quegli abitanti si mostrò convinta che fossero realmente esistite; 1) I fiumi Jary, Parà e Trombeta sono affluenti dell'Amazzone, che intersecano particolarmente la Guayama francese, e potrebbesi avere un'immediata comunicazione colla stessa se le febbri tifoidee che vi regnano, non avesse tante volte neutralizzati gli sforzi de'viaggiatori che esplorarono que'luoghi.	Procurei fazer alguns questionamentos sobre a real ou suposta existência daquelas nações de mulheres guerreiras; a maioria dos habitantes se mostrou convencida de que elas realmente tinham existido; 1) Os rios Jary, Parà e Trombeta são afluentes do Amazonas, que cruzam particularmente a Guayama francesa, e poderiam ter comunicação direta com ela se as febres tifoideas que reinam ali não tivessem neutralizado com tanta frequência os esforços dos viajantes que exploraram aqueles lugares.
— 257 —	— 257 —
che anzi, onde persuadermi dell'autenticità di tale tradizione, mi mostrarono alcune pietre verdi foggiate ad azza, dette pietra delle Amazzoni, che non mancai di acquistare, non che una pietra granitica stata ritrovata poco tempo prima del mio arrivo sotto terra, nel mentre costruivasi una casa vicino al Trombeta, sulla quale rozamente vedevasi scolpito un ermafrodito con fascia, ritto in piedi in atto di scoccare l'arco, tenendo la faretra all'omero¹⁾.	aliás, para me persuadir da autenticidade dessa tradição, mostraram-me algumas pedras verdes ¹¹³ forjadas a machado, conhecidas como pedras das Amazonas, que não deixei de comprar, bem como uma pedra de granito encontrada pouco antes de minha chegada, enquanto uma casa estava sendo construída perto do Trombeta [Trombetas] na qual via-se esculpido grosseiramente um hermafrodita com uma faixa, em pé, na posição de atirar com o arco, tendo a aljava sobre o ombro¹⁾.
109 Il 16 salpai da Obidos per Santarem. La marea cominciava già ad essere assai sensibile ad Obidos, che tuttavia dista dal mare 200 e più leghe. I terreni limitrofi sono	No dia 16, zarpei de Obidos [Óbidos] para Santarém. A maré já estava começando a ficar bem perceptível em Obidos [Óbidos] que, no entanto, fica em torno de 200 léguas do mar.

¹¹³Possível referência às Muiraquitãs – Artefatos talhados em pedra verde aos quais eram atribuídos poderes mágicos (Costa, Silva e Angélica, 2002).

coltivati a cacao detto Cacoal imperial, massime nel lato destro, ove trovansi molte fattorie. L'Amazzone è talmente largo in quel punto, che ben di rado è dato scorgere dall'una all' altra sponda del fiume. Tutte le acque dell'Amazzone riunendosi ad Obidos in un sol braccio, che non ha più d'un miglio di larghezza, la corrente ha una gran violenza, e dicesi che abbia non meno di 80 braccia di profondità. Dopo Obidos si passò al piccolo villaggio di Ucupiranag, appartenente ai Cabanos.	As terras vizinhas são cultivadas com cacau conhecido como Cacoal imperial, especialmente no lado direito, onde há muitas fazendas. O Amazonas é tão largo nesse ponto que raramente é possível ver de uma margem a outra do rio. Todas as águas do Amazonas se reúnem em Obidos [Óbidos] em um único braço, que não tem mais de uma milha de largura, a correnteza é muito violenta e diz-se que tem nada menos que 80 braças de profundidade. Depois de Obidos [Óbidos], passamos pela pequena aldeia de Ucupiranag [Icuipiranga] pertencente aos Cabanos.
110 Questo luogo acquistò celebrità per una lunga ed ostinala difesa che fecero i ribelli nell'ultima rivoluzione. Cacciati da tutte le posizioni che occupavano, eransi rifugiati in quel sito, dove avevano formato il loro quartier generale, e dopo un lungo assedio e fatti d'armi, vennero ad una favorevole capitolazione, chiedendone un assoluto perdono ed amnistia completa, che però non fu mantenuta, ed in tal modo ha lasciato un odio continuo al legittimo governo, che un giorno o l'altro non può fare a meno di ricominciare le ostilità. Di prospetto a Pericatuba, sul lato destro, incontrasi un'isola piuttosto vasta; lasciate le acque torbide dell'Amazzone, s'entrò in quelle del Tapayos, il cui colore è nero, si superano le foci dell'Alincheres, uno de'bracci di questo fiume, ove si scorgono molte abitazioni, poco lungi di là si prese a rimontare per quattro miglia il Tapayos, arrivando a notte tarda a Santarem, ove si gettò l'ancora sotto il forte. Il giorno 17 mi recai 1) Nella rivista trimestrale che pubblicasi a Rio Janeiro il sig. De Varnhagen pubblicò una sua interessante memoria col titolo: Noticia sobre o thesouro descoberto no maximo rio Amazonas, ed il chiarissimo signor Ferdinando Denis bibliotecario di Santa Genevieffa a Parigi, assicurò per certo, che il dotto sig. De Varnhagen sta preparando un grandioso lavoro sul Brasile, dove tratterà per esteso la questione dell'esistenza delle bellicose Amazzoni.	Esse local ganhou fama por causa da longa e obstinada defesa que os rebeldes fizeram na última revolução. Expulsos de todas as posições que ocupavam, refugiaram-se nesse local, onde haviam formado seu quartel-general e, depois de um longo cerco e de batalhas, chegaram a uma capitulação favorável, pedindo perdão absoluto e anistia completa, o que não foi mantida, deixando assim um ódio contínuo ao governo legítimo, de forma que um dia ou outro as hostilidades podem recomeçar. Em frente a Pericatuba [Paricatuba], do lado direito, há uma ilha bastante grande; deixando as águas turvas do Amazonas, entramos no Rio Tapayos [Tapajós] de cor negra, passamos pela foz do Alincheres*, um dos braços desse rio, onde pudemos ver muitas habitações; um pouco mais adiante, subimos o Tapayos [Tapajós] por quatro milhas, chegando tarde da noite a Santarém, onde lançamos âncora sob o forte. No dia 17, fui 1) Na revista trimestral publicada no Rio de Janeiro, o Sr. De Varnhagen publicou uma interessante memória sob o título: Noticia sobre o thesouro descoberto no maximo rio Amazonas, e o muito esclarecido Sr. Ferdinand Denis, bibliotecário de Santa Genevieffa em Paris, assegurou-nos que o douto Sr. De Varnhagen está preparando uma grandiosa obra sobre o Brasil, onde tratará longamente da questão da existência das belicosas amazonas.
— 258 —	— 258 —

di buon mattino presso il capitano irlandese M. Hislop, pel quale il suo compatriota Bradley mi avea fornito di commendatizie, e presi alloggio nella sua casa.	de manhã cedo até o capitão irlandês M. Hislop, para quem seu compatriota Bradley havia me recomendado e me hospedei em sua casa.
111 Santarem è piccola città situata alla sponda destra del rio Tapayos. È di forma regolare, le strade rette e spaziose, seleiate in parte; le abitazioni sono di stile europeo, ad uno o due piani, coperte di tegole ed imbiancate. La chiesa è vasta, adorna ai fianchi da due alte torri. È dominata da un piccolo monticello, ove trovasi una fortezza di nessuna importanza, ove sventola la bandiera brasiliana, servibile altre volte a difendere la città dagli attacchi degl'indiani, ed a sorvegliare la navigazione del fiume; vi si mantiene però costantemente una guarnigione di 200 soldati. Vi è organizzata la dogana, facendosi col Gran Parà un attivo commercio per mezzo di battelli a vapore, skooner, brigantini e golette. Con altre barche minori mantengono la comunicazione con Cuyabà e coll'interno della provincia di Matto Grosso per mezzo del Tapayos¹⁾.	Santarém é uma pequena cidade localizada na margem direita do Rio Tapayos [Tapajós] Sua forma é regular, com ruas retas e largas, parcialmente calçadas; as residências são no estilo europeu, com um ou dois andares, cobertas com telhas e caiadas de branco. A igreja é grande, adornada nas laterais por duas torres altas. É dominada por um pequeno morro, onde há uma fortaleza sem importância, na qual tremula a bandeira brasileira, que serviu em outras ocasiões para defender a cidade de ataques dos índios e para vigiar a navegação do rio; entretanto, uma guarnição de 200 soldados é mantida constantemente no local. Ali funciona a alfândega, tendo e um comércio ativo com o Grão-Pará por meio de barcos a vapor, escunas, bergantins e goletas. Outras embarcações menores mantêm comunicação com Cuiabá e o interior da província de Mato Grosso por meio dos Tapayos¹⁾ [Tapajós].
112 Questo fiume ha circa un miglio di larghezza nel punto dove sorge la città di Santarem, ed è navigabile per barche di 100 tonnellate. Le sue acque sono limpide, ma di color fuliginoso, per il che porta eziandio il nome di Prieto (negro). A due miglia al disopra di Santarem il Tapayos s'allarga moltissimo, e nel fondo della baia trovasi la piccola aldea di Villafranca, situata alle sponde d'un canale pel quale comunica il Tapayos col gran lago che si estende prolungandosi sino all'Amazzone. Questo lago forma la principale risorsa e ricchezza di quel paese, abbondandovi ogni sorta di pescagione, ed in ispecie il Piracucù. Veggonsi immense praterie dove vi pascola molto bestiame. Il lago è infestato da molti Caimani mostruosi, ai quali perla copia del pesce che v'incontrano sono affatto innocui agli abitanti circonvicini. Rimontandolo per	Esse rio tem cerca de uma milha de largura no ponto onde está a cidade de Santarém e é navegável para barcos de 100 toneladas. Suas águas são límpidas, mas de cor fuliginosa, por isso também leva o nome de Prieto (Preto). Duas milhas acima de Santarém, o Tapayos [Tapajós] se alarga bastante e, no fundo da baía, encontra-se a pequena aldeia de Villafranca [Vila Franca], situada às margens de um canal pelo qual o Tapayos [Tapajós] se comunica com o grande lago que se estende até o Amazonas. Esse lago constitui o principal recurso e riqueza daquele lugar, abundando em pescado de todo tipo, especialmente o piracucù [pirarucu]. Há imensas pradarias, onde pasta muito gado. O lago está infestado de jacarés monstruosos, que, devido à fartura de peixes que ali existe, são completamente inofensivos para os habitantes das redondezas. Subindo-o

quattro giorni s'incontra una cascata, ove l'acqua scorre precipite	por quatro dias, chega-se a uma cachoeira, onde a água desce tão rapidamente
1) Qui mi torna acconcio il fare un breve riassunto di molti fiumi affluenti dell'Amazzone che potrebbero servire di mezzi di comunicazione fra i singoli Stati dell' America meridionale. 1.° Linea di Matto grosso pel rio Madeira. 2.° Linea di Cuyabà pel Tapayos. 3.° Linea di Bolivia pel rio Madeira e Mamorè. 4.° Linea del Perù pel Solimoens, Ucayale e Apurimac. 5.° Linea dell'Equatore per l'Amazzone e Napo. 6.° Altra linea dell'Equatore pel Solimoens, Pastazza e Bobonassa. 7.° Linea della Guajana inglese pel rio Negro e rio Branco. 8.° Linea di Venezuela pel rio Negro. 9.° Linea della Nuova Grenada pel rio Putumayo, Outchipaico.	1) Aqui me convém fazer um breve resumo de muitos rios tributários do Amazonas que poderiam servir como meios de comunicação entre os estados individuais da América do Sul. 1.° Linha de Matto grosso pelo rio Madeira. 2.° Linha de Cuyaba pelo Tapayos. 3.° Linha da Bolivia pelos rios Madeira e Mamorè. 4.° Linha do Perù pelos rios Solimoens, Ucayale e Apurimac. 5.° Linha do Equatore pelo Amazonas e o Napo. 6. ° Outra linha do Equatore pelo Solimoens, Pastazza e Bobonassa. 7.° Linha da Guajana Inglesa pelo rio Negro e Rio Branco. 8.° Linha da Venezuela pelo rio Negro. 7.° Linha de Nuova Granada pelo rio Putumayo e Outchipaico.
— 259 —	— 259 —
sì, che non prendendo le necessarie precauzioni, la navigazione riesce molto pericolosa ¹⁾ .	que não tomar as precauções necessárias torna a navegação muito perigosa ¹⁾ .
113 Santarem è residenza di un governatore civile e militare e degli agenti consolari francese ed inglese.	Santarém é residência de um governador civil e militar e de agentes consulares francês e inglês.
114 La popolazione ammonta al presente a circa 4000 anime, ed è composta di bianchi, negri schiavi, indiani Mahuès e Mundrucus. Dapprima ascendeva a 6000 anime, e malgrado la vantaggiosa sua postura, che la fa emporio del commercio dell'alto Amazzone, del rio Prieto, non che di Cuyabà nella provincia di Matto Grosso, le rivoluzioni che agitarono quel luogo hanno quasi annichilato la prosperità di quel paese.	A população atual é equivaie a 4.000 almas e é composta de brancos, escravos negros, índios Mahuès [Maués] e Mundrucus [Munduruku]. Antes, chegava a 6.000 almas e, apesar de sua localização vantajosa, que a torna um empório para o comércio do alto Amazonas, do Rio Prieto [Preto] além de Cuiabá, na província de Mato Grosso, as revoluções que agitaram aquele lugar quase aniquilaram a prosperidade da cidade.
115 Il capitano Hislop mi fê'dono di due bottiglie ricolme di estratti di piante medicinali, Huassacù ed il Mururè, fatte raccogliere da lui stesso ne'vicini boschi; suchi i cui benefici effetti erano stati più volte da lui stesso sperimentati nella cura di varie schifose infermità serpeggianti fra que' selvaggi; massime per la cura dell'elefantiasi il primo, e l'altro per la sifilide inveterata.	O capitão Hislop me presenteou com duas garrafas cheias de extratos de plantas medicinais, Huassacù [Açacu] e Mururè [Mururé] que ele mesmo havia coletado nas florestas vizinhas; extratos cujos efeitos benéficos foram muitas vezes experimentados por ele mesmo na cura de várias enfermidades repugnantes que grassavam entre aqueles selvagens; o primeiro para a cura da elefantíase e o outro para a sífilis crônica.
116 Eransi ottenute prodigiose guarigioni di lebbrosi, non impiegando altro che il sugo dell'Huassacù (Hura brasiliense). È questa una pianta della famiglia delle euforbiacee,	Foram alcançadas curas prodigiosas de leprosos usando-se apenas a seiva do Huassacù [Açacu] (Hura brasiliense). Essa é uma planta da família Euphorbiaceae, da qual existem

della quale se ne trovano due specie. Il succo che se ne ottiene, praticando un'incisione nella corteccia, ha un colore biancastro castano o rossiccio, secondo la qualità del terreno dove alligna l'albero; è di consistenza gommosa, acre, caustico, ma presto si altera, sicché fa d'uopo ripeterne sovente la preparazione onde non vadano perdute le sue eminenti virtù medicinali: è insolubile nell'etere, poco nell'alcool, ed ha più apparenza di una sostanza gommosa che resinosa. Si scioglie però con tutta facilità nell'acqua. Si può conservare per anni, mescolandolo con parti eguali di alcool puro entro bottiglie ermeticamente chiuse e coperte di carta onde preservarlo dalla luce; puossi anche ridurre in forma pillolare.	duas espécies. A seiva que se obtém dela por meio de uma incisão na casca tem uma cor castanho esbranquiçada ou avermelhada, dependendo da qualidade do solo em que a árvore cresce, é de consistência pegajosa, acre e cáustico, mas logo se deteriora, de modo que é necessário repetir o preparo com frequência para não perder suas principais virtudes medicinais. É insolúvel em éter, pouco em álcool e tem mais a aparência de uma substância pegajosa do que resinosa. Entretanto, dissolve-se facilmente em água. Pode ser preservada por anos misturando-a com partes iguais de álcool puro em garrafas hermeticamente fechadas e cobertas com papel para protegê-lo da luz; também pode ser reduzida à forma de comprimido.
117 Il principio attivo dell'Huassacù esiste quasi in maggior forza nella scorza dell'albero che nel succo: sciogliendo la scorza ridotta a decotto, gli effetti sono ben più pronti di quelli che ottener si possano col succo in pillole.	O princípio ativo do Huassacù [Açacu] está mais fortemente na casca da árvore do que na seiva: dissolvendo a casca reduzida a uma decocção, os efeitos são alcançados mais rapidamente do que com a seiva em pílulas.
118 E d'uopo avvertire che non usando nel propinarlo di una somma 1) Il rio Tapayos, conosciuto nella parte superiore del suo corpo sotto il nome di Juruena, ha le sue scaturigini nei campi Parecis nella provincia di Matto grosso, e bagna le Campinas abitate dai Mundrucus.	E deve-se advertir que, se não tiver o máximo de 1) O rio Tapayos, conhecido em sua parte superior com o nome de Juruena, tem sua nascente nos campos Parecis, na província de Matto grosso, e banha as Campinas habitadas pelos Mundrucus.
— 260 —	— 260 —
cautela, si corre il pericolo di eccitare tutti i sintomi d'una gastroenterite.	cautela ao ministrá-lo, corre-se o risco de provocar todos os sintomas de uma gastroenterite.
119 Se per caso, durante la manipolazione di questo efficace rimedio, ne cade sulla pelle qualche spruzzo, subito si appalesano macchie risipolacee e pustole pruriginose e dolenti. I selvaggi se ne servono come di sicuro veleno. Non è conosciuto sinora alcun antidoto per questo avvelenamento; in tutti i casi però si dovrebbe ricorrere al tartaro stibiato onde subito provocare il vomito¹⁾.	Se, por acaso, durante o manuseio desse eficaz remédio caírem sobre a pele algum respingo, imediatamente manifestam-se manchas semelhantes às da erisipela e pústulas dolorosas que provocam coceira. Os selvagens o utilizam como um veneno seguro. Até o momento, não se conhece nenhum antídoto para esse envenenamento; mas em todos os casos deve-se recorrer ao tártaro estibiado a fim de provocar imediatamente o vômito¹⁾.
120 Il succo del Mururè è di una sorprendente efficacia nella cura della lue venerea.	O extrato do Mururè [Mururé] é de uma surpreendente eficácia no tratamento da sífilis

L'albero che lo fornisce cresce abbondantemente nel distretto di Santarem.	venérea. A árvore que o fornece cresce abundantemente no distrito de Santarém.
121 L'umore che geme da un'incisione fatta nell'albero è rossiccio, gommoso e di un odore fetente. Se ne servono quegli abitanti nelle 1) Ecco il metodo con cui si amministra tal farmaco nel Brasile nella cura dell'elefantiasi quale mi venne comunicato dal farmacista Acurcio al Gran Pará. Si prende mezz'oncia di scorza d'Huassacù; tagliuzzata e soppesta, si fa bollire in dieci oncie d'acqua finché siano ridotte a sei, si cola, le si uniscono dodici gocce di sugo Huassacù, il tutto rimestando ben bene; si fa prendere all'ammalato in due o tre riprese. Se mai fosse indicato il vomito, onde favorirlo si fanno bere all'infermo varie tazze d'acqua tiepida. Dopo due o tre giorni di riposo si ripete la dose eguale alla prima, e si continua per otto giorni nell'uso delle pillole, prendendone due e fino a cinque per giorno, regolandosi secondo le forze dell'individuo. Dopo otto giorni si rinnova l'emetico, avendo sempre riguardo agli intervalli prescritti. Fa d'uopo notare che alcuni infermi vengono sorpresi da vomito e da evacuazione sanguigne non iscompagnate da dolori di stomaco e d'intestini: tali incomodi non devono punto intimorire il medico e l'ammalato, poichè cedono prontamente all'uso di bevande antiflogistiche e dopo una cacciata di sangue; anzi talvolta basta sospendere per alcuni giorni il trattamento, onde meglio vincere l'irritazione prodotta dall'uso continuato di così potente rimedio. Ogni tre o quattro giorni deve l'infermo far uso di un bagno tiepido preparato con due o tre dramme di corteccia d'Huassacù sciolta in una libbra d'acqua; in proporzione, se il recipiente ne capisce 100 libbre, si dovranno cuocere 25 oncie di corteccia. L'infermo non resterà nel bagno che un quarto d'ora; tutti i giorni prima di porsi a letto praticherà fregagioni nelle parti affette da tubercoli o piaghe con pomata composta dello stesso Huassacù, che però sospenderà appena produca eruzioni cutanee o forte bruciore. L'aria libera, gli alimenti di facile digestione, e l'astinenza di eccessi, in ispezialità venerei, contribuiscono di molto a facilitare la guarigione radicale. Deve aver cura l'infermo di non toccar gli occhi colle dita intrise di succo d'Huassacù, potendosi eccitare una forte irritazione ed esiti più funesti. Con 200 pillole e due oncie di quel succo, con 25 libbre di corteccia d'Huassacù si può compiere la cura continuandola per cinque o sei mesi. Gli esperimenti vennero seguiti da ottimi risultati anche negli ospedali del Gran Pará e di Pernambuco, ove varj medici tentarono l'Huassacù, massime in individui affetti da lebbra od elefantiasi.	O humor que sai de uma incisão feita na árvore é avermelhado, pegajoso e de odor fétido. Os habitantes da região usam nas 1) Eis o método pelo qual esse medicamento é administrado no Brasil no tratamento da elefantíase, conforme me foi comunicado pelo farmacêutico Acurcio, no Grão-Pará. Toma-se meia onça de casca de Huassacù; cortada e esmagada, ferve-se em dez onças de água até reduzir-se a seis, coa-se, acrescentam-se doze gotas de suco de Huassacù, agitando bem; dá-se ao paciente duas ou três vezes. Se houver indicação de vômito, para facilitar são dados ao enfermo vários copos de água morna. Após dois ou três dias de repouso, a dose é repetida da mesma forma que a primeira, e se continua por oito dias com o uso das pílulas, tomando-se de duas a cinco por dia, de acordo com a força do indivíduo. Após oito dias, o se renova o emético, sempre mantendo os intervalos prescritos. Vale a pena observar que alguns enfermos são surpreendidos por vômitos e evacuação de sangue que não são acompanhados por dores estomacais e intestinais: tais inconvenientes não devem assustar o médico e o doente, pois cedem prontamente ao uso de bebidas antiflogísticas e após uma sangria; na verdade, às vezes basta suspender o tratamento por alguns dias, a fim de superar melhor a irritação produzida pelo uso contínuo de um remédio tão forte. A cada três ou quatro dias, deve o enfermo tomar um banho morno preparado com dois ou três dracmas de casca de Huassacù dissolvidas em uma libra de água; em proporção, se o recipiente tiver capacidade para 100 libras, 25 onças de casca devem ser cozidas. O enfermo não deve permanecer no banho por mais de um quarto de hora; todos os dias, antes de ir para a cama, deve esfregar as partes afetadas por nódulos ou feridas com uma pomada composta do mesmo Huassacù, que deve ser descontinuada assim que produzir erupções cutâneas ou forte ardência. O ar livre, os alimentos de fácil digestão e a abstinência de excessos, especialmente os venéreos, contribuem muito para facilitar a cura total. O enfermo deve tomar cuidado para não tocar os olhos com os dedos embebidos em extrato de Huassacù, podendo desencadear uma forte irritação e resultados mais graves. Com 200 comprimidos e duas onças daquele extrato e 25 libras de casca de Huassacù, a cura pode ser realizada dentro de cinco ou seis meses. Os experimentos foram seguidos de excelentes resultados também nos hospitais do Grão-Pará e Pernambuco, onde vários médicos experimentaram o Huassacù, especialmente em indivíduos que sofriam de lepra ou elefantíase.

— 261 —	— 261 —
affezioni sifilitiche inveterate, nei dolori osteocopi, nelle risipole, piaghe, ulceri maligne, erpeti. Le mirabili guarigioni che assicuransi ottenute col Mururè (detto anche mercurio vegetale) non sono in piccolo numero.	afecções sifilíticas crônicas, ostealgias, erisipelas, feridas, úlceras malignas e herpes. As curas admiráveis que se garante obter com o Mururè [Mururé] (também conhecido como mercúrio vegetal) não são em pequeno número.
122 Il capitano Hislop me ne diede in dono una bottiglia, onde potessi tentarne la prova in qualche ospedale d'Italia e comunicargli i risultati. Egli ne solea spedire nel Nord-America, e mi raccontò come uno de' suoi amici di New-York, affetto da lue venerea inveterata, esausto di forze e ridotto in uno stato deplorabile per ulceri saniose nel naso ed in varie parti del corpo, fu consigliato dai medici di recarsi in climi caldi, come più confacenti a quelle sorta d'infermità.	O capitão Hislop me presenteou com uma garrafa disso para que pudesse ser usado em algum hospital da Itália e comunicar-lhe os resultados. Ele costumava enviá-lo para a América do Norte e me contou como um de seus amigos de New-York, afetado pela sífilis venérea crônica, sem forças e reduzido a um estado deplorável por causa de úlceras supurativas no nariz e em várias partes do corpo, foi aconselhado pelos médicos a ir para climas quentes, por serem mais adequados àquele tipo de enfermidade.
123 Recatosi al Parà, rimontò fino a Santarem, dove fu eccitato dall'amico ad assoggettarsi alla cura del Mururè. Disperando questi degli ordinarj soccorsi della medicina, si lasciò indurre e vi si sottopose di buon grado. Ogni giorno furono amministrati tre piccoli cucchiari di tal suco in tutta la sua purezza, alla mattina, prima di pranzo ed alla sera; obbligandolo però ad astenersi dalle bevande alcooliche e dai cibi di difficile digestione. In meno di un mese cessarono i dolori, le piaghe si cicatrizzarono, ricomparve l'appetito, la voce che pria era fioca, ritornò sonora, ed ogni sintomo di lue in breve scomparve in modo che potè far ritorno in patria perfettamente ristabilito in salute.	Ele viajou ao Pará, subiu até Santarém, onde foi instado por seu amigo a se submeter ao tratamento com Mururè [Mururé]. Desesperado da ajuda comum da medicina, aceitou e se submeteu de bom grado. Todos os dias, foram administradas três pequenas colheres desse extrato puro, pela manhã, antes do almoço e à noite; obrigando-o, no entanto, a abster-se de bebidas alcoólicas e alimentos de difícil digestão. Em menos de um mês, as dores cessaram, as feridas cicatrizaram, o apetite voltou, a voz, que antes era fraca, retornou encorpada, e todos os sintomas de sífilis logo desapareceram, de modo que ele pôde retornar para casa perfeitamente restabelecido.
124 Questi sughi caustici e medicinali furono da me dati all'ottimo amico dottor Bonomi¹⁾ onde farne analoghi esperimenti sulla vantata loro proprietà. 1) Uno de'nostri distinti medici, che coraggiosamente accorsero a prestar l'opera loro a pro di tanti infelici attaccati dal cholera nel 1849, giacenti negli ospitali civili e militari di Bergamo.	Esses extratos cáusticos e medicinais foram dados por mim ao meu excelente amigo Dr. Bonomi¹⁾ para que fizesse experimentos semelhantes sobre suas alardeadas propriedades. 1) Um de nossos ilustres médicos, que corajosamente se apressou em prestar seus serviços em benefício dos muitos desafortunados atacados pela cólera em 1849 que jaziam nos hospitais civis e militares de Bergamo.

— 262 —	— 262 —
Capitolo XXVI (Dal giorno 20 Marzo al 30 detto.) I selvaggi Mundrucus o tagliateste. – Territorio da essi occupato. – Loro superstizioni. – Funerali. – Feste. – Il Guaranà. – Il rio Xingu. – Il forte di Gurupà. – L'isola Yavari. – Il Canale di Tagipurù. – Il rio Tocantin. – L'olio d'Andiroba. – Feitorie di riso e di zucchero. – Tragitto del Tocantin. – Villa d'Abbaite. – Villa Sant'Anna. – Il rio Tucumandù. – Il rio Guania.	Capítulo XXVI (De 20 a 30 de março). Os selvagens Mundrucus ou decapitadores. – Território ocupado por eles. – Suas superstições – Funerais. – Festas. – O Guaranà. – O Rio Xingu. – O forte de Gurupà. – A ilha Yavari. – Canal de Tagipurù. – O Rio Tocantin. – O óleo de Andiroba. – Feitorias de arroz e açúcar. – Curso do Tocantin. – Villa d'Abbaite. – Villa Sant'Anna. – O Rio Tucumandù. – O Rio Guania.
125 Molti Mundrucus essendo accorsi da Taituba e da Canomà, io potei far acquisto di alcuni dei loro ornamenti di penne artisticamente intessuti con semi e conchiglie, di armi e di un certo composto detto guaranà, del quale si servono, raschiandolo, per loro bevanda ordinaria.	Como muitos Mundrucus [Munduruku] vieram de Taituba [Itaituba] e Canomà [Canomá], pude comprar alguns de seus ornamentos de penas artisticamente trançados com sementes e conchas, de armas e de um certo composto chamado guaranà [guaraná], que, raspando-o, usam para sua bebida cotidiana.
126 I Mundrucus vivono sparsi nel territorio compreso fra il rio Madeira ed il Tapayos, ed anco al di là, raccolti nelle così dette Campine in piccole tribù e Malocche. Vanno affatto nudi, si tatuano il corpo, e non mancano di valore nelle spedizioni che spesso compiono contro gli Araras e Parentintins. Quando il Mundrucus giunge ad uccidere un suo nemico, subito gli recide la testa, che portata nella sua capanna, viene da lui preparata in un modo singolare.	Os Mundrucus [Munduruku] vivem espalhados pelo território entre o rio Madeira, o Tapayos [Tapajós] e um pouco além, reunidos nas chamadas Campine [Campinas] em pequenas tribos e Malocche [Malocas]. Andam completamente nus, tatuam o corpo e não lhes falta bravura nas incursões que frequentemente empreendem contra os Araras [Arara] e os Parentintins [Parintintim]. Quando o Mundrucus [Munduruku] chega a matar um de seus inimigos, imediatamente decepa sua cabeça, que, levada para sua cabana, é preparada por ele de maneira singular.
127 Estratte le cervella pel foro occipitale, ei lava accuratamente il cranio, lo riempie di cotone, e dopo averlo asciugato e ben ripulito dal sangue, lo appende al disopra del focolare onde riceva quel grado di calore sufficiente alla perfetta essiccazione e conservazione delle carni, cavandone soltanto gli occhi, ai quali sostituisce della bambagia colorata. Fatto questo, la tiene esposta al di fuori della capanna, o la porta sulla punta d'una lancia quando si celebra qualche festa. In tal modo si conservano eziandio le teste dei loro	Depois de extrair o cérebro pelo forame occipital, lava o crânio cuidadosamente, enche-o com algodão e, após secá-lo e limpá-lo do sangue, pendura-o sobre a fogueira onde recebe o grau de calor suficiente para a perfeita dessecação e preservação da carne, retirando apenas os olhos que são substituídos por algodão colorido. Feito isto, a mantém exposta do lado de fora da cabana ou a carrega na ponta de uma lança quando se celebra alguma festa. Da mesma forma conservam as cabeças de seus parentes, mas separadas das de seus

parenti, tenenendole però separate da quelle dei nemici e portandole in solennità differenti.	inimigos e as carregam em solenidades diferentes.
128 Sono creduli, superstiziosi, hanno fede nell'apparizione di spiriti, nelle fatucchierie e negli incantesimi, e venerano i loro payè o indovini. Credono che siano morii naturalmente soltanto coloro che veggono di giorno in giorno dimagrire ed estinguersi alfine consunti; in caso di repentina morte, al pari degli Xibaros, la attribuiscono a qualche loro occulto nemico. Allora il capo	São ingênuos, supersticiosos, têm fé na aparição de espíritos, em feitiçaria, em encantamentos e veneram seus payè [pajé] ou adivinhos. Acreditam que somente aqueles que veem dia a dia ficarem cada vez mais magros e finalmente desaparecerem estão naturalmente mortos; em caso de morte repentina, como os Xibaros [Jíbaros], eles a atribuem a algum inimigo oculto. Então, o chefe
— 263 —	— 263 —
della famiglia mette in opera ogni mezzo per riescire a scoprire il colpevole. Anche egli qui tracanna un potente sonnifero composto di sughi di certe erbe e liane che gli procura un letargo di 24 ore. I parenti intanto lo stanno vegliando, finché ritornato in sé si affrettano a dimandargli se mai gli sia stato rivelato dal grande Spirito il nome di colui, che ha messo a morte il loro congiunto. Allora si pone a raccontare le visioni avute, e termina coll'additare il nome di colui che pretende sia stato l'uccisore. Tal segreto vien conservato scrupolosamente in famiglia, aspettando che si presenti una favorevole occasione per vendicarsene, incontrandolo nel bosco o nella loro malocca, ove lo invitano a qualche festa, e lo ammazzano a colpi di azza, o avvelenandolo coll'Huassucù.	da família coloca todos os meios a sua disposição para conseguir descobrir o culpado. Ele, também, bebe um poderoso sonífero composto de extratos de certas ervas e cipós, o que lhe provoca uma letargia por 24 horas. Enquanto isso, seus parentes o vigiam até que recobre os sentidos, e se apressam em perguntar-lhe se foi revelado pelo grande Espírito o nome daquele que levou à morte seu parente. Então, ele começa a contar as visões que teve e termina apontando o nome daquele que alega ter sido o assassino. Esse segredo é escrupulosamente mantido em família, que aguarda uma oportunidade favorável para se vingar, encontrando-o na floresta ou em sua malocca [maloca] onde o convidam para alguma festa e o matam a golpes de machado ou o envenenam com Huassucù [Açacu].
129 Hanno nessuna credenza religiosa; soltanto tengono per fermo che lo spirito dopo morte se ne vada vagando per tre giorni nell'aria per poscia tornare a riposare sulla terra. Se uno moria infierisce nella loro tribù, vanno alla caccia, cercano di riportarne gran quantità di selvaggina, e fatale rosolare sulle bragie, si mettono tutti davanti alle loro malocche adorni di pennacchi, di clave, di lance, cantando bevendo e mangiando di quelle carni. Con tali pratiche pretendono di scacciare dai loro corpi gli spiriti malefici.	Eles não têm nenhuma crença religiosa; apenas sustentam que o espírito após a morte vagueia por três dias no ar e depois retorna para descansar na terra. Se houver uma morte violenta na tribo deles, vão à caça e procuram trazer uma grande quantidade de animais e, depois de assá-los sobre braseiros, ficam todos diante de suas malocche, [malocas] adornados com plumas, porretes e lanças, cantando, bebendo e comendo daquelas carnes. Com tais práticas, eles pretendem expulsar os espíritos malignos de seus corpos. Nos dias de festas

Nei dì fissati per le feste mortuarie si radunano davanti alle loro malocche, ove la vedova del defunto, presa in mano la testa essicata del marito, si siede su di una stoja e intuona una nenia, nella quale va ripetendo le geste e le virtù del defunto, facendo intanto balzellare fra le mani e sulle ginocchia quella orrida spoglia, e dando di tratto in tratto in urla lamentevoli. Tutti i convitati vanno danzando all'ingiro, poscia si assidono alla mensa, ove s'imbandiscono carni affumicate di scimmia, di tapiri ed altri animali, avendo cura di offrire ad ogni momento agli astanti una cuya (scodella) di acqua preparata con miele e guaranà, loro bevanda favorita.	mortuárias, se reúnem em frente as suas malocche [malocas] onde a viúva do defunto, tendo em mãos a cabeça dessecada do marido, senta-se em uma esteira e entoa uma lamentação, na qual repete os feitos e as virtudes do falecido, enquanto faz balançar entre as mãos e sobre os joelhos aquele horrendo despojo, dando de vez em quando gritos lamuriosos. Todos os convidados vão dançando ao redor, depois se sentam no refeitório, onde são servidas carnes defumadas de macacos, antas e outros animais, sem descuidar de oferecer a todo momento aos espectadores uma cuya (tigela) de água preparada com mel e guaranà [guaraná], a bebida favorita deles.
130 Il guaranà è un composto di frutta silvestre preparato massime col Sorbillum brasiliense (specie di ciliegio). Quest'arboscello cresce in abbondanza alle sponde del Tapayos, dà un frutto poco dissimile dal nocciolo. Riducono quei frutti ad una massa compatta, alla quale danno la forma di un coccodrillo, d'un tatou o d'uccelli, indi la fanno seccare al sole. Di questa, oltre al consumo giornaliero, ne fanno anche commercio esitandola in cambio d'altri oggetti a Cuyabà o a Santarem. È una bevanda refrigerante e salubre, adatta massime	O guaranà [guaraná] é um composto de fruta silvestre preparado especialmente com Sorbillum brasiliense (uma espécie de cerejeira). Esse arbusto cresce em abundância nas margens do Tapayos [Tapajó], dando um fruto parecido com um avelã. Eles reduzem aqueles frutos a uma massa compacta, à qual dão a forma de um crocodilo, de um tatou [tatu] ou de pássaros, e depois a secam ao sol. Desta, além do consumo diário, eles também fazem comércio, vendendo-a em troca de outros objetos em Cuiabá ou Santarém. É uma bebida refrescante e saudável, adequada especialmente
— 264 —	— 264 —
per quei climi del tropico, e come rimedio è molto diffuso nella provincia del Parà e in quella di Settagrosso. Il Guaranà è diventata una bibita di lusso che tiene luogo del caffè, ed acquista un valore progressivo, vendendosi fino a 8 e 10,000 reis, 24 franchi la libbra.	para os climas tropicais e como remédio é muito difundido na província do Pará e na de Mato Grosso. O Guaranà [Guaraná] se tornou uma bebida de luxo que toma o lugar do café e adquire um valor progressivo, sendo vendido por até 8 e 10 mil réis, 24 francos a libra.
131 Nella notte del giorno 20 si parti da Santarem con perfetta calma di vento e marea alta, durando somma fatica a superare il punto dove il Tapayos confluisce nell'Amazzone, molto più che il pilota si trovava in uno stato di completa ubriachezza. Per mala ventura non appena passata la foce	Na noite do dia 20, partimos de Santarém com perfeita calma e maré alta, suportando extrema fadiga para passar pelo ponto em que o Tapayos [Tapajós] deságua no Amazonas, ainda mais porque o piloto estava em estado de completa embriaguez.

d'Itucki, ecco elevarsi un forte temporale con pioggia dirotta. Il pilota, per alcuni rimproveri a lui giustamente diretti a Santarem, indispettitosi, ordinò ai rematori di issare la vela maestra, e già essi stavano per obbedire a' suoi ordini, quando io sorsi ad oppormi risolutamente ad una tale manovra, non ignorando qual pericolo ci sovrastasse, esposti come eravamo a venir dall'impeto del vento e delle onde capovolti all'istante. Non avendo potuto riescire nel suo malvagio divisamento, ubbriaco come si trovava, ordinò che i Cocamas si mettessero a remare. Ritiratomi, per ripararmi dalla pioggia, sotto al Ramadal (cabina), non mi era caduto nella mente come quel mariuolo stando al timone avrebbe potuto tentare di far investire la barca, del che mi dovetti accorgere proprio nel momento in cui più non era in tempo d'impedirlo. Infatti un forte sussulto mi avvertì che il naviglio avea urtato contro la sponda, ove i rami e le radici degli alberi sporgenti all'infuori aveano per fortuna impedito ch'essa si spaccasse pel mezzo. Balzai fuori furente armato di carabina, che già teneva in pronto ad ogni evento, non ignorando con qual razza di canaglia avessi a che fare, e lo minacciai della vita se subito non si adoperava a metterci in salvo. Ubbriaco come era, veduto il pericolo che gli sovrastava, fé' manovrare con energia i Cocamas, e riesci a rimetterci al largo. Me ne rimasi tranquillo pel rimanente della notte, ma sempre vigilante, deciso di farlo mettere in prigione non appena arrivato al Gran Parà; nel frattanto dovea usare della massima circospezione, giacché avrebbero potuto anche gl'indiani sollevarsi in massa, essendo tutti della tribù dei Cocamas, e scappati dalle loro terre dell'Ucayale, e ben rammentandone le miserie diggià passate in riva al Cosanga.	Por desventura, assim que passamos pela foz do Itucki [Ituqui], começou uma forte tempestade com chuva intensa. O piloto, por causa de algumas reprimendas que lhe foram dirigidas com razão em Santarém, irritando-se, ordenou que os remadores içassem a vela principal, e eles já estavam prestes a obedecer às suas ordens, quando eu me levantei para me opor resolutamente a essa manobra, não ignorando o perigo que pairava sobre nós, expostos como estávamos a emborcar de repente pela força do vento e das ondas. Não tendo conseguido realizar seu maldoso propósito, bêbado como estava, ordenou que os Cocamas [Kokama] se pusessem a remar. Depois de me abrigar da chuva sob o ramadal (cabine), não tinha me ocorrido que aquele trapaceiro estando ao timão poderia ter tentado bater o barco, do que me atentei no exato momento em que não havia mais tempo de impedi-lo. De fato, um forte solavanco me advertiu que o barco havia se chocado contra a margem, onde os galhos e as raízes das árvores que se projetavam para além dela tinham, por sorte, impedido que ele se partisse ao meio. Saí furioso, armado com minha carabina, que já estava pronta para qualquer evento, não ignorando com qual tipo de canalha eu estava lidando e o ameacei de morte caso não tomasse medidas imediatas para nos salvar. Bêbado como estava, vendo o perigo que o envolvia, comandou energicamente os Cocamas [Kokama] e consegui nos levar de volta ao curso. Permaneci calmo pelo resto da noite, mas sempre vigilante, decidido a colocá-lo na prisão assim que chegasse ao Grão-Pará. Nesse meio tempo, tive de usar da máxima circunspeção, pois os índios poderiam insurgir-se em massa, sendo todos da tribo dos Cocamas [Kokama] tinham fugido de suas terras no Ucayale [Ucayali] e se lembravam bem das misérias pelas quais já tinham passado nas margens do Cosanga.
132 Lasciata alla nostra destra la Barrera di Carrua, sull'albeggiare del 21 si scoperse il	Deixando a Barrera di Carrua [Barreira de Curuá] à nossa direita, ao amanhecer do dia 21

monte Alegre; si viaggiò tutto il rimanente del giorno, e verso la sera, superata la costa detta Las Cuilleras, si	avistamos o Monte Alegre; viajamos o resto do dia e, ao fim da tarde, depois de superada a costa conhecida como Las Cuilleras [Cueiras].
— 265 —	— 265 —
arrivò al villaggio di Prainha; la posizione di questo villaggio è pittoresca e ridente, situato sur un colle che domina il monte Alegre, ma non trovai buon guado per ancorarvi. Svaniti i fiumi dell'acquavite, il pilota riconobbe il suo fallo e venne a chiedermi scusa e a baciarmi la mano, ben prevedendo qual castigo gli sarebbe stato inflitto al Gran Parà. Gli promisi che di tutto mi sarei dimenticato, purché in appresso non mi fornisse motivo alcuno di lagnanza. Mantenne infatti la promessa, non volendo nemmeno accettare quella poca acquavite che qualche volta gli offriva durante il pasto; io pure non feci parola dell'accaduto all'armatore.	chegamos à vila de Prainha; a localização dessa vila é pitoresca e encantadora, situada em uma colina com vista para o Monte Alegre, mas não há um bom vau para ancorar. Passado o efeito da cachaça, o piloto reconheceu seu erro e veio me pedir desculpa e beijar minha mão, sabendo muito bem qual castigo lhe seria imposto no Grão-Pará. Eu lhe prometi que esqueceria tudo, desde que não me desse motivo algum de reclamação. Ele manteve sua promessa, nem mesmo aceitando o pouco de cachaça que eu às vezes lhe oferecia durante as refeições; eu, de fato, não fiz menção do ocorrido para o armador.
133 Ogni più minuto luogo, i fiumi e le colline mi venivano da lui indicate, pratico com'era di quel tratto di navigazione. La monotonia delle rive scompare come per incanto, ed il fiume diventa maestoso. A due leghe dentro terra sul lato nord si vedevano le montagne dette di Paraguara, di poca altezza, indi ai primi albori del 23 ci trovammo di fianco al monte Almeirin, posto all'estremità de'monti Parà, ai di cui piedi sorge un piccolo villaggio che porta lo stesso nome. Almeirin è il punto il più eccentrico che potrebbesi stabilire in una comunicazione colla Guayana francese. Vedesi il resto di un forte situato sur una collina di 40 a 50 casolari, popolazione miserabile. Vi abbonda di cacao. vaniglia, salsapariglia, e copaiba ¹⁾ ; ma quegli abitanti quasi non ne sanno apprezzare il valore. Continuando il viaggio, s'incontrò al lato nord il monte detto Velha pobre (vecchia povera); e dal lato sud la grande pianura di Urucurichaya, arrivando la notte al villaggio di Gurupù, alla foce maggiore del fiume	A cada minuto ele me indicava os lugares, rios e morros, tendo muita prática daquele trecho de navegação. A monotonia das margens desapareceu como que por encanto, e o rio tornou-se majestoso. A duas léguas para o interior, no lado norte, podíamos ver as montanhas conhecidas como Paraguara [Paracoara], de pouca altura, e então, à primeira luz da manhã do dia 23, nos encontramos ao lado do monte Almeirin [Almeirim] localizado na extremidade dos montes Parà [Paru], ao pé do qual se ergue uma pequena vila que leva o mesmo nome. Almeirin [Almeirim] é o ponto mais afastado que se poderia estabelecer uma comunicação com a Guiana Francesa. Vê-se os restos de um forte situado em uma colina com 40 a 50 casebres e uma população miserável. A região é abundante em cacau, baunilha, salsaparrilha e copaíba ¹⁾ , mas seus habitantes mal sabem apreciar seu valor. Continuando a viagem, encontramos, no lado norte, o monte conhecido como Velha pobre; e, no lado sul, a grande planície de Urucurichaya [Urucuricaia] chegando à noite à

Xingu, dopo aver superata quella di Ackicki, che è la minore (Vedi Tav. XIV).	aldeia de Gurupù,[Gurupá] na foz maior do Rio Xingu, depois de termos passado pela de Ackicki [Aiquiqui] que é a menor (ver prancha XIV).
134 Si rimase ancorati per aspettare la marea vasante. Il Xingu è uno de'meno conosciuti affluenti dell'Amazzone; ha la sua sorgente nella parte orientale dell'altipiano dei campi Parecis, traversa il paese dei Bororos e di altre nazioni indipendenti della provincia 1) L'olio di copaiba vien estratto da un albero denominato copahuba dai Tapuyos. Sene trovano di due specie, l'una che dà un olio bianco, l'altro nero; quest'albero abbonda in tutto l'Amazzone e nei fiumi Madeira, Tapayos, Purus, Xingu. Il bianco è il più ricercato. I Tapuyos per estrarre con maggior prontezza quest'olio, vi praticano all'albero un gran taglio con una scure, per modo che nell'anno venturo quell'albero si dissecca e muore. Un tal metodo è assai nocivo, e col tempo questo prezioso balsamo potrà divenire scarsissimo, mentre que'barbari potrebbero ottenere un egual prodotto praticandovi alle piante de'fori fatti con un semplice trivello.	Permanecemos ancorados para aguardar a maré vazante. O Xingu é um dos afluentes menos conhecidos do Amazonas; tem sua nascente na parte leste do planalto dos campos Parecis, atravessa a terra dos Bororos [Bororo] e outras nações independentes da província 1) O óleo de copaíba é extraído de uma árvore chamada copahuba pelos Tapuyos. Há duas espécies, uma que produz um óleo branco, e a outra, preto; essa árvore é abundante em todo Amazonas e nos rios Madeira, Tapayos, Purus e Xingu. O branco é o mais procurado. Os Tapuyos, para extrair esse óleo mais facilmente, fazem um grande corte na árvore com um machado, de modo que, no ano seguinte, a árvore seca e morre. Esse método é muito nocivo e, com o tempo, esse precioso bálsamo pode se tornar muito escasso, enquanto aqueles bárbaros poderiam obter o mesmo produto fazendo buracos nas árvores com uma simples broca.
— 266 —	— 266 —
di Mattogrosso, bagna l'aldea di Pomba e Porto di Moz, mettendo foce nell'Amazzone.	de Mato Grosso, banha a vila de Pomba [Pombal] e Porto de Moz, desaguardo no Amazonas.
135 Il rio delle Amazzoni in tal punto ha una immensa larghezza, e forma due grandi rami divisi dalla vasta isola di Javari. Il braccio destro è quello di Macapà, che mette direttamente in mare. L'altro, detto Boca di Limao, che pure va ad unirsi più in là, mette anche al canale di Tagipurù, è uno dei bracci che pone in comunicazione l'Amazzone col Tocantin o rio del Gran Parà.	O Rio Amazonas, nesse ponto, tem uma largura imensa e forma dois grandes braços divididos pela vasta ilha de Javari [Javari]. O braço direito é o de Macapá, que desemboca diretamente no mar. O outro, chamado Boca de Limao [Boca do Limão], que também se junta mais adiante, desemboca no canal do Tagipurù [Tagipurú] é um dos braços que ligam o Amazonas ao Tocantin [Tocantins] ou Rio do Grão-Pará.
136 Nell'istesso giorno s'arrivò al canale detto Tagipurù che imboccammo, dando un addio alla maestosa fiumana dell'Amazzone. Il Tagipurù è il cammino che percorrono le barche di cabotaggio; i bastimenti però di una certa portata percorrono quello di Limao, essendo il canale più largo e men tortuoso. Secondati dalla marea, si proseguì senza interruzione, toccando nel dì vegnente al tramontar del sole a Brèves.	No mesmo dia, chegamos ao canal chamado Tagipurù [Tagipurú] onde entramos, dando adeus à majestosa corrente do Amazonas. O Tagipurù [Tagipurú] é a rota utilizada pelos barcos de cabotagem; no entanto, as embarcações de certo porte tomam a rota do Limao [Limão], sendo o canal mais largo e menos tortuoso. Assistidos pela maré, continuamos sem interrupção, chegando no dia seguinte, ao pôr do sol, a Brèves [Breves].
137 Questo è un piccolo villaggio posto sulla sponda della grand'isola di Marajò o Isola	Trata-se de uma pequena vila situada na margem da grande ilha de Marajó ou Ilha

Joanes, i di cui abitanti fanno commercio di Cautciouh, che si raccoglie abbondantissimo in quei boschi. L'albero che dà la gomma elastica o Cautciouh si trova in copia in tutti questi luoghi. Per raccogliere il succo elastico di quest'albero, che si coagula all'aria, prendendo consistenza, ha un color cinerino. Gl'indiani tagliano con un'accia il tronco, ne raccolgono il succo in vasi disposti ai piedi dell'albero. Questo modo è pregiudizievole, mentre l'albero mutilato non tarda a morire.	Joanes, cujos habitantes comercializam Cautciouh [Cauchó] que é extraído em abundância nessas florestas. A árvore que produz a goma elástica ou Cautciouh [Cauchó] é encontrada em grande quantidade em todos esses lugares. Para extrair a seiva elástica dessa árvore, que se coagula ao ar, ganhando consistência e adquirindo uma cor cinza, os índios cortam o tronco com um machado e coletam a seiva em vasos colocados ao pé da árvore. Esse método é prejudicial, e a árvore mutilada não demora a morrer.
138 Vi si vedono alcuni tratti di terreno coltivati a riso, ma tutto all'intorno spira la più squallida miseria; il clima è malsano, e quei meschini coloni sono divorati dalle febbri, causate dai miasmi che l'intenso calore sviluppa da quelle marenne. Ci fu forza star ancorati fino a mezzanotte onde aspettare la marea favorevole. Nel canale di Tagipurù guizzavano turbe di delfini (Botos), che davano la caccia ai pesci di cui abbondano quelle acque.	Ali veem-se alguns terrenos com cultivo de arroz, mas por todos os lados subsiste a mais esqualida miséria; o clima é insalubre, e aqueles infelizes colonos são consumidos por febres causadas pelos miasmas que o intenso calor desenvolve a partir daqueles ambientes pantanosos. Tivemos que ficar ancorados até a meia-noite para esperar a maré favorável. No canal de Tagipurù [Tagipurú], agitavam-se grupos de golfinhos (botos) caçando os peixes que são abundantes nessas águas.
139 Il giorno 25 s'arrivò sul mattino ad una piccola capanna, dove si gettò l'ancora; saltai a terra, e giunto al tugurio, mi si offerse il più desolante spettacolo. Tre giovani ragazze ed un fanciullo, orfani di padre e madre morti nell'intervallo di tre mesi, ambidue per febbre tifoidea, si trovavano là abbandonati da tutti, non avendo per nutrirsi che un po' di riso, che coltivavano poco discosto dalla capanna in ruina, e alcuni frutti silvestri.	Na manhã do dia 25, chegamos a uma pequena cabana, onde lançamos ancora; pulei em terra e, ao chegar ao casebre, deparei-me com uma visão desoladora. Três jovens moças e um menino, órfãos de pai e mãe, mortos em um intervalo de três meses, ambos de febre tifoide, estavam ali abandonados por todos, sem nada para comer além de um pouco de arroz, que eles cultivavam não muito longe da cabana em ruínas, e algumas frutas silvestres.
140 I dolci e pallidi lineamenti di quegl'infelici ed i modi interessanti delle fanciulle sepolte vive in quei boschi, tanto mi commossero,	As doces e pálidas feições daqueles infelizes e a atitude tocante das meninas sepultadas vivas naquelas matas, me comoveram tanto
— 267 —	— 267 —
che volli dividere con loro parte delle mie provviste di pesce secco, carne salata e farina di mandioca, potendo questo soccorso servire a sostentarle per qualche tempo ancora, e ristorarle dei lunghi digiuni sopportati.	que eu quis compartilhar com eles parte de minhas provisões de peixe seco, carne salgada e farinha de mandioca, podendo este socorro servir para sustentá-los por algum tempo e restaurá-los dos longos jejuns que haviam suportado.

141 Mi era offerto di condurli tutti al Parà nella mia barca, ma esse ricusarono di far ritorno in sì abbietta miseria alla lor patria.	Eu me ofereci para levá-los para o Parà em meu barco, mas eles se recusaram a retornar para sua terra natal em tamanha miséria.
142 Salpati di là, si entrò nel Paranamirì del fiume Piria, e, come al solito, si gettò l'ancora per aspettare la marea, non potendo servire in quei paraggi la vela neppur con vento favorevole.	Zarpando dali, entramos no Paranamirì do Rio Piria [Paraná-mirim do Rio Piriá] e, como de costume, lançamos âncora para esperar a maré, já que naquelas paragens a vela não era útil nem com vento favorável.
143 Il 26 s'arrivò alla bocca del Tamangiò. L'isola di Marajò divide i due grandi bracci dell'Amazzone e del Tocantin o Rio Parà.	No dia 26, chegamos à foz do Tamangiò [Tamauiú]. A ilha de Marajó divide os dois grandes braços do Amazonas e do Tocantin [Tocantins] ou Rio Parà.
144 Continuando a costeggiare l'isola, si giunge a Corallin, indi a Manaburà; ed arrivati a Paracuba, si die fondo presso l'isola Mandi, ove l'acqua incomincia a farsi salmastra.	Continuando a costear a ilha, chega-se a Corallin [Curralinho], depois a Manaburà*; e chegando em Paracuba*, fundeamos junto à Ilha Mandi, onde a água começa a se tornar salobra.
145 Il 27 di buon mattino si pervenne alla Spira di Guayabal, dove per la folta nebbia si dovette rimanere ancorati.	No dia 27, bem cedo, chegamos à Spira de Guayabal, [Volta do Goiabal] onde tivemos de permanecer ancorados devido à neblina espessa.
146 Qui trovansi alcune feitorias dove si coltiva la canna da zucchero, e si prepara l'olio di andiroba, che si ottiene col seguente processo. Il frutto dell'andiroba vien pestato e raccolto in grosse pentole, che ripongonsi sopra uno scolatoio. A poco a poco va gemendo l'olio che vien raccolto inferiormente in un recipiente di terra. Vantasi la sua efficacia in varie infermità; gl'indiani se ne servono per illuminare le loro capanne.	Aqui há algumas feitorias onde se cultiva a cana-de-açúcar e se prepara o óleo de andiroba, que é obtido pelo seguinte processo: o fruto da andiroba é esmagado e coletado em grandes tachos, que são colocados sobre um escorredor. Pouco a pouco, o óleo vai gotejando e é coletado abaixo em um recipiente de barro. Diz-se que é eficaz em várias doenças; os índios o utilizam para iluminar suas cabanas.
147 Osservando che il cielo andava facendosi sempre più minaccioso, noi stavamo in dubbio d'attraversare il Tocantin.	Observando que o céu estava ficando cada vez mais ameaçador, ficamos em dúvida sobre atravessar o Tocantin [Tocantins].
148 Questo passo è il più difficile di tutta la navigazione, almeno quando essa si compie su piccoli legni, giacché, oltre all'essere obbligati a solcare il fiume in tutta la sua larghezza (la quale ivi non misura meno di 12 miglia), al più piccolo soffiar del vento le onde s'innalzano a cavalloni tali, che non poche barche ne rimangono sommerse. Né minore del pericolo della procella è quello dei bassi fondi, frequentissimi in quei	Essa etapa é a mais difícil de toda a navegação, pelo menos quando realizada em embarcações pequenas, pois, além de ser obrigado a atravessar o rio em toda a sua largura (que não é inferior a 12 milhas), à menor rajada de vento, formam-se ondulações tão altas que muitos barcos afundam. Não menos perigoso do que a tempestade são os baixios, muito frequentes nessas paragens. Apesar do tempo ameaçador, içamos a vela e felizmente em

paraggi. Ad onta però del tempo minaccioso, noi ci ponemmo alla vela, e felicemente in cinque ore si compì il tragitto. Il pilota die prova di straordinaria energia e di somma perizia nella sua professione, stando costantemente colla sonda alla mano, e giovandosi pur anco de'remi per fare la traversata in una sola marea.	cinco horas cumprimos o trajeto. O piloto deu prova de extraordinária energia e grande perícia em sua profissão, usando constantemente a sonda à mão, valendo-se também dos remos para fazer a travessia em uma única maré.
149 Alle 4 di sera si arrivò alla foce del canale di Tucumanduba, dove si entrò colla marea e col vento in poppa. I grossi legni	Às 4 da tarde, chegamos à foz do canal do Tucumanduba, onde entramos com a maré e o vento em popa. Os grandes barcos
— 268 —	— 268 —
mercantili e i vapori vanno direttamente al Parà costeggiando il golfo di Tocantin, così abbreviando la navigazione di due giorni; tutte le piccole barche invece sono costrette a passare tra canali o bracci del fiume, onde ripassare al sicuro, e non essere bersaglio dei frequenti colpi di vento.	mercantes e os vapores vão diretamente ao Pará contornando o golfo do Tocantin [Tocantins] encurtando assim a navegação em dois dias; todos os pequenos barcos, ao contrário, são obrigados a passar entre canais ou braços do rio, para atravessar com segurança e não serem alvo das frequentes rajadas de vento.
150 Il rio Tocantin, detto anche inferiormente Parà, è formato dall'unione del Tocantin e del Rio grande d'Araguay, e può essere considerato siccome un vero golfo.	O Rio Tocantin [Tocantins] também conhecido inferiormente como Pará, é formado pela união do Tocantin [Tocantins] e do Rio grande d'Araguay [Rio Araguaia] e pode ser considerado um verdadeiro golfo.
151 Navigando sul Tucumanduba, sostammo per breve tempo ad Abbaite, arrivando alla sera a Villa Sant'Anna. È questa una piccola borgata di fresco costrutta; ha una bellissima chiesa con due alte torri. Le case, erette in riva al fiume, poggiano sopra palafitte, onde venir preservate dall'Umidità e dalle inondazioni nelle forti maree.	Navegando pelo Tucumanduba, fizemos uma breve parada em Abbaite [Abaete ¹¹⁴], chegando à noite na Villa Sant'Anna*. Esse é um pequeno vilarejo recém-construído, com uma belíssima igreja com duas torres altas. As casas, construídas na margem do rio, ficam sobre palafitas, para serem preservadas da umidade e da inundação nas marés altas.
152 Le feitorias di zucchero, cacao, riso vanno succedendosi senza interruzione sì dall'una che dall'altra sponda: ad ogni tratto veniva disturbato ora da poveri stipati entro piccole canoe chiedenti l'elemosina, ora da contadini che portavano frutta d'ogni qualità onde farne il cambio con pesce secco e farina di mandioca.	As feitorias de açúcar, cacau e arroz seguem uma após a outra sem interrupção em ambas as margens do rio e a cada trecho era perturbado, ora por pobres amontoados em pequenas canoas pedindo esmolas, ora por camponeses que traziam frutas de todos os tipos para trocar por peixe seco e farinha de mandioca.

¹¹⁴ Atual Abaetetuba – PA. IBGE cidades: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/abaetetuba/historico>. Acesso em: 9 jan. 2026.

153 Nella notte si passò il così detto Canal novo, fatto scavare dai Portoghesi da circa un secolo, onde ottenere una più pronta comunicazione col rio Mojoù.	Durante à noite, passamos pelo assim chamado Canal novo, escavado pelos portugueses há cerca de um século, a fim de obter uma comunicação mais direta com o Rio Mojoù [Moju].
154 Il dì vegnente si ancorò alla piccola aldea di Magiari aspettando la marea: si navigò tutto il resto della giornata, e sul far della sera sboccammo nel rio Guama, toccando al Gran Parà dopo una monotona e difficile navigazione di 22 giorni, sterilissima d'osservazioni, e colla molesta compagnia di una ostinata febbre intermittente.	No dia seguinte ancoramos na pequena aldea de Magiari* esperando a maré: navegamos pelo resto do dia e, no começo da noite, desembocamos no Rio Guama [Guamá] chegando ao Grão-Pará depois de uma monótona e difícil navegação de 22 dias, desprovida de observações e com a incômoda companhia de uma teimosa febre intermitente.
— 269 —	— 269 —
Capitolo XXVII (Dal giorno 30 Marzo al 15 Giugno 1848.) Sbarco al Belem o Gran Para. — Descrizione della città. — Commercio. — Abitanti. — Clima. — L'isola Marajò. — La Pororoca — Imbarco sulla nave Nouvelle Eugénie. — La linea equatoriale. — Il Monsone o venti alisei. — Mar di Sargasso. — Abboccamento con una nave inglese. — Arrivo a Marsiglia. — Ritorno in patria. — Catalogo delle armi ed ornamenti de'selvaggi. — Cenni sulla lingua Zapara.	Capítulo XXVII (De 30 de março a 15 de junho de 1848.) Desembarque em Belém ou Grão-Pará. — Descrição da cidade. — Comércio. — Habitantes. — Clima. — Ilha de Marajó. — A Pororoca — Embarque no navio Nouvelle Eugénie. — A linha do Equador. — A monção ou vento alísios. — Mar dos Sargãos. — Encontro com um navio inglês. — Chegada a Marselha. — Retorno à terra natal. — Catálogo de armas e ornamentos dos selvagens. — referências/indicações sobre a língua Zapara.
155 Non appena sbarcate le mie casse, andai a chiedere l'ospitalità nella casa di un agiato negoziante di New-York, pel quale il signor Bradly mi era stato cortese di commendatizia. Ivi trovai tutte quelle cure e quei conforti che pur troppo richiedevano la malferma mia salute, e l'estenuazione delle forze ridotte allo stremo dalle tante privazioni e dai disagi sofferti in quella rischiosa esplorazione d'un anno intero attraverso alle terre equatoriali. Dopo tanti sagrifizj, sopportati con animo sempre uguale, l'unico pensiero che allora mi confortasse si era quello di poter riportare tale congerie di oggetti, i quali nel mentre sarebbero serviti di perenne memoria di mie peregrinazioni, avrebbero aumentato il patrimonio delle scienze, e dato qualche lustro alla mia patria. Infatti, oltre ad una	Assim que desembarquei minhas caixas, fui pedir hospedagem na casa de um rico comerciante de New-York, para quem o senhor Bradly havia sido cortês em recomendar-me. Lá encontrei todo o cuidado e conforto que minha saúde debilitada exigia e o esgotamento de minhas forças, reduzidas ao extremo dadas as muitas privações e dificuldades que sofri naquela arriscada exploração de um ano inteiro através das terras equatoriais. Depois de tantos sacrifícios, suportados com ânimo sempre igual, o único pensamento que então me confortava era o de poder trazer tal amontoado de objetos, os quais neste momento serviriam como uma lembrança perene de minhas peregrinações, aumentariam o patrimônio da ciência e dado algum brilho à minha pátria. De fato, além de uma infinidade de esboços dos lugares que percorri e desenhos dos vários

infinità di schizzi dei luoghi da me percorsi, e di disegni degli svariati costumi dei selvaggi, io mi era procurata una collezione quasi completa d'armi, ornamenti di penne, utensili, veleni delle singole tribù selvaggie, ed aveva raccolto in sei grosse casse il frutto delle mie escursioni scientifiche, non comprendendo quelle che già aveva spedito dagli Stati-Uniti, dal Canada e dalle Antille al civico Museo di Milano.	costumes dos selvagens, eu havia adquirido uma coleção quase completa de armas, ornamentos de penas, ferramentas e venenos de cada uma das tribos selvagens, e havia reunido em seis grandes caixas os frutos de minhas excursões científicas, sem contar as que já havia enviado dos Estados Unidos, do Canadá e das Antilhas para o Museu Cívico de Milão.
156 La malferma salute e la cattiva stagione non mi permisero d'occuparmi d'altro che d'ordinare le mie collezioni, contando in breve di proseguire il viaggio per Rio Janeiro; quando l'arrivo di un battello a vapore da Pernambuco, che recava le notizie de'grandi sconvolgimenti avvenuti in quel torno in Europa, risvegliò in me vivissimo il desiderio di rivedere la terra natale, stanco di condurre più a lungo una vita sì errante e travagliata. Trovavasi per buona ventura in porto, e pronta a far vela per Marsiglia, la nave francese Nouvelle Eugénie; non mancai quindi di approfittare di	A saúde debilitada e a estação ruim não permitiram que eu me ocupasse com nada além de arrumar minhas coleções, esperando, em breve, prosseguir viagem para o Rio de Janeiro; quando a chegada de um navio a vapor de Pernambuco, que trouxe notícias das grandes revoltas ocorridas na Europa naquele período, despertou em mim um desejo muito vivo de rever a terra natal, cansado de levar por um longo tempo uma vida tão errante e conturbada. Por sorte, encontrava-se no porto e pronto a içar velas para Marselha, o navio francês Nouvelle Eugénie. Não deixei de aproveitar a
— 270 —	— 270 —
sì propizia occasione, e mi affrettai a stipulare col capitano il passaggio pel prezzo di 100 colonnati.	propícia ocasião e me apressei para negociar com o capitão a passagem pelo preço de 100 colonnati¹¹⁵.
157 I pochi dì nei quali rimasi al Parà vennero da me impiegati a fare le necessarie provviste ed a percorrere la città.	Os poucos dias que fiquei no Pará foram usados por mim para fazer as provisões necessárias e percorrer a cidade.
158 Santa Maria di Belem o Gran Parà, a 1° 50' di latitudine sud, è la capitale della comarca che porta l'istesso nome. E posta sopra un golfo ingombro di banchi di sabbia alla confluenza del rio Guama e Capino col Tocantin, all' est di Maranhao. Le sta di fronte l'isola grande di Marajò, che ha circa 30 leghe di circonferenza.	Santa Maria de Belem ou Grão-Pará, a 1° 50' de latitude sul, é a capital da comarca de mesmo nome. Está localizada em um golfo repleto de bancos de areia na confluência dos rios Guama [Guamá] e Capino [Capim] com o Tocantin [Tocantins] a leste do Maranhão. Em frente a ela está a grande ilha de Marajó, que tem uma circunferência de aproximadamente 30 léguas.
159 La città è bella, con magnifici edifizj pubblici; il palazzo del Governo è molto	A cidade é bonita, com magníficos edifícios públicos; o edifício do Governo é muito

¹¹⁵Possível moeda espanhola de prata, conhecida também como peso de ocho, peso fuerte e dólar espanhol, sendo utilizada por muito tempo como moeda internacional por causa da uniformidade das suas características (Martinori, 1915).

vasto, di forma quadrilatera, a due piani. I due conventi e le chiese, la cattedrale, il Remedio, S. Antonio, S. Anna, il Rosario, sono assai ricche d'ornamenti ed eleganti. La strada detta Largo do palacio, e quella detta Rua da Praya, sono le più belle e frequentate, essendo la prima il passeggio pubblico, dove trovansi le più brillanti botteghe di mode e altri oggetti di lusso europeo: l'altro, il ritrovo dei negozianti, ove hanno le loro banche e i loro fondachi. Due forti che sorgono su due scogli opposti difendono la bocca del porto. Il clima, al pari di tutte le terre equatoriali, è torrido, insalubre, sebbene le piogge che nell'inverno cadono tutti i giorni rinfreschino in parte l'atmosfera.	grande, de forma quadrilátera e dois andares. Os dois conventos e as igrejas, a catedral, o Remédio, S. Antônio, S. Anna e o Rosário, são ricos em ornamentos e elegantes. A rua conhecida como Largo do palácio e aquela conhecida como Rua da Praya são as mais bonitas e frequentadas, sendo a primeira o passeio público, onde se encontram as mais pomposas lojas de moda e outros artigos de luxo europeus. A outra, o ponto de encontro dos comerciantes, onde eles têm seus bancos e seus armazéns. Dois fortes situados em penhascos opostos defendem a entrada do porto. O clima, como em todas as terras equatoriais, é tórrido e insalubre, embora as chuvas que caem todos os dias no inverno refresquem um pouco a atmosfera.
160 La popolazione del Parà è composta per la più parte da meticci, mammalucchi, negri schiavi e liberi, e da molti Portoghesi; in genere quegli abitanti sono indolenti, poco industriosi, ed hanno le stesse abitudini di quelli del Guayaquil, vivendo quasi sotto la stessa latitudine. Le donne passano la più parte del giorno nelle loro amache, si dilettano di far pompa di ornamenti d'oro, di vezzi di perle, massime le mammalucche, delle quali se ne vedono di bellissime nei giorni festivi, abbigliate con eleganza e buon gusto.	A população do Pará é composta, em sua maior parte, de mestiços, mamelucos, pretos escravos e libertos e de muitos portugueses; em geral, esses habitantes são indolentes, pouco diligentes e têm os mesmos hábitos que os de Guayaquil, vivendo quase sob a mesma latitude. As mulheres passam a maior parte do dia em suas redes, deleitando-se em exibir ornamentos de ouro e colares de pérolas, sobretudo as mamelucas, vistas muito bonitas em dias festivos, vestidas com elegância e bom gosto.
161 Al largo do quartel trovavi una specie di giardino pubblico ornato di alte piante di Seybo, dove quegli abitanti affluiscono nei giorni di festa. Vi è pure un piccolo teatro, varj collegi ed un ginnasio.	No Largo do Quartel há uma espécie de jardim público adornado com altas plantas de Seybo¹¹⁶, onde os habitantes se concentram em dias de festa. Há também um pequeno teatro, vários colégios e um ginásio.
162 Il principale commercio del Parà consiste in zucchero, cacao, salsapariglia, riso, copaiba, castagne del Maragnone, vaniglia, indaco ed altre droghe. Il cacao potrebbe considerarsi come la principale ricchezza agricola del basso Amazzone e del	O principal comércio do Pará consiste em açúcar, cacau, salsaparrilha, arroz, copaíba, castanhas do Maranhão, baunilha, índigo e outras especiarias. O cacau pode ser considerado a principal riqueza agrícola do

¹¹⁶Possível referência à Sumaúma - *Ceiba pentrandia*. Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-a-arvore-rainha-da-amazonia-a-gigantesca-sagrada-sumauma/>. Acesso em: 15 abr. 2026.

Perù; trovandosi nello stato selvaggio, i grani sono più piccoli di quello di	baixo Amazonas e do Peru. Estando em estado selvagem, os grãos são menores do que os de
— 271 —	— 271 —
Caracca, ma è più aromatico di quello che si coltiva al Guayaquil. È per conseguenza più stimato ed è più raro. Vi si richiedono lunghe escursioni ne'boschi, e di frequente proibiscono la coltivazione, che sorvegliano essi stessi. La popolazione può ascendere a 15,000 abitanti. È residenza dei consoli di tutte le potenze europee.	Caracas, porém mais aromático que o cultivado em Guayaquil. Consequentemente, é mais valorizado e mais raro. São necessárias longas caminhadas nas florestas e frequentemente proíbem o cultivo, que eles mesmos vigiam. A população pode chegar a 15.000 habitantes. É a residência dos consules de todas as potências europeias.
163 Nell'isola Marajò esistono ottimi pascoli e vi si educa molto bestiame bovino; le carni, però non sono troppo saporite. Qualche volta quell' isola e le adiacenze del Parà vanno soggette ad una subitanea inondazione, alla quale danno il nome di paroroca, che arreca ai seminati danni incalcolabili. Per fortuna vi avviene di rado. La causa di sì impetuosa piena si è l'impiegare che fa la marea nel crescere soli tre o quattro minuti, in luogo di mettervi cinque o sei ore; accavallandosi allora le acque, irrompono colla rapidità della folgore, via strascinando tutti gli ostacoli che loro si oppongono, e sommergendo nella loro furia case, uomini e bestiame.	Na ilha de Marajó, há excelentes pastagens e lá se cria muito gado bovino; a carne, porém, não é muito saborosa. Às vezes, essa ilha e as adjacências do Pará estão sujeitos a uma repentina inundação, à qual dão o nome de paroroca [pororoca] que causa danos incalculáveis às plantações. Por sorte, isso raramente acontece. A causa dessa impetuosa inundação é o fato de que a maré leva apenas três ou quatro minutos para subir, em vez de levar cinco ou seis horas; acumulando-se então as águas, irrompem com a rapidez de um relâmpago, arrastando todos os obstáculos que se opõem a elas e submergindo, em sua fúria, casas, homens e animais.
164 Onde ottenere un passaporto per l'Europa, doveti per tre giorni sottopormi a noie infinite, compiere varie formalità, e subire una spesa non minore di 16,000 reis, corrispondenti ad 8 dollari effettivi.	A fim de obter um visto para a Europa, tive que, por três dias, me submeter a infinitas dificuldades, cumprir várias formalidades e sujeitar-me a uma despesa não menor do que 16.000 réis, equivalente a 8 dólares efetivos.
165 Il giorno 9 aprile 1848, con vento favorevole, salpammo dal porto, e colla guida d' un piloto del paese, in poche ore ci trovammo fuori de'banchi, che rendono tanto pericolosa quella navigazione.	No dia 9 de abril de 1848, com vento favorável, zarpamos do porto e, guiados por um piloto local, em poucas horas nos encontramos fora dos bancos, que tornam aquela navegação perigosa.
166 Alla fine, spiegate tutte le vele, ci gettammo nell'immenso Oceano. Le acque, a più di cinque leghe dalla foce dell'Amazzone, continuano ad essere di color biancastro e poco salmastre. Nello stesso dì attraversammo la linea equatoriale. Si fé' una bordata al largo per allontanarci dalla costa della Guajana, la quale non si potè perdere di vista che dopo due giorni. Un calore	Por fim, abertas todas as velas, nos lançamos no imenso Oceano. As águas, a mais de cinco léguas da foz do Amazonas, ainda são esbranquiçadas e ligeiramente salobras. No mesmo dia, atravessamos a linha do equador. Navegamos à bolina para nos afastarmos da costa da Guiana, a qual não perdemos de vista até dois dias depois. Um calor sufocante nos impedia de ficar cobertos mesmo durante a

soffocante impedivaci di rimaner sotto coperta anche durante la notte; a poco a poco però andava scemando a misura che ci allontanavamo dall'equatore.	noite, mas pouco a pouco foi diminuindo à medida que nos afastávamos do equador.
167 Le acque avevano ripreso il loro colore azzurro: i venti favorevoli, gli alisei, che spiravano con forza, ci facevano fare da sei a sette nodi per ogni ora, continuando senza interruzione per dieci giorni consecutivi senza che fossimo obbligati a mutar la manovra delle vele, ed accompagnandoci fino alla latitudine di 25° 30'. Si provarono poscia due giorni di calma; il vento d' ovest avendo incominciato a spirar con forza, si corse in poppa sino all'altezza delle Azzorre. I nostri marinai ci tenevano approvvigionati	As águas tinham retomado sua cor azul: os ventos favoráveis, os alísios, que sopravam com força, nos levavam a fazer de seis a sete nós por hora, continuando sem interrupção por dez dias consecutivos sem que fôssemos obrigados a mudar a manobra das velas, e nos acompanhando até a latitude de 25° 30'. Em seguida, passamos por dois dias de calmaria; o vento oeste começou a soprar com força na popa e seguimos até para a altura dos Açores. Os nossos marinheiros nos mantinham aprovisionados
— 272 —	— 272 —
continuamente di dorade, bonite ed altri pesci che guizzavano intorno alla nave, e venivano presi cogli arponi, con dardi, o con grossi ami attaccati per mezzo di lunghe cordicelle alla poppa. Subito dopo i primi giorni di navigazione mi cessò del tutto la febbre intermittente; il riposo, un sano nutrimento, e la gioviale compagnia del capitano Coste finirono col ridonarmi alla primiera sanità, e sradicare qualsiasi germe di mali.	continuamente de dourados, bonitos e outros peixes que se agitavam ao redor do navio e eram pegos com arpões, dardos e com anzóis amarrados à popa por meio de cordeletes. Logo depois dos primeiros dias de navegação a minha febre intermitente cessou totalmente; o repouso, uma boa alimentação e a jovial companhia do capitão Coste acabaram por me devolver a saúde inicial e erradicar quaisquer germes de doenças.
168 Si ebbero per qualche tempo in vista due bastimenti, uno da guerra, e l'altro mercantile. La falsa notizia che si era sparsa al Parà prima della nostra partenza, cioè che dopo gli avvenimenti politici del 23 febbraio, l'Inghilterra avesse dichiarata la guerra alla Francia, ci metteva in qualche angustia, temendo non avessimo a fare con corsari. Non tardammo però ad essere rassicurati, giacché essi pei primi, restando a sopravento, inalberarono la bandiera e ci salutarono. La prima era una nave della Compagnia delle Indie diretta pel Capo di Buona Speranza, l'altra dirizzava il suo corso per l'America; venuti a parlamento, si ebbero intorno agli affari d'Europa più consolanti notizie, e, scambiata la longitudine, che si trovò precisa, si proseguì la navigazione verso lo stretto di	Avistamos, por um certo tempo, duas embarcações, uma de guerra e outra mercante. A falsa notícia que havia se espalhado no Pará antes da nossa partida, isto é, que depois dos eventos políticos de 23 de fevereiro, a Inglaterra teria declarado guerra à França, nos dava alguma apreensão, temendo estarmos lidando com corsários. No entanto, não demorou muito para que ficássemos tranquilos, pois eles foram os primeiros a se posicionar a barlavento, erguer a bandeira e nos saudar. O primeiro era um navio da Companhia das Índias com destino ao Cabo da Boa Esperança, e o outro dirigia o seu curso para a América. Conversando com eles, tivemos notícias mais consoladoras sobre a situação na Europa e, depois de ajustar a longitude, que se mostrou precisa,

Gibilterra, che al 1.º giugno imboccammo a gonfie vele, approdando l'11 felicemente a Marsiglia. Non appena ammesso a libera pratica, partii immediatamente col piroscafo La Ville de Marseille per Genova, ed il 15 feci ritorno in Lombardia, rivedendo, dopo una peregrinazione sì lunga e sì avventurosa, dopo aver superati tanti stenti e pericoli, la mia famiglia, i miei amici, la diletta mia patria.	prossequimos a navegação em direção ao Estreito de Gibraltar, no qual entramos, em 1º de junho, a toda velocidade, atracando, felizmente, em Marselha no dia 11. Assim que fui liberado oficialmente parti imediatamente no vapor La Ville de Marseille para Gênova e, no dia 15, após uma peregrinação muito longa, cheia de aventuras, e tendo superado tantas dificuldades e perigos, retornei à Lombardia revendo minha família, meus amigos e minha amada pátria.
--	---

4 REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Neste capítulo apresento as minhas reflexões sobre a tradução comentada dos capítulos XXII ao XXVII do livro *Esplorazione delle Regioni Equatoriali – Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni* (1854), de Gaetano Osculati. Inicialmente, disserto sobre a importância da tradução comentada no contexto acadêmico, abordando a relevância da transparência no processo tradutório e destacando como essa abordagem transforma o ato de traduzir em um objeto de reflexão crítica, ao tratar a tradução não apenas como produto final, mas como um percurso consciente, argumentado e como exercício de ampliação da compreensão sobre a própria prática, onde as escolhas tradutórias são reveladas e melhor compreendidas.

Em seguida, desenvolvo os comentários sobre o processo tradutório, que compreendem explicações e justificativas quanto às estratégias adotadas para a construção do texto de chegada, buscando evidenciar aquilo que foi priorizado diante dos critérios adotados, além dos desafios, que aumentaram conforme a interação com o texto foi ganhando profundidade, reforçando a importância da relação entre prática e reflexão.

Apresento, também, uma breve discussão sobre a visão de mundo de Osculati, expondo alguns excertos da tradução que ilustram como a visão eurocêntrica do autor se inscreve nas suas escolhas, nos enquadramentos descritivos e nas estratégias discursivas adotadas na forma como ele construía o seu texto. Os trechos escolhidos possibilitam observar como determinados modos de nomear, classificar e hierarquizar espaços, sujeitos e manifestações culturais não apenas refletem o pensamento de seu tempo, mas também participam ativamente da construção de uma narrativa que confirma as diferenças entre o olhar europeu e os contextos observados.

Finalmente, são discutidos aspectos como o anacronismo, adaptações fonológicas e a pesquisa relacionada à tradução de etnias, topônimos, elementos de fauna, flora e questões culturais.

4.1 A TRADUÇÃO COMENTADA COMO GÊNERO TEXTUAL

A tradução comentada é considerada um gênero textual no qual o tradutor apresenta, junto à tradução, comentários sobre aspectos e desafios envolvidos, assim como explicações sobre suas escolhas tradutórias. Ela encontra suas origens na tradução de textos sagrados. A Septuaginta (séc. III d.C.), tradução da bíblia hebraica para o grego, recebeu os primeiros comentários de Filão de Alexandria (séc. I a.C.), o qual não foi um dos tradutores. Assim, seus comentários possuíam mais uma natureza de crítica da tradução do que de tradução comentada

como entendida contemporaneamente. Mais tarde, Orígenes (séc. III d.C.) apresentou, em sua obra Hexapla, comentários comparativos entre seis versões do antigo testamento.

Posteriormente, a tradução da bíblia para o latim (Vulgata, séc. IV e V d.C.), feita por Jerônimo a partir do hebraico e do grego trouxe uma estrutura de comentários mais próxima daquilo que conhecemos hoje. Como tradutor, ele escreveu prefácios e notas explicativas nos quais justificava suas escolhas de tradução, explicava diferenças entre o hebraico e o grego e discutia termos e significados teológicos, podendo ser considerado um dos precursores da tradução comentada.

Durante o Renascimento e o Humanismo, tradutores como Lorenzo Valla e Erasmo de Roterdã revisaram textos bíblicos e produziram traduções comentadas com notas e justificativas filológicas, estabelecendo o caráter acadêmico da prática da tradução comentada que, mais recentemente, passou a ser sistematizada, ainda que não de forma rígida, como gênero acadêmico aplicado a teses, dissertações e artigos voltados à reflexão crítica sobre o processo tradutório.

É nesse contexto de consolidação contemporânea do gênero que se inserem as reflexões teóricas atuais, entre as quais se destaca a contribuição de Marie-Hélène Torres (2017, p.18), que, em seu capítulo de livro *Por que e como pesquisar a tradução comentada?*, lança luz sobre aspectos do gênero da tradução comentada, apresentando algumas de suas características:

- O caráter autoral: o autor da tradução é o mesmo do comentário.
- O caráter metatextual: está na tradução comentada incluída a própria tradução por inteiro, objeto do comentário; a tradução está dentro do corpo textual.
- O caráter discursivo-crítico: o objetivo da tradução comentada é mostrar o processo de tradução para entender as escolhas e estratégias de tradução do tradutor e analisar os efeitos ideológicos, políticos, literários, etc. dessas decisões;
- O caráter descritivo: todo comentário de tradução parte de uma tradução existente e, portanto, reflete sobre tendências tradutórias e efeitos ideológico-políticos das decisões de tradução;
- O caráter histórico-crítico: todo comentário teoriza sobre uma prática de tradução, alimentando dessa forma a história da tradução e a história da crítica de tradução.

O ato de traduzir torna-se uma extensão do pensamento interpretativo e crítico do tradutor. O tradutor interpreta, explica e reformula, imprimindo, também, sua visão de mundo tanto nas escolhas lexicais e sintáticas da tradução quanto nas observações analíticas que a acompanham, produzindo um discurso duplo, de tradução e comentário crítico de seu próprio trabalho, fazendo com que estes se entrelacem como partes complementares de uma única operação intelectual.

Assim, o caráter metatextual de uma tradução comentada revela-se no modo como o texto traduzido e o comentário coexistem dentro de um mesmo corpo discursivo. A tradução não é apenas o ponto de partida do comentário, mas parte integrante do próprio texto crítico, inserida em seu interior como objeto de análise, diálogo e reinterpretação, sendo ao mesmo tempo produto e tema do discurso. A tradução comentada fala de si mesma, expõe seus próprios mecanismos e revela os processos interpretativos e decisórios que a sustenta.

Este gênero textual apresenta um discurso crítico na medida em que torna visível o processo tradutório, revelando as operações interpretativas, as escolhas linguísticas e as estratégias adotadas pelo tradutor diante das complexidades do texto original, permitindo a compreensão de como cada decisão foi motivada, seja por fatores linguísticos, culturais, estéticos e, até, ideológicos e políticos, uma vez que expõe, em parte, o percurso que conduziu à versão traduzida. O comentário não apenas esclarece o funcionamento interno da tradução, ele deixa transparecer a necessidade que o tradutor teve de fazer escolhas diante dos desafios encontrados, posicionando-se dentro de um campo de sentidos e valores em constante negociação.

Ao teorizar sobre o próprio ato tradutório, o comentário contribui para a construção da história da tradução, registrando as estratégias, concepções e debates que moldam diferentes épocas e contextos. Cada comentário, ao interpretar e justificar escolhas tradutórias, dialoga com teorias anteriores e projeta novas perspectivas, enriquecendo também a história da crítica da tradução. Dessa forma, a tradução comentada transforma-se em um espaço de memória e de pensamento histórico, marcada por continuidade e ruptura e pela constante redefinição de seus significados.

Considerando estes aspectos do gênero tradução comentada, diversas abordagens podem ser consideradas e desafiar o trabalho do tradutor pesquisador, como, por exemplo, as implicações de uma retradução, o léxico, ritmo, topônimos, elementos culturais, sociais e históricos, a sintaxe, a intertextualidade, os elementos filológicos, estilo do autor e do gênero textual traduzido.

Zavaglia et al. (2015), apresenta uma distinção importante ao relembra que em uma tradução comentada, em ambiente acadêmico, os aspectos teóricos e intertextuais envolvidos são diferentes daqueles de traduções com a finalidade de venda de um produto editorial, pois não é só a tradução que é levada em consideração, mas toda a pesquisa desenvolvida para chegar a esta. Ainda, em um contexto comercial, a própria tradução estará mais sujeita a interferências, alterações e limitações editoriais como extensão, estilo, formato, tipos de notas, etc.

De acordo com a mesma autora, há uma outra diferença que está relacionada ao leitor e o seu percurso de leitura. Os comentários em traduções publicadas em forma de teses ou dissertações são formados de vários tipos de peritextos, como apresentações, análises e notas, que podem ser comparados a prefácios, posfácios e notas de rodapé encontrados em traduções publicadas por editoras, com fins comerciais. Contudo, a diferença principal que separa esses comentários, é que no caso das traduções publicadas no mercado editorial, embora os comentários estejam juntos à tradução, o leitor, caso queira, poderá deixá-los de lado. No caso de uma tradução comentada, em espaço acadêmico, os comentários não são complementos acessórios à tradução, pois ambos integram um mesmo conjunto e, no contexto da leitura, tradução e comentários são componentes de mesma importância, já que um não tem razão de ser sem o outro.

Dessa forma, no contexto acadêmico, a tradução comentada apresenta o registro do percurso tradutório, evidenciando, por meio de comentários variados, as dúvidas, escolhas, fundamentos teóricos, justificativas estratégicas e procedimentos essenciais para a realização da tradução. O tradutor apresenta o contexto da obra e do autor, fundamenta seus procedimentos tradutórios, seleciona trechos significativos e, a partir deles, discute as estratégias empregadas.

Outro aspecto importante da tradução comentada, e talvez um dos motivos de sua forte presença no meio acadêmico, é a sua função pedagógica:

[. . .] a função da tradução comentada seria, primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos – incluindo os temporais, relativos ao seu próprio prazo de conclusão de trabalho, com ou sem bolsa de estudos, e aos qualitativos, referentes à avaliação do trabalho –, enfim, o entorno dos textos concernentes em diálogo, ou seja, as dificuldades que permeiam o seu ato tradutório e as soluções imaginadas (Zavaglia, 2015, p. 349).

Fazer uma tradução comentada é, também, um desafio de aprendizagem, uma forma de aprender a traduzir que vai além da tradução do significado das palavras em outra língua. É uma tarefa que leva o tradutor a refletir continuamente sobre suas escolhas, o que ele pretende ressaltar e, quais efeitos sobre o leitor que ele deseja provocar ou evitar, ainda que estes não sejam de todo controláveis. Desta forma, o tradutor aprende ao perceber e analisar a sua própria experiência, acumulando saberes que, aos poucos, poderão contribuir para a qualidade de suas traduções e da autoconsciência na prática tradutória.

Por fim, na tradução comentada a visibilidade do tradutor é inevitável, pois o foco do trabalho não está somente no texto traduzido, mas em todo o processo tradutório. Ele estará presente ao explicar suas escolhas, estratégias e limitações, revelando o caráter interpretativo e subjetivo do ato tradutório. Assume, assim, o papel de autor de um discurso sobre a própria tradução, no qual a sua leitura e intervenção no texto traduzido tornam-se elementos centrais de seu trabalho. Sua prática tradutória é colocada em primeiro plano, revelando uma presença consciente sobre aquele que leu, refletiu, traduziu e comentou um determinado texto.

A partir dessas considerações, a tradução comentada é aqui entendida, como um instrumento relevante de pesquisa acadêmica, no qual a presença do tradutor deixa de ser um elemento a ser ocultado para constituir-se como parte fundamental do processo de construção do conhecimento tradutório. Ao explicitar as decisões tomadas ao longo do percurso tradutório, o tradutor assume a responsabilidade por suas escolhas interpretativas, abandona a ilusão de neutralidade e reconhece os limites e alcances de sua intervenção. Desse modo, é possível estabelecer uma abordagem em consonância com as reflexões de Antoine Berman (2013), concebendo a tradução como um espaço de mediação ética, no qual as escolhas do tradutor revelam uma postura diante do texto estrangeiro e de sua alteridade. Tornar visíveis tais escolhas, por meio do comentário tradutório, implica reconhecer a tradução como prática interpretativa e historicamente situada, o que será examinado de forma mais detida na seção seguinte.

4.2 COMENTÁRIOS À TRADUÇÃO DOS CAPÍTULOS XXII AO XXVII

4.2.1 Fundamentação teórica da prática tradutória

A necessidade de contato entre diferentes culturas coloca, frequentemente, a tradução em uma posição fundamental para que um diálogo possa se estabelecer de maneira satisfatória, ou seja, é preciso, minimamente, haver entendimento entre as partes envolvidas, ainda que este diálogo se dê entre culturas com, supostamente, a mesma língua, a exemplo de Brasil, Cabo Verde e Timor-Leste ou Malta, Nova Zelândia e Gana. O ato de traduzir não envolve somente o conhecimento da língua ou do par linguístico a ser trabalhado. Existem outras variáveis com as quais o tradutor terá que lidar, como o vocabulário da época em que o texto foi produzido, o léxico específico, o ritmo, estilo e questões gramaticais, os elementos culturais referidos, a intertextualidade, os neologismos, além dos aspectos filológicos, históricos e sociais.

O envolvimento de tantos aspectos na tradução faz com que o tradutor esteja constantemente teorizando, refletindo, pesquisando, (re)formulando justificativas e opiniões

críticas sobre suas escolhas tradutórias de modo a produzir não a tradução perfeita, mas a melhor possível dentro do contexto e circunstâncias daquele momento. Ainda que não expressa textualmente e de forma sistematizada, a teoria faz parte do trabalho do tradutor. Pym sustenta que:

Educadores e professores assumem, algumas vezes, que os tradutores que conhecem teorias variadas realizarão seu trabalho de maneira melhor do que aqueles que não as conhecem. Até onde sei, não há evidência empírica para confirmar essa afirmação e há boas razões para se duvidar de sua validade. Todos os tradutores teorizam, não apenas aqueles que são capazes de expressar seu conhecimento teórico em termos técnicos. Na verdade, é possível que tradutores não treinados possam realizar seu trabalho mais rapidamente e de maneira mais eficiente pelo fato de saberem menos a respeito de teorias complexas. Eles possuem menos dúvidas e não desperdiçam tempo refletindo sobre o óbvio. Por outro lado, um certo nível de consciência a respeito de teorias variadas pode possibilitar algum benefício prático na confrontação de problemas em relação aos quais não há soluções preestabelecidas e para os quais uma boa dose de criatividade se faz necessária. O conhecimento teórico pode propor questionamentos produtivos e, algumas vezes, sugerir respostas bem-sucedidas (2019, p. 23 e 24).

Na tradução não existe, como em certas ciências, uma fórmula que possa ser aplicada gerando sempre o mesmo resultado, mas isso não significa dizer que as teorias não tenham seu espaço nas discussões sobre tradução, embora a pretensão de normatizar ou padronizar o ato tradutório não esteja, em geral, no centro dessas discussões. Contudo, não podemos deixar de pensar no fato de que algumas teorias da tradução podem ora ou outra ocupar uma posição prescritiva, mesmo que esta não tenha sido a intenção de quem a formulou.

A pergunta “como é que tal coisa se traduz?”, é bastante comum entre aqueles que estão aprendendo uma nova língua, mas também está presente na mente de todo tradutor, experiente ou não. A própria pergunta contém, implicitamente, uma expectativa de que a resposta se apresente como uma fórmula que dará certo em qualquer situação. Porém, como afirma Pere Comellas, na maior parte das vezes é, legitimamente, possível responder “depende”, pois, além de outras coisas, há questões éticas importantes que precisam ser tratadas em uma tradução:

Em tradução não há fórmulas fixas que resolvam os problemas. No entanto, esse “depende” não é só por causa da complexidade do fenômeno traslatório nem da grande casuística de variáveis (gênero textual, iniciador, skopo, modalidade, contextos...), como também porque as nossas opções implicam escolhas éticas importantes, tanto para a própria cultura como para a cultura que tentamos traduzir (2011, p.153 e 154).

A ética, como campo da filosofia, trata de várias proposições relacionadas ao senso moral: virtude; fim e relevância de uma ação; vontade e paixão, vontade e razão; questões sobre liberdade, honestidade, responsabilidade, obrigação, o bem e o mal, o bom e o mau, a dor, o sofrimento e o desejo de felicidade (Chauí, 2000, p. 431). As reflexões que vão formar o

arcabouço ético de uma sociedade alteram-se com o passar do tempo. A dinâmica de mudança de conceitos e abordagens serão diferentes para cada grupo social, o que nos leva a admitir que a ética é uma criação histórico-cultural, portanto, não é fechada, estática e nem acabada. Há um processo constante de transformação que a faz variar não só com o passar do tempo, mas também de acordo com a cultura de cada sociedade ou entre os diferentes estratos desta. Por isso, nossas escolhas tradutórias terão repercussão ética, nem sempre homogêneas, tanto na própria cultura como na cultura para a qual estamos traduzindo. Por exemplo, a pena de morte ou a amputação de partes do corpo como retribuição ao cometimento de algo considerado como delito podem ser aceitas em algumas culturas como justo e, portanto, bom, sendo inadmissíveis em outras, por serem consideradas injustas e, portanto, más. Ao mesmo tempo, essas práticas podem migrar entre sociedades como resultado de um processo histórico-cultural, tornando aquilo que era considerado justo como inaceitável e vice-versa. Assim, as escolhas tradutórias refletirão na maneira como uma cultura diferente é percebida e também como esta provocará questionamentos quanto aos paradigmas estabelecidos na própria cultura que traduz, num tempo e espaço específicos.

Na realidade, estamos continuamente envolvidos em situações práticas que nos impõem a necessidade de decidir o que fazer, ponderando quais consequências a decisão trará para nós e os outros. Colocamos à prova nossa consciência ou nosso agir conscientemente, pois é a partir dele que conseguimos avaliar e assumir as consequências de nossas escolhas e seus efeitos sobre os outros:

O senso e a consciência moral dizem respeito a valores, sentimentos, intenções, decisões e ações referidos ao bem e ao mal e ao desejo de felicidade. Dizem respeito às relações que mantemos com os outros e, portanto, nascem e existem como parte de nossa vida intersubjetiva (Chauí, 2000, p. 431).

A ética é, portanto, uma prática social consciente e se dá no campo das relações com o outro, uma vez que nossos valores são construídos e desconstruídos dentro da intersubjetividade, ou seja, do compartilhar da realidade diversa entre duas ou mais subjetividades, na qual a relação de reciprocidade é imperiosa, pois cada um é o outro do outro e, a partir desta intersubjetividade, as subjetividades se modificam pelo processo dialógico:

A ética é o mundo das relações intersubjetivas, isto é, entre o eu e o outro como sujeitos e pessoas, portanto, como seres conscientes, livres e responsáveis. Nenhuma experiência evidencia tanto a dimensão essencialmente intersubjetiva da vida e da vida ética quanto a do diálogo (Chauí, 2000, p. 472).

Maurice Merleau-Ponty defendeu que, existe, em particular, um elemento cultural que desempenha um papel essencial na percepção do outro: a língua, pois por meio dela se

estabelece o diálogo como experiência intersubjetiva:

Na experiência do diálogo, constitui-se entre mim e o outro um terreno comum, meus pensamentos e os seus formam um único tecido, minhas frases e as do interlocutor são provocadas pelo estado da discussão, inserem-se em uma operação comum da qual nenhum de nós é o criador. Há um ser a dois, e o outro não é para mim um simples comportamento em meu campo transcendental, nem tampouco eu no dele; somos, um para o outro, colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas se deslizam uma dentro da outra, coexistimos por meio de um mesmo mundo. No diálogo estou liberto de mim mesmo, os pensamentos do outro são pensamentos seus, não sou eu que os forma, ainda que os capte assim que surgem ou os preceda; além disso a objeção do interlocutor arranca de mim pensamentos que não sabia possuir, de modo que se lhe empresto alguns pensamentos, ele, por sua vez, me faz pensar¹¹⁷ (Merleau-Ponty, 1994, p. 366).

Assim, o ato tradutório é, intrinsecamente, ético. Pressupõe uma relação com outro(s) por meio de um diálogo que se dá entre línguas. Neste contexto, as diversas realidades são interpretadas, as percepções e experiências humanas são articuladas e os princípios por trás de cada sociedade são escrutinados de forma a contribuir para a tomada de decisões conscientes, ou seja, das escolhas em cada projeto tradutório.

No campo dos Estudos da Tradução, Antoine Berman, em suas reflexões, destacou que a tradução tem uma vocação ética que consiste em reconhecer e receber o outro enquanto outro, isto é, acolher o estrangeiro em vez de refutá-lo ou procurar dominá-lo. A tradução se trata de um ato dialógico no qual o tradutor não busca silenciar o estrangeiro, mas, ao contrário, dar espaço para que este se manifeste. Para ele, a tradução ética é

[...] animada pelo *desejo de abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro ao seu próprio espaço de língua*. Isso não significa, em absoluto, que historicamente tenha sido sempre assim. Pelo contrário, o objetivo apropriador e anexionista que caracteriza o ocidente sufocou quase sempre a vocação ética da tradução. A "lógica do mesmo" quase sempre prevaleceu. Isso não impede que o ato de traduzir obedeça a uma outra lógica, a da ética. Por isto, retornando a bela expressão de um trovador, falamos que a tradução é, na sua essência, o "albergue do longínquo". (2013, p. 97).

Concordando com Antoine Berman, Lawrence Venuti vai dizer que:

A boa tradução é desmistificadora: manifesta em sua própria língua a estrangeiridade do texto estrangeiro (Berman, 1985, p. 19). Essa manifestação pode ocorrer por meio da seleção de um texto cuja forma e tema desviam-se dos cânones literários domésticos. Mas sua ocorrência mais decisiva depende de introduzir variações que

¹¹⁷En la experiencia del diálogo, se constituye entre el otro y yo un terreno común, mi pensamiento y el suyo no forman más que un solo tejido, mis frases y las del interlocutor vienen suscitadas por el estado de la discusión, se insertan en una operación común de la que ninguno de nosotros es el creador. Se da ahí un ser a dos, y el otro no es para mí un simple comportamiento en mi campo transcendental, ni tampoco yo en el suyo; somos, el uno para el otro, colaboradores en una reciprocidad perfecta, nuestras perspectivas se deslizan una dentro de la otra, coexistimos a través de un mismo mundo. En el diálogo presente, se me libera de mí mismo, los pensamientos del otro son pensamientos suyos, no soy yo quien los forma, aun cuando los capte en seguida de haber surgido o los preceda; más, la objeción del interlocutor me arranca unos pensamientos que yo no sabía poseía, de modo que si le presto unos pensamientos, él, a su vez, me hace pensar.

alienam a língua doméstica e, visto que são domésticas, revelam a tradução como sendo de fato uma tradução, distinta do texto que ela substitui. (2019, p. 28).

Ao propor um princípio ético para a tradução baseado na recepção e numa postura dialógica para com o outro/estrangeiro, Berman o faz em oposição ao que ele considerou como sendo as duas formas tradicionais e dominantes de tradução literária: a tradução etnocêntrica e a tradução hipertextual, estando ambas necessariamente ligadas. A primeira é uma tradução que reduz tudo para a sua própria cultura, normas e valores, considerando o que está fora disso como negativo ou, na melhor das hipóteses, bom para ser adaptado para aumentar a riqueza desta cultura. Prevalece a ideia de que a tradução deva ser feita de maneira que não seja percebida, o seu resultado deve ser um texto que seja lido como se tivesse sido escrito na própria língua para a qual foi traduzido. Isso teria como consequência uma dissociação ou um apagamento da cultura de partida. A segunda seria uma espécie de transformação formal do texto, seja por paródia, imitação, adaptação ou plágio. Na sua forma mais grosseira pode suprimir ou incluir passagens de acordo com o gosto ou conveniência do tradutor, levando, de certa forma, à falsificação do texto.

Mais tarde, ainda escrevendo sobre crítica de traduções, Berman (1992, apud Torres, 2021) afirma que a tradução só deixa de ser ética quando se desenvolve em um ambiente de inverdade. O caráter ético da tradução tem relação com um “certo respeito” para com o “original”, porém a ética do traduzir é ameaçada pela não-veracidade, pelo não dizer o que será feito, quando as manipulações e adaptações são silenciadas. Desta forma, o enfoque ético da tradução será evidenciado pela honestidade na exposição das escolhas, estratégias e modificações assumidas pelo tradutor, lembrando que a relação dele não se limita ao texto de partida, mas se completa no leitor que deseja conhecer o texto e/ou o autor, mas, em geral, desconhece a língua que o produziu para poder cotejar com a tradução.

Assim, em vez de ser entendida a partir de um caráter instrumental, como se fosse capaz de reproduzir ou transferir o texto de partida para outra língua sem qualquer variação, a tradução é um processo criativo de negociação entre textos e culturas que estabelecem um diálogo num espaço que não pertence nem ao ponto de partida nem ao ponto de chegada. Como resultado nenhuma tradução poderá representar o texto de partida em sua completude. Para Venuti, a tradução

[...] pode e, frequentemente, estabelece uma correspondência semântica e uma aproximação estilística com o texto fonte. Todavia, essas relações nunca devolvem o texto intacto. Qualquer texto é um complexo artefato cultural, comportando significados, valores e funções que são inseparáveis de sua língua e cultura originárias. A tradução interpreta um processo de significado e recepção de um texto

fonte por criar outro processo semelhante, abarcando significados, valores e funções que são impartíveis de sua língua e cultura alvo. A mudança é inevitável. (2019, p. 205).

A ação tradutória exige uma leitura crítica que conduzirá à inteligibilidade e interpretação do texto de partida para que este possa ser traduzido. Embora ligada ao texto de partida, a tradução será um novo texto produzido pelo tradutor que deixará nele as marcas da mudança com relação ao texto de partida, seja por intervenção de seu projeto tradutório, suas escolhas e seu contexto histórico-cultural.

Concordando com a ideia de que nenhuma tradução poderá representar o texto de partida em sua completude, Umberto Eco ao responder à pergunta “O que quer dizer traduzir?”, afirma:

A primeira e consoladora resposta seria: dizer a mesma coisa em uma outra língua. Não fosse pelo fato de que, primeiramente, temos muitos problemas para estabelecer o que significa 'dizer a mesma coisa', e não o sabemos bem por conta de todas aquelas operações que denominamos paráfrase, definição, explicação e reformulação, para não falar das pretensas substituições sinonímicas. Em segundo lugar, porque, diante de um texto a ser traduzido, não sabemos qual seja a coisa. Enfim, em certos casos, há dúvida, inclusive, sobre o que queira dizer *dizer* (Eco, 2007, p. 9).

Para Eco, o tradutor deve entender que apesar de não ser possível dizer a mesma coisa, precisa compreender que com sua ação pode dizer quase a mesma coisa. Para ele o *quase* é um detentor de propriedades elásticas dependentes de alguns critérios que são negociados preliminarmente e que podem ser mais ou menos flexíveis. Conforme a flexibilidade aceita pode haver cortes de palavras e sentidos que terão suas implicações. Assim, “ao traduzir não se diz nunca a mesma coisa. A interpretação que precede cada tradução deve estabelecer quantas e quais das possíveis consequências ilativas que o termo sugere podemos cortar” (Eco, 2007, p. 107).

A negociação se dá sempre em relação a outro e aí temos, novamente, o componente ético da tradução. Também, a negociação é um processo que depende da prática da tradução. É preciso experimentar a tradução para que o tradutor se coloque no papel de negociador, reconhecendo quais situações estão em jogo e o quanto é possível ganhar ou perder para chegar a um acordo:

Ao tradutor cabe negociar. Negociar com os textos de partida, negociar com aqueles que avaliam suas traduções (os editores, por exemplo), negociar, por fim, consigo mesmo em busca de uma justa medida no processo elástico (e modalizado, portanto) de seu “dizer quase a mesma coisa” (Adum, 2018, p. 48).

A ideia de tradução como negociação permite ao tradutor, ainda, colocar em diálogo a experiência do traduzir e as teorias sobre o traduzir e, a partir dele, refletir criticamente quais

escolhas se adequam melhor ao projeto de tradução proposto, sem sucumbir ao impulso de se valer de uma teoria como norma prescritiva:

Talvez a teoria aspire a uma pureza da qual a experiência pode abrir mão, mas o problema interessante é em que medida e de que coisas a experiência pode abrir mão. Daí a ideia de que a tradução se apoia em alguns processos de negociação, sendo a negociação justamente um processo com base no qual se renuncia a alguma coisa para obter outra – e no fim as partes em jogo deveriam experimentar uma sensação de razoável e recíproca satisfação à luz do áureo princípio de que não se pode ter tudo (Eco, 2007. p. 19).

Dessa forma, sem desconsiderar a tradução como um processo contínuo de negociação, no qual um novo texto é forjado, entre outras coisas, pelas características da língua e cultura de chegada, procurei utilizar uma abordagem ética da tradução, buscando, por um lado, acolher o outro enquanto estrangeiro, preservando as marcas de sua alteridade e evitando apagar seu modo de dizer e, por outro, enfatizar a importância de tornar claras as escolhas e estratégias que conduziram o trabalho tradutório. Esses dois princípios, entrelaçados pela cumplicidade com o texto de partida, orientaram a busca por preservar seus traços singulares e a marca de sua cultura, assim como a transparência na apresentação das decisões e caminhos adotados ao longo do percurso tradutório.

Na escolha do texto a ser traduzido (*Esplorazione delle Regioni Equatoriali – Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni*), foi considerado o fato de tratar-se de um relato de viagem na Amazônia, escrito em italiano e que não contava com uma tradução para o português, o que permitiu ao mesmo tempo exercitar o ato tradutório, apresentar uma narrativa da Amazônia do século XIX, ou seja, de uma Amazônia que não mais existe, possibilitando a introdução do autor Gaetano Osculati ao público brasileiro e disponibilizar, em português, um texto que, também, tem um caráter histórico-documental.

Uma vez definido o texto, como foi dito, a proposta de tradução limitou-se aos capítulos da narrativa da viagem a partir da entrada de Osculati em território brasileiro, ou seja, do capítulo XX em diante. Como os capítulos XX e XXI foram traduzidos no Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, neste trabalho restaram os capítulos XXII ao XXVII.

Uma leitura preliminar do texto possibilitou a aproximação com o contexto histórico, a ideia do autor, a forma de escrita e os aspectos da língua, principalmente considerando tratar-se de um texto do século XIX que apresenta especificidades na comparação com o italiano contemporâneo.

Essa fase foi acompanhada de outras leituras, necessárias a um entendimento mais aprofundado sobre os aspectos que envolviam a escrita do texto, como, por exemplo,

dicionários temáticos, a biografia do autor, o cenário político e histórico na Itália, no Brasil e região amazônica, a configuração dos limites geopolíticos nas regiões fronteiriças do Brasil e dentro dele, além de recorrer a alguns textos sobre história da língua e gramática italiana para “decifrar” termos ou formas de escritas próprias daquele tempo e desconhecidas para mim.

Durante essa leitura revelou-se um outro aspecto linguístico e desafio à tradução, pois o texto também apresenta palavras em outros idiomas ou derivados destes, como o espanhol, francês, português e tupi. Na realidade, este procedimento que visava, inicialmente, uma aproximação com o texto a ser traduzido, estendeu-se durante todo o processo de tradução, requerendo inúmeras pesquisas, tanto para entender contextos históricos ou culturais quanto linguísticos e gramaticais.

Entendo que ao traduzir um relato de viagem, ouvir a história de quem viaja é uma imposição dada pela própria característica do texto, pois o relato de viagem é uma descrição feita pelo viajante daquilo que aconteceu com ele, o que viu, o que fez e como lidou com as situações e circunstâncias da viagem.

Trabalhando nesta perspectiva e, portanto, num ambiente de negociação que implica uma receptividade em relação ao outro, transitei entre posições distintas de mediação, buscando dialogar, na medida do possível, com tipos de estrangeiros em situações opostas. Um, o da cultura dominante europeia e o outro o da cultura subordinada amazônica¹¹⁸.

Desta forma, procurei dar espaço para que o estrangeiro Osculati pudesse manifestar, ao seu modo, aquilo que viu, sentiu e viveu, a partir de sua cultura, seus conceitos e preconceitos construídos ao longo das experiências vividas e das influências do espírito¹¹⁹ de sua época. De fato, busquei me aproximar, no texto de chegada, àquilo que o autor pretendia narrar aos seus conterrâneos, primeiros leitores, ou seja, posso dizer que um dos objetivos da tradução foi procurar mostrar o próprio olhar do viajante, evitando, tanto quanto possível, esconder ou amenizar partes de seu discurso que poderiam parecer preconceituosas, hierarquizantes ou marcadas por uma visão eurocêntrica, própria daquele tempo. Não tive a intenção de suavizar esses traços, mas preservá-los como parte constitutiva do discurso de Osculati, permitindo que o leitor contemporâneo perceba tanto o valor histórico-documental do relato quanto as tensões ideológicas que, porventura, o atravessam.

¹¹⁸Uso os termos dominante e subordinada não para atribuir um grau de valoração às diferentes culturas, mas apenas para referenciar uma hierarquização advinda das relações de poder estabelecidas a partir de condições econômicas, políticas, militares, etc.

¹¹⁹Espírito do tempo – *Zeitgeist* – Conceito introduzido, em 1769, pelo filósofo Johann Gottfried von Herder (1744-1803) e se refere ao conjunto do clima intelectual, social e cultural que marca uma certa época.

4.2.2 Traduzindo o eurocentrismo de Osculati

Osculati era um europeu rico e letrado do século XIX, viajando por uma região que, além (ou apesar) de ser considerada um tesouro natural, seja para estudos com fins científicos ou exploratório comerciais e econômicos, também era vista como habitada por povos atrasados e selvagens. O senso de superioridade baseado no conhecimento intelectual europeu e em teorias racistas da época viajaram com Osculati para a América e refletiram na sua escrita tanto em relação aos povos com os quais teve contato quanto na forma como se refere ao governo brasileiro. Assim, percebe-se no texto situações em que o autor ultrapassa a barreira da descrição para emitir juízos de valor de acordo com suas idiossincrasias.

Logo que chega ao Brasil, o autor dá sinais de que espera ser tratado de forma diferenciada, como se o fato de ser um naturalista europeu lhe desse direito a certas regalias. Se refere à lei e ao governo brasileiro de maneira depreciativa, além de referenciar à cor do filho do comandante, o que pode ser entendido como reflexo de um pensamento de hierarquização, portanto de poder e superioridade, baseado nos traços étnicos das pessoas:

... não fui, pelo filho mulato do comandante da guarnição, reputado digno de ficar no quarto que alguns meses antes havia servido para alojar o Conde di Castelneau e o seu secretário, M. Deville, sendo-me designado para repouso um comodozinho exposto a todos os ventos. Não pude fazer menos que manifestar intensamente o meu descontentamento, protestando que eu teria naquele instante retornado a Loreto, se não me fosse dado um alojamento mais decente. No final, decidi abrir o apartamento, como ele dizia, do Sr. di Castelneau. Ao entrar pela primeira vez não pude fazer menos que dar uma solene gargalhada. Eram dois quatinhos sujos, cheio de frestas, sem persianas, refúgio de ratos, víboras e lagartixas, onde tive que me resignar a ter meus pertences transportados, esperando a chegada do comandante.

Uma ridícula lei brasileira proíbe a entrada de canoas estrangeiras, provenientes tanto do Peru quanto do Equador e Nova Granada; de tal modo que ao invés de tornar os meios de comunicação mais fáceis naqueles lugares tão pouco frequentados, e estender o seu comércio, buscam-se todos os mais frívolos pretextos para impedir aos viajantes a entrada. Os comandantes dos lugares de fronteira fazem aquilo que mais lhes convém; empregam os soldados para extrair salsaparrilha das florestas, para fazer seringas ou calçados de borracha e fabricar canoas; abandonam a residência pelo tempo que lhes agrada e conforme seus negócios particulares, tanto que o pobre viajante, ao qual está proibido ir além sem o visto no passaporte, deve sofrer

adiamentos, perda de tempo e sacrificio de dinheiro, sendo até mesmo forçado a sair dali para comprar outro barco¹²⁰ (Osculati, 1854, p. 216 e 217).

Osculati também não poupa a guarnição do Forte de Tabatinga, na fronteira do Brasil. Apesar de elogiar o comportamento do comandante, o que prevalece é uma descrição generalizante que estigmatiza os soldados como desrespeitosos com a hierarquia, moralmente condenáveis e criminosos, criando um cenário de barbárie e desordem, além de sugerir que o exército, ou, pelo menos, sua instalação em Tabatinga era formada pelos piores tipos de homens:

A guarnição de Tabatinga, terra na fronteira do Brasil com o Peru, é composta por um comandante com 30 soldados, a maioria homens insubordinados, de má fama, desordeiros e ladrões, enviados, por castigo, de várias partes do império para lá. Em 1846 os soldados haviam assassinado o comandante, saqueando sua casa; alguns, como eu já narrei, escaparam para o Peru, outros espalhados por vários pontos do Amazonas viviam de roubos e assassinavam os viandantes. Tive muita dificuldade para impedir que os soldados me roubassem objetos de valor; mas a despeito da minha vigilância, muitas coisas desapareceram, do que queixando-me à chegada do comandante, um daqueles soldados, achado culpado do furto, foi colocado nos ferros e condenado a trinta golpes de bastão. Não devo, em honra à verdade, silenciar que bem diversa achei a conduta em relação a mim, tanto da parte deste oficial como de sua esposa, que não deixaram de me dispensar todo tipo de cuidados e gentilezas¹²¹ (Osculati, 1854, p.217).

¹²⁰[...] pure non venni dal mulatto figlio del comandante del presidio riputato degno di abitare nella camera, che alcuni mesi prima aveva servito ad alloggiare il conte di Castelneau ed il suo segretario M. Deville, essendomi stata invece assegnata per ricovero una stanzuccia esposta a tutti i venti. Non potei far a meno di manifestare vivamente il mio malcontento, protestando che me ne sarei all'istante ritornato a Loreto, se non mi veniva dato un alloggio più decente. Alla fine si decise ad aprire l'appartamento, com'ei dicea, del sig. di Castelneau. Al primo entrarvi non potei far a meno di dare in un solenne scroscio di risa. Erano due sudici camerini tutti a crepacci, senza imposte, ricovero di sorci, di vipere e di lucertole, ove dovetti rassegnarmi a far trasportare i miei effetti, aspettando l'arrivo del comandante. Una ridicola legge brasiliana proibisce l'entrata delle canoe straniere, provenienti tanto dal Perù che dall'Equatore e Nuova Grenada; in tal modo invece di render più facili i mezzi di comunicazione in que' luoghi sì poco frequentati, ed estenderne il commercio, si cercano tutti i più frivoli pretesti per impedire ai viaggiatori l'entrata. I comandanti dei luoghi di confine fanno ciò che più loro talenta; impiegano i soldati ad estrar salsapariglia dai boschi, a far siringas o scarpe di gomma elastica, a fabbricar canoe; abbandonano la residenza per quel tempo che più a loro piace ed a seconda de' loro negozj particolari, tanto che il povero viaggiatore, al quale vien proibito di passar oltre senza la vidimazione del passaporto, deve soffrire dilazioni, perdite di tempo e sagrifizj di denaro, essendo eziandio costretto per partirsene a comperare un'altra barca.

¹²¹Il presidio di Tabatinga, terra ai confini del Brasile col Perù, è composto di un comandante con 30 soldati, la più parte uomini insubordinati, di mala fama, turbolenti e ladri, inviati colà per castigo delle varie parti dell'impero. Nel 1846 vi avevano i soldati ucciso il comandante, saccheggiandone la casa; alcuni, come già narrai, erano scampati nel Perù, altri sparsi nei varj punti dell'Amazzone vivevano di rapine ed assassinavano i viandanti. Io ebbi molto a stentare per impedire ai soldati che mi rubassero oggetti di valore; ad onta però della mia vigilanza, molte cose sparirono, del che essendomi lagnato all' arrivo del comandante, uno di que' soldati trovato colpevole del furto fu posto ai ferri e condannato a trenta colpi di bastone. Non devo ad onor del vero tacere che ben diverso trovai il contegno verso di me tanto da parte di questo funzionario che della di lui moglie, che non mancarono di prodigarmi ogni sorta di cure e di gentilezze.

Osculati passou por várias localidades, vilas e cidades, registrando não apenas caminhos percorridos, paisagens e espécies avistadas e/ou coletadas, mas revelando, também, o que pensava sobre as populações que encontrou. Referindo-se ao povo de Egas e de Belém, ele salienta aspectos que, segundo sua visão de mundo, estavam ligados à preguiça e vaidade:

Nos brejos, observei uma espécie de sanguessuga bastante grande, que certamente poderia ser usada na medicina e criar um ramo lucrativo de comércio; mas aqueles habitantes são muito indolentes, a ponto de não se importarem nem mesmo com os objetos mais indispensáveis à vida, considerando insignificante o dedicar-se a essas minuciosas pesquisas¹²² (Osculati, 1854, p. 235).

A população do Pará é composta, em sua maior parte, de mestiços, mamelucos, pretos escravos e libertos e de muitos portugueses; em geral, esses habitantes são indolentes, pouco diligentes e têm os mesmos hábitos que os de Guayaquil, vivendo quase sob a mesma latitude. As mulheres passam a maior parte do dia em suas redes, deleitando-se em exibir ornamentos de ouro e colares de pérolas, sobretudo as mamelucas, vistas muito bonitas em dias festivos, vestidas com elegância e bom gosto¹²³ (Osculati, 1854, p. 270).

Esses excertos revelam que as escolhas feitas por Osculati tanto no momento de selecionar o que seria narrado quanto à emissão de juízos sobre pessoas e seus comportamentos, partiam de uma visão eurocêntrica. Tal perspectiva não apenas deixava transparecer preconceitos e certo desprezo, mas também expunha as limitações do naturalista, revelando suas dificuldades de apreensão e de compreensão de outras culturas e modos de vida que escapavam ao que ele dispunha como referencial de sua própria formação.

4.2.3 O anacronismo e as escolhas linguísticas

A tradução de um texto italiano do séc. XIX trouxe alguns desafios relacionados a escolhas quanto à atualização ou não de certos elementos no texto de chegada. Segundo Marie-Hélène Torres (2023, p. 96), quando um texto é deslocado de seu tempo para outro tempo e outro público, ele será, em sua essência, anacrônico¹²⁴. Ao colocar em diálogo os séculos XIX e XXI, a tradução, como evento anacrônico, introduz elementos com os quais devemos lidar,

¹²²Negli stagni osservai una specie di sanguisughe piuttosto grosse, che potrebbe certamente venir adoperata in medicina, e formare un lucroso ramo di commercio; ma quegli abitanti sono troppo indolenti, al punto di non curarsi nemmeno degli oggetti più indispensabili alla vita, reputando quindi ben meschino l'applicarsi a queste pazienti ricerche.

¹²³La popolazione del Pará è composta per la più parte da meticci, mammalucchi, negri schiavi e liberi, e da molti Portoghesi; in genere quegli abitanti sono indolenti, poco industriosi, ed hanno le stesse abitudini di quelli del Guayaquil, vivendo quasi sotto la stessa latitudine. Le donne passano la più parte del giorno nelle loro amache, si diletano di far pompa di ornamenti d'oro, di vezzi di perle, massime le mammalucche, delle quali se ne vedono di bellissime nei giorni festivi, abbigliate con eleganza e buon gusto.

¹²⁴Est anachronique, un texte, un texte littéraire, déplacé par rapport à son époque vers ou dans une autre époque et pour un autre public que celui du texte de départ, antérieur à la traduction.

sendo preciso estar atento para, por exemplo, não atribuir significados de uma época à outra ou, simplesmente, apagar ou distorcer algo que não faz mais parte da cultura que traduz ou não é mais entendido da maneira que era quando o texto de partida foi escrito.

A mesma autora, argumentando ainda sobre o anacronismo, sustenta que os textos do passado, são, de certa forma, arcaicos por causa de sua linguagem, caracterizada por uma palavra, uma expressão ou um fraseado que não faria mais parte do que chamamos de “boa linguagem”, isto é, da linguagem contemporânea¹²⁵ (2023, p. 96). Neste aspecto, algumas particularidades foram identificadas no texto de partida, entre elas, o uso concomitante das desinências verbais *a* e *o* para a primeira pessoa do tempo verbal *imperfetto indicativo*; a letra *j* no lugar da letra *i*, no interior da palavra ou para marcar o plural; formas contratas, além de um vocabulário e sintaxe, atualmente em desuso como nos exemplos a seguir:

Quadro 1 – Exemplos comparativos entre o texto de Osculati e o italiano atual

Gaetano Osculati	Italiano Contemporâneo	Escolha de tradução
varj pajo missionarj caldaje	vari paio missionari caldaie	várias par missionários caldeiras
a'viaggiatori de'lamantini que'mostri	ai viaggiatori dei lamantini quei mostri	aos viajantes dos peixes-boi aqueles monstros
dì ivi per anco cadauna vegnente	giorno lì ancora ciascuna segunte	dia ali, naquele lugar. ainda cada uma seguinte

Fonte: compilação própria.

Neste processo de mediação temporal, procurei, na tradução, manter uma linguagem um pouco menos “contemporânea”, visando a possibilidade de dar, ao leitor, a informação de que está lendo e “viajando” em um texto de outra época, ou seja, não tive a intenção de amenizar demasiadamente o anacronismo. Contudo, o objetivo não foi produzir um texto marcadamente característico da época em que foi escrito. A ideia foi manter um equilíbrio entre evidenciar marcadores temporais e ao mesmo tempo evitar uma escrita que poderia soar atual, pois entendo que evidenciar alguns aspectos anacrônicos, neste caso, além de inevitável, atua positivamente

¹²⁵Je peux aussi avancer que tous les textes écrits, les textes du passé, sont, d'une certaine manière, archaïques du fait de leur langue, principalement, un mot, une expression, ou un tour de phrase qui ne ferait plus partie de ce que l'on appelle « le bon langage », c'est-à-dire le langage contemporain.

como um indício de que o texto traduzido foi pensado, trabalhado e produzido de forma a testemunhar uma outra época, enfim, dar um “gostinho” de passado.

Esta situação pode ser ilustrada quando, durante uma caça à tartaruga da Amazônia, o autor usa o verbo *impadronirsi* (*impadronirsi della preda*) para indicar a captura do animal. A escolha tradutória, neste caso, foi privilegiar o uso do verbo como marcador temporal, utilizando “assenhorear-se” (da presa) no lugar de, por exemplo, “capturar” (a presa). A mesma opção também foi utilizada no trecho em que Osculati comenta de soldados fugitivos que viviam de roubos e assassinatos, ele usa o termo *viandanti* (*assassinavano i viandanti*). Na tradução foi usado “viandantes” (assassinavam os viandantes), em vez de viajantes, por exemplo.

Por outro lado, quando diante da expressão *per anco*, que Osculati usa quando fala a respeito das nascentes do rio Yutai (*non sono per anco conosciute*), a preferência foi por “atualizar” *per anco* para *ancora* e assim traduzir como “ainda” (não são ainda conhecidas), quando opções menos usuais poderiam ser “por então” ou “por ora”. Neste caso optei por manter a ordem das palavras, o que, do meu ponto de vista, contribuiu para dar à frase, ainda que com o termo atualizado, um certo distanciamento do português contemporâneo.

Outra questão que, segundo Berman, decorre do ouvir o outro é que desse diálogo, deve restar no texto um certo estranhamento que aponte para o fato que foi “originalmente” escrito em outra língua. No entanto, determinar quais e quantos estranhamentos um texto traduzido deve conservar parece algo bastante indefinido. Mesmo quando o tradutor se orienta por aquilo que considera central na sua tradução, ainda assim permanece incerto o quanto de estranhamento seria adequado e o que pode ou deve ser modulado. Afinal, o estranhamento não pode tornar o texto inacessível, ininteligível, mas esse limite também não é útil como parâmetro, até porque, creio, o estranhamento só se concretiza no leitor. O que causa estranhamento em um, não necessariamente causará em outro.

Cabe registrar que alguns termos que aparecem nos seis capítulos traduzidos foram objeto de comentários no TCC, já mencionado, apresentado ao final da graduação do curso de Letras – Italiano – UFSC/2023. Entre eles estão *garritea*¹²⁶, *certam*¹²⁷ e *musticchi*. Considerando que no trabalho anterior este último verbete se constituiu em um desafio

¹²⁶Igarité ou em tupi Ygar'-eté que significa canoa de madeira feita de tronco inteiriço de árvore; canoa legítima, em geral, com uma parte coberta.

¹²⁷O mesmo que sertão. Antes escrito mais frequentemente com c (*certam* e *certão*). Derivado da língua bunda de Angola, onde o verbete muceltão, bem como sua corruptela *certão*, é dado como *locus mediterraneus*, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio das terras; interior.

intrincado, cuja solução foi manter a palavra como estava no texto de partida, vale acrescentar algumas ponderações, uma vez que, agora, em nova tentativa de abordar a situação, a pesquisa foi aprofundada, considerando as ocorrências da palavra no livro de Osculati, incluindo os capítulos que não fizeram parte do corpus, portanto, não foram traduzidos e, também, os achados em novas buscas em dicionários e bibliotecas digitais.

Primeiramente, é importante ressaltar que na comparação entre as referências encontradas na obra estudada, Osculati apresenta duas grafias para a palavra (*mosticchi*¹²⁸ e *musticchi*), sendo que *musticchi* aparece somente uma vez, no capítulo XXI, p. 223. Por ocasião da tradução dos capítulos XX e XXI, a pesquisa não localizou nenhum verbete *musticchi* correspondente em português, espanhol e também nos dicionários italiano/italiano consultados. A única referência encontrada ratificou tratar-se de um inseto, conforme consta no livro de Isaac Weld, *Viaggio nel Canadà negli anni 1795, 1796 e 1797* [Viagem pelo Canadá nos anos 1795, 1796 e 1797]:

Skenesborough está horivelmente infestada de *musticchi*. Na primeira noite em que dormimos nesta cidade, ficamos tão incomodados com suas picadas, que na manhã seguinte tivemos tanto nossos rostos quanto nossas mãos cobertos de grandes pústulas, como se tivéssemos tido varíola. Antes de entrarmos na cama, porém, as pessoas da casa tinham tomado todas as precauções possíveis para afastar esses insetos¹²⁹ (1819, p. 51 e 52).

Também foi levantada a ideia de que poderia ser uma adaptação com origem no francês a partir da palavra *moustique*, cujo significado em italiano seria *zanzara* e em português mosquito, pois já no século XVII a influência do francês na Itália era fortemente sentida, chegando a ser conhecida como *gallomania*. Este fenômeno de afrancesamento da cultura italiana e europeia em geral afetou todos os setores da vida aristocrática e burguesa, selando a supremacia cultural e política da França. Diante do prestígio cultural, científico e tecnológico daquele país até as primeiras décadas do século XX os galicismos continuaram bastante usados nos jornais, cartas privadas, literatura e conversas das classes cultas, especialmente do norte da Itália, região de origem de Osculati. Desta forma, uma tradução possível poderia ser mosquito, porém quando o verbete é analisado a partir do texto de Osculati, vê-se que mosquito não parece ser uma tradução satisfatória. Sendo naturalista e conhecedor de insetos, tendo recolhido muitos

¹²⁸Cap. XVIII, p. 187, 194 e 195 (inclusive *mosticchiere*); cap. XX, p. 207; cap. XXII, p. 226 e cap. XXIII, p. 241.

¹²⁹Skenesborough è orribilmente infestata dai *musticchi*. La prima notte che noi dormiamo in questa città, fummo talmente incomodati delle loro punture, che la mattina appresso avevamo e il volto, e le mani coperte da grande pustole, come se avessimo avuto il vajuolo. Avanti ch'entrassimo in letto avevamo però le persone di casa usate tutte le possibili precauzioni per iscacciare quegli'insetti.

deles para a sua coleção, parece que ele fez questão de diferenciar *mosticchi* de *zanzare*, como pode ser visto nos exemplos do Quadro 2 (grifos meus):

Quadro 2 – Recorrência dos termos *musticchi* e *mosticchi*.

Capítulo	Página	Texto
XXI	223	Salubre ne è il soggiorno, solo che di notte recano grave molestia i musticchi e le zanzare .
XXII	226	[...] le sue rive poi offrono un altro singolare fenomeno, quello cioè di essere libere dai mosticchi e dalle zanzare [...]

Fonte: Compilação própria.

A busca em dicionários¹³⁰ não consultados na pesquisa anterior, novamente não apresentou o verbete *mosticchi(o)* ou suas variações. Contudo, o termo foi localizado em outros textos examinados e reforçam a ideia de que, de fato, em certas situações, parece fazer sentido a diferenciação com relação à *zanzara* (mosquito), sendo *mosticchi* um tipo específico. Os exemplos a seguir apresentam 3 variações de grafia, sendo eles *musticchi*, *mosticchi* e *mostiche* (grifos nossos):

Quadro 3 – Variações de grafia de *musticchi*, *mosticchi* e *mostiche*

Ex.	Texto	Fonte
1	Ivi sentiron tosto una più fredda temperatura, trovarono molti ghiacci, ma cessò per loro il tormento de' maringovini, e de'mosticchi , insetti alati incomodissimi.	Opuscoli scelti sulle scienze e sulle arti tratti dagli Atti delle Accademie, e dalle altre Collezioni filosofiche, e letterarie, e dalle opere più recenti inglesi, tedesche, francesi, latine, e italiane, e da manoscritti originali, e inediti – 1803, p. 215. Opuscoli scelti: Sulle Scienze e Sulle Arti - Parte IV. Transunto de' viaggi del Sig. Alessandro Mackenzie nell'interno dell'America settentrionale negli anni 1789-92-93. Opuscoli scelti .
2	[...] il grido ripetuto de'mosticchi (1) i loro mormorii, i loro ronzamenti, le loro trafitture aggiungevano a quel bizzarro turbamento, il quale veniva crescendo più e più colla notte. (1) Specie di zanzara.	Antologia straniera: giornale di scienze, lettere ed arti presso gli stranieri ovvero scelta d'articoli tradotti da' migliori giornali letterari inglesi, francesi, tedeschi, ecc. Volume IV – 1830, p. 135 e 136. Antologia straniera .
3	Qui vi sono de'frappe d'abord e de'brûlots, specie di moscherini, la cui puntura è sì viva o piuttosto sì cocente, che sembra che una scintilla di fuoco sia caduta sulla parte punta. Sonvi	Scelta di lettere edificanti scritte dalle missioni straniere: preceduta da quadri geografici storici, politici, religiosi e letterari dei paesi di missione: accresciuta di un ragguaglio storico sulle missioni straniere di nuove lettere edificanti ed

¹³⁰*Vocabolario universale della lingua italiana*: racconcio e corretto da Luciano Scarabelli – 1878 (cópia digital); *Dizionario della lingua italiana di Tommaseo* (online) e *Tesoro della Lingua Italiana delle Origini* (online).

	de'musticchi, simili quasi ai brûlots dall'essere più piccoli infuori [...].	altri scelti pezzi: Traduzione dall'originale francese – 1825, p. 21. Missões Jesuítas .
4	Fu in questo luogo che per la prima volta incontrammo dei musticchi (1) . Quest'insetti c'incomodarono oltre modo. (1) Sorsa di grossa zenzala, romorosa, e le cui puntine sono molte incommode. Si conoscono anche ne'luoghi paludosi dell'Africa. Vedi Cap. XX. Il musticchio è della medesima specie delle zenzale d' Inghilterra. alle quali somiglia moltissimo per la grossezza e per la forma.	Viaggio nel Canada negli anni 1795, 1796 e 1797 : In cui oltre la descrizione di quell'ampio paese trovasi quanto occorre per avere una fondata notizia delle provincie e dei popoli costituenti gli Stati-Uniti dell'America Settentrionale – Traduzione del Sig. Pietro Spada. 1819, p. 26, 52 e 53. Viaggio nel Canada .
5	Questo mobile mi era estremamente necessario, perche di giorno me ne serviva per preservarmi dalla pioggia e di notte dalle mostiche (1) [...]. (1) Sorta di zanzara dell'Africa e dell'America, la cui puntura è dolorosissima.	Viaggio nell'interno dell'Africa fatto negli anni 1705, 1796 e 1797. Da Mungo Park. Expedito dalla societa' d'Africa stabilita in Londra. 1833, v. II (p. 50). Tradotto da Vincenzo Ferrario. Napoli: a spese del Nuovo Gabinetto Letterario. NLS Viaggio Africa .

Fonte: Compilação própria.

Apesar dos exemplos darem suporte à ideia de que Osculati quis realmente fazer uma diferenciação quando usa *mosticchi* e *zanzare* numa mesma frase, a questão de como traduzir *mosticchi* para o português, ainda não foi respondida. Os textos trazidos no Quadro 3 ao mesmo tempo em que auxiliaram também trouxeram um novo elemento para a discussão, pois são todos traduzidos do inglês ou do francês. Assim, esperando me aproximar de alguma solução, procurei localizar os livros escritos na língua que os autores usaram. Encontrei o livro do irlandês Isaac Weld, que conta sobre sua viagem para a América do Norte (exemplo 4) e aquele escrito pelo escocês Mungo Park, narrando sua viagem à África (exemplo 5). Além dos exemplares digitais em inglês¹³¹, foi possível acessar uma tradução para o francês¹³² da obra de Mungo Park. Weld usa o termo *mosquitoes*, enquanto Park utiliza *mosquitoes*, (plurais de *mosquito* e *mosquito*), comumente traduzidos para o português como mosquito(s).

Weld explica que “The mosquito is of the same specie with the common gnat in England, and resembles it very closely both the size and shape” (1799, p. 167). Como visto acima, a tradução para o italiano usou a palavra *musticchio* para *mosquito* e *zenzale* (zanzare) para *gnat*, mantendo uma diferenciação.

¹³¹Isaac Weld - Inglês e Mungo Park - Inglês.

¹³²Mungo Park - Francês.

Quanto a Park, não há nenhuma explicação adicional indicando que o autor tenha usado o termo com um sentido específico. Já na tradução para o italiano, foi introduzida uma nota, enquanto a tradução para o francês apresenta uma explicação do termo usado, *moustique*. O quadro 4, mostra o texto em italiano com a nota e, ainda, o texto da explicação em francês para o uso de *moustique*:

Quadro 4 – Notas sobre o uso de *moustique*

Ex.	Italiano	Tradução - Português
1	Questo mobile mi era estremamente necessario, perche di giorno me ne serviva per preservarmi dalla pioggia e di notte dalle <i>mostiche</i> (1) [...]. (1) Sorta di zanzara dell’Africa e dell’America, la cui puntura e dolorosissima.	Esta peça era extremamente necessária para mim, porque de dia servia para me proteger da chuva e de noite dos <i>mostiche</i> (1) [...]. (1) Tipo de mosquito da África e da América cuja picada é dolorosíssima.
	Francês	Tradução - Português
2	Moustique, petit moucheron presque imperceptible a loeil, et qui, tegardé à travers une loupe, ressemble assez à la mouche commune. Il se tient dans des lieux bas, voisins du bord de la mer, et derrière des rochers à l’abri du vent. Sa piquêre occasionne une sensation brûlante pareilie à celle que pourroit causer la pointe d’une aiguille très-fine rougeie au feu.	<i>Moustique</i> - um pequeno inseto quase imperceptível aos olhos e que, visto através de uma lupa, parece bastante semelhante à mosca doméstica comum. Ela é encontrada em locais baixos, perto da costa e atrás de pedras protegidas do vento. Sua picada causa uma sensação de queimação semelhante àquela da ponta de uma agulha muito fina aquecida no fogo.

Fonte: Compilação própria.

Apesar do termo *moustique* ser usado para se referir, de forma genérica, a mosquito (da mesma forma no inglês *mosquitoes*), os tradutores parecem ter entendido que aqueles eram tipos específicos. No italiano, inclusive, foi evitado o termo *zanzara*(e), talvez, até por influência do francês.

Retomando o exemplo 3 (Quadro 3), é dito que os *musticchi* são similares aos *brûlots*, palavra francesa que de acordo com o dicionário Larousse¹³³ se refere a um minúsculo inseto díptero cuja picada provoca uma sensação de queimação, o que está em concordância com a explicação para a palavra *moustique*, usado na tradução francesa para o livro de Park. Os *brûlots* são da família *Ceratopogonidae* e podem ser descritos, também, como pequenas moscas hematófagas encontradas em várias parte do planeta. Essas descrições estão próximas daquelas que são dadas, no Brasil, aos maruins. Os maruins são dípteros da família *Ceratopogonidae*, também conhecidos vulgarmente por mosquitos pólvora, mosquitos do mangue ou meruí. A

¹³³Au Canada, minuscule insecte diptère dont la piquêre provoque une sensation de brûlure.

família *Ceratopogonidae*, pertence à subordem *Culicomorpha*, sendo que para o Brasil, existem quatro subfamílias com 424 espécies e 31 gêneros. Das quais 82 ocorrem na Amazônia brasileira (Franco e Azevedo, 2021, p. 10).

Desta forma, a palavra *mosticchi* presente na obra de Osculati poderia ter como solução possível de tradução o termo “maruins”. Porém, mais uma vez, esta solução não me pareceu satisfatória pois o autor também diferencia *mosticchi* de *maruins*: “Appena superata la foce di questo fiume, cessa interamente il flagello dei *maruins*, dei *mosticchi* e d’ogni altra classe d’insetti” (p. 241) [Assim que superamos a foz desse rio, cessa inteiramente o flagelo dos *maruins*, dos *mosticchi* e todas as outras classes de insetos].

Dessa forma, entendendo que o termo *mosticchi* usado por Osculati, ainda que aceitemos a influência da língua francesa, não foi empregado para se referir genericamente a mosquito e nem a maruins, pois se assim fosse, não faria sentido diferenciá-los numa mesma frase como ele fez (p. 223, 226 e 241). Também, considerando que Osculati era um naturalista, portanto, atento quanto à diferenciação de espécies, sejam vegetais ou animais, suprimir o termo *mosticchi* na tradução, considerando que no “final das contas” é tudo “mosquito”, me parece menos viável, ainda porque traria o apagamento da diferenciação feita pelo autor, como também desconsideraria sua posição de viajante pesquisador com objetivos de cunho científico, logo, essa diferenciação parece importante para ele. Os exemplos trazidos aqui ajudam a sustentar que, de fato, havia uma diferenciação, mas a tradução da palavra em discussão ainda me parece incerta de tal modo que optei por mantê-la como o autor escreveu, acrescentando uma nota de rodapé.

4.2.4 Adaptações fonológicas, etnias, topônimos, fauna e flora

Osculati transitou por um território de confluências, não só de águas, mas especialmente de línguas. Além do português, o espanhol era frequente nas regiões próximas às fronteiras e nas interações entre viajantes. Uma miríade de línguas de povos indígenas e o *nheengatu* circulavam por todo o Amazonas. Esse ambiente, aliado à língua materna do autor e, pelo menos, ao francês, língua predominante na diplomacia e nas elites da época, e língua também conhecida e utilizada na região do norte da Itália onde o autor nasceu, foi propício para que, por necessidade ou exotismo, o autor desenvolvesse uma relação linguística própria, com reflexos claros em sua narrativa, com alguns tipos de neologismos, especialmente ligados a palavras de origem indígena do ramo tupi, como *pirarucù*, *jacarè* e *toucani*.

Desse modo, considerando a riqueza e particularidade dessa relação que, de certa forma, marca não só a identidade do texto, mas também produz um certo estranhamento, procurei mantê-las *ipsis litteris* como se apresentam no texto de partida, seguidas do vocábulo em português, entre colchetes. As palavras em itálico foram mantidas na tradução, apesar de Osculati não ter um padrão muito claro quanto a isso. Ora uma palavra está em itálico, depois não e, em seguida, volta a ser escrita em itálico. Somente em relação aos topônimos mais conhecidos fiz atualização/tradução para a forma mais contemporânea, retirando o itálico, como, por exemplo, em *Gran Parà*, *Manaos*, *Belem*, *Macapà*, *Cuyaba*, *Santarem* e *Mattogrosso*.

Mariane A. Alves (2013, p. 35) explica que o neologismo pode ser definido como o processo de criação de itens lexicais que não faziam parte do léxico de um determinado idioma. A criação de uma nova palavra por empréstimo se dá pela incorporação de termos já existentes numa língua A por uma língua B. Uma forma de empréstimo ocorre quando a palavra estrangeira é adaptada à fonologia e à ortografia de uma língua, podendo ser chamado de adaptação fonológica como nos exemplos das palavras xampu (*shampoo*), muçarela (*mozzarella*) e abajur (*abat-jour*). Os neologismos por empréstimos podem também sofrer flexão de gênero e número, derivações, composições e até mudança de classe gramatical.

No caso de *Pirarucù* (pirarucu) e *jacaré* (jacaré), por exemplo, houve uma pequena variação, com a italianização das palavras de origem indígena via português. Palavras oxítonas em italiano recebem acento na sílaba tônica e são, em geral, invariáveis no plural (Baccin, 2022, p. 209). No italiano o acento grave é usado para indicar abertura vocálica ou seja, foneticamente resulta em um som aberto. No texto, *jacaré* aparece somente na forma singular, contudo *pirarucù* confirma a regra, pois a palavra não é flexionada no plural (*dei pirarucù*, p.226), demonstrando que esse hibridismo não é aleatório. Osculati ouve vocábulos tupi já integrados ao português. Depois, sua percepção auditiva reorganiza a acentuação conforme o padrão do italiano; por fim, registra a palavra de acordo com a ortografia italiana, marcando essa tonicidade final com o acento grave.

No Quadro 5 há outros exemplos desse processo de adaptação fonológica e gráfica, nos quais Osculati ajusta palavras ao sistema prosódico e ortográfico do italiano, reorganizando-as de acordo com as convenções de sua própria língua:

Quadro 5 – Adaptações fonológicas

Gaetano Osculati	Português	Observação
Manteica	Manteiga	p. 226 e 232

Huackari	Uacari	p. 228
Garritea	Igarité	p. 229 e 232
Balse, calbasse, toucani, vigilenghe, campine, bonite e dorade	Balsas, cabaças, tucanos, vigilengas, campinas, bonitos e dourados	p. 231, 234, 243, 246, 262 e 272. Osculati aplica a regra de formação do plural em italiano, ou seja, os substantivos masculinos, em geral, terminam com a letra <i>o</i> no singular e <i>i</i> no plural, enquanto os femininos terminam com a letra <i>a</i> no singular e no plural.
Casciassa	Cachaça	p. 232
Roucoù	Urucum	p. 235
Igname	Inhame	p. 235
Alachere, alacheri	Alqueire, alqueires	p. 235 e 237
Garapè	Igarapé	p. 237
Gianciama	Chanchama	p. 238 e 239
Sucrusgiù	Sucuriçu	p. 236 e 248
Pigrisa	Preguiça	p. 236
Motucca, motucche	Mutuca, mutucas	p. 232 e 240
Casciuera	Cachoeira	p. 234 e 245
Piassaba	Piaçaba	p. 234, 246 e 247
Gerarca	Jararaca	p. 248
Cascabelo	Cascavel	p. 248
Tatoù (ou tatou)	Tatu	p. 248 e 263

Fonte: Compilação própria.

Como se observa, algumas palavras sofreram pequenas variações, tendo, inclusive, preservado a base sonora original (casciassa, cascuiera). Outras, porém (garritea, alachere, roucoù, sucrusgiù e gerarca) sofreram alterações mais significativas, representando um desafio adicional no processo tradutório.

Quanto aos nomes de povos indígenas, citados por Osculati, foram grafados na tradução, conforme a Tabela de Povos Indígenas do Brasil constante na Nota Técnica Conjunta FUNAI/IBGE/SESAI/SAGI nº. 1/2019. Os que não constavam na tabela, mas foram identificados em outras fontes, foram grafados conforme a respectiva fonte. No caso em que foram identificados mais de um nome optei pelo que possuía a grafia mais próxima àquela que o autor utilizou. Ainda, para os que não foram identificados ou não confirmados, foi mantida a grafia do texto de partida, seguida de um asterisco e uma nota de rodapé explicativa. A mesma sinalização foi utilizada para os topônimos e elementos de fauna e flora não identificados. Da mesma forma, todas as palavras identificadas foram grafadas entre colchetes ao lado da palavra conforme aparece no texto de partida.

O quadro a seguir apresenta a relação dos povos pesquisados na tradução, o nome correspondente e as fontes nas quais foram localizados:

Quadro 6 – Povos Indígenas

Gaetano Osculati	Nome correspondente	Referência
Araras	Arara	1
Achouaris	Aisuari (achouari, axuarizes, carapuna), Achoari, Aïçuare	3, 4, 5 e 6
Bamba	(?) Baniba, Baniwa, Ambuá	3, 4, 5 e 6
Bore	(?) Baré, Barí	1, 3, 4, 5 e 6
Bororos	Bororo	1
Catacquisà	(?)Catauixi (identificados como os purupuru (4), (?)Catuquina	3, 4 e 5
Caxicunas	(?) Caxiuanás, Cayuishana (Cauishana, Causiana, Cayuicena, Cuyuoicina, Kayuishána)	2, 4 e 6
Cocamas	Kokamas, Kokâma, Cocama	1 e 6
Colauti	(?) Cauaxi, Cauauri, (Catauixí -identificados como os Purupuru 4)	4, 5 e 6
Coretas	Coretu, kueretu, Cueretu, Coretú	4, 5 e 6
Cucurunas	Cocuruna, Cocurúna	5
Jurbas	(?) Juma, Iuma, Yuma	1, 3, 4, 5 e 6
Juripisciunas	Juri (Iuri, Juri-pixuna, Yuripixuna, Pexuna, Yuri)	4, 5 e 6
Maynas	Mainas - Conjunto das reduções fundadas pelos jesuítas a partir de 1638, que reunia várias etnias.	6 e 8
Mahuès	Maués	5
Miranhas	Miránha, Miranha, Mirânia (Miraya, Miránya)	1, 3, 4, 5 e 6
Mundrucus	Munduruku	1
Muras	Múra, Mura	1, 3, 4, 5 e 6
Omaguas	Omagua, Omágua, Omagúas	3, 4, 5 e 6
Parentintins	Parintintim	1
Passè	Passé	3, 4, 5 e 6
Purupurù	Purupurú, Puru-puru, Purus, Curucurus	2, 4, 5 e 6
Taumanas	Tamaunas, Tamauána	4 e 5
Xibaros	Jíbaro, Shiwiar, Siwaro	10
Zaparos	Zápara, Sapara	9

Fonte: Compilação própria.

Legenda:

1- Tabela de Povos Indígenas do Brasil – Nota Técnica Conjunta FUNAI/IBGE/SESAI/SAGI nº. 1/2019.

2- Índios do Brasil, vol. I, II e III (Senado Federal, 2019).

3- História dos Índios no Brasil (Cia das Letras, 1992).

4- Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial (USP, 2007).

5- Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas (1852).

6- O Povo das Águas – Ensaios de etno-história amazônica (Vozes e Edusp, 1995).

7- Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes (Curt Nimuendajú, versão 2017 – IPHAN).

8 - A experiência dos jesuítas das Missões de Maynas e a consolidação da presença territorial missionária nas fronteiras no Maraón - 1638-1767. (Universidad Nacional de Mar del Plata, 2017).

9 - Confederación de Nacionalidades Indígenas del Ecuador (Conaie.org, 2025).

10 – Base de Datos de Pueblos Indígenas u Originarios – Min. De Cultura – Perú (bdpi.cultura.gob.pe, 2025)

(?) – Correspondência não localizada, incerta e/ou não confirmada.

Os topônimos representaram um grande desafio na pesquisa, pois além da grafia particular empregada por Osculati, outros fatores dificultaram a localização como, por exemplo, lugares que mudaram de nome, lugares homônimos, lugares com mais de uma identificação, além da dinâmica orográfica da região, na qual canais, furos, igarapés, praias e ilhas podem ser sazonais e por vezes até desaparecem.

Assim, foi necessário seguir o relato do autor, simulando sua navegação e a partir dos nomes grafados por ele, procurar identificar no mapa, pelo nome (igual ou parecido) e pela localização, para depois iniciar uma busca em outras fontes (geográficas, históricas etnográficas, dicionários, sítios governamentais, etc.).

O quadro a seguir apresenta alguns desses nomes com as fontes de pesquisa nas quais foram localizados:

Quadro 7 - Topônimos

Gaetano Osculati	Nome correspondente	Referência
Abbaite, Villa d'Abbaite	Abaeté (atual Abaetetuba)	IBGE e 1
Ackicki	Paraná Aquiqui	1
Aldea di Magiari	(?) Maguari; ponta de Magoary – localização não corresponde	1
Aldea di Obidos o l'antica Pauxis, Pauxi	Óbidos, Pauxis	IBGE
Aldea di Pomba	Antigo distrito de Pombal em Porto de Moz, Pombal	IBGE e 7
Aldea di Serpa	Serpa (atual Itacoatiara)	IBGE
Aldea di Villafranca	Vila Franca	2, 3 e 5
All'aldea di Canomì, Canomà	Canomá, Canumá, Canumã	2, 3 e 5
Almeirin (villagio)	Almeirim	1, 2 e 5
Alvellos	Alvellos (atual Coari)	IBGE
Aracatuba	Araçatuba (localidade em Fonte Boa)	IBGE Mapa Fonte Boa
Araguari	Não localizado	
Aratuba	Não localizado	
Banama	(?) Unama, Guanama	3
Barcellos	Barcelos	IBGE Mapa Barcelos
Barra do Rio Negro	Barra do Rio Negro (atual Manaus)	IBGE
Barrera di Carrua	Curuá, Curuai	IBGE Mapas Prainha e Monte Alegre
Boca di Limao (braço)	Boca do Limão (Furo do Limão)	1

Bocca del Tamangiò	Rio Tamaiuiú (tributário do Rio Piriá, lado ocidental)	Google Earth
Bocca di Ramos del lago Saracà	Lago Saracá	2, 3 e 5
Borba	Borba	IBGE
Brèves	Breves	IBGE
Caisarà, Ckaisarà o Alvarens	Caiçara, Alvarães	IBGE
Canale di Coupiranga	Icuipiranga	3
Canale di Mupia	Não localizado	
Canale di Tagipurú	Tagipurú, Tajapurú, Tajapurú	IBGE mapa Gurupá, 3, 5
Canale di Tucumanduba	Tucumanduba (rio)	5
Caraicki	Paraná Gajarai	IBGE Mapa Fonte Boa
Cayary	Caiari	3
Colle Cararucù	Cararaucú (Barreiras de)	3, 4 e 5
Corallin	Curralinho	IBGE
Cuchivarà o Cuchibará	Cuxiuára, Coxiuára, Cochiuára, Cuchiuára e Cuchiguara	1, 2 e 3
Cumackarù	Não localizado	
Egas	Ega ou Egas (Atual Tefê)	IBGE
Feitoria Cassuno	Não localizado	
Feitoria d'Aquari	Não localizado	
Fonteboa	Fonte Boa	IBGE
Forte di Gurupà	Gurupá – Santo Antônio do Gurupá	3, 5 e 6
Garapè del lago Cayumbe (Lago Caiambé)	Igarapé do Lago Caiambé	IBGE mapa Coari
Guani	Rio Mamiá	IBGE Mapa Coari
Huatumo	Uatumã, Uatumá	2, 5 e IBGE Itacoatiara
Isola di Anauri	Não localizado	
isola di Javarì, L'isola Yavarì	(?) Ilha Grande de Gurupá	1, 4, 5 e 7
Isola di Manacari	Não localizado	
Isola di Maracausù	Maracausu, Maracauaçu	4 e 6
Isola di Marapatù	Ilha de Marapatá	3 e 4
isola di Matavi	Ilha de Matari; Amatari	IBGE Mapa Itacoatiara
Isola Frescial	(?) Frechal, Flexal. Provável Ilha Beijo-Açu, quase em frente à Carará-Açú (município de Urucará)	Google Earth
Isola Janaoris	Ilha do Januário; Ilha Grande da Eva	Google Earth; IBGE Mapa Itacoatiara
Isola Urucuritaba	Urucurituba (município); Uricurituba (lago) – ambos	IBGE, 3 e 7

	na mesma região onde estava Osculati	
Itenes	Itenez	1
Itucki	Ituqui	Google Earth
l'isola di Catoù	Ilha do Catuá	Google Earth
l'isola Mandi	Ilha Mandi	MapCarta
Lago Amurì	(?) Lago Anori (no município de Anori)	Google Earth
lago d'Alescio	Lago do Aleixo	IBGE mapa Manaus
lago Yuratì	Lago Juriti, Jurity	5 e 7
lago Yuturuana	Igarapé Jutuarana, Lago de Jatuarana	Google Earth; IGBE; ISA https://uc.socioambiental.org/arp/5445
Laguna Tapinanbarana	Não localizado	
Las Cuilleras	Cueiras	IBGE Mapa Prainha
Manaburà	Não Localizado	
Manacapurù, Manacapurùs (fattoria)	Manacapurú (município)	IBGE
Mojoù	Moju	Google Earth, 5 e 7
montagne di Tunuck	Serranias Tunuhi ou Tunui	Terras indígenas do noroeste do Amazonas: geologia, geoquímica e cadastramento mineral na região do Tunuí-Caparro / Serviço Geológico do Brasil – CPRM www.cprm.gov.br
Monte Alegre	Monte Alegre	IBGE Mapa Monte Alegre; Ideflorbio -Pará
monte Almeirin	Serra do Almeirim	4
monte Parentins	Parintins (Montanha, Serra do)	3, 5 e 7
monte Velha pobre	Serra da Velha Pobre	4
monti di Carabaya	Cordilheira Carabaya	Instituto Nacional De Investigación En Glaciares Y Ecosistemas De Montaña – gob.pe
Monti Parà	Montes Paru	5
Paracuba	(?) Pracauúba	IBGE Mapa S. Sebastião da Boa Vista, Google Earth
Paraguara (montagne)	Serra Paracoara	4
Paranamiri del fiume Piria	Provável Rio Tamauiú (tributário do Rio Piriá, lado ocidental)	Google Earth
Paranamirì di Marcello	Canal (paraná-mirim) do Lago Marcelo	IBGE Mapa Itacoatiara2 e Google Earth
Pericatuba	Paricática, Paricatuba	5 e Google Earth
Peschiera	Pesqueiro (de Manacapuru)	3
Pianura di Urucurichaya	Urucuricaia	4
Porto di Moz	Porto de Moz	IBGE

Punta di Lajes (ossia la foce del ri Negro)	Ponta das Lajes	IBGE mapa Manaus
Punta di Lares	Não localizado	
Punta di Pariquaramiri e Parachi-quassù	Puraque-coara, puraquecoara, puraquecuará e puraquequara (buraco dos Puraqués)	3, 4, 5 e Google Earth
S. Pablo d'Oliveinça	São Paulo de Olivença	IBGE
Spiaggia di Goiaraturà	Não localizado	
Spira di Guayabal	Bocas do Goiabal, região sinuosa da Ilha Goiabal	IBGE Mapa Muaná e 3
Tabuckal	Tabocal	Google Earth
Taituba	Itaituba (Mun. AM)	1, 2, 5 e IBGE cidades
Thomar	Tomar, Thomar	IBGE Mapa Barcelos e 3
Urecu-parana	Rio Urucu	IBGE Mapa Coari
Villa Sant'Anna	Não localizado	
Villaggio di Prainha	Prainha (Município)	IBGE
Villaggio di S. Jose	Não localizado	
Villaggio di Ucupiranag	Icuipiranga	3
Villaggio di Gurupù	Gurupá	3, 5 e 6
Villanova da Rheyna, Villa nova da Reina o Topinambaruna dei tapuyos	Villa Nova da Rainha; Tupinambarana (atual Parintins)	IBGE, 3, 4 e 5
Yamundas	Rio Nhamundá, Jamundá	1, 3 e Google Earth

Fonte: Compilação própria.

Legenda:

- 1- Apontamento para o dicionário geographico do Brazil (1887).
- 2- Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial (USP, 2007).
- 3- Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas (1852).
- 4- O meu dicionário de cousas da Amazonia (Senado Federal, 2013).
- 5- Ensaio Corográfico Sobre a Província do Pará (Senado Federal, 2004).
- 6- Mapa do Estado e capitanias do Gram Pará e Rio Negro (1853).
- 7- Atlas dos Estados Unidos do Brazil (1908).

(?) – Correspondência não localizada, incerta e/ou não confirmada.

Relembro que a obra de Osculati é um texto europeu do séc. XIX sobre uma viagem em um território visado, não somente como fonte de aventuras, mas de exploração, seja cientificamente ou economicamente. Há um olhar que exerce algum poder e juízo sobre o olhado ao mesmo tempo em que sua narrativa se dá num contexto desconhecido para ele e invisibilizado no Brasil daquela época e ainda hoje.

Assim, traduzir Osculati foi, também, uma maneira de trazer à luz uma Amazônia exuberante em sua fauna e flora, em boa medida relatada por ele e parte importante de sua coleta e pesquisa. Em um estudo específico sobre a fauna e flora nomeadas por Osculati, Benilde Schultz (2017) identificou 59 empréstimos neológicos utilizados por ele, sendo 31 referentes à

fauna e outros 28 ligados à flora. Este trabalho foi útil para a identificação de vários elementos como por exemplo, *patavà* e *urumtús*.

A seguir, apresento a lista de palavras, usadas por Osculati, relacionadas à fauna e flora, com os nomes correspondentes, em português, e a indicação das fontes nas quais foram identificadas:

Quadro 8 – Fauna e Flora

Gaetano Osculati	Nome correspondente	Referência
<i>acajou</i>	Acaju, Acajou	1 e 2
<i>ananes</i>	Anani, uanani	2
<i>angiù</i>	(?) Angico, (?) angelim	
<i>arpiulea</i>	Apuleia Leiocarpa (v. Molaris) – amarelão, garapa, garapeira, grápia, muirá-juba.	2, 8 e <u>embrapa/Grápia</u>
<i>Assaccù, Huassacù</i>	Assacu ou açacu	1 e 2
<i>bacabà</i>	Bacaba	1 e 2
<i>Boiassù</i>	Boiaçu	1
<i>Cautciouh</i>	Caucho	1, 2 e 4
<i>Chandirù</i>	Candiru	1 e 6
<i>cocotieri</i>	Coqueiros (adaptado do francês)	
<i>gianciama</i>	Yanchama, chanchama, janchama (<i>Puolsenia armata</i>)	10, 11 e 12.
<i>giboia-ckurà</i>	Não localizado	
<i>hauba</i>	Ubá, uvá	1
<i>huacari-cuarà</i>	Acariquára, acariquara, acariúba	3 e 4
<i>itauba</i>	Itaúba	1 e 2
<i>jacarè-hulà</i>	Jacareúba	2 e 3
<i>Maripanga</i>	Muirá-piranga, muirapiranga	2, 4 e 8
<i>maripinina</i>	Marapinima, muirá-pinima, muirapinima	2, 3 e 8
<i>marupù</i>	Marupá	2, 3, 4, 5 e 6
<i>masandaruba</i>	Maçaranduba ou massaranduba	1 e 2
<i>Mururè</i>	Mururé	1, 2 e 8
<i>pao d'arco</i>	Pau d'arco	1 e 2
<i>patavà</i>	Batauá ou patauà	1 e 2
<i>Pirarà</i>	Pirara, Pirarara - uma espécie de bagre(1). Porém Osculati associa o <i>pirarà</i> ao nome científico <i>Salmo Rhombeus</i> , o que pode ser um indicativo de que, na realidade, queria se referir à piranha (piranha-preta) conhecida como <i>Serrasalmus rhombeus</i> .	1, 6, 9 e 10
<i>runbachì</i>	Não localizado	
<i>Sucrusgiù</i>	Sucuriju	6
<i>sucuba</i>	Sucuba	7

<i>tanibuca</i>	Tanibuca ou tanibouca	1 e 2
<i>Tombacki</i>	Tambaqui	1
Urubutinga	Urubitinga, Gavião-preto (?)Urubu-rei (1)	Gavião-preto - Aves de rapina do Brasil https://www.avesderapinabrasil
Urumutù, Urumtùs	Urutau	1
Macucù	Macucu	2
<i>yutai-ipica</i>	Jutaicaica, jutai-issica	2, 6, 7 e 8
<i>Zurubín</i>	Surubim	1

Fonte: Compilação própria.

Legenda:

1 – O Léxico do Português sob o olhar de Gaetano Osculati: Elementos da Fauna e Flora (Benilde S. Schultz, 2017).

2 – Amazônia Brasileira III – Árvores e Plantas Úteis (1947).

3 – Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas (1852).

4 – Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Vol. V (1930).

5 – Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceptuais (Benilde S. Schultz, 2007).

6 – O meu dicionário de cousas da Amazonia (Senado Federal, 2013).

7 – Ensaio Corográfico Sobre A Província Do Pará (Senado Federal, 2004).

8 – Árvores do manejo florestal no Projeto de Desenvolvimento Sustentável Virola-Jatobá, Anapu, PA (Embrapa, 2021).

9 – Glossaire des mots scientifiques étrangers et autres employés dans le cours de la relation (Castelnau, 1851).

10 – Amazonía: Guía ilustrada de flora y Fauna (2022).

11 – Inventário Florestal: principais resultados Rondônia/Serviço Florestal Brasileiro (2020).

12 – Kwatupama Sapara. palabra zápara (2001).

(?) – Correspondência não localizada, incerta e/ou não confirmada.

O propósito de fazer essa pesquisa ligada aos nomes de povos indígenas, fauna, flora e topônimos preservando a grafia do autor seguida da tradução ou identificação entre colchetes, foi procurar, na medida do possível, manter o conteúdo descritivo e factual, respeitando o olhar do autor sobre o outro e conservar a função documental e didática do texto. O mesmo raciocínio foi aplicado para palavras de línguas europeias, especialmente o espanhol como por exemplo em *cabildo*, *San Pablo de Oliveinça*, *cañaverales* e *Calderon*.

4.2.5 Elementos culturais

Nesse transitar entre espaços de mediação, também procurei ouvir a Amazônia estrangeira, desvelando alguns significados de situações e costumes que Osculati relatou com seu olhar estrangeiro e que, também, são estranhas à cultura de muitos brasileiros. Neste jogo de ir e vir, Osculati traduz, a seu modo, a Amazônia para o público italiano e eu procuro traduzi-la de volta para o público brasileiro.

A forma com que o autor narrou certas situações não são imediatamente percebidas por nós como a descrição de algo já conhecido na nossa cultura e nem naquela da época. Desta maneira, a inserção de notas de rodapé foi importante, não só para dar visibilidade ao trabalho

de pesquisa na tradução, mas, igualmente, valorizar a cultura regional amazônica. No propósito de ouvir também a Amazônia, elas, além de ajudarem a evitar a clarificação ou acréscimos ao texto de chegada, aparecem com a finalidade de revelar traços culturais da região amazônica que poderiam passar despercebido pelo leitor como nos exemplos a seguir, envolvendo o entrudo, o tipiti, o tucupi, o alqueire (*alachere*) e a onça pintada:

Entrudo

Osculati observou muitas práticas e costumes das populações com as quais teve contato. Algumas delas eram bastante comuns entre os habitantes locais, porém não eram conhecidas por ele e, provavelmente, nem por seus primeiros destinatários (italianos). Assim, procurou descrever o evento, ferramenta ou produto de forma que esses leitores tivessem uma compreensão do que se tratava, possibilitando que, a partir das impressões dele, aqueles pudessem, também, fazer juízo sobre o *outro* narrado e revelado:

Falar sobre é tornar real, e o discurso dos viajantes é um esforço de dar realidade e inteligibilidade ao que se vê através de uma espessa camada de representações, em que versões são superpostas a fatos, evidenciando como as culturas estabelecem identidades e alteridade, aproximações e afastamentos, hierarquias e desordens (Da Silva, 2003. p. 54).

Osculati não fez diferente de outros viajantes que estiveram no Brasil. Ele escolhia relatar mais detalhadamente os fatos, animais, plantas, comportamentos, pessoas e paisagens que, em geral, apresentavam diferença em relação ao seu país e seus costumes:

Ao registrar essa informação, o viajante construiu e repassou um tipo de imagem e impressão, colocando-se ao mesmo tempo como tradutor/intérprete dos grupos existentes, de seus significados. A divulgação da presença desse grupo para o público leitor europeu tinha como objetivo principal revelar o “outro” no que este possuía de desconhecido, novo, diferente (Leite, 1996, p. 60 apud Araujo, p. 42 e 43).

Ele chegou em Tabatinga no dia 10 de dezembro de 1847, portanto, não havia visto ou participado de festejos de carnaval no Brasil, mas quando estava em Manaus, e ali ficou por pouco mais de um mês, foi convidado para algumas festas que antecederiam a quaresma. Permaneceu na cidade entre 3 de fevereiro a 9 de março de 1848. Naquele ano o carnaval ocorreu entre 4 (sábado) e 8 (quarta-feira) de março, próximo à partida do italiano para a cidade de Belém.

Manaus estava entre as maiores localidades que Osculati visitou em sua viagem pelo rio Amazonas. Ele mesmo informa que a população era de, aproximadamente, seis mil habitantes¹³⁴.

O naturalista ficou hospedado na casa do próspero comerciante italiano Henrique Antony, que costumava receber estrangeiros que chegavam naquelas paragens:

Assim que desembarcamos, fomos direto para a casa do Sr. Antony de Livorno, onde meus companheiros tinham suas acomodações. Fui gentilmente recebido por aquele bom italiano, que, com a mesma cortesia requintada da qual usava com todos os viajantes, imediatamente me ofereceu sua hospitalidade durante todo o tempo que eu quisesse ficar ali. Aceitei de bom grado a oferta, sabendo que ele era provido de razoável riqueza, fruto de seu trabalho e das dificuldades que havia superado em vinte anos de residência naquelas terras, longe de sua pátria e de sua família¹³⁵ (Osculati. 1854. p. 244 e 245).

Henrique Antony era uma figura bastante conhecida na região. Dono de fazendas e comércio, exercia mando e influência a ponto de, como narrado por Osculati, poder embarcar, à força, pessoas para trabalharem nos barcos, evidenciando que a riqueza de Antony não provinha somente do fruto de seu trabalho e das dificuldades que havia superado, como narrado por Osculati, mas, também, da exploração humana. Por conta desta recepção, Osculati teve algumas facilidades para continuar suas explorações e coleta de espécies de animais e plantas, já que alguns homens foram colocados à sua disposição para excursões nas imediações da Vila. O jornal *Estrella do Amazonas* noticiava regularmente a movimentação no porto de Manaus, fazendo referência à chegada e partida de pessoas importantes, entre elas, o conhecido negociante:

Sahida no dia 14.
Pará e portos intermedios – o Vapôr Marajó, levando de passagem para Serpa Henrique Antony, para Óbidos o Bacharel Romoaldo de Souza Paes de Andrade, e para o Pará o Conde Florestan, Cadete Leitão, os negociantes Raimundo Egídio da Costa Barros, Manoel José Ferreira de Mendonça, e um Americano com sua filha de menor idade, e dois escravos que andavam em fuga a entregar a seus Senhores (1854, p. 4).

¹³⁴Em viagem exploratória, um ano antes de Osculati, o francês Francis de Castelnau permaneceu em Manaus entre 07 e 15 de fevereiro de 1847, informando, também, a população da Vila da Barra do Rio Negro (Manaus): “A Vila da Barra, situada em terreno acidentado, é cortada por três riachos grandes, todos eles atravessados por pontes de madeira. É constituída de umas 150 casas e 3 mil moradores; a comarca toda tem 7 mil” (Porro, 2013. p. 297).

¹³⁵Non appena sbarcati, ci recammo direttamente alla casa del signor Antony di Livorno, dove i miei compagni di viaggio avevano il loro alloggio. Venni gentilmente accolto da quel bravo italiano, che con quella squisita cortesia della quale usava verso tutti i viaggiatori, mi offerse subito la sua ospitalità per tutto quel tempo che mi fosse piaciuto di restare colà. Accettai di buon grado l'offerta, massime sapendolo fornito di discreta agiatezza, frutti delle sue fatiche e di stenti superati in vent'anni di dimora in quelle contrade, lungi dalla sua patria e dalla sua famiglia.

Certamente, o hóspede de um dos homens mais influentes de Manaus não deixaria de ser convidado para os festejos de carnaval que aconteciam nas casas mais ricas do lugar e que eram bem diferentes dos bailes e mascaradas que ocorriam na Europa, durante o carnaval, no inverno:

Nos últimos dias de carnaval em Manaus não faltaram festas e bailes em quase todas as casas dos mais abastados, para os quais quase sempre fui convidado. Entretanto, uma estranha maneira de cumprimentar o convidado quando ele chega na festa é ser atacado por todas as moças, que, agarrando-o à força, arrastam-no para o salão, onde, com as mãos cheias, lhe atiram farinha branca de *tapioca* nos olhos, na boca, na cabeça e até mesmo dentro das roupas para reduzir o infeliz a um estado de cegueira e sufocamento. E isso não é o suficiente. Assim que essa saudação rude termina, elas começam com as mãos e as unhas a rasgar-lhe as roupas e até a camisa, pegando cada uma um pedaço como se fosse um troféu; mas é concedida a revanche, sendo permitido aos homens continuar a brincadeira, fazendo todos os presentes rirem muito. Deve-se observar, entretanto, que por prevenção todos os jovens antes de entrarem na festa, vestem as roupas mais velhas e desgastadas.

Durante a dança, todos tão enfarinhados, atiram uns nos outros cascas de ovos e bolinhas de cera cheias de água perfumada, representando um coração, uma fruta ou qualquer outra coisa. Ao som de uma ou duas violas, as quadrilhas e os fandangos se entrelaçam, acompanhando a dança com canções¹³⁶ (Osculati, 1854. p. 250 e 251).

Ele não escreveu sobre quantas ou quais festas teria frequentado, mas nos deixou um relato do que ocorria nelas e, aparentemente, não teve participação ativa nas brincadeiras, tendo ficado somente como observador dos “estranhos” acontecimentos. Interessante notar que nesta descrição Osculati, que sempre classificava tudo que via, não identifica a festa pelo nome. É possível especular que estivesse inclinado em criar uma atmosfera misteriosa para a sua narrativa, gerando, no leitor, o interesse pelo exótico.

De fato, o que Osculati está narrando como estranho e rude era conhecido como entrudo. O nome significa introito, entrada, início, e foi usado para se referir aos dias que antecediam a quarta-feira de cinzas, início da quaresma. Trazido pelos portugueses, provavelmente, no século XVII, consistia em jogos e brincadeiras nos quais jogava-se água,

¹³⁶ Negli ultimi giorni di carnevale non mancarono a *Manaos* in quasi tutte le case de'benestanti le feste e i balli, ai quali io veniva quasi sempre invitato. Una strana maniera però di complimentare l'invitato al suo entrare nel festino si è quella di venir assalito da tutte le ragazze, le quali afferrandolo a forza lo trascinano nella sala, ove gli gettano a piene mani farina bianca di *tapioca* negli occhi, nella bocca, sulla testa e persino entro gli abiti da ridurre il meschino in uno stato di cecità e di soffocamento. Né basta ancor questo; appena finito tal villano saluto, ecco che si fanno colle mani e colle unghie a strappargli di dosso e stracciargli gli abiti e fin la camicia, ciascuna riportandosene quasi trofeo un lembo; è però concessa la rivincita, essendo permesso agli uomini di proseguire lo scherzo, facendone tutti gli astanti le più grasse risa. Si noti però che in prevenzione tutti i giovanotti prima di metter piede nella festa non mancano di indossare gli abiti più vecchi e sdrusciti. Durante la danza e tutti così infarinati, si scagliano a vicenda l'uno contro l'altro gusci d'uova e globetti di cera riempiti di acque odorose figuranti un cuore, un frutto od altro. Al suono di una o due viole si intrecciano le quadriglie e i fandanghi, accompagnando coi canti la danza.

farinha, polvilho, perfumes e outras misturas mais suspeitas nas pessoas, apresentando variações conforme o local, o grupo e a hierarquia social dos participantes.

O *Diccionario da Lingua Portuguesa*¹³⁷ (Moraes e Silva, 1823), define Carnaval como “O tempo do Intrudo, as festas, regozijos, que então se fazem”. Quanto ao verbete Entrudo¹³⁸, acrescenta que “São os tres dias immediatamente precedentes á Quaresma, nos quaes é uso entre nós divertir-se o povo com se molhar, empoar, fazer péças, e outras brincadeiras, e banquetear-se: daqui ter entrudo fora com alguém; i. é, divertir-se com ele”. Até o termo enfarinhar ganhou um significado especial ligado ao entrudo, o de apolvilhar de farinha uma pessoa a outra por brincadeira de entrudo.

Assim como Osculati, o viajante e historiador francês Ferdinand Denis (1798 – 1890), quando em viagem pelo Brasil, não deixou de expressar sua opinião sobre o entrudo:

Nem o carnaval de Veneza, que tanto tem perdido seus esplendores, nem as mascaradas moribundas que se veem em Paris, poderiam oferecer ideia exata do tumulto, da loucura ardente que reina, durante os dias de entrudo, não só no Rio de Janeiro, mas em todas as cidades do Brasil (Denis, 1978, p. 142 apud Araujo, 2011, p. 44).

Diferentemente do que costumava fazer, usando nomes em português ou foneticamente próximos deste para identificar e classificar o que via, Osculati não usou a palavra “entrudo” para designar as brincadeiras que parece ter assistido. Da mesma forma não utiliza o termo “limões de cheiro” em relação às “bolinhas de cera cheias de água perfumada” que ele descreveu como um dos objetos que eram atirados nas pessoas.

Os limões de cheiro eram usados no entrudo como uma “arma” para que o jogo se desenvolvesse. Eram feitos nas casas para uso próprio da família e amigos que participariam das brincadeiras em um ambiente privado, mas também poderiam ser fabricados para a venda, sendo muitas vezes encomendados e ainda geravam uma fonte de renda para aqueles envolvidos na sua confecção.

O pintor Jean-Baptiste Debret (1768 – 1848), não só comentou sobre os limões de cheiro como também retratou o entrudo entre escravizados, no Rio de Janeiro (Figura 9):

O Carnaval no Rio e em todas as províncias do Brasil não lembra (...) nem os bailes nem os cordões barulhentos de mascarados que, na Europa, comparecem a pé ou de carro nas ruas mais frequentadas (...). O limão de cheiro, único objeto dos divertimentos de Carnaval, é um simulacro de laranja, frágil invólucro de cera de um quarto de linha de espessura e cuja transparência permite ver o volume de água que

¹³⁷Vide páginas 365, 707 e 734.

¹³⁸O *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1823) apresenta as duas formas, intrudo e entrudo.

contém. A cor varia do branco ao vermelho e do amarelo ao verde (Debret, 1949, tomo I, p. 220 apud Araujo, 2011, p. 45).

Figura 9 - Cena de Carnaval – Jean Baptiste Debret, 1835.



Fonte: Brasiliana Iconográfica.
Disponível em: brasilianaiconografica.carnaval.org.br.

Na ilustração é possível ver, no lado direito, uma criança esguichando água em quem passa. Tanto a criança quanto outras pessoas estão com os rostos enfarinhados. À esquerda, uma mulher sentada parece vender os limões de cheiro enquanto um homem retira alguns deles da bandeja. À porta da casa, um homem se prepara para atirar o limão em alguém, ao mesmo tempo em que, mais ao fundo, duas pessoas se protegem de serem alvejadas.

A brincadeira também foi retratada por Augustus Earle (1793 – 1838), entre 1822 e 1823 (Figura 10):

Figura 10 - Games during the carnival at Rio de Janeiro.



Fonte: National Library of Australia.
Disponível em: <https://nla.gov.au/nla.obj-134509200/view>.

Nesta representação do pintor inglês, os jogos de entrudo estão sendo realizados em um ambiente privado, com um detalhe interessante, pois parece incluir, ao fundo, participantes da casa em frente. É possível ver algumas bandejas com limões de cheiro, a maioria sustentadas por escravos. Uma escrava parece servir também como escudo para alguém que se abaixa atrás dela. Ao contrário do que foi retratado por Debret, aqui os escravos são coadjuvantes e a cena está mais próxima do que Osculati relatou em seu livro.

Aquilo que para os viajantes estrangeiros marcava diferenças e estranhezas existentes entre brasileiros e europeus em relação aos folguedos da época de carnaval, era visto aqui como um reconhecimento da cultura e da alegria de fazer parte deste costume. Patrícia Araújo explica que:

[...] a prática do entrudo era disseminada por toda a sociedade brasileira, diferindo apenas com relação à dinâmica dos grupos no conjunto da esfera social. Era praticado por todos os grupos sociais, dos mais abastados aos mais pobres, com sentidos e nuances diferentes. O entrudo revela-se momento especial da vida cultural da sociedade brasileira do século XIX (2011, p. 54).

No final do século XIX e início do XX, o entrudo foi perdendo força devido à influência dos costumes europeus ajudados, também, pelos relatos e comentários de viajantes que atribuíam um caráter pouco civilizado àquela prática. Começam a ganhar força as Sociedades Carnavalescas que queriam instituir o “verdadeiro” Carnaval, com préstitos à moda veneziana ou os elegantes *bal masques*. Os confetes e serpentinas substituem os limões de cheiro, a água e farinha deixam de ser protagonistas nas brincadeiras de entrudo que passa a ter um significado oposto ao Carnaval:

[...] apenas no final do século a palavra passou a ser utilizada por autoridades, políticos, jornalistas e literatos para nomear exclusivamente a “molhaçada”, e com sentido oposto ao carnaval, que designava sobretudo préstitos, bailes, batalhas de confete e outras práticas mais recentes, às quais se atribuía superioridade em face dos folguedos rudes e incultos do entrudo (Cunha, 2001, p 25).

No final do séc. XIX foi publicado no Jornal das Famílias o conto *Um dia de Entrudo*. O autor, Machado de Assis, iniciava a história da seguinte maneira: “Era no tempo em que o carnaval se chamava entrudo, o tempo em que em vez das máscaras brilhavam os limões de cheiro, as cassarolas d’água, os banhos, e várias graças que foram substituídas por outras, não sei se melhores se piores” (1874, p 177).

Na perspectiva de conduzir a tradução como um processo de negociação, buscando dar voz tanto ao autor quanto à Amazônia por ele descrita, a tradução do trecho em que Osculati descreve o entrudo apresentou-se como uma oportunidade interessante de diálogo, no qual

procurei não apagar a visão do autor e nem o costume local. Aliás, quando da primeira leitura também tive uma impressão de estranheza quanto ao comportamento das pessoas naquela festa. Talvez, uma estranheza bem próxima da que os leitores de Osculati tiveram e até da que os leitores da tradução teriam, pois não vivemos mais os tempos do entrudo.

Do ponto de vista do estrangeiro, ainda que carregado de seu juízo de valor, o relato poderia ser bastante elucidativo para seu distante leitor, mas, considerando o lapso temporal entre o texto e os dias de hoje, poderia passar ao leitor da tradução uma ideia distorcida daquilo que era um costume não só local, mas característico da cultura nacional. Entendi ser uma oportunidade de resgatar, com um olhar “de casa”, aquele Brasil que o lombardo descrevera para seus compatriotas. Como estava fora de questão traduzir *globetti di cera riempiti di acque odorose figuranti un cuore, un frutto od altro*, como “limões de cheiro”, o que significaria o apagamento total, não só da estrutura do texto de partida como do estranhamento provocado pelo autor, a solução foi manter, no texto de chegada, a forma descrita por Osculati, acrescentando uma nota de rodapé.

Tipiti, Tucupi e Alachere

Quando estava na região de Egas, atual Tefé, Osculati testemunhou o processo de fabrico da farinha de mandioca, descrevendo-o assim:

Não menos curiosa é a maneira pela qual o povo de Egas prepara a farinha de *mandioca*. Depois de tirar a pele da raiz do *igname* [inhame], eles a esmagam e a reduzem a uma pasta, que colocam em uma espécie de funil feito de tiras de casca de árvore e palha trançados, com a forma e o tamanho de uma serpente boa [jiboia], sendo flexível e elástica. Depois de encher o tubo com essa massa, eles prendem uma extremidade dele à parede da cabana, esticando fortemente a outra para espremer e tirar o líquido. Feito isto, a extraem novamente e a torram em vasos de barro, mexendo-a continuamente, depois a colocam, quando seca, dentro de alguns cestos chamados *alachere* [alqueire], vendendo-a no comércio sob o nome de farinha de *mandioca*¹³⁹ (1854, p. 235).

Osculati descreve de forma curiosa e engenhosa o instrumento usado para prensar a massa da mandioca: um funil flexível, do tamanho e forma de uma jiboia. Esse instrumento é o tipiti, usado em vários lugares do Brasil desde antes da chegada dos europeus e hoje pouco conhecido nas regiões mais ao sul do país, mas muito importante na construção de sua história,

¹³⁹Non è men curioso il modo col quale gli abitanti di Egas preparano la farina di *mandioca*. Spogliata della pelle la radice dell'*igname*, la pestano e la riducono in pasta: questa vien riposta entro una specie d'imbuto formato con liste di corteccie e di canne intrecciate che ha la figura e grossezza del serpente *boa*, e che riesce così flessibile ed elastico. Riempito il tubo di quell'impasto, ne attaccano un'estremità alla parete della capanna, stirando fortemente l'altra onde spremere fuori l'umore. Fatto ciò la estraggono nuovamente e la fanno abbrustolire entro vasi di terra rimescolandola continuamente, indi la ripongono così disseccata entro alcune corbe dette *alachere*, mettendola in commercio sotto il nome di farina di *mandioca*.

da Amazônia e sua gente. Na região que Osculati visitou, o tipiti ainda hoje é feito com fibras vegetais, geralmente utilizando o cipó arumã e a palha da palmeira jacitara que são trançadas de forma a permitir seu alongamento no sentido vertical e um estreitamento no sentido horizontal. É uma prensa na qual se coloca a mandioca sem casca e macerada. Depois é pendurada e recebe carga na parte de baixo, o que fará com que a mandioca no seu interior seja espremida, separando a massa da parte líquida venenosa que escorre pelo trançado. Berta Ribeiro explica que:

O processamento da mandioca levou ao desenvolvimento de vários tipos de peneiras e de um cesto longo - o tipiti - usado para filtrar, por distensão, o veneno da massa da mandioca brava (*Manihot esculenta*). Gertrude Dole (1956) aventa a hipótese de que a presença ou ausência do tipiti indicaria o uso mais recente ou remoto da mandioca brava. A cultura rústica brasileira, principalmente a amazônica e a nordestina, retém da herança indígena no campo da cultura material, dois itens: a rede de dormir e o tipiti. E, a par deste último, o consumo de beiju e farinha de mandioca, como componentes básicos de sua dieta alimentar (1989, p. 45).

A mandioca e o tipiti são conhecidos desde os primeiros relatos feitos a respeito das terras brasileiras. Hans Staden, quando esteve no Brasil, ainda no séc. XVI, mencionou ambos ao descrever a alimentação dos tupinambás:

Nos lugares onde querem plantar, cortam primeiro as árvores e deixam-nas secar de um a três meses. Deitam-lhes fogo, e depois queimam-nas e então é que plantam entre os troncos as raízes de que precisam, a que chamam mandioca. É arbusto de uma braça de altura, que dá umas três raízes. Quando as querem comer, arrancam o pé, quebram-lhe as raízes e depois os galhos. A estes colocam-nos outra vez na terra, onde criam raízes de novo, e com seis meses crescem tanto que dão já o que comer. A raiz preparam-na de três modos. Primeiro ralam as raízes numa pedra, até que fiquem em grãos miúdos; tiram-lhe depois o suco com um aparelho feito da folhagem da palmeira, ao qual chamam *tippiti*, que eles esticam [...] (2014, p.179).

Interessante notar que o processo descrito por Staden é, basicamente, o mesmo que Osculati narrou em sua viagem e, quase dois séculos depois, mantém-se por meio dos povos remanescentes e das populações ribeirinhas da Amazônia. Em artigo publicado em 2012, a antropóloga Lucia Hussak Van Velthem, relatou sobre o uso do tipiti no médio Rio Negro, evidenciando que sua importância ia além da cultura alimentar, marcando, também, certos padrões nas relações sociais como lhe contou um morador local:

Dentre todos os artefatos empregados, o tipiti possui um papel central no processamento da mandioca. Para os Barasana, o tipiti está associado a uma serpente constritora e sua função de separação encontraria paralelo nas funções intestinais (Hugh-Jones, 1979: 188-189). Entre os Baré, o tipiti também representa a cobra sucuriçu (*mboia sucuriu*), porque “encolhe e espicha” como essa constritora. Em outras épocas, o conhecimento de sua confecção regia os casamentos, o que não mais ocorre hoje em dia. Como esclareceu Francisco Alemão (1999): “antigamente quem não fazia tipiti não podia casar, mas agora não sabe nem fazer *waturá* e já está casando” (2012, p. 420).

Em algumas culturas, fazia parte do ritual de iniciação masculina o aprendizado de confecção de objetos de cestaria, incluindo o tipiti. Entre os Baniwa e os Barés os rapazes ficavam trancados em uma casa, aproximadamente, durante uma semana e só saíam depois de terem aprendido e feito todos os trançados e cestarias, então, estariam prontos para casar.

Figura 11 - Tipiti



Fonte: Compilação própria¹⁴⁰.

O líquido ou extrato (l'umore) a que Osculati se refere é chamado de manipueira. De cor amarelada, é bastante tóxico. Quando deixado descansar para fermentar por vários dias ou fervido e fermentado por 3 a 5 dias, dá origem ao tucupi¹⁴¹. O tucupi era usado como uma espécie de tempero, realçando o sabor dos alimentos. Ao escrever *O Selvagem*, para compor a Biblioteca Americana da Exposição Universal realizada na Filadélfia, em 1876, Couto de Magalhães relata como as tribos conhecidas usavam o fogo e destaca que “condensam também algumas substâncias estimulantes e destinadas a substituir o sal, como seja: o caldo da mandioca, de que preparam uma conserva que se vende no Pará, onde tem grande consumo, intitulada *tucupi*” (1935, p. 56 e 57). Gastão Cruls também sublinha a utilidade do uso do tucupi:

[...] o próprio leite da mandioca, depois de fervido, era também aproveitado pelos índios que o faziam, temperado com bastante pimenta, o caldo principal das suas

¹⁴⁰Foto à esquerda: Ampravat.manibe, autor @mani_moacara. Foto à direita: Sossego da Flora, sem autor.

¹⁴¹Tykupy, de tyku, caldo, e py, esprimido. É a manykuera cosida ao sol ou ao fogo, o que lhe faz perder a propriedade toxica. Serve de molho, com pimenta, principalmente para peixe e takaká - Vocabulário Indígena (1894, p. 57).

paneladas de carne e peixe. E é esse o mesmo tucupi ainda hoje tão apreciado na Amazônia (1955, p. 213).

E Messias Cavalcante acrescenta:

Um tempero muito comum entre os indígenas amazônicos era o tucupi, que é o suco extraído da massa espremida da mandioca após leve fervura ou exposição ao sol para eliminação do ácido cianídrico. Ao líquido era acrescentada pimenta. O arubé era um tempero pastoso que era feito com o tucupi, pimenta triturada e tapioca, usado tanto em carne de peixe como de caça (2014, p. 223).

Hoje, o tucupi ainda é um ingrediente bastante usado, inclusive na cozinha paraense, compondo pratos como o pato no tucupi, o arroz paraense e o tacacá.

Figura 12 - Extração do líquido da mandioca e tucupi.



Fonte: Compilação própria¹⁴².

Alachere

O *alachere*, cesto no qual, segundo Osculati, a farinha era colocada para ser vendida no comércio é um dos muitos casos interessantes na obra estudada, pois além de se tratar de um item da cultura local, ainda traz uma adaptação fonológica. O autor, diante de palavras desconhecidas e/ou que não sabia a tradução para o seu idioma, devia fazer anotações valendo-se do uso da gramática italiana.

A palavra *alachere* foi usada por Osculati para atender uma necessidade de expressão que, naquele momento, não poderia ser satisfeita na sua própria língua quando quis se referir a alqueire, a palavra em português. Assim, ele procurou uma aproximação entre a palavra ouvida em português e a escrita italiana.

¹⁴² Autores das imagens: da esquerda para a direita: 1 - Claudia Tavares; 2 - Rone na Roça - PA; 3 - Neide Rigo. Blog Come-se.

Alqueire é uma palavra de origem árabe (al-kail) para designar cestos e bolsas usadas para o transporte de grãos e que acabou se tornando, também, uma medida de superfície¹⁴³. O *Vocabulário Portuguez e Latino* (1728, p. 282) o define como “medida de todo o gênero de grãos”. Da mesma forma, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1955, p. XVIII e 22) explica que a palavra vem do árabe *alkail* e significa “medida, especialmente para cereais”. Acrescenta, ainda, que os vocábulos portugueses de origem árabe foram introduzidos em três épocas diferentes, sendo a primeira conhecida como período popular e abrange as palavras que, desde o século VIII, o povo aprendeu ouvindo a numerosa população moura que vivia na Península Ibérica. Esses vocábulos seriam quase todos aqueles que começam por *al* ou *a*, a exemplo de alqueire.

A primeira referência portuguesa ao alqueire é de 1111, registrada em Coimbra, primeira capital da monarquia. Em 1296, em Aveiro, o alqueire foi citado como medida para o sal. Apesar de ser usado para medir capacidade de secos em geral, também foi utilizado para volume (líquidos). O *Elucidário das Palavras, Termos e Frases*, publicado em Lisboa (1798, p. 105) informa que alqueire é “medida de sólidos, e líquidos bem conhecida, e usada neste Reino desde os seus princípios”. Também, Luis S. Lopes afirma que esta medida de capacidade já era usada para secos e molhados na idade média, em Portugal:

Durante a idade média, quer na tradição metrológica dominante, quer em sistemas com outra filiação, o alqueire assume o papel central do sistema de medidas de capacidade. Desde logo, o alqueire é a medida mais vezes mencionada na documentação. Por outro lado, observa-se que o alqueire, embora tradicionalmente mais usado para os cereais, também era usado para outro tipo de produtos, incluindo o vinho, azeite, azeitona, castanhas, vários tipos de grãos, manteiga, mel e sal (2000, p. 537).

No Brasil, pelas circunstâncias da colonização, o alqueire foi imposto quase de imediato. O testamento de Gabriel Soares de Souza, registrado nos *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia, nos dá testemunho de seu uso logo no século XVI:

[...]us mil Reis / Jtem far meão no Mosteiro de Sam Bento quer falleca nesta Ca / pitania quer em outra qualquer parte Tres oficios de noue soins digo de no / ue licõnis em tres dias aReo tanto que eu fallecer ou se souber a certeza de minha/ morte em cada oficio se dara de Oferta hum porco e sinco Alqueires de farinha/ [...] (Testamento de Gabriel Soares de Souza – TGSS (1584), LVT f. 164v. L. 15-18 apud Pereira, 2017 p. 1658).

¹⁴³ Atualmente é usado no Brasil como medida de superfície, tendo diferentes valores conforme a região (alqueire paulista, mineiro, goiano e baiano).

Em 1937, a Biblioteca Nacional publicou em seus Anais o processo relativo às despesas feitas por ordem de Martim de Sá para defender a cidade do Rio de Janeiro dos ataques holandeses nas primeiras décadas do século XVII. As despesas estavam relacionadas às operações de guerra e providências necessárias a “fazer descer índios do sertão” para ajudarem na luta contra os inimigos, repararem as fortificações da cidade e seu porto. Os gastos também incluíam despesas com farinha de mandioca, medida em alqueire, para uso da tropa:

Em Julho de 1630 teve noticia Martim de Sá de estarem naus inimigas no Cabo-Frio, a fazer aguada; eram três navios holandeses, que logo depois foram atacados pelo cabo de vigias Manuel Alexandre, com alguns homens brancos e índios, que causaram grande matança aos intrusos e alcançaram a vitória louvada nestes documentos pelo Capitão-mor e Governador. A Manuel Alexandre pagou-se, por verbal dessa autoridade e mandado do Provedor da Fazenda, 24\$000, que tantos custaram cem alqueires de farinha de guerra, à razão de 240 réis o alqueire, gastos com os soldados e índios que se acharam nos assaltos (Garcia, 1937, p. 19).

Durante o período colonial e imperial, o alqueire foi utilizado em todas as regiões do Brasil, mas assim como em Portugal, nunca teve uma medida padrão, até que em 1862 o Imperador D. Pedro II, por meio da Lei n.º. 1157 adotou o Sistema Métrico Francês para medidas lineares, de superfície, capacidade e peso. O Prazo para implantação era de dez anos e, durante este período, as escolas deveriam explicar o novo sistema nas aulas de “aritmética”. A nova lei previa, inclusive, prisão e multa aos infratores, conforme rezava o caput do Art. 3º: “O Governo, nos regulamentos que expedir para a execução desta Lei, poderá impôr aos infractores a pena de prisão até um mez e multa até 100\$000”.

Contudo, como era de se esperar, a resistência da população foi grande e ao final do prazo de dez anos eclodiu a revolta do Quebra-quilos¹⁴⁴. Em vários lugares grupos de insatisfeitos invadiam as feiras das cidades quebrando instrumentos de medição, em resistência aos novos padrões estabelecidos e, muitas vezes, segundo Geraldo I. Joffily¹⁴⁵ (1874) chegavam a invadir cadeias e destruir arquivos públicos. Fatores como a desconfiança da população, o analfabetismo, a necessidade de aquisição pelos comerciantes de pesos-padrão e instrumentos como o metro e balanças, taxas cobradas pelo governo para verificação destes, aliados ao

¹⁴⁴ Armando Souto Maior escreveu sobre este interessante capítulo da história brasileira em seu livro *Quebra-Quilos – Lutas sociais no outono do império*.

¹⁴⁵ O QUEBRA-QUILO. A revolta dos matutos contra os doutores (Joffily, 1874).

“imposto do chão¹⁴⁶”, a “Lei da Cumbuca¹⁴⁷” e a seca no Nordeste contribuíram para um clima de agitação e também, resistência à implantação do novo sistema, chegando muitas vezes às vias de fato, como destacado no inusitado relato do ocorrido na feira de Campina Grande, na Paraíba:

Pelo que ainda ouvimos contar por testemunhas de vista, persistiam os matutos nas suas recusas e reclamações, quando aparece o delegado João Peixoto com alguns soldados da polícia e cabras do coronel Alexandrino Cavalcante, dono do mercado, tentando dispersar os grupos mais agitados a lambadas de facão; alguns matutos reagiram de modo surpreendente, formando-se o rolo; alguns tiros foram disparados e deu-se o pânico na grande feira, agravado pela tropelada dos animais de carga e sela. Os feirantes procuraram abrigo por trás dos garajaus de rapadura; e foi aí que o negro João Carga d'Água, muito conhecido de todos, jogou o primeiro tijolo de rapadura contra os da polícia, sendo imitado por muitos, já que milhares de rapaduras de mais de meio quilo estavam empilhadas sobre esteiras no pátio da feira; um rebole de rapadura acertou em cheio a cabeça do delegado, que ficou desacordado por muito tempo, enquanto os soldados eram envolvidos e surrados pelas mulheres (Joffily, 1874, p. 105 e 106).

A sedição atingiu as províncias da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas, tendo sofrido grande repressão. Apesar de geograficamente ficar limitada a estas províncias, a revolta teve repercussão nacional a ponto de o Imperador D. Pedro II, abrindo os trabalhos extraordinários da Assembleia Geral do Império, no início de 1875, manifestar-se enfaticamente durante a chamada “Falla do Throno”, conforme noticiou o Jornal do Pilar:

A ordem publica foi perturbada em diversos pontos no interior de quatro provincias do norte; grupos sediciosos, impellidos por um fanatismo religioso e por preconceitos contra o novo emprego dos pesos e medidas do systema metrico, assaltaram as municipalidades dessas provincias, destruindo os archivos administrativos e os padrões dos pesos e medidas. Esse movimento criminoso foi prontamente sufocado, graças ao auxilio prestado ás autoridades pelos bons cidadãos (1875, p. 1 e 2).

¹⁴⁶Era uma taxa fixada em 200 réis por carga de pesar e 100 réis por carga de medir, que os feirantes eram obrigados a pagar para cada mercadoria colocada no chão do espaço da feira, gerando com isso encarecimento extra dos gêneros de primeira necessidade, em especial na região de Campina Grande - PB (Lima, 2011, p. 477).

¹⁴⁷Lei 2556, de 26 de setembro de 1874 – O Art. 1º que tratava da forma de recrutamento para o exército e a armada previa que na falta de voluntários o recrutamento seria feito por sorteio: Lei 2556 - Câmara Federal.

Figura 13 - Rótulos de cigarro com propagandas contra os “Quebra-quilos”.



Fonte: Compilação própria¹⁴⁸.

O fato é que, com ou sem revolta, o alqueire continuou sendo usado no Brasil sem atender, em todos os lugares, a padronização imperial e, além de ser uma medida de capacidade, também indicava o próprio recipiente no qual a mercadoria era acondicionada. Em Minas Gerais, por exemplo, o alqueire era uma caixa de madeira, quadrada com duas alças. No *O Meu Dicionário de Cousas da Amazônia*, Raimundo Moraes (1872-1941) define o alqueire como:

Medida. Alqueire de farinha. Cerca de 30 quilos. Em geral são dois paneiros de tala que contém 15 quilos cada um. Fazem-se também os de alqueire, como também se fazem os de quarta, ou seja, 7 ½ quilos. A medida de alqueire, muito comum na Amazônia, usa-se na farinha-d'água (de mandioca). É nos paneiros de alqueire, e, sobretudo, nos de meio alqueire, que a farinha-d'água, branca ou amarela, é transportada na Planície (2013, p. 22).

Na região que Osculati viajou, o alqueire era materializado no paneiro. De acordo com Cruls, o paneiro era um “cesto sem asas, de talas de palmeira, muito usado para o transporte de farinha” (1955 p. 296). O paneiro não tinha e ainda não tem a mesma forma e o mesmo trançado, diferenciando conforme a expressão da identidade de certos grupos regionais, ribeirinhos ou

¹⁴⁸Elaborado a partir de imagens da Fundação Joaquim Nabuco, coleção Brito Alves. A coleção Brito Alves, composta de 1.252 rótulos de cigarros na técnica litográfica, foi iniciada pelo comerciante Vicente Brito Alves e continuada pelo seu filho, José de Brito Alves (1887-1963). Em 1964, a coleção foi doada pela família ao então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, constituindo um valioso patrimônio cultural e artístico da sociedade brasileira e particularmente da pernambucana, do final do século XIX e início do século XX.

quilombolas, influenciados pela cultura de povos originários. Morais adiciona que o paneiro é um:

Cesto muito comum na Amazônia, de grandes olhos, feito de talas de palmeira, onde se acondiciona, depois de forrado interiormente com a palha de ubim, a farinha-d'água. Há de várias medidas: meia quarta, uma quarta, meio alqueire, um alqueire. Este regula, em média, 30 litros ou 30 quilos (2013, p. 122).

O *alachere* (alqueire) que Osculati referenciou como um cesto onde a farinha de mandioca era armazenada para ser vendida no comércio era um dos mais conhecidos artefatos da cultura material da Amazônia da época e que resistiu às imposições legais, como vimos, de forma pacífica ou não, sendo ainda visto hoje, por exemplo, no mercado Ver-o-Peso, em Belém do Pará.

Apesar das mudanças trazidas pela modernidade, o paneiro ainda exerce um importante papel na cultura das regiões amazônicas seja pelo insistente uso ou pela memória. Em 1994, o grupo Raízes Caboclas lançou o álbum *Caminhos de Rio*, no qual a canção Paneiro não só ratifica o paneiro como um ícone da cultura material da Amazônia, como também valoriza o seu trançado como símbolo de força e união:

Paneiro é coisa comum
Em todo barraco tem
Não custa muito dinheiro
Nem custa fazer também

Mas quero guardar comigo
Pra sempre no coração
A lição que o paneiro ensina
Como é bela a união

As talas viviam à ufa
Nas matas, sem serventia
Mas agora, de mãos dadas
Todas têm força e valia.

Figura 14 - Paneiros.



Fonte: Compilação própria¹⁴⁹.

¹⁴⁹Elaborado a partir de imagens dos sítios facebook (sem autor) e Terra Madre Brasil (Rao Godinho).

O Tigre, o Jaguar e a Onça.

Ao longo de toda a narrativa de Osculati verifica-se a ocorrência das palavras tigre¹⁵⁰, jaguar¹⁵¹ e onça¹⁵² (*onza*), o que, durante a tradução, levantou a questão se o autor estaria se referindo ao mesmo animal ou se cada um seria uma fera diferente. Antes de entrar no Brasil, Osculati não usa a palavra *onza* (onça), enquanto tigre e jaguar são usados em todo o livro, seja para se referir ao animal ou a partes de armas e enfeites produzidos pelos “selvagens”, que usavam dentes e unhas deste. Na apresentação dos temas do capítulo XXIV, objeto desta discussão, Osculati cita *La tigre nera* (o tigre negro) e *l'onza* (a onça) como sendo animais distintos (p. 243). Estranhamente o termo *l'onza* não aparece novamente no capítulo, salvo na composição de um nome científico (*Felis onza*). No desenvolvimento do tema o autor explica:

As selvas pelas quais se passa no caminho são frequentadas por *jaguar*, que, não raro, assustam os visitantes. Muitos tigres negros foram mortos naquela floresta em várias ocasiões, e não poucos índios foram feridos ou despedaçados por eles, sem que ainda tenham conseguido encontrar uma maneira de afastá-los. O *jaguar* negro¹⁾ é a espécie mais feroz, chegando até a atacar o homem; felizmente, porém, ela se tornou muito mais rara do que qualquer outra espécie de gato tigrado. Aquela que, no Rio Negro, eles chamam de *susuruanna* é a *Felis concolor*, que é o *Couguar* ou *Puma* (Leão da América), de cor totalmente fulva, grande e sem manchas, a cauda longa e plumada, em forma de clava. Uma dessas feras foi morta a golpes de lança em uma fazenda de Antony pelos próprios *mandrieros* (pastores), no exato momento em que se lançava sobre uma novilha.

A *pacova susuruoca* é a *Felis onza*. Esse jaguar é semelhante em forma e cor à pantera africana, embora seja um pouco inferior em vigor. Faminta, ataca até o homem, não lhe deixando escapatória a menos que suba em uma árvore; mas tem medo do clarão do fogo.

1) Este jaguar só pode ser uma variedade melânica do jaguar comum¹⁵³ (1854, p. 246).

Inicialmente, foi necessário conhecer a classificação destes carnívoros para saber a que animal ele se referiu em cada um dos casos e/ou o motivo das distinções.

¹⁵⁰Pp. 133, 169, 170, 173, 180, 243, 274, 276, 293 e 298.

¹⁵¹Pp. 97, 133, 134, 148, 151, 154, 173, 187, 207, 227, 236 e 246.

¹⁵²Pp. 243 e 246.

¹⁵³Le selve che si attraversano per recarvisi sono frequentate da *jaguar*, che gettano non di rado lo spavento fra' visitatori. Molte tigri nere erano state uccise in quel bosco in varie epoche, e non pochi indiani ne erano stati malconci o sbranati, senza che ancora abbiano potuto trovare il modo di allontanarle. L'*jaguar* nero¹⁾ è la specie più feroce, assaltando anche l'uomo; fortunatamente però è divenuta assai più rara di qualunque altra specie di gatti tigrati. Quella che al rio Negro chiamano *susuruanna* è la *Felis concolor*; il quale è il *Couguar* o *Puma* (Leone d'America), intieramente di color fulvo, grande e senza macchie, a coda lunga a pennacchio, in forma di clava. Una di queste fiere venne uccisa a colpi di lancia in una fattoria di Antony dagli stessi *mandrieros* (pastori), proprio nell'istante in cui erasi slanciata sopra una giovenca. La *pacova susuruoca* è la *Felis onza*. Questo jaguaro è simile nelle forme e nel colore alla pantera africana, benché sia alquanto inferiore nella vigoria. Affamata, assale anche l'uomo, né gli lascia scampo alcuno se questi non giunge ad arrampicarsi sur un albero; però ha paura dello splendore dei fuochi. 1) Questo jaguaro non può essere che una varietà melana del jaguaro comune.

De acordo com a taxonomia, a família *Felidae* está dividida em duas subfamílias, *Felinae* e *Pantherinae*, contando com 14 gêneros e 40 espécies. No Brasil, as maiores espécies são a onça-pintada (*Panthera onca*) e a onça-parda (*Puma concolor*), capazes de matar suas presas com uma mordida na região do pescoço, envolvendo o esmagamento de vértebras e/ou provocando asfixia. A onça-pintada é terceiro maior felino do mundo, menor apenas que o tigre (*Panthera tigris*) e o leão (*Panthera leo*). Originalmente, este animal estava distribuído do sudoeste dos Estados Unidos até o norte da Argentina, se estendendo até o Uruguai. Porém, por diversos fatores antrópicos, a espécie é considerada extinta nos Estados Unidos, El Salvador e Uruguai (Cheida, Oliveira, Costa, Mendes e Quadros, 2011). No Brasil, as maiores populações de onças-pintadas estão no Pantanal e na Amazônia, sendo que para toda a Amazônia brasileira é estimado que haja uma população de pouco menos de dez mil indivíduos. (Porfirio, 2019). Nos últimos anos não houve registro da presença deste animal em áreas de Campos Sulinos, no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, norte de São Paulo, Sergipe, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, onde também habitava originalmente. Cheida, Oliveira, Costa, Mendes e Quadros (2011) descrevem as características deste animal que pode, também, apresentar excesso de pigmento melanina (melanismo) resultando na cor escura (onça-preta ou pantera-negra):

A coloração é amarelada na cabeça, dorso, patas e cauda, e esbranquiçada no peito e ventre. A cabeça, pescoço e patas são revestidos por pintas pretas, e nos ombros, costas e flancos as pintas formam rosetas com um ou mais pontos no seu interior. Difere do leopardo (*Panthera pardus*), que ocorre na África e Ásia, por apresentar esse padrão de rosetas em volta de pequenos pontos negros. Não são raros os indivíduos melânicos e, mesmo nesses casos, as rosetas podem ser vistas em contraste com a luz (2011, p.246).

Figura 15 - Onças-pintadas.



Fonte: Compilação própria¹⁵⁴.

¹⁵⁴Elaborado a partir de imagens do sítio pintorest.com. Autores: Bel Girassol e JL Arte Natural.

Jaguar é um outro nome da onça-pintada, adotado, por exemplo, na Alemanha, Inglaterra, França e Itália a partir de nomes dados pelos povos falantes da língua tupi. Interessante notar que no Brasil, apesar da origem tupi, o nome jaguar não foi acolhido. O termo onça foi trazido pelos portugueses¹⁵⁵ que adaptaram a palavra a partir do francês *once*¹⁵⁶ e teria sua origem no latim *luncea*, usado para se referir ao leopardo das neves do Himalaia.

Quanto ao jaguar, O *Dicionário Indígena* de J. Barbosa Rodrigues (1894, p. 46) informa que o vocábulo *Yauareté* se referia ao substantivo onça, enquanto Moraes (2013, p. 103) assevera que na língua Geral *Igarê* era o termo usado para designar onça ou cachorrão. O *Dicionário Tupi (antigo) – Português* (1987, 118 e 119) de Moacir Ribeiro de Carvalho apresenta os seguintes termos:

- Îagûara. Zoologia : onça, carnívoro da família dos felídeos, gênero *Panthera*;
- Îagôar'- akang- uçu. Zoologia: variedade de onça;
- Îagûar'- etê. Zoologia: onça verdadeira, felídeo do gênero *Panthera*;
- Îagûar'- ayra. Substantivo: filhote de cachorro . = iaguar' -ayr'-uçu;
- Îagûar'- uçu. Zoologia: cachorro-do-mato, da família dos canídeos, gênero *Dusicyon*;
- Îagûar'- undy. Zoologia: jaguarundi ou gato-mourisco, da família dos felídeos, gênero *Herpailurus*;

Quando Osculati usou o termo jaguar estava se referindo à onça-pintada (*Panthera onca*), da mesma forma quando apresentou um dos temas do capítulo como *l'onza*. Contudo é necessário um outro esclarecimento: no texto em questão, Osculati acrescenta que a “*A pacova susuruoca é a Felis onza*” e, novamente, ele está citando a onça-pintada. De acordo com Paulo S. M. Mesiano (2001, p. 11) a taxonomia admite como sinônimo científico para *Panthera onca* os termos *Felis onca* e *Leo onca*. Quanto ao uso de *pacova susuruoca*, é mais um termo usado para designar o mesmo animal. Em uma pesquisa sobre os nomes dados à *Panthera onca*, Nelson Papavero (2017) levantou 92 nomes que, considerando as anotações errôneas, alterações e revisões somaram 352 registros diferentes desde o ano de 1531. Entre eles está *pacova-susuruoca* que deve ser uma variação que Osculati deu para *pacova-sororoca* ou *pacóva-*

¹⁵⁵Em 1648, Marcgrave anota o termo *Iaguara*, referindo tratar-se da onça lusitana (*Lusitanis Onza*).

¹⁵⁶Once - pour *lonce*, du latin populaire *luncea*, du latin classique *lynceus*, de lynx - Grand félin à fourrure laineuse, encore appelé léopard ou panthère des neiges, du Tibet et de l'Himalaya.

sururoca-yauára. O mesmo autor cita H. H. Smith que em 1879 esteve no Brasil e assim informou em seu livro *Brazil: The Amazons and the Coast*:

Das espécies maiores, há três bem definidas. F. onça, a onça, vive propriamente nas terras baixas, apesar de ser vista frequentemente nas bordas da terra firme. Essa é a onça par excellence; mas os índios têm o seu nome especial, jauareté pacova-sororoca—onça dos pacovais (planta comum nas margens dos rios) (Papavero, 2017, p. 66).

O *Vocabolario Universale della Lingua Italiana*, anota os verbetes *giaguaro*, *giagaro*, *jagaro* e *jaguar* para o qual define:

Espécie de mamífero carnívoro do gênero dos felinos: também chamado de Tigre da América, Grande pantera de Pelagens, felis onca, Linnaeus. É quase tão grande quanto o tigre do Oriente e tão perigoso quanto; de cor vermelho vivo na parte de cima e branco embaixo; nos flancos tem manchas pretas em forma de olhos; há espécimes pretos¹⁵⁷ (1878, p. 1303).

Ainda, na mencionada pesquisa constam os termos *tigra*, *tigre*, *tigre-cabeçudo*, *tigre-canguçu*, *tigre-sovado*, *tigre-da-américa*, *tigre-do-bananal*, *tigre-negro*, *tigre-preto*, o que nos levou a concluir que o *tigre-negro* de Osculati também era a onça-pintada. Inclusive, ele mesmo, em nota, escreve que “este jaguar só pode ser uma variedade melânica do jaguar comum”. No restante do livro parece que Osculati usa o termo tigre de forma genérica, incluindo além da onça-pintada, a parda, a jaguatirica, o maracajá e outros “gatos tigrados” como ele se refere a esse grupo de animais. Contudo no texto analisado aqui, tigre negro foi usado para assinalar a variedade melânica da onça-pintada.

Por mais que o uso da palavra tigre no contexto da fauna brasileira possa parecer estranho já que nos remete imediatamente ao tigre asiático (*Panthera tigris*), outros viajantes, desde o século XVI, também fizeram uso deste vocábulo. Em sua pesquisa, Papavero reúne uma série de excertos de escritos sobre o maior felino brasileiro, entre eles, cito Pero de Magalhães de Gândavo que em sua *História da Província de Santa Cruz* (1576) tenta designar o animal, embora ainda com dúvida sobre qual nome deveria usar:

Outros animais existem nesta província e são muito ferozes e prejudiciais a toda esta caça e ao gado dos moradores, aos quais chamam Tigres, ainda que na terra a maioria das pessoas os nomeie por Onças, mas algumas pessoas que os conhecem e os viram afirmam que são Tigres. Estes animais parecem-se naturalmente com gatos, não diferem deles em outra coisa, salvo na grandeza do corpo, porque alguns são grandes como bezeros e outros menores. Tem pelo dividido em várias e distintas cores, convém a saber, em pintas brancas, pardas e pretas. Quando se acham famintos, entram nos currais do gado e matam muitas vitelas e novinhos e os comem no mato,

¹⁵⁷Specie di mammifero de'carnivori del genere de'gatti: detta pure Tigre d'America, Gran pantera de' Pellicciai, felis once, Linneo. É grande quase come la tigre d'Oriente, e come questa pericolosa; di color rosso vivo di sopra, bianco di sotto, ne'fianchi ha macchie nere in forma d'occhi; ve ne sono individui neri.

fazendo o mesmo a todo animal que podem alcançar. E pelo conseguinte quando se veem perseguidos pela fome também atacam aos homens¹⁵⁸ (Papavero, 2017, p. 54).

Os dois termos continuaram convivendo nos séculos seguintes. Na tradução de Papavero, o italiano Antonio José Landi, que viveu na Amazônia no séc. XVIII, assim escreveu:

Destes tigres há três espécies, isto é, as manchadas como as africanas, as vermelhas, que são as mais insolentes que as primeiras, e as negras, que são mais temidas, e na pele têm manchas das mesmas cores, e para distingui-las bem, é preciso vê-las de perto, ou de perfil (Papavero, 2017, p. 71).

Também, em 1835, Debret publicou, em seu livro *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, a gravura *Chasse au Tigre, dans la plaine* [Caça ao Tigre, na planície], retratando a caçada de uma onça-pintada:

Figura 16 - Caça ao Tigre, na planície.



Fonte: Brasileira Iconográfica. Disponível em: chasse-au-tigre-dans-la-plaine.

No mesmo ano, o pintor alemão Johann Moritz Rugendas que participou da expedição do Barão Von Langsdorff ao Brasil, também retratou em sua obra *Viagem Pitoresca Através do Brasil*, uma caçada ao mesmo animal.

¹⁵⁸“Outros animaes ha nesta prouincia muy feros, & perjudiciaes a toda esta caça, & ao gado dos moradores: aos quaes chamão Tigres, ainda que na terra a mais da gente os nomea por Onças: mas algũas pessoas q’ o conhecem & os viram em outras partes, affirmão q’ sam Tigres. Estes animaes parecẽse naturalmẽte com gatos, nam differem delles em outra cousa: saluo na grandeza do corpo, porque algũs sam tamanhos como bezerros. & outros mais pequenos. Tem o cabello diuidido em varias & distintas cores, conuẽ a saber, em pintas brãcas, pardas, & pretas. Como se acham famintos, entram nos corraes do gado, & matão muitas vitellas & nouilhos q’ vão comer ao mato, & o mesno fazem a todo animal q’ podem alcançar. E pelo conseguinte quando se vem perseguidos da fome.” Historia da prouincia sãcta Cruz (Gândavo, 1576: fólhos 21v-22r).

Figura 17 - Caça ao Tigre.



Fonte: Brasiliana Iconográfica. Disponível em: brasilianaiconografica.obras/chasse-au-tigre.

Portanto, como se vê, Osculati não inovou ao usar tigre ou jaguar para se referir à onça-pintada, apenas optou, talvez por uma questão estilística, usar mais de um termo para se referir ao mesmo animal. Em relação à onça-parda, já bem qualificada no texto de Osculati (p. 246), destaco a possibilidade de que o autor quisesse usar algo próximo de suçuarana (*susuaranna* talvez?) em vez de *susuruanna* como foi impresso no livro.

O uso de termos diversos para um mesmo animal, neste caso, especialmente, o uso de “tigre” não se trata de um erro do naturalista, mas de um traço cultural de época e que já vinha sendo utilizado há muito tempo para se referir à onça-pintada brasileira.

5 CONCLUSÃO

As viagens sempre constituíram espaços privilegiados de encontro com o outro, contribuem para o intercâmbio entre pessoas e culturas, descoberta de novas formas de ver o mundo, as relações, a natureza e a própria condição de quem viaja. É uma experiência de transformação sem possibilidade de retorno ao ponto anterior à partida. Portanto, traduzir e comentar um relato de viagem não significa apenas transpor textos de uma língua para outra. É, de certa forma, viajar junto, descobrir junto, percorrer o itinerário do viajante e, ao mesmo tempo, atravessar os estratos culturais, históricos e simbólicos que constituem esse percurso e, assim, passar, também, por transformações sem retorno ao ponto anterior ao ato tradutório.

Nesse sentido, a tradução comentada do relato de viagem de Gaetano Osculati foi, também, uma espécie de “metaviagem”, tornando visível o modo como o tradutor se desloca entre línguas e culturas, negociando sentidos e preservando, tanto quanto possível, a densidade estrangeira do texto e ainda imprimindo, ao texto de chegada, uma identidade um tanto quanto diversa do texto de partida.

Osculati, como explorador, viajante e naturalista, realizou viagens pela Ásia, África e América do Sul. Entre os anos de 1846 e 1848, após uma frustrada tentativa de fazer uma circum-navegação, decidiu seguir as pegadas do conquistador espanhol Francisco de Orellana (1541-42). Subiu o Rio Napo, alcançou o Solimões continuando até Belém do Pará, de onde embarcou regressando à Itália. Desta viagem resultou a obra *Esplorazione delle Regioni Equatoriali – Lungo il Napo ed il Fiume delle Amazzoni – Frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846, 47, 48*, [Exploração das Regiões Equatoriais – ao longo do Napo e do Rio Amazonas. Fragmento de uma viagem realizada nas duas Américas nos anos 1846, 47, 48], cujos capítulos XXII ao XXVII foram objeto desta dissertação.

O contato com Osculati por meio da tradução de um parte de sua obra me permitiu exercitar o ato tradutório com seus desafios e incertezas, além de conhecer um pouco melhor traços da Amazônia do passado e também do presente, região bastante desconhecida para mim.

O diálogo com o autor foi se desenvolvendo de forma gradual e em fases. A primeira delas foi de total estranhamento, pois, inicialmente, o contato com um texto italiano, do século XIX, apontava para uma perspectiva de tradução muito difícil de trabalhar. Porém, na medida em que fui lendo e aprendendo termos, palavras e expressões características da época, aquele estranhamento foi diminuindo, porém sem nunca desaparecer por completo. Ora ou outra

bastava uma virada de página para que algo do italiano “antigo” assumisse um aspecto de novidade para ser tratado no processo tradutório.

Numa segunda fase os desafios ultrapassaram a barreira do italiano se multiplicando em várias direções: inumeráveis situações que estão além do conhecimento dos aspectos linguísticos e do uso de dicionário foram se apresentando: nomes dos povos indígenas; topônimos; flora; fauna; adaptações fonológicas, palavras de outros idiomas e as idiossincrasias do autor, desvelaram um novo mundo, ampliando significativamente a necessidade de pesquisa e estudo que, em alguns momentos, deram a nítida sensação de que não teriam fim (o que de fato, pode ser verdade). Muitas das soluções aos desafios de tradução podem estar em textos contemporâneos à época do texto de partida, o que implica em descobrir quais e onde encontrá-los. Em outros casos a solução está em textos históricos que ajudam a identificar nome de lugares, povos e objetos que mudam com o passar do tempo.

Este processo de pesquisa envolve, sempre, um processo de aprendizado não só sobre a pesquisa em si, mas principalmente sobre o fato de que, em certas situações, não é possível chegar a uma solução satisfatória ou esperada. Da mesma forma não é possível tratar de todos os aspectos envolvidos no texto, seja porque não são todos perceptíveis ao tradutor ou simplesmente pela limitação temporal. Isto demonstra que a tradução é um processo que pode ser sempre revisto, atualizado e aperfeiçoado.

Ainda que tenha se limitado aos capítulos em que Osculati esteve em território brasileiro, espero ter contribuído na ampliação do conhecimento da região amazônica, a riqueza de seu território, sua cultura e sua gente. Do mesmo modo, procurei oferecer elementos que nos ajudem a entender um pouco mais como um homem europeu do século XIX, com sua imaginação, seus preconceitos e contradições interpretava e descrevia aquilo que via e vivia.

Volto a enfatizar que o relato de Osculati reforça a complexidade do olhar do viajante. Seu testemunho, carregado de contradições que expressam exotismo, repulsa, compaixão, hierarquização e dominação, traduz o modo como a experiência do encontro com o outro serviu tanto para reafirmar a superioridade europeia quanto para expor seus limites, fraquezas e ignorância quanto à cultura estrangeira. A partir dessa ambiguidade, Osculati evidencia que, em toda viagem, identidade e alteridade se entrelaçam, revelando não só um novo mundo recém descoberto, mas o próprio viajante em sua humanidade contraditória.

Mesmo escolhendo traduzir, exclusivamente, os capítulos nos quais Osculati está viajando pelo Brasil, a pesquisa nos capítulos anteriores, muitas vezes foi necessária para esclarecer situações, recuperar datas, entender melhor termos e expressões usados pelo autor.

Em alguns casos, consultar esses capítulos também ajudou nas escolhas tradutórias quando o idioma de partida apresentava grafias distintas para a mesma palavra, gerando dúvidas quanto a seus significados.

No texto de Osculati há uma riqueza lexical que integra a identidade de sua narrativa, seja do ponto de vista descritivo ou simbólico, em uma combinação de objetividade, exotismo e subjetividade. Considerando o objetivo de respeitar o olhar do autor sobre o outro e preservar a função documental e didática do texto, mantendo, tanto quanto possível, o conteúdo descritivo, evitando, inclusive, apagamentos e/ou clarificações, optei pelo uso de notas de rodapé.

Reconheço que este recurso constitui uma forma de interferência e pode afetar a fluidez da leitura, mas minha opção, além das razões mencionadas, procurou disponibilizar informações que entendi relevantes para o leitor mais interessado, sabendo que, na falta de interesse, as notas podem simplesmente ser ignoradas.

Um outro recurso que utilizei e que considere importante, pois permitiu diminuir o número de notas, manter a escrita do autor e informar o leitor, foi colocar, logo após a palavra do texto de partida, sua tradução ou identificação entre colchetes. Este procedimento, foi aplicado, sobretudo, aos nomes de povos indígenas, elementos de fauna, flora e topônimos. Contudo é preciso admitir que esta decisão resultou em um trabalho de pesquisa bastante longo e exaustivo e que, mesmo assim, não foi possível estabelecer uma correspondência para alguns desses elementos lexicais, seja por não constarem nas fontes consultadas, seja por não apresentarem resultados suficientemente seguros quanto à sua identificação.

A tradução também teve um aspecto de deslocamento temporal envolvendo um transitar entre o século XIX e o XXI, num processo de constante negociação que requisitou manter certos marcadores temporais que não dificultassem demasiadamente a leitura e algumas atualizações para palavras modernas, desde que não apagassem, no geral, a idade do texto. Manter alguns aspectos anacrônicos contribuiu para evidenciar que o texto traduzido foi pensado, trabalhado e produzido de forma a testemunhar uma outra época e que o leitor, da mesma forma, pudesse experimentar a sensação de estar lendo um texto que foi produzido em séculos anteriores.

Nesse processo, conceitos fundamentais de tradução, como o estranhamento, a ética, a (in)visibilidade e a negociação propostos por Antoine Berman (2013), Lawrence Venuti (2019) e Umberto Eco (2007), orientaram as minhas escolhas, de modo que cada decisão tradutória buscou respeitar o “outro”, entendido aqui como o autor, seu contexto e sua linguagem, tomando o cuidado para não impor uma leitura simplificada. A tradução comentada, baseada

por sua vez nas reflexões de Marie-Hélène Torres (2017) e, também, Adriana Zavaglia (2015), tornou visível a voz do tradutor, permitindo que as decisões, justificativas e reflexões sobre o processo tradutório fossem explicitadas, reforçando o caráter ético e reflexivo do trabalho. Assim, considero que o objetivo do trabalho foi alcançado, na medida em que a tradução aqui apresentada, bem como seus respectivos comentários, foi realizada a partir da construção consciente de sentido do texto, do leitor e do tempo/espaço da cultura de chegada.

Traduzir é um processo de aprendizado contínuo, mas acima de tudo é uma experiência de incerteza. Embora seja necessário um planejamento, sempre haverá surpresas ao longo do percurso que, eventualmente, podem levar a caminhos nunca imaginados antes.

Esta tradução comentada do relato de Osculati permitiu não apenas revisitar um fragmento da história amazônica sob o olhar singular de um viajante europeu, mas também refletir sobre os próprios limites e potencialidades do exercício tradutório. O aprofundamento das pesquisas históricas e lexicais, o aprendizado para desenvolver uma postura crítica diante do texto de partida e a construção de estratégias de não apagamento do autor e de manutenção das características documentais e didáticas do texto representaram um constante desafio que, por vezes, não foram totalmente superados, ainda que temporariamente. Incertezas terminológicas e algumas escolhas tradutórias, que são inevitavelmente provisórias, evidenciam as limitações deste trabalho como primeira tradução para o português, mas também apontam para a oportunidade de retraduições e estudos mais amplos que explorem outras partes da obra de Osculati.

REFERÊNCIAS

ABRÉGE du Voyage de M. Mungo Park dans L'interieur De L'Afrique. Paris: C. Pougens, 1800. 374 p.

Disponível em: <https://deriv.nls.uk/dcn23/1073/9455/107394559.23.pdf>.

Acesso em: 22 nov. 2024.

ADUM, C. M. **Dizer quase a mesma coisa: papéis temáticos do tradutor**. 2018. 89 f. - Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense - UFF, Niterói, 2018.

Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7044>.

Acesso em: 19 mar. 2025.

A EPOPEIA de Gilgamesh. Adaptação: Sandars, N. K. Tradução: Carlos Daudt de Oliveira. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012. 120 p.

ALLÓ NETTO, G. O. **Proposta di traduzione dall'italiano al portoghese e commento di una selezione di Esplorazione delle regioni equatoriali lungo il Napo e il Fiume delle Amazzoni (1854) di Gaetano Osculati**. 2023, 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Italiano, Bacharelado) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/248903>.

Acesso em 8 jan. 2025.

ALLÓ NETTO, G. O. e SIMONI, K. Traduzindo a Amazônia brasileira da metade do século XIX: paisagens e indivíduos na narrativa de Gaetano Osculati (1808-1894) entre a admiração e a crítica. *In: Cadernos de Tradução*, [S.l.], v. 44, n. esp. 4, p. 1-13, Dec. 2024.

Disponível em: [Traduzindo a Amazônia IV Periódicos UFSC PGET - Osculati](#).

Acesso em: 8 jan. 2025.

ALMEIDA, J.J. Os Primórdios da Exploração Comercial da Castanha-do-Pará.

In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-SP, XXIII, 2016, Assis. Anais [...]. São Paulo: Associação Nacional de História – São Paulo.

Disponível em:

https://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1467738721_ARQUIVO_OsPrimordiosdaExploracaodaCastanha-do-Para.pdf.

Acesso em 14 abr. 2026.

ALVES, M. A. Análise de Neologismos Por Empréstimo no Português Brasileiro. *In: Caligrama*, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 31-50. 2013.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/30063>.

Acesso em: 6 abr. 2025.

AMAZONAS, L. S. A. **Dicionário Topográfico, Histórico, Descritivo da Comarca do Alto Amazonas**, Recife. Typ. commercial de Meira Henriques, 1852. 363, [2] p.

Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3135>.

Acesso em: 10 dez. 2025.

ANDES AMAZON FUND. **Guardianas del Patrimonio Cultural y de los últimos remanentes del bosque em la costa del Ecuador**. Washington. DC. [S.d].
Disponível em: <https://www.andesamazonfund.org/country/guardianas-del-patrimonio-cultural-y-de-los-ultimos-remanentes-del-bosque-en-la-costa-del-ecuador/>
Acesso em: 8 abr. 2026.

ARAUJO, P. V. L. **Os Festejos de Entrudo no Século XIX**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, UERJ. v.8, n.2, p. 41-55, nov. 2011.
Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tecap/article/view/10331/8118>.
Acesso em: 28 mar. 2025.

ARCHIVIO STORICO DE “PROPAGANDA FIDE”. **Congregazione per l’Evangelizzazione dei Popoli**. Vaticano. VA, 2013.
Disponível em:
<https://www.archivistoricopropaganda.va/content/archivistoricopropagandafide/it/la-congregazione/congregazione.html>.
Acesso em: 20 jan. 2025.

ASSIS, M. de – Um dia de Entrudo. In: **Jornal das Famílias**, Paris (Rio de Janeiro), n.6, p. 177, 1874. Disponível em: https://hemeroteca-pdf.bn.gov.br/339776/per339776_1874_00008.pdf. Acesso em: 22 abr. 2025.

AZEVEDO, N. A; BARBANTI, J. M; Oliveira, M. L. **Guia ilustrado dos cervídeos brasileiros**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Mastozoologia, 2021. 41 p.
Disponível em: [researchgate.net - Guia ilustrado dos cervídeos brasileiros](https://researchgate.net/publication/354111111-Guia-ilustrado-dos-cervideos-brasileiros).
Acesso em: 12 dez. 2025.

BACCIN, P.G. **Gramática do italiano contemporâneo para brasileiros**. São Paulo: Edusp, 2022. 760 p.

BAENA, A. L. M. **Ensaio Corográfico Sobre a Província do Pará**. Brasília: Senado Federal, 2004. 431 p.
Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1097>
Acesso em: 15 dez. 2025.

BANREPCULTURAL. **La Yanchama. Usos, características y elaboración**. Leticia: Banco de la República, 2016. 1 vídeo (19 min).
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dxot9od-f0k>.
Acesso em 14 abr. 2026.

BARBANTI, J.M.D. e REIS, M.L. (org.). **Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Cervídeos Ameaçados de Extinção**. Brasília: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, 2012. 128 p.
Disponível em: [Icmbio - cervídeos -livro](https://icmbio.org.br/publicacoes/livros/cervideos).
Acesso em: 7 nov. 2025.

BASE de Datos de Pueblos Indígenas u Originarios – Min. De Cultura – Perú.
bdpi.cultura.gob.pe, 2025.
Disponível em: <https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/jibaro>.

Acesso em: 18 dez. 2025.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2013.

BERTA, G. R. **Arte Indígena, Linguagem Visual** – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989. 189 p.

Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:ribeiro-1989-arte>.

Acesso em: 4 abr. 2025.

BIBLIOTECA ARTHUR VIANNA. **Obras Raras** (acervo digital). Belém. PA, [s.d].

Disponível em: <https://obrasraras.fcp.pa.gov.br/book-author/provincia-do-gram-para/>.

Acesso em 8 abr. 2026.

BIO COMIGO. **Testudines (Chelonia) – Classificação e Biologia dos jabutis, cágados e tartarugas**. Londrina: IFPR, 2021. 1 vídeo (22 min).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uqo36r9XjDU>.

Acesso em 6 abr. 2026.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728.

Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5446>.

Acesso em: 4 abr. 2025.

BOTTON, A. de. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Intrínseca Ltda. 2012. 260 p.

BOTTONI, Gerolamo. Introduzione. In: **Esplorazioni nell'America Equatoriale, di Gaetano Osculati**. Milano, 1929, Edizioni "Alpes" Milano, 1929, v.1.

Disponível em: [Academia.edu - Esplorazioni nell'America Equatoriale 1929](#).

Acesso em: 04 jun. 2024.

BOU, E. Literatura de viagem. In: Coser, S. (org.). **Viagens, deslocamentos, espaços: conceitos críticos**. Vitória: EDUFES, 2016. p. 194-200.

Disponível em: <https://edufes.ufes.br/items/show/549>.

Acesso em: 7 mar. 2025.

BRAGA, D. P. P.; RUSCHEL, A. R.; KANASHIRO, M.; VIDAL, E.; CRUZ, E. D.; MILÉO, R. C.; PORRO, R. **Árvores do manejo florestal no Projeto de Desenvolvimento Sustentável Virola-Jatobá, Anapu, PA**. Brasília. Embrapa, 2021. 196 p.

Disponível em: [Embrapa.br - publicacoes - Anapu-PA](https://embrapa.br/publicacoes/-/publicacao/5446).

Acesso em: 25 nov. 2025.

BRAÑAS, M, M; COLLAHUACHO, J.J.B. (editores). **Amazonía: Guía ilustrada de flora y Fauna**. Iquitos. Instituto de Investigaciones de la Amazonía Peruana (IIAP), 2022, p. 343.

Disponível em: <https://amazonia.iiap.gob.pe/>.

Acesso em: 14 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Inventário Florestal: principais resultados Rondônia/Serviço Florestal Brasileiro**. Brasília: SFB, 2020, p 81.

Disponível em:

<https://www.gov.br/florestal/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/relatorios/relatorios-ifn/IFNROprincipaisresultados.pdf/@@display-file/file>.

Acesso em: 14 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a Malária**. [S.l.], [S.d].

Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/m/malaria>.

Acesso em: 25 mai. 2025.

BRASIL. **Lei nº 1.157, de 26 de junho 1862**. Substitui em todo Imperio o actual Systema de Pesos e Medidas pelo Systema Metrico Francez. Rio de Janeiro: Palácio do Império [1862].

Disponível em: Camara.leg.br - Legislacao 1157 de 1862.

Acesso em: 20 abr. 2025.

BRASIL. Imperador (1831-1889: Dom Pedro II). Falla do Throno. Rio de Janeiro, 16 mar. 1875. In: **Jornal do Pilar**, Pilar, ano 3, n. 65, p. 1-2, 30 mar. 1875.

Disponível em: memoria.bn.gov.br - Jornal do Pilar.

Acesso em: 3 abr. 2025.

BRÛLOTS In: **Dictionnaire Larousse en ligne** [S.l.]: Ed. Larousse [S. d].

Disponível em: <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/br%c3%bblot/11498>.

Acesso em: 16 abr. 2025.

CALLAI, H. C. O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8, 2004, Coimbra. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>.

Acesso em: 25 maio 2024.

CALOURO, A.M.; MARTINS, A.B.; RAVETTA, A.L.; ALVES, S.L. **Avaliação do Risco de Extinção de Pithecia irrorata irrorata (Gray, 1842) no Brasil**. Iperó: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Icmbio, 2015, p.5.

Disponível em: Icmbio/centros-de-pesquisa/primatas-brasileiros.

Acesso em: 11 nov. 2025.

CAMARA, A. A. **Ensaio Sobre As Construções Navaes Indigenas Do Brasil**. Rio de Janeiro, G. Leuzinger e Filhos, 1888. 225 p.

Disponível em: Marinha do Brasil - Livro 1888.

Acesso em: 13 nov. 2025.

CAMINHA, P. V. de. **Carta do Achamento do Brasil**. Lisboa: Arquivo Nacional Torre do Tombo, Gav. 15, mç. 8, n. 2, f. 01, 11, 11v, 13v e 14.

Disponível em: <https://Carta de Pero vaz de Caminha - antt.dglab.gov.pt>.

Acesso em: 12 jun. 2024.

CARDOSO, A. dos S. **Vigilenga. Sua Origem – Uma Obra Portuguesa**. Vigia de Nazaré: Culturavigilenga.com.br, 2016. 135p.

Disponível em: Cultura vigilenga - Livro 2016.

Acesso em: 13 nov. 2025.

CARVALHO, M. R. **Dicionário Tupi (antigo) - Português**. Salvador: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 1987.

Disponível em: Etnolinguistica.wdfiles.com - Carvalho-1987-dicionario.

Acesso em: 7 maio 2025.

CASTELNAU, F. **Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud: de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para** (pt.2). Glossaire des mots scientifiques étrangers et autres employés dans le cours de la relation. Paris. Ed. P. Bertrand, (L. Martinet), 1851.

Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/8359>.

Acesso em: 12 dez. 2025.

CASTRO, J. F. **Sobre Viagem: Palmilhar Limites, Entrever Transformações**. 2019. 244 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Belo Horizonte, 2019.

CAVALCANTE, M. S. **Comidas dos Nativos do Novo Mundo**. Barueri: Editora Sá, 2014. 408 p.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000. 567 p.

CHERNOVIZ, P. L. N. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis**. 6ª. ed. Paris: A Roger & F Chernoviz, 1890. 2 v. 2506 p.

Disponível em: bbm.usp.br - diccionario-de-medicina-popular-e-das-sciencias.

Acesso em: 12 nov. 2025.

COINTE, P. **Amazônia Brasileira III – Árvores e Plantas Úteis**. Rio de Janeiro. Cia Editoria Nacional, 1947.

Disponível em: brasiliana.digital.arvores.plantas.uteis.indigenas.

Acesso em: 13 dez. 2025.

COMELLAS, P. Algumas reflexões sobre a tradução à letra segundo Bermann. *In: Scientia Traductionis*, n.9, 2011. p. 153 e 154.

Disponível em: <https://diposit.ub.edu/items/06e1438a-e592-44cc-9c7a-99d32f846cb3>.

Acesso em: 23 maio 2024.

CONFEDERACIÓN de Nacionalidades Indígenas del Ecuador. Conaie.org, 2025.

Disponível em: <https://conaie.org/2014/07/19/zapara/>

Acesso em: 18 dez. 2025.

COSTA, K. S. **Apontamentos sobre a formação histórica da Amazônia: uma abordagem continental**. Brasília/São Paulo: Publicações Flacso Brasil, 2009. p. 18.

Disponível em: https://flacso.redelivre.org.br/files/2014/12/Kelerson_Costa.pdf.

Acesso em: 13 Nov. 2025.

COSTA LIMA, A.M. **Insetos do Brasil**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Agronomia – ENA; SERGRAF do IBGE, 1955. 9º Tomo, Coleópteros, 3º Parte, p. 6-7.

Disponível em: <http://www.ufrj.br/institutos/ib/ento/tomo09.pdf>.

Acesso em 13 abr. 2026.

COSTA, M. F. Os “meninos índios” que Spix e Martius levaram a Munique. *In: Arteloge – Recherche sur le arts, le patrimoine et la littérature de l’Amérique latine*, n. 14, 2019.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/arteloge/3774>.

Acesso em: 9 jul. 2024.

COSTA, M. L; SILVA, A. C. R. L; ANGÉLICA, R. S. Muyrakytã ou Muiraquitã, Um Talismã Arqueológico em Jade Procedente da Amazônia: Uma Revisão Histórica e Considerações Antropogeológicas. *In: Revista Acta Amazônica*, INPA. Manaus, 2002, f.32(v.3), p. 467-490.

Disponível em: <https://acta.inpa.gov.br/fasciculos/32-3/PDF/v32n3a08.pdf>.

Acesso em: 13 nov. 2025.

CORIO, L. Viaggiatore Italiani. *In: L’Esplorazione Commerciale e L’esploratore – Viaggi e Geografia Commerciale* – Anno IV, fascicolo IX. Set. 1889.

Disponível em: <http://digitale.bnc.roma.sbn.it/tecadigitale/giornale/TO00210404/1889/unico>.

Acesso em: 26 abr. 2025.

CRULS, G. **Hiléia Amazônica**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1955. 397 p.

Disponível em: https://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/442?locale=pt_BR.

Acesso em: 4 abr. 2025.

CUNHA, M. C da (org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo. Cia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.

Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/historia>.

Acesso em: 3 dez 2025

CUNHA, M.C.P. **Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 396 p.

Disponível em: <https://archive.org/details/ecosdafoliaumahi00cunh>.

Acesso em: 22 abr. 2025.

DA SILVA, W.C.L. **As terras inventadas: Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton**. 1. ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2003. 334 p.

DE LA TORRE, O. **El turismo: fenomeno social**. 2. ed. Mexico D.F.: Fondo de cultura económica, 1982. 134 p.

Disponível em: <https://archive.org/el-turismo-fenomeno-social-oscar-de-la-torre-padilla>.

Acesso em: 4 ago. 2024.

DE VITERBO, J. S. R. **Elucidario das Palavras, Termos e Frases**. Lisboa: Ed. Simão Taddeo Ferreira, Tomo I, 1798.

Disponível em: <https://archive.org/details/elucidariodaspal00vite>.

Acesso em 5 abr. 2025.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Viagem pitoresca e histórica ao Brasil**. Trad. e notas de Sérgio Milliet. 2ª ed. Tomo I (v. I e II) São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

DENIS, Ferdinand. **O Brasil [1816-1831]**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1978.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 387 p.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa. Experiências de tradução**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007. 492 p.

EGÉRIA. **Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagem aos Lugares Santos**. Tradução: Maria Cristina Martins. Uberlândia: EDUFU, 2017. 324 p.

FRANCO, C. L.; AZEVEDO, C. A. S. Aspectos taxonômicos e ecológicos de imaturos ceratopogonidae (Diptera: Insecta) no leste maranhense, Brasil. *In: Nature and Conservation*. Set a Nov 2021, v.14, n.4. p. 9 – 24.
Disponível em: researchgate.net/publication/ceratopogonidae_Diptera_Insecta.
Acesso em: 21 nov. 2024.

FERNANDES, R. S. A experiência dos jesuítas das Missões de Maynas e a consolidação da presença territorial missionária nas fronteiras no Maraón - 1638-1767. Mar del Plata. XVI JORNADAS INTERESCUELAS/DEPARTAMENTOS DE HISTÓRIA. Departamento de História. Facultad Humanidades. Universidad Nacional de Mar del Plata, 2017.
Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-019/144.pdf>.
Acesso em: 17 dez. 2025.

F.L. Perdita della nave sulla quale si trovava il viaggiatore Gaetano Osculati e proseguimento del suo giro attorno al globo. *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 9, fascicolo 27. Set. 1846.
Disponível em: <http://emeroteca.braidense.it>.
Acesso em: 17 abr. 2025.

F.L. Esplorazione delle regioni equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni; frammento di un viaggio fatto nelle due Americhe negli anni 1846-1847-1848 da Gaetano Osculati, membro corrispondente della Società geografica di Parigi. *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 23, fascicolo 68. Mar. 1850.
Disponível em: <http://emeroteca.braidense2.it>
Acesso em: 17 abr. 2025.

F.L. Esplorazioni delle regioni equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni. Frammento di un viaggio nelle due Americhe, fatto negli anni 1846-47-48 da Gaetano Osculati, membro corrispondente della Società geografica di Parigi. *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 24, fascicolo 71. Mai. 1850.
Disponível em: <http://emeroteca.braidense3.it>
Acesso em: 17 abr. 2025.

GARCIA, R (org.). Processo Relativo Às Despesas Que Se Fizerão No Rio De Janeiro Por Ordem De Martim De Sá, Para Defesa Dos Inimigos Que Intentavão Cometer A Cidade E Porto -1628-1633. *In: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*. v. LIX, p.19. 1937. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação.
Disponível em: [Memoria.bn.gov.br](http://memoria.bn.gov.br) - 1937.
Acesso em 19 abr. 2025.

GASQUET, A. Bajo el cielo protector. Hacia uma sociologia de la literatura de viajes. *In: GIRALDO, M. L. e PIMENTEL, J. (org). Diez estudios sobre literatura de viajes*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2006. cap. 2, p.31-66.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 545 p.

GUEDES, M. D. **Conhecendo a Piramboia**. [S.l.]. Fauna News, 2023.
Disponível em: <https://faunanews.com.br/conhecendo-a-piramboia/>.
Acesso em: 15 abr. 2026.

HATOUM, M. Questões para Milton. Entrevistadores: Chiarelli, S. *et al. In: Revista FLOEMA*. Caderno de Teoria e História Literária, UESB, Vitória da Conquista Ano 6, n. 6, p. 19-30, jan./jun. 2010.
Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/floema/issue/view/138>.
Acesso em: 24 maio 2024.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução: Donaldo Schüller. Porto Alegre: L&PM Editores. 2007. 456p.

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. **Manejo Conservacionista e Monitoramento Populacional de Quelônios Amazônicos**. RAFAEL ANTÔNIO M. BALESTRA (org.). Brasília: Ibama, 2016. 136 p.
Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/phocadownload/noticias/noticias2016/manual%20quelonios%20digital.pdf>.
Acesso em: 5 abr. 2026.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**. Brasília. DF, [s.d].
Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>.
Acesso em 9 jan. 2026.

JOFFILY, G. I. **O Quebra-Quilo. A revolta dos matutos contra os doutores**. [S.l.]: 1874. p.105 e 106.
Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/78552/0>
Acesso em: 20 abr. 2025.

KALL ALVES, M. **Tradução Comentada e Anotada Para o Português de Di Alcune Specie Nuove di Rettili, e Piante Brasiliane, de Giuseppe Raddi**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2017.
Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/178972>.
Acesso em: 07 jan. 2026.

LANCEADA *In: Dicionário Online de Português - DICIO* [S.l.], 2026.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/lanceada/>.

Acesso em: 10 abr. 2026.

LESSA, F. S. Viagens e etnicidade em Homero: Odisseu e o Ciclope. *In: Revista Hélade - PPGH – UFF, Niterói*, v. 5, n.1, p. 164-177, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/29407>

Acesso em: 11 jun. 2024.

LIMA, L. M. de. Quebra-quilos: uma revolta popular na periferia do Império. *In: DANTAS, Monica Duarte (org.). Revoltas, motins, revoluções: homens livres pobres e libertos no Brasil do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2011. p. 477, nota 7.

Disponível em: <https://doceru.com/doc/8nxv55n>.

Acesso em: 14 fev. 2025.

LOPES, L. S. Medidas portuguesas de capacidade: Duas tradições metrológicas em confronto durante a idade média. *In: Revista Portuguesa de História*, Coimbra, Tomo XXXIV, p. 535-632. 2000. Disponível em: [Medidas Portuguesas de Capacidade](#).

Acesso em: 5 abr. 2025.

MACHADO, C. **De que se alimenta o mutum-piuri?** Instituto Juruá, [s.d.].

Disponível em: <https://institutojurua.org.br/de-que-se-alimenta-o-mutum-piuri/>.

Acesso em: 12 dez. 2025.

MANTECA: *In: Dizzionario Tommaseo online*, [S.l.]: Ed. Zanichelli, 2015.

Disponível em: [Tommaseo Online](#).

Acesso em: 8 abr. 2026.

MANTECA: *In: Diccionario de la lengua española online*, [S.l.]: Real Academia Española, 2024.

Disponível em: [Real Academia Espanola](#).

Acesso em 8 abr. 2026.

MAISTRE, X. de. **Viagem à roda do meu quarto**. Tradução de Marques Rebelo. São Paulo: Estação Liberdade, 2008. 168 p.

MAGALHÃES, C. de. **O Selvagem**. 3.ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1935. 330 p. Disponível em: [Magalhaes-1876 - O Selvagem - BibSenado](#).

Acesso em: 4 fev. 2025.

MAPA do Estado e Capitanias do Gram Pará e Rio Negro, 1853.

Disponível em: [Mapa Grão Pará](#).

Acesso em: 15 dez 2025.

MARANHÃO, R.F.A.; BASTOS, S.R. e MARCHI, M.M. Cultura e Sociedade no Sistema Culinário da Mandioca no Brasil. *In: Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 28, n. 02, p. 54–68, maio/ago. 2015.

Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/16893/pdf>.

Acesso em: 13 abr. 2026.

MARTINORI, E. **La Moneta – Vocabolario Generale**. Roma/Perugia: Tipografico Vincenzo Bartelli e C. Istituto Italiano di Numismatica, 1915. 742 p.
Disponível em: <https://www.socnumit.org/la-moneta-vocabolario-generale/>
Acesso em: 08 jan. 2026.

MENQ, W. **Gavião-preto (Urubitinga)**. Aves de Rapina Brasil, 2018. Disponível em: http://www.avesderapinabrasil.com/buteogallus_urubitinga.htm.
Acesso em: 12 dez. 2025.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenología de la Percepción**. Tradução de Jem Cabanes. Barcelona: Planeta-Agostini, 1994. 474 p.
Disponível em: [monoskop.org/Fenomenologia de la percepcion](https://monoskop.org/Fenomenologia_de_la_percepcion).
Acesso em: 12 fev. 2025.

MESIANO, P. S. M. **Panthera onça, o maior felino do continente americano**. 2001. 28 f. Monografia (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2001.
Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2430/2/9760693.pdf>.
Acesso em: 3 maio 2025.

MOLINA, S.R. **A morte da tradição: A ordem do Carmo e os escravos da Santa contra o Império do Brasil (1850-1889)**. 2006. 309 f. Tese (Doutorado em História Social) – FFLCH – Universidade de São Paulo – USP, 2007.

MOSTICCHI e MUSTICCHI. In: **Dizionario Tommaseo online**, [S.l.]: Ed. Zanichelli, 2015.
Disponível em: [Tommaseo Online](https://www.tommaseoonline.it/).
Acesso em: 16 abr. 2025.

MOSTICCHI e MUSTICCHI. In: **Dizionario TLIO – Tesoro della Lingua Italiana delle Origini** [S.l.]: Paolo Squillacioti, 2025.
Disponível em: <http://tlio.oiv.cnr.it/TLIO/>.
Acesso em: 15 abr. 2025.

MORAIS CUNHA, P.C.R.R. Apontamentos teóricos sobre Literatura de Viagens. In: **Revista Caracol** – USP, n. 3, 2012. p. 152-173.
Disponível em: <https://revistas.usp.br/caracol/article/view/57686>.
Acesso em: 3 nov. 2025.

MORAIS, R. **O meu dicionário de cousas da Amazonia**. Brasília. Senado Federal, 2013. 212 p.
Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/539473>
Acesso em: 5 dez. 2025.

MORAES E SILVA, A. **Diccionario da Lingua Portugueza Recopilado de Todos os Impressos Ate' o Presente** (v.1). Lisboa: Typographia de M.P. de Lacerda, 1823. p. 365, 707 e 734.
Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/562936>.

Acesso em: 3 abr. 2025

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico Da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Composto e Impresso nas Oficinas Gráficas do Jornal do Commercio, 1955. 576 p. Disponível em: [archive.org Dic Etimologico Lingua Portuguesa Tomo I](http://archive.org/Dic_Etimologico_Lingua_Portuguesa_Tomo_I). Acesso em: 17 abr. 2025.

NIMUENDAJÚ, C. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes**. Brasília. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2. ed. IPHAN, IBGE, 2017. 120 p. Disponível em: [Nimuendaju 2017 Mapa etno-historico](#). Acesso em: 1 dez. 2025.

OLIVEIRA, M.C. C. de. Ética ou éticas da tradução? **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, fascículo n. 4, p. 1-8, 2007. Disponível em: [Tradução em Revista - 2007PUC - Rio - Oliveira](#). Acesso em: 13 mar. 2025.

OMBONI, T. Partenza del viaggiatore lombardo Gaetano Osculati per un giro attorno al globo. *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 9, fascicolo 26. Ago. 1846. Disponível em: <http://emeroteca.braidense3.it> Acesso em: 17 abr. 2025.

OMBONI, T. Altri cenni sul viaggiatore italiano G. Osculati. *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 13, fascicolo 38. Ago. 1847. Disponível em: <http://emeroteca.braidense4.it> Acesso em: 17 abr. 2025.

OMBONI, T. Recenti notizie del viaggiatore italiano Gaetano Osculati. *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 15, fascicolo 44. Fev. 1848. Disponível em: <http://emeroteca.braidense5.it> Acesso em: 17 abr. 2025.

OMBONI, T. Breve ragguaglio del viaggio fatto al Rio delle Amazzoni da Gaetano Osculati *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 16, fascicolo 48. Jun. 1848. Disponível em: <http://emeroteca.braidense6.it> Acesso em: 17 abr. 2025.

OSCOLATI, G. Altre notizie intorno alle escursioni nell'antico e nel nuovo continente del viaggiatore lombardo Gaetano Osculati. *In: Annali universali di statistica economia pubblica, geografia, storia, viaggi e commercio*, serie 2, v. 11, fascicolo 31. Jan. 1847. Disponível em: <http://emeroteca.braidense7.it> Acesso em: 17 abr. 2025.

OSCOLATI, G. **Note di un viaggio nella Persia ed Indie Orientali negli anni 1841-42.** Monza: Ed. Luca Corbetta (fuori commercio riservata agli abbonati). 1844. 77 p.
Disponível em: [google.books/Note_d_un_Viaggio_nella_Persia](https://books.google.com.br/books?id=un_Viaggio_nella_Persia).
Acesso em: 16 abr. 2025.

OSCOLATI, G. **Esplorazioni delle Regioni Equatoriali lungo il Napo ed il fiume delle Amazzoni. Frammento di un viaggio nelle due Americhe, fatto negli anni 1846-47-48.** Milano: Ed. Fratelli Centenari e Comp. 1854. 417 p.
Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5027>
Acesso em: 18 abr. 2025.

PACHECO LEÃO, A; RODRIGUES DA SILVEIRA, F; DO CARMO BANDEIRA, M. **Archivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro. Papalaria Americana. vol. V, 1930.
Disponível em: objdigital.bn.br/periódicos_1930.
Acesso em: 15 dez. 2025.

PALLARES, C.A. **Kwatupama Sapara. palabra zápara.** ANAZPPA. Puyo – Pastaza: Editora Abya-Yala, 2001, p. 92 e 97.
Disponível em:
https://digitalrepository.unm.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1491&context=abya_yala.
Acesso em: 15 abr. 2026.

PANEIRO. Raízes Caboclas. Folclore Amazônico.. *In: Caminhos de Rio.* [S.l.]: Amazon Record, 1994. CD, faixa 11 (1:47 min).
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IlqSO56SgfU>.
Acesso em: 11 mar. 2025.

PAPAVERO, N. **Nomes populares conferidos à Panthera onca (Linnaeus, 1758) (Mammalia, Carnivora, Felidae) no Brasil.** Arquivos de Zoologia, [S.l.], v. 48(2), p. 37-93, 2017.
Disponível em: [portalamazonia.com/nomes-da-oncaPapavero - Panthera onca](http://portalamazonia.com/nomes-da-oncaPapavero-Panthera-onca).
Acesso em: 3 maio 2025.

PARK, M. **Travels in the Interior of Africa.** Londres: J.M. Dent and Sons Ltd, 1907. 352 p.
Disponível em: archive.org/details/travelsofmungopa00parkiala/page/2/mode/2up?q=mos.
Acesso em: 22 nov. 2024.

PARLAMENTO ANDINO. **Popayán: Herencia Colonial y Riqueza Cultural del Suroccidente Colombiano.** Bogotá. 2026.
Disponível em: <https://www.parlamentoandino.org/index.php/actualidad/noticias/2105-popayan-herencia-colonial-y-riqueza-cultural-del-suroccidente-colombiano>.
Acesso em: 6 abr. 2026.

PEDRO IVO SIMÕES. Aula: **Testudines.** [S.l.]. UFPE, 2021. 1 vídeo (1h04min).
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_ra6ZO3q_zo.
Acesso em 6 abr. 2026.

PEREIRA, N. S. da S. Aspectos Do Léxico Eclesiástico Em Rituais Da “Boa Morte”. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, XXI. 2017, Rio de Janeiro. **Anais [...]**, t. II, n.3, p. 1648-1661. Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2017.

Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxi_cnlf/cnlf/tomo2.htm

Acesso em: 19 abr. 2025.

PILCHE. In: **Diccionario de americanismos**. Asociación de Academias de la Lengua Española. Madrid. 2010.

Disponível em: <https://www.asale.org/damer/pilche>.

Acesso em 13 abr. 2026.

PINTO, A. M. **Apontamento para o dicionário geographico do Brazil**. Rio de Janeiro. Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1887-1888. 4 v. (316; 327; 320; 296 p.)

Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242759>

Acesso em: 12 dez. 2025.

PORFIRIO, G. **Etnozoologia e conservação da onça-pintada no Brasil**. Interações (Campo Grande), [S. l.], v. 20, n. 2, p. 559–574, 2019.

Disponível em: <https://interacoesucdb.emnuvens.com.br/interacoes/article/view/1717>

Acesso em: 8 maio 2025.

PORTAL AMAZÔNIA. **Preguiça-de-três-dedos é um mamífero lento, porém fundamental para a natureza**. [S.l.]. 2025.

Disponível em: <https://portalamazonia.com/meio-ambiente/preguica-de-tres-dedos-amazonia/>.

Acesso em 13 abr. 2026.

PORTAL AMAZÔNIA. **Conheça a ‘Mucura’; animal importante na manutenção da biodiversidade e controle de pragas**. [S.l.]. 2021.

Disponível em: <https://portalamazonia.com/cidades/conheca-a-mucura-animal-importante-na-manutencao-da-biodiversidade-e-controle-de-pragas/>.

Acesso em 15 abr. 2026.

PORTAL AMAZÔNIA. **Conheça a árvore rainha da Amazônia, a gigantesca sagrada, Sumaúma**. [S.l.]. 2021.

Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia/conheca-a-arvore-rainha-da-amazonia-a-gigantesca-sagrada-sumauma/>.

Acesso em 15 abr. 2026.

PORRO, A. **Dicionário Histórico Etno-Histórico da Amazônia Colonial**. São Paulo. Universidade de São Paulo - USP, 2007.

Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aporro-2007-dicionario/Porro_2007_Dicionario_etno-historico_Amazonia_colonial.pdf.

Acesso em: 14 dez. 2025.

PORRO, A. **O Povo das Águas – Ensaio de etno-história amazônica**. Rio de Janeiro. Ed Vozes e Edusp, 1995. 204 p.

Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aporro-1996-povo/Porro_1996_OPovoDasAguas.pdf.

Acesso em: 29 nov. 2025.

RAFAEL, J.A.; MELO, G.A.R.; CARVALHO, C.J.B.; CASARI, S.A; CONSTANTINO, R. (editores). **Insetos do Brasil: Diversidade e Taxonomia**. Manaus: Editora INPA, 2024. Cap. 31, p. 636.

Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1UNLMhqxYPJTz3am20FCcxRsPlgZsUIzp/view>.

Acesso em: 13 abr. 2026.

REIS, N.R. dos ...[et al.]. **Mamíferos do Brasil**. 2. Ed. Londrina: 2011. Cap. 8, p. 235-247.

Disponível em: https://www.academia.edu/69343847/Mamiferos_do_Brasil_2ed.

Acesso em: 20 mar. 2025.

RODRIGUES, J.B. **Vocabulário Indígena**. Rio de Janeiro. Tipografia Leuzinger, 1894.

Disponível em: <http://www.etnolinguistica.org/biblio:rodrigues-1894-vocabulario>.

Acesso em: 17 ago. 2024.

RONDON, C. M. S. **Índios do Brasil**. Brasília. Senado Federal, 2019. 3v.

Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/559114>

Acesso em: 14 dez. 2025.

ROSSATO, L. **A Lupa e o Diário – História Natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)**. Itajaí. Ed. UNIVALI, 2007. 285 p.

SAMPAIO, T. **Atlas dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro. Collecção Bibliotheca Fluminense, 1908.

Disponível em: <https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/437306>.

Acesso em: 16 dez. 2025.

SANTOS, R.J. O fim do Grão-Pará e a institucionalização da região amazônica: o papel dos liberais paraenses na mudança do status regional no século XIX. *In: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, v. 18, n. 1, p. 1-24, 2023.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/LxSg6gZ6QKHXgNdGYVtyjLf/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em 8 abr. 2026.

SCARABELLI, L. **Vocabolario Universale della Lingua Italiana**. Milão: Ed. Giuseppe Civelli, 1878, v. 4, p. 1303; v. 5, p. 205, 762 e 823.

Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/100184078>

Acesso em: 7 maio 2025.

SCHEMES, Elisa, F. Literatura de viagem como gênero literário e como fonte de pesquisa. *In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS*. Florianópolis, 2015.

Disponível em: <anpuh-rs.org.br/anais.ARTIGOElisa>.

Acesso em: 22 nov. 2025.

SCHULTZ, B. S. O Léxico do Português sob o olhar de Gaetano Osculati: Elementos da Fauna e Flora. São Paulo. *In: Revista de Italianística* - USP, São Paulo, XXXV, p. 125-149, 2017.

Disponível em: <https://revistas.usp.br/italianistica/article/view/141896/136979>.

Acesso em: 17 mar. 2025.

SCHULTZ, B. S. **Brasileirismos e portuguesismos incorporados ao léxico da língua italiana: análise de campos léxico-conceituais**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001677008>

Acesso em: 10 dez. 2025.

SIQUEIRA, M.V.B. **Caracterização de diversidade de inhame (*Dioscorea alata*) utilizando marcadores microssatélites**. 2011. 166 f. Tese (Doutorado em Ecologia aplicada) – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” – Universidade de São Paulo – USP, 2011.

Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-19092011-102240/publico/Marcos_Vinicius_Bohrer_M_Siqueira_versao_revisada.pdf.

Acesso em: 13 abr. 2026.

SOARES, S. **Riqueza e abundância de superfamília de hymenoptera parasitoides e predadores em diferentes fisionomias no pantanal, Corumbá, MS**. 2014. 82 f. Dissertação (Mestrado em Biotecnologia) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

Disponível em: site.ucdb.br/public/dissertacoes/Soares-2014.

Acesso em: 29 out. 2025.

SOCIEDAD GEOGRÁFICA DE COLOMBIA. **República de la Nueva Granada:1831 - 1858**. [S.l]. [S.d].

Disponível em:

https://www.sogeocol.edu.co/Ova/fronteras_evolucion/proceso/republica_1831.html

Acesso em 13 abr. 2026.

SOUZA, R. J. Experiências das viajantes naturalistas durante o século XIX e as representações do Brasil oitocentista. *In: Revista Brasileira de História da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.236-255, jul./dez., 2019.

Disponível em: <https://rbhciencia.emnuvens.com.br/revista/article/view/61/38>.

Acesso em: 6 abr. 2026.

STADEN, H. **Viagem ao Brasil**. [S.l]: BBB – Fundação Darcy Ribeiro e Ed. UNB, 2014. 197 p.

Disponível em: fundar.org.br/publicacoes/biblioteca-basica-brasileira/viagem-ao-brasil/

Acesso em: 22 maio 2025.

TABELA de Povos Indígenas do Brasil – Nota Técnica Conjunta FUNAI/IBGE/SESAI/SAGI nº. 1/2019.

Disponível em: ListaEtniasGov.br.

Acesso em: 17 dez. 2025.

TORRES, Marie-Hélène. La litteralite comme processus de visibilite de l'autre et comme exemple d'anachronisme dans les textes traduits. In: **Revista Leitura** n. 75 (on-line), p. 95-105, jan./abr. 2023.

Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/14665>

Acesso em: 9 out. 2025.

TORRES, Marie-Hélène. Método de análise e crítica de tradução de Antoine Berman: Autorresenha do seu livro Por uma crítica da tradução: John Donne. In: **Tradução em Revista**. PUCRio, p. 191-213, nº. 30, 2021.1.

Disponível em: [Puc-rio.br Tradução em Revista](https://puc-rio.br/Tradução%20em%20Revista).

Acesso em: 10 out. 2025.

TORRES, Marie-Hélène. **Por que e como pesquisar a tradução comentada?** In: COSTA, Walter; FREITAS, Luana; TORRES, Marie-Hélène. Literatura Traduzida: Tradução comentada e comentários a tradução. Coleção Transletras Fortaleza: Substância, 2017, p. 15-35.

Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/40930>

Acesso em: 5 out. 2025.

VAN VELTHEN, L. H. Cestos, peneiras e outras coisas: a expressão material do sistema agrícola no rio Negro. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, 2012, v. 55 n. 1. p. 401–437.

Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/46970/51327>.

Acesso em: 14 jan. 2025.

VENUTI, L. Teses sobre tradução: um órganon para o momento atual [2019]. In: **Matraga - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 66, p. 515–525, 2025. [Tradução de Leonardo Santos Crespo].

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matruga/article/view/93675>

Acesso em: 24 nov. 2025.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019. 421 p.

VISCONTI, A. Viaggiatori-naturalisti italiani nella prima metà dell'Ottocento: problemi e situazioni. In: Il Risorgimento - In: **Rivista di storia del risorgimento e di storia contemporanea**. Anno LIII, nº 3. Milano. 2001. Disponível em:

https://www.academia.edu/35648126/Viaggiatori_naturalisti_italiani_nella_prima_met%C3%A0_dellOttocento_problemi_e_situazioni.

Acesso em: 27 out. 2024.

VITERBO, J de. S. R. **Elucidario das Palavras, Termos e Frases, que em Portugal antigamente se usárão, e que hoje regularmente se ignorão** (Tomo I). Lisboa. Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798. 492 p.

Disponível em: books.google.com.br - Elucidario 1798.

Acesso em: 14 mar. 2025.

WELD, I. **Viaggio nel Canada negli anni 1795, 1796 e 1797: In cui oltre la descrizione di quell'ampio paese trovasi quanto occorre per avere una fondata notizia delle provincie e dei popoli costituenti gli Stati-Uniti dell'America Settentrionale.** Tradução: Pietro Spada. Milão: Tip. di Giambattista Sonzogno, 1819. V. II, 376 p.
Disponível em: [Archive.org - Weld - Viaggio nel Canadá](#).
Acesso em 18 abr. 2025.

ZAVAGLIA, A; RENARD, C.M.C; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplo de um gênero textual em construção. *In: Revista Aletria*. Belo Horizonte, 2015, v.25, n.2, p. 331-352.
Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>.
Acesso em: 03 nov. 2025.